

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Rafael Pereira Francisco

**O ACONTECIMENTO GEORGE FLOYD TRANSFORMADO EM PALAVRAS, NARRATIVA  
E DISCURSO PELO JORNAL EM PAUTA DA GLOBO NEWS**

Belo Horizonte  
2025

Rafael Pereira Francisco

**O ACONTECIMENTO GEORGE FLOYD TRANSFORMADO EM PALAVRAS, NARRATIVA  
E DISCURSO PELO JORNAL EM PAUTA DA GLOBO NEWS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial necessário à obtenção do título de doutor em Comunicação Social.

Orientadora: Laura Guimarães Corrêa.

Belo Horizonte  
2025

301.16 Francisco, Rafael Pereira.  
F819a O acontecimento George Floyd transformado em  
2024 palavras, narrativa e discurso pelo jornal Em Pauta da Globo  
News [recurso eletrônico] / Rafael Pereira Francisco. - 2024.  
1 recurso online (173 f.) : pdf  
Orientador: Laura Guimarães Corrêa.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1.Comunicação – Teses. 2. Comunicação de massa –  
Teses. 3.Raças - Teses. 4. Floyd, George, 1973-2020.  
I.Corrêa, Laura Guimarães. II.Universidade Federal de  
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**"O acontecimento George Floyd transformado em palavras, narrativa e discurso pelo jornal Em Pauta da Globo News."**

**RAFAEL PEREIRA FRANCISCO**

Tese de Doutorado defendida e aprovada, no dia vinte e nove de novembro de dois mil e vinte e quatro, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof<sup>ª</sup> Laura Guimarães Corrêa - Orientadora  
DCS/FAFICH/UFMG

Prof<sup>ª</sup> Fernanda Ariane Silva Carrera  
UFRJ

Prof<sup>ª</sup> Márcia Maria Cruz  
MDH - Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania

Prof. Phellipy Pereira Jácome  
DCS/FAFICH/UFMG

Prof<sup>ª</sup> Lucianna Sousa Furtado Brito  
UFMG

Belo Horizonte, 29 de novembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Ariane Silva Carrera, Usuário Externo**, em 29/11/2024, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Phellipy Pereira Jacome, Professor do Magistério Superior**, em 29/11/2024, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucianna Sousa Furtado Brito, Usuária Externa**, em 29/11/2024, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laura Guimaraes Correa, Professora do Magistério Superior**, em 02/12/2024, às 09:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3705547** e o código CRC **C8F41339**.



Às minhas avós, mãe e tias, que me protegeram, e protegem, com palavras de bênçãos.

## AGRADECIMENTOS

As palavras, como as conhecemos, não poderiam projetar sobre si a proporcionalidade das intenções que certos afetos carregam. Entre o afeto que se revela de dentro, provocado por aquilo que vem de fora, e a movimentação de traduzi-lo em palavras, há sempre uma falha. Talvez seja por isso que certas experiências se traduzem na simplicidade do silêncio, das lágrimas e dos risos, do beijo apaixonado ou de um último abraço apertado.

O que eu quero dizer e assumir, afinal, é que os meus agradecimentos são projeções de um esforço precário para tentar condicionar em um “muito obrigado” isso que vou chamar de gratidão e que me esquenta o peito ao escrever essas palavras. Pois bem! Para não incorrer desvios desnecessários ou ficar aprisionado na angústia da “sempre possível falha”, serei breve.

Minha gratidão à Nathalia Monteiro, por sempre estar disponível para escutar, aconselhar e me abençoar.

Minha gratidão aos amigos Pedro Henrique Borges Barbosa e Marcus Laviola, e às amigas Jéssica Santos e Nicole Alves pelo companheirismo e apoio sempre. Vocês se tornaram uma família.

Minha gratidão ao grupo de pesquisa CORAGEM, pelas trocas e pelos diálogos que não só trouxeram ganho intelectual, mas também conforto no coração. É bom e agradável não andar só.

Minha gratidão às professoras Márcia Maria Cruz, Fernanda Carrera, Lucianna Furtado, e ao professor Phellipy Jácome por gentilmente lerem aquilo que eu julguei necessário ser dito e compartilhado.

Minha profunda gratidão à Laura Guimarães Corrêa por me orientar ao longo dessa travessia que, por vezes, se mostrou um caminho vacilante. Respeitosamente, eu reverencio você.

*Tenho palavras em mim buscando canal, são roucas e duras, irritadas, enérgicas, comprimidas há tanto tempo, perderam o sentido, apenas querem explodir.* Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

Este trabalho se propôs a observar três edições do jornal *Em Pauta* que foram ao ar nos dias 29 de maio, 2 e 3 de junho de 2020. Na ocasião, o programa noticiou o assassinato de George Floyd, homem negro norte-americano que teve o pescoço prensado contra o asfalto por um policial branco, em Minneapolis. Na primeira cobertura do assassinato, o jornal *Em Pauta*, transmitido pela Globo News, reservou pouco menos de 30 minutos para tentar analisar o que estava acontecendo nos Estados Unidos naquele momento. Já na edição seguinte, foi feita uma cobertura especial e completa sobre o caso.

No entanto, após o programa ir ao ar, uma mensagem no X, antigo Twitter, perturbou o que vamos chamar neste trabalho de *situação inicial* da narrativa do *Em Pauta*. A provocação da mensagem chamava a atenção do programa pelo fato da bancada de comentaristas serem apenas homens e mulheres brancos discutindo sobre racismo. Eram os apresentadores Jorge Pontual, Demétrio Magnoli, Andreia Sadi, Gerson Camarotti, Mônica Waldvogel e Sandra Coutinho. Como resposta, o programa seguinte torna a fazer a cobertura do caso mais uma vez, mas analisado apenas por pessoas negras: Heraldo Pereira, Maria Júlia Coutinho, Zileide Silva, Aline Midlej, Flávia Oliveira e Lilian Ribeiro. Posto esse panorama, o trabalho apresentado a seguir não observou exatamente o assassinato de George Floyd, tampouco a mensagem compartilhada no X. Mas se debruçou para as transformações que a narrativa produziu a partir daquilo que desestabilizou os seus jogos de falas discursivos.

Partimos das seguintes indagações: como a experiência de George Floyd foi colocada em narrativa no fio jornalístico e, uma vez narrativizada a experiência da vítima, como se configuraram os processos de significação da então experiência transformada em um acontecimento objeto, e quais sentidos poderiam ser percebidos naqueles atos de empalavrar o que aconteceu. Para responder à pergunta que deu norte a esse trabalho, observamos para além do que estava posto no plano da superfície da narrativa do *Em Pauta*. A partir da construção de um eixo teórico e um eixo analítico de interpretação que guiasse a nossa análise e o nosso processo de transcrever e interpretar os atos de fala das edições, pudemos perceber algumas filiações ideológicas demarcadas à medida que o programa empalavrava o acontecimento.

Orientados por esse desenho teórico-metodológico, observamos que a narrativa do *Em Pauta* não só se transformou a partir daquilo que provocou a sua situação inicial, mas que deu a ver também certos traços ideológicos em seu discurso que apontam para uma maneira de reconfiguração e reestabilização de um processo maior que nomeamos neste trabalho de racializante. Por fim, podemos compreender que o *Em Pauta*, o longo da sua narrativização do assassinato, preenche discursivamente o caso George Floyd com outros sentidos, ao passo que também dá a ver uma maneira de racializar as pessoas negras convidadas para analisarem aquilo que estava sendo narrativizado.

**Palavras-chave:** narrativa; discurso; raça; georg floyd.

## ABSTRACT

This work aimed to observe three editions of *Em Pauta* that aired on May 29, June 2, and June 3, 2020. At that time, the program reported on the murder of George Floyd, a Black American man who had his neck pressed against the asphalt by a white police officer in Minneapolis. In the first coverage of the murder, the *Em Pauta*, broadcast by Globo News, allocated just under 30 minutes to analyze what was happening in the United States at that moment. In the following edition, there was a special and comprehensive coverage of the case.

However, after the program aired, a message on X, formerly Twitter, disrupted what we will call in this work the initial situation of the *Em Pauta* narrative. The provocation of the message drew attention to the program for the fact that the panel of commentators consisted solely of white men and women discussing racism. The presenters were Jorge Pontual, Demétrio Magnoli, Andreia Sadi, Gerson Camarotti, Mônica Waldvogel, and Sandra Coutinho. In response, the next program covered the case once again, but analyzed only by Black individuals: Heraldo Pereira, Maria Júlia Coutinho, Zileide Silva, Aline Midlej, Flávia Oliveira, and Lilian Ribeiro. Given this overview, the work presented below did not specifically observe the murder of George Floyd, nor the message shared on X. Instead, it focused on the transformations that the narrative produced from what destabilized its discursive speech games.

We started with the following inquiries: how was George Floyd's experience narrativized in the journalistic thread, and once the victim's experience was narrativized, how did the processes of signification configure the then-transformed experience into an object event, and what meanings could be perceived in those acts of articulating what happened? To answer the question that guided this work, we looked beyond what was presented on the surface of the *Em Pauta* narrative. From the construction of a theoretical axis and an analytical interpretation axis that guided our analysis and our process of transcribing and interpreting the speech acts of the editions, we were able to perceive certain ideological affiliations demarcated as the program articulated the event.

Guided by this theoretical-methodological framework, we observed that the *Em Pauta* narrative not only transformed from what provoked its initial situation, but also revealed certain ideological traits in its discourse that point to a way of reconfiguration and re-stabilization of a larger process that we named in this work as racializing. Finally, we can understand that *Em Pauta*, throughout its narrativization of the murder, discursively fills the George Floyd case with other meanings, while also revealing a way of racializing the Black individuals invited to analyze what was being narrativized.

**Keywords:** narrative; discourse; race; george floyd.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 – Twitter feito por um usuário. . . . .                                  | 47  |
| Figura 2 – Bancadas do <i>Em Pauta</i> dos dias 2 e 3 de junho de 2020 . . . . .  | 48  |
| Figura 3 – Bancada de comentaristas da edição 29 de maio. . . . .                 | 72  |
| Figura 4 – Twitter de Trump nas redes. Fonte: CNN Brasil . . . . .                | 76  |
| Figura 5 – Chamadas na tela da edição do dia 02. . . . .                          | 77  |
| Figura 6 – Frames da manifestação . . . . .                                       | 78  |
| Figura 7 – Imagens decupadas que mostram o assassinato de George Floyd. . . . .   | 79  |
| Figura 8 – Bancada do <i>Em Pauta</i> /edição dia 2. . . . .                      | 90  |
| Figura 9 – Chamadas do <i>Em Pauta</i> /edição dia 02. . . . .                    | 91  |
| Figura 10 – Pronunciamento da ex-esposa de George Floyd. . . . .                  | 93  |
| Figura 11 – Conversas gravadas do então Presidente da Fundação Palmares . . . . . | 97  |
| Figura 12 – Panorama imagético dos apresentadores da Globo News . . . . .         | 105 |
| Figura 13 – Panorama imagético do Central das Eleições . . . . .                  | 107 |
| Figura 14 – Panorama imagético do Conexão Globo News . . . . .                    | 108 |

## LISTA DE TABELAS

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| Tabela 1 – Tabela 1 . . . . . | 70 |
| Tabela 2 – Tabela 2 . . . . . | 70 |
| Tabela 3 – Tabela 3 . . . . . | 70 |
| Tabela 4 – Tabela 4 . . . . . | 71 |

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>14</b> |
| 1.1      | Dos lugares improváveis  | 14        |
| 1.2      | As palavras e as coisas  | 14        |
| 1.3      | Potências emancipatórias   | 18        |
| 1.4      | Palavras e delírios  | 21        |
| <b>2</b> | <b>PROCEDIMENTOS TEÓRICOS</b>  | <b>26</b> |
| 2.1      | Ainda uma questão: a raça  | 26        |
| 2.2      | Estrutura, dispositivo, forma e afeto social   | 31        |
| 2.3      | Observação de campo  | 39        |
| <b>3</b> | <b>CONTEXTO DA ANÁLISE SITUADO</b>   | <b>46</b> |
| 3.1      | Movimentando-se para além daquilo que se dá a ver  | 49        |
| 3.2      | Jornalismo como orientador de afetos racializantes   | 50        |
| <b>4</b> | <b>PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS</b>  | <b>53</b> |
| 4.1      | As escolhas metodológicas  | 53        |
| 4.2      | Percurso metodológico, na prática  | 55        |
| 4.3      | Chave de leitura teórico-metodológica  | 55        |
| <b>5</b> | <b>EIXO TEÓRICO DA INTERPRETAÇÃO</b>   | <b>60</b> |
| 5.1      | Estratégia teórica   | 60        |
| 5.2      | Plano da narrativa   | 60        |
| 5.3      | Plano do acontecimento   | 61        |
| 5.4      | Plano do discurso  | 63        |
| <b>6</b> | <b>EIXO ANALÍTICO DA INTERPRETAÇÃO</b>   | <b>66</b> |
| 6.1      | Estratégia analítica   | 66        |
| 6.2      | Descrever, interpretar e compreender   | 67        |
| 6.3      | As bases da análise  | 68        |
| 6.4      | Corpus de arquivo  | 69        |
| 6.5      | Corpus experimental  | 70        |
| <b>7</b> | <b>NOTÍCIA QUE ACABA DE CHEGAR</b>   | <b>72</b> |
| 7.1      | Situação inicial: pauta que acaba de chegar – manifestantes vão às ruas por morte de jovem negro dos EUA | 72        |
| 7.2      | Perturbação: a pauta é protesto antirracismo   | 89        |
| 7.3      | Transformação: rapaziada... a pauta é racismo  | 103       |

|          |   |            |
|----------|---|------------|
| <b>8</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .</b>   | <b>120</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS . . . . .</b>  | <b>126</b> |
|          | <b>ANEXOS</b>   | <b>130</b> |
|          | <b>Decupagem descritiva do <i>Em Pauta</i> – 29 de maio de 2020 . . . . .</b> | <b>131</b> |
|          | <b>Decupagem descritiva do <i>Em Pauta</i> – 2 de junho de 2020 . . . . .</b> | <b>135</b> |
|          | <b>Decupagem descritiva do <i>Em Pauta</i> 3 de junho e 2020 . . . . .</b>    | <b>144</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Dos lugares improváveis

Um aviso aos leitores e leitoras. Este trabalho foi realizado na tentativa de se chegar em um lugar de compreensão. E o que é compreender algo? Um movimento de busca que se esforça para não reduzir o processo de procura a respostas puramente lógicas. Em outras palavras, você que lê este trabalho não encontrará nas linhas seguintes a pura incorporação legítima, mas trivial de um saber que se pretende científico. A principal ferramenta utilizada neste texto é a capacidade de ver algo além do que é evidente. Utilizando as palavras de (Sodré, 2023), ver desse modo seria “(. . .) a própria desincorporação emocional de uma representação ou crença. Assim é, por exemplo, o desnudamento educativo da alma ou consciência própria da individualidade” (Id., 2023, p. 55).

O caminho que fiz até aqui e a partir daqui não se submete a determinações incontestáveis e rígidas, mas encara de forma responsável e respeitosa a dúvida, mesmo diante do que se mostra indubitável e absoluto nas causalidades científicas. Sigo uma maneira de ver e compreender que, embora seja agarrada por um fio de causalidade científica, se orienta, como afirmou Foucault (2003), pelo prazer, riso, pelos assombros do mundo – que em alguns momentos tentam dominar e, em outros, cedem em certa medida às resistências.

Existe entendimento lógico nessa tragédia de tempo em que a vida se resume em “encontros de rápidos gozos” (Evaristo, 2014, p. 67) e percorremos em vão “miúdas certezas de empréstimos” (Carlos Drummond de Andrade). As leis, a ciência, os determinismos, os rígidos métodos e as assustadoras metodologias não bastam. Os lírios, como já afirmou Drummond<sup>1</sup>, não nascem da lei. E eu, estimados leitores e leitoras, não sei transformar em palavras aquilo que meu corpo não sente na carne, no espírito e na alma.

Talvez as palavras ditas aqui sejam desconhecidas do vocabulário de vida de quem as lê. Não espero que haja concordância ou condescendência com o que foi aventado ao longo deste projeto de pesquisa chamado tese. Pelo contrário, espero que o que foi contado e relatado nas linhas a seguir possa mostrar outras maneiras de compreender essa alucinação inebriante a que chamamos realidade.

### 1.2 As palavras e as coisas

Um bebê começa a dar os primeiros sinais de linguagem por volta dos 12 meses. Contrariando a literatura médica, lembro de ter ouvido da minha mãe que, entre seus filhos, fui eu quem demorou mais a falar. Isso levou todos a pensarem que se tratava de alguma patologia ou talvez de algum tipo de espectro autista. O silêncio foi motivo de aflição ao

<sup>1</sup> Poema “Nosso Tempo”. Disponível <<https://www.scielo.br/j/alea/a/nT6GBf3RtwjsfGxPzCC5cXf/>>

longo de um ano até que, finalmente, em um culto de igreja, eu arrisquei qualquer som com a boca. O episódio, como era de se esperar, foi entendido como a manifestação de um milagre. Afinal, tratava-se de uma família evangélica pentecostal.

Ainda na fase da primeira infância e do letramento, de dentro do velho Opala do meu pai ou no ônibus 4405, na volta do centro de Belo Horizonte para casa, criei o hábito de tentar ler placas, painéis publicitários, banners, fachadas e outros “produtos de comunicação” ainda não hiper-digitalizados espalhados pelas ruas da cidade. Embora vagamente, posso afirmar que meu gosto pela leitura começou nesse tempo, embora eu não estivesse dentro de uma dinâmica de parentalidade que privilegiasse os livros. A pouca mobilidade sociocultural, financeira e de educação era geracional em minha família. Restaria a mim e a minhas irmãs, Núbia e Sâmela, interromper esse tipo de herança mais tarde.

A leitura só veio a se tornar um aspecto inerente à minha vida mais tarde, já na graduação. Mas esses paradigmas de vida, ora hiper concentrados em certos espaços-tempos, a depender das intersecções que atravessam os corpos, não poderiam ser determinantes ao ponto de impedir os desvios possíveis de um tipo de fluxo social que pretende ser absoluto. Na sétima série, em uma disciplina de história, aprendi sobre o “descobrimento” do Brasil pelos portugueses. No começo da aula, minha turma e eu assistíamos ao filme “1492: A Descoberta do Paraíso”, do diretor Ridley Scott, que seria um dos meus cineastas preferidos na vida adulta. Lembro-me bem da silhueta das caravelas ao encontro do sol, a caminho para os “descobridores” das Índias. Junto do resgate dessa lembrança, que ainda parece fresca, ocorre-me também o sentimento experimentado naquele momento ao assistir àquelas belas imagens cinematográficas. Um sentimento que, diferentemente de hoje, era de fascínio em relação ao ato heroico e desbravador daqueles homens que arriscaram suas vidas na busca pelo desconhecido em um ambiente hostil e selvagem.

Apesar da pouca bagagem cultural que eu acumulava naquele momento – seja por conta da pouca idade ou dos efeitos geracionais herdados – o deslumbre diante daquelas imagens me fez escrever a melhor redação da sala sobre o descobrimento das Américas. A proeza me rendeu reconhecimento verbalizado em sala de aula pela professora da disciplina. Posso dizer que as palavras ditas pela professora Kátia, enquanto segurava meu caderno contra o peito, foram determinantes para que eu pudesse nutrir, até aqui, amor pelas palavras, pelo texto, pela escrita. Ironicamente, a criança que demorou a falar criou um certo horror pelo silêncio, pelas linhas vazias, por aquilo que não é dito ou deixado de ser falado.

Dona Esméria é uma senhora hoje com seus 67 anos, viúva, mãe de três mulheres e quatro homens, avó de 13 netos e bisavó de dois bisnetos. Herdar os efeitos das dinâmicas raciais e de gênero que atravessam gerações, forçando-lhe a ser uma mulher quase analfabeta e dependente, não foi um impeditivo para aprender a ler a Bíblia e a escrever o próprio nome sozinha, por exemplo. Pelo contrário, Vó Esméria é a autora das mais belas palavras que alguém já me disse. Numa dessas despedidas que me levaria à cidade de

Mariana para cursar a Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal de Ouro Preto, dona Esméria me abraçou como nunca havia feito antes e me disse: “Que você tenha coragem!” Talvez por ironia (a razão desconhece a potência emancipatória contida no sentimento da ironia), em 2020 eu começaria a fazer parte do grupo de pesquisa sobre Comunicação, Raça e Gênero, o Coragem, liderado pela professora e orientadora Laura Guimarães Corrêa.

Ainda na esteira dessas experiências, lembro que, na casa onde fui criado, havia um baú de madeira com as quinas reforçadas em ferro e detalhes em couro. Dentro, estava guardada uma caixa com um punhado de rolos de filmes fotográficos e um montante de álbuns de família. Em uma dessas imagens, tirada com uma câmera Kodak KB 20, estava Núbia, por volta de seus sete ou oito anos, em uma apresentação no pátio da escola, junto de outras garotinhas.

Na imagem, Núbia se destacava: estava vestida com um tutu bem armado e meia-calça rosa-claro. Seus cabelos estavam cuidadosamente penteados para trás, presos em formato de coque. Posando para a foto, ela segurava as bordas da saia com as pontas dos dedos. Um de seus pés, levemente apontado à sua frente, simulava o que seria um *tendu devant*.

Além do empenho em reproduzir a postura de uma bailarina, o figurino de Núbia, caprichosamente trabalhado por nossa mãe, destacava-se em relação às das outras meninas que apareciam na imagem – que eram, vale assinalar, garotas brancas. Algumas características dessa imagem – a postura, o cabelo amarrado, a saia, a delicadeza etc. – indicam um esforço social e cultural (Francisco, 2019) para direcionar o comportamento e os papéis sociais a partir do gênero.

Por outro lado, também são visíveis na mesma imagem, manifestações de outro delírio da modernidade (Mbembe, 2018). Isto é, a raça. Para se manifestarem, sustentam-se em uma dupla injunção: a primeira de ordem material e a segunda de ordem simbólica. Consubstanciadas, produzem um tipo de afeto social localizado que se preserva a partir das cotidianidades experienciadas.

O cuidado com a imagem de Núbia praticado por nossa mãe talvez revele o trabalho e o desejo de se afastar na prática do que significaria ser negro ou ser tratado como tal (ordem simbólica). Esse afeto social é resultado da redução do corpo e do ser vivo “a uma questão de aparência, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico” (Mbembe, 2018, p. 13). Como efeito, nas palavras de Sodré (2018), esse mesmo estatuto orienta “categorias morfo-fenotípicas como ‘homem negro’ ou ‘homem branco’ funcionando como marcações operativas de hegemonia dentro de um paradigma étnico em que a cor clara, traço por excelência da diferença, conota primazia existencial.” (Sodré, 2018, p. 12)

Minhas irmãs e eu demoramos a entender que o capricho de nossa mãe em relação à nossa aparência, por vezes exagerado, não era meramente uma busca estética, mas um hábito forçado em decorrência de como homens e mulheres negros eram tratados,

independentemente de suas aparências. Na foto em questão, a única garota negra era, de longe, a mais “bem arrumada” entre as outras bailarinas, todas brancas, como já dito. O cotidiano marcado naquela imagem revela, nesse sentido, não só uma simples apresentação de balé, mas como a dinâmica racial se enraíza e gera efeitos na mais prosaica experiência da pessoa negra. A partir desses resgates e elaborações, fui compreender por que meu pai me proibia de sair de casa – ainda que fosse para me distanciar poucos metros – sem carteira de identidade. A pessoa negra, ao que parece, sempre carrega uma marca potencial de dúvida e perigo.

Esse afeto social carrega, ademais, outra infeliz sofisticação. Embora haja a tentativa de se afastar do que significaria ser negro, a *pessoa racializada* permanece como o diferente, porque sua existência é possível em relação à pessoa branca. E a branquitude, como traço por excelência da primazia existencial, não confere à pessoa branca um tipo de assujeitamento definido como o diferente, porque sua existência seria a régua do mundo e a matriz de toda economia social.

Como nos lembra Kilomba (2019), o branco, nesse sentido, é a “dessemelhança”, essa identidade dependente que existe na exploração de quem seria o diferente/Outro a partir de um conceito universal e abstrato guiado pela “lógica metafísica europeia” (Morrison *apud* Kilomba, 2019, p. 38; Mbembe, 2018; Sodré, 2018).

Núbia ainda permaneceria como a diferente, apesar de a tentativa de nossa mãe de fazer com que a filha se parecesse com aquilo que se afastaria da personifica o de tudo o que sinaliza o delírio branco sobre a *pessoa racializada*. Nenhum adorno ou mise-en-sc ne afastaria de minha irm a a possibilidade de anular a política da diferença baseada no que há de mais profundo sobre o corpo: a própria pele (Valéry *apud* Sodré, 2018).

  provável que minha mãe e irm a não reconheçam, ainda hoje, o caráter localizado daquelas experiências que, trazidas a esta pesquisa, servem como parte de um processo empírico teórico-metodológico. Não reconhecem não porque não querem, mas porque foram privadas de qualquer possibilidade de dizer o indizível e aquilo que as atravessava intersubjetivamente (Kilomba, 2019) ou de romper com o silêncio a respeito do que provoca as rela o es sociais brasileiras baseadas na cor.

A caracteriza o de Núbia feita por nossa mãe e a constitui o da sua autoimagem nos anos seguintes nunca foi eficaz o bastante para afastar da sua experiência de vida a categoria morfo-fenotípica de “mulher negra”. Ordem que permanece como parte de um conjunto de opera o es dentro da mecânica racializante que dita quem   ou não negro, portanto, desprovido de qualquer excelência existencial. A racializa o, nesse sentido, não   são um aspecto ou um detalhe nas rela o es sociais, mas antes   constitutiva e visa um tipo de determinismo em todas as rela o es a partir do devir raça no mundo.

As palavras, como se percebe, têm um significado central na constitui o de vida de quem escreve estas linhas. Afinal, são elas que nomeiam e corporificam as coisas. São as palavras que tornam o sujeito senhor de si mesmo, ao poder observar, compreender e

verbalizar o que foi visto ou sentido. São as primeiras palavras ditas que afastam o medo e o arrepio no pescoço da possibilidade de se ter um filho incapaz de falar. São as palavras que encorajam. As coisas existem porque antes as verbalizamos, dando-lhes nomes.

Por outro lado, são as palavras também que criam imagens aprisionadoras. Ao empalavrar, criamos significados, sentidos, modos de ver e de ser visto. E é justamente esse o propósito desta pesquisa – compreender os sentidos que são evocados ao empalavrar as coisas, a realidade, as experiências e os acontecimentos. O que circula nos discursos e objetos quando colocamos em narrativa a ideia de raça? O que está em jogo quando tentamos textualizar midiaticamente o choque do real?

### 1.3 Potências emancipatórias

Embora o estudo formal sobre o conjunto de signos que permeia nossa comunicação nunca tenha sido uma pretensão intelectual, a palavra escrita ou falada, e por extensão imagetificada, é uma daquelas paixões despreziosas que mantemos e nutrimos sem nenhuma razão aparente. A raiz desse gosto, como se pode perceber, vem de muito tempo e se deve especialmente ao acúmulo daquelas experiências sensíveis que descem de lugares improváveis para o pensamento racionalizado.

Entendo essas experiências como parte de um processo de aprendizado que acontece de maneira espontânea, guiado pelas contingências da vida que são aparentemente despropositadas. São essas as experiências consideradas aqui como sensíveis e localizadas tanto na individualidade do corpo quanto em sua sociabilidade, que ensejam justamente uma ação de fora para dentro. Experiências sensíveis entendidas como potências emancipatórias que podem causar um certo tipo de deslocamento do olhar. Trazer a narrativa do filme de Ridley Scott sobre o descobrimento das Américas como uma potência emancipatória, por exemplo, não tem a ver exatamente com um tipo de apego ou preciosismo a uma boa lembrança. Na verdade, nos ajuda a justificar a perspectiva de como estamos empalavrando e sendo atravessados pelas narrativas ao nosso redor. E como as palavras direcionam as realidades e as maneiras como nos localizamos no mundo.

Percebe-se neste ponto que coloco duas questões em diálogo as quais permearão o trabalho desenvolvido nas páginas seguintes: afeto e razão. Por extensão, acredito ser importante, dos relatos que fiz anteriormente, indicar alguns caminhos interpretativos percorridos sobre experiências, sensibilidades e racionalidade. Entendo que seja possível colocar no horizonte deste trabalho um tipo de potência emancipatória localizada no campo do sensível, dos afetos, e no campo da experiência que é inerente à matéria do corpo. Aqui, o corpo não se manifesta dissociado da ideia de pessoa, convertido em um objeto qualquer, mas se apresenta como uma extensão e um modo também de pensamento a partir do seu entrelaçamento com as situações que experimenta. A feitura deste trabalho se localiza, desse modo, no equilíbrio entre o campo prático cognitivo e o campo do sentir, para revelar

a partir de certas escrevivências<sup>2</sup> uma contraposição aos cânones da razão instrumental que são, como afirma Sodré (2006), limitativos.

O que estou chamando aqui de experiências sensíveis como potência emancipatória não trata de qualquer experiência, mas de uma experiência específica partilhada por corpos posicionados em um mesmo lugar no *ethos*, embora vivida de maneiras distintas no espaço e no tempo. Cabe salientar que a defini o a respeito do *ethos* se traduz como lugar onde se criam os hábitos, costumes e os próprios afetos, portanto, o cotidiano e a vida em seu estado mais prosaico.

Os afetos traduzem-se como potências emancipatórias que deslocam a dire o do olhar racionalizado para outros lugares necessitados de aten o e que também são lugares de pensamento e conhecimento. Essa substância, ao que parece e o que ela enseja, pode ajudar a guiar o processo analítico a fim de se perceber não o que   a manifesta o de um problema, mas como esse problema sofisticadamente se realiza na penumbra social, mas que não pode ser visto justamente porque o olhar enrijecido pela razão está sob a legitima o enclausurada da *ratio*, em que os afetos são negligenciados.

Respeitada a profundidade que Sodré (2006), além de outros autores e autoras, articula sobre *affectus* e *affectiones*, a concep o que resgato sobre afeto se resume na ideia da desinquieta o do corpo afetado por uma força externa presente, o que modularia, para mais ou para menos, a potência do agir daquele primeiro. Outra defini o se d  desta maneira: o afeto   o exercício de uma a o de um ponto A a um ponto B. Este necessariamente   um ser vivo. A a o provocada por A incide sobre a sensibilidade de B. O afeto, nesse sentido,   de fora para dentro, portanto, "a a o de afetar   um estado de choque ou de perturba o da consciência." (Sodré, 2006, p. 28)

Parece-me que a ideia pensada por Sodré (2006) se aproxima do que entendo como uma dimensão em que estão implicadas as contingências da vida.   essa dimensão a responsável por ensejar as perguntas iniciais sobre o fenômeno que se pretende observar no caso desta pesquisa. Esta investiga o, desse modo,   resultado de uma orienta o de vida que precede procedimentos teórico-metodológicos. Em outras palavras,   o resultado das intersec es afetivas sentidas pelo corpo, pelo espírito, moduladas   medida que a racionalidade limitativa se movimentava em suspeitas conscientes e esquemáticas, que possibilitaram criar maneiras possíveis para analisar a realidade.

O processo de conhecer algo ou *dar-se* conta de pode ser realizado de muitas maneiras. Um desses caminhos pode ser guiado por nossas próprias vivências, a partir daquilo que nos afeta (França; Simões, 2003).   válido destacar que, nesse sentido, a cientifica o das coisas, estas antes de serem instrumentalizadas, colocadas   prova e sob tensionamentos,   a realiza o de um processo de matura o envolvido no e a partir do tempo, portanto, nas próprias experiências. A matura o do que formalmente chamamos

<sup>2</sup> Exscreviv ncias   um termo cunhado por Concei o Evaristo para falar de escritas e vivência coletivo-históricas das mulheres negras.

de escolhas teóricas, metodológicas e analíticas pertence à dimensão de um tipo de conhecimento gerado pela intuição, sentido espontaneamente, e que se manifesta a partir das experiências enraizadas em nosso viver cotidiano, transbordada por indagações e desejos (França; Simões, 2003). Justifica-se, desse modo, o compartilhamento de algumas experiências pessoais na abertura deste trabalho. São elas que produzem um efeito acumulativo resultantes em maneiras de ver e perceber na realidade certas dinâmicas que não são visíveis em um primeiro momento.

Sobre a ideia de razão, vale resgatar brevemente a duplicidade contida no conceito. Segundo Sodré (2006) na genealogia sobre a palavra, encontram-se duas defini es. São elas: *intellectus* e *ratio*. A primeira corresponde   imediatez da experiência vivida,   sensibilidade diante do choque do real e   crueza da vida humana como ela  . A ideia de *intellectus* tem afinidade   primeira dimensão s gnica postulada no campo da semiótica. Isto  , o contato imediato das coisas com os acontecimentos, o que   sentido irrefletidamente e não   frente   experimenta o um objeto do discurso.   o presente da experiência, o novo sentido espontaneamente. Já a segunda   a conceitualiza o do pensar, transformando a crueza espontânea e imediata da experiência vivida em discurso (Sodré, 2006), logo passível da instrumentaliza o detidamente analítica. Não   o choque do real que mais prevalece, tampouco a tentativa de se entender o que se passou, mas o como isso aconteceu e como o que aconteceu pode reverberar no ethos.

Submeter o pensamento estritamente   ideia de *ratio* enclausura o logos no terreno da norma, o que, para Sodré (2006), abriria “caminho para um dogmatismo que desconhece irrefletidamente a potência emancipatória contida na ilusão, na emo o do riso e no sentimento da ironia” (Id., 2006, p. 25). Sem a pretensão de estender a complexa análise a respeito do logos, *intellectus* e *ratio* na perspectiva filosófica, o que desejo destacar neste trecho introdutório   que a racionalidade se embaraça diante da sensibilidade das experiências vividas, especialmente ao olhá-las por lentes que consideram as suas especificidades e as dinâmicas onde estão inseridas e acumuladas no ethos. A razão, precisamente a racionalidade moderna, vale lembrar, encaixotada em restri es e exclusões orientadas estritamente pela norma, obliterou a vida e sofisticou a violência, “tornando-a [inclusive] cada vez mais racional em seus requintes de crueldade” (Mos , 2019, p. 38). Como nos lembra Foucault (2003), não há incompatibilidade entre razão e violência no conjunto de condutas que orienta a humanidade. Sobre a inclina o moderna   racionalidade orientada pela quantifica o científica e tecnológica, Sodré (2006) diz:

(...) o mundo moderno começa a suspeitar mais fortemente dos afetos ou paixões, enquanto instâncias de confusão ou de uma desmedida socialmente indesejável. A civiliza o ocidental avança no sentido do controle (ora a medida técnica, ora a repressão) das pulsões, sejam sexuais ou agressivas. Até na guerra a sociedade civilizada impõe a seus membros um domínio rigoroso da afetividade, para que a capacidade de destrui o se adapte   mecaniza o. (idem p. 32)

São os afetos as substâncias empoderadoras, por exemplo, “para fazer novas desco-

bertas (...) que nunca poderiam ser feitas da mesma maneira por outros<sup>3</sup>” (Freeman, 2018, p. 2). As experiências sensíveis ascendem lampejos para criar impulsos e aproximar mais aquilo que se planeja produzir e constituir como parte de um arcabouço de conhecimento.

Entrelaçar as experiências sensíveis às decisões conscientes do processo metodológico é uma maneira também de compartilhar modos de interpretação do mundo transversalizados pelas vivências localizadas de quem se debruça sobre um determinado fenômeno (Freeman, 2018). A exclusão desse aspecto implica, para mim, paralisar uma contra investida que se propõe a interromper não só uma engrenagem, mas a mecânica do que entendo como um processo de racialização – ideia importante para esta pesquisa e que será aprofundada ao longo deste trabalho.

Posso considerar que este trabalho foi e tem sido maturado como um tipo de “filosofia que nasce na cozinha da casa” (Sodré, 2017, p 21) no abrir do baú empoeirado, no resgate de uma fotografia há muito tempo não vista e nas marcas remanescentes de um tempo pretérito (re)experienciado no presente. Esse breve percurso de vida, localizado em experiências e em lugares improváveis, é o que movimentou a pesquisa e possibilitou olhar para a manifestação de um tipo de fenômeno talvez ainda não descrito e não identificável.

#### 1.4 Palavras e delírios

Embora medíocre e imperfeita, foi a substantivação do corpo a partir do empalavramento das raças que deu início ao fenômeno que localiza e enclausura claros e escuros e o que se constituiu a partir do capitalismo moderno, o que estamos chamando de afeto racializante. A palavra, também uma maneira de criar afetos e modos de desassossego do espírito, se traduz como uma potência de agir e carrega, ao que parece, uma dupla função: emancipa, encoraja, mas também aprisiona e enclausura. Ao empalavrar o mundo, damos significados às coisas e tecemos a história.

Mas as palavras que afetam e ensinam a coragem também incitam outras paixões, delírios e perversidades. No caso das raças, trata-se de um empalavramento, como nos lembra Mbembe (2018) “fatalmente imperfeito, incapaz de distinguir entre o externo e o interno, os invólucros e os conteúdos.” Ela é, desse modo, o simulacro da superfície, mas em sua profundidade guarda, ao mesmo tempo, a perversidade, o terror e infinitos sofrimentos. (Id., 2018, p. 21)

Para entender essas palavras, ou melhor, essa palavra, a raça e outros delírios que provoca, preciso fazer uma breve contextualização para se chegar ao que já citamos anteriormente como categorias morfo-fenotípicas e racialização que postulam políticas da diferença e legitimam violências.

Vale resgatar que, por volta do século XVI, segundo Sodré (2018), havia uma ideia de coletividade de sujeitos caracterizados e diferenciados por sua especificidade sociocultural

---

<sup>3</sup> Tradução nossa.

refletida na palavra falada e escrita, nos modos de culto às divindades, nos seus habitus e em seu contexto geográfico-temporal. É só a partir do capitalismo emergente dos séculos XV e XVI que se produziu a substituição daqueles paradigmas diversos que distinguiam os povos pela “designação universalista inerente aos posteriores sistemas classificatórios elaborados pelos teóricos europeus que moldaram os contornos da biopolítica colonialista”. (Sodré, 2018, p. 19)

A ideia de raça, nesse sentido, não existia antes do advento da mercantilização de todas as coisas. O que não quer dizer que as diferenças das diversas gradações da cor de pele, as texturas do cabelo e os fenotípicos físicos não eram percebidas. Contudo, é com o delírio da modernidade que se produz a crença de que a diferença poderia ser usada para legitimar uma maneira correta de organização da sociedade num tipo de ordem em que se mantém ativa a desesperançosa, trágica e ilusória crença de que parte do mundo é branca e a outra negra. (Mbembe, 2018)

A raça se torna a substância referencial às diferenças fenotípicas entre colonizadores e colonizados, produzindo novas identidades sociais como índios, negros e mestiços, além de justificar as relações de poder e domínio. Antes disso, “as pessoas eram alguma outra coisa antes de serem brancas ou [negras]” (Coates, 2015, p. 19). Para Quijano (2005), a constituição da raça “demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal” (Idem, p. 118). A partir da naturalização biológica da diferença, os colonizados foram colocados em posição de inferioridade.

Ao longo da substituição dos paradigmas que diferenciavam os povos pela designação universalista que resumiu a política da diferença à gradação da pele, existem pelo menos três momentos que precisam ser reconhecidos. Com esse percurso, poderemos entender de modo mais detido o que chamamos de delírio da modernidade e como o empalvramento orientou sofisticadamente a racialização, especialmente no que tange a comunicação midiática jornalística e o fenômeno que observamos neste trabalho.

A espoliação organizada é o primeiro instante de transformações que se pode resgatar. Dos séculos XV ao XIX, o corpo originário da África – homens, mulheres e crianças – é forçado a cruzar as perversas rotas marítimas para, enfim, receber um tipo de condenação que transmutaria sua carne em “homem-objeto” (Mbembe, 2018). Isto é, um processo em que houve a transformação do espírito desse corpo, atribuindo-lhe, quando não a posição de “homem-mercadoria” ou “homem-moeda”, a animalização do ser. Esse processo é realizado paralelamente à transformação frenética do ethos em que a “Europa deixa de ser o centro da gravidade do mundo” (Mbembe, 2018, p. 11).

Sem nome e sem língua e sem palavra, esse corpo é “aprisionado no calabouço das aparências para pertencer aos outros” e ao empalvramento dos outros (Mbembe, 2018, p. 10). Avesso à diferença racial – instituída como uma codificação originária criada pelo próprio pensamento europeu por meio da palavra – o colonizador estava autorizado legitimamente a praticar qualquer tipo de delírio perturbador e desequilibrado sobre a

carne espoliada (Idem). Na metodologia colonial, a *vita activa* – trabalho, obra e ação (Arendt, 2005) – desse corpo é alienada para se abrir lacunas e produzir rupturas abruptas para se criar um vínculo forçado. Desse modo, garante-se a impossibilidade do corpo de experimentar o metabolismo do próprio crescimento até resultar em declínio espontâneo. A lógica do espólio colonial é, desse modo, o esvaziamento e a coisificação do corpo e do espírito extraviado por meio da palavra, do nome que se dá à coisa. Neste caso, a quem se definiu como pessoas negras.

O segundo momento de transformação que vale ser resgatado diz respeito à reivindicação do posição de sujeito feita pelo corpo antes espoliado. Não é forçoso tentar ilustrar e definir o que essa luta reivindicatória pela condição de sujeito e pelo reconhecimento pleno de Ser e Estar no mundo quer dizer. A reivindicação pelo co-pertencimento – em oposição às matrizes eurocêntricas em que a socialização se daria “do mesmo com o mesmo” (Mbembe, 2018, p. 9) – compõe as esferas das subjetividades: política, social e individual (dimensões interseccionadas à palavra). Seria a identificação com esses três níveis e, claro, o reconhecimento de posse daqueles três aspectos que possibilitaria o alcance do Ser; o que poderia outorgar ao corpo, portanto, a posição de sujeito pleno (Kilomba, 2019).

O nascimento da escrita e da articulação da linguagem, que acontece no final do século XVIII, experimentadas pelo metabolismo do corpo espoliado (Mbembe, 2018) – inversamente à alienação aplicada pela metodologia colonial – é a faísca necessária para as inúmeras revoltas de ‘escravos’ na luta pela abolição, pela descolonização africana e pelos direitos civis nos Estados Unidos mais adiante.

Por fim, o terceiro momento, marcado pelo início do século XXI, é caracterizado profundamente pela globalização dos mercados, pelas privatizações, pela complexificação da economia e pelo avanço das políticas militares. Em síntese, é o momento da defesa do neoliberalismo (Mbembe, 2018). Aqui, a mercantilização do mundo atinge o seu apogeu e o brevíssimo tempo do sujeito “se presta a ser convertido em força reprodutiva” (Mbembe, 2018, p. 11). O tempo da defesa do neoliberalismo é o tempo em que toda economia de vida passa a ter um valor atribuído no mercado: seja objeto, homem, mulher ou criança.

Vale destacar que a racialização do mundo, ou na definição de (Mbembe, 2018), o devir negro a partir da lógica dos dígitos e das cifras, provoca aflição no corpo mediante uma dupla injunção; o drama humano ao ser explorado pela mercantilização pós-colonial e, ao mesmo tempo, a não exploração de modo algum, porque o funcionamento do capital já não depende mais do corpo – este então entregue ao abandono. O que se cria a partir da defesa pelo liberalismo é o acúmulo e a multiplicação por ele próprio de tudo e de todos (Idem).

O advento das tecnologias eletrônicas e digitais, posteriormente as do self, demarca o surgimento de uma constituição de sujeito que neste tempo é agenciador de si mesmo, mas submetido às convocações permanentes, modulantes e reconfiguráveis que este tempo tem para ofertar Mbembe (2018). O clímax desse novo sujeito se manifesta em sua

performatividade “capaz de se vestir de todos os conteúdos”. Um ethos “típico da civilização da imagem e das novas relações que ela estabelece entre fatos e ficções” (Mbembe, 2018, p. 12).

São esses três tempos: o da espoliação, reivindicação do co-pertencimento e o da mercantilização da sociedade, paralelamente ao abandono da sua matéria-prima (o corpo), que Mbembe (2019) vai denominar como uma “nova condição fungível” que, de modo inédito, não se limita “à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo” (Idem, p. 14).

Paradoxalmente, a suspensão da Europa como centro de todas as coisas e a nova condição fungível, promovidos agora a partir da institucionalização liberal para promover a precariedade do corpo a todas as humanidades – não só àquelas que haviam sido impelidas à margem – não determinou o desaparecimento das atribuições postuladas pelo empalavramento da raça e do que elas produziram como política da diferença posteriormente.

Pelo contrário, houve um desempenho sofisticadamente eficaz de reatualização dos sentidos e significados que a palavra raça evocava. Para alguns que pensam a raça, a sofisticação racial está entranhada nas estruturas; para outros, o mal do século se encontra em outra dimensão: a do afeto. Este trabalho dialoga com a segunda perspectiva. Mas quero acrescentar uma questão ao argumento feito até aqui, especialmente no que diz respeito à ideia de afeto. Num primeiro momento, ao longo da escrita deste trabalho, eu havia escolhido nomear como mecânica a dinâmica do fenômeno que tentamos compreender. Demarquei propositalmente dessa maneira para compreendê-lo como um objeto de forças, ações e combinações intersubjetivas, ora materiais, ora simbólicas, que gerariam movimentos que estabelecem intermitentemente modos de ver e ser visto nas relações sociais orientadas pela cor da pele. Movimentações determinantes para o funcionamento dessa então engenharia que transformam as escalas de cores das peles em paradigmas.

Contudo, percebi que a ideia de mecânica reduz o fenômeno observado. Isto é, no horizonte da reflexão surge um tipo de princípio que força a entendê-lo como um objeto social lógico, limitado e rígido. Se pensarmos a função mecânica de um carro, podemos concluir que o seu objetivo final é gerar movimento a partir de um conjunto de funções técnicas que se dividem entre uma variedade de sistemas interligados. Em outras palavras, os carros, como os conhecemos hoje, são feitos para se locomoverem sobre as suas próprias rodas em estradas e rodovias. O que, portanto, entende-se que as funções técnicas de um carro, divididas entre uma variedade de sistemas interligados, não seriam capazes de fazer o automóvel, por exemplo, flutuar. Essa percepção óbvia certamente exclui do objeto (o carro) uma espontânea contingência adaptativa. De forma mais simples, o carro que eu comprei hoje não poderia decidir amanhã sobrevoar o trânsito das grandes cidades.

Diante disso, podemos considerar que a maneira mais assertiva de se localizar e apreender o fenômeno analisado nesta pesquisa é colocando-o no campo de um afeto. Uma força que vem de dentro e de fora ao mesmo tempo. Que ora está parada, mas atenta

à sua própria maleabilidade adaptativa.

## 2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS

### 2.1 Ainda uma questão: a raça

*Negro é, portanto, uma alcunha, a túnica com que  
alguém me encobriu e sob a qual tentou me encerrar.  
Mas, entre a alcunha, o sentido a ela atribuído e o ser humano  
a assumi-lo, há algo que permanecerá para sempre no âmbito da distância.  
E é esta distância que o sujeito é chamado a cultivar e, talvez, radicalizar.*

Achille Mbembe

Não tentaremos avançar na discussão de como a reatualização dos sentidos e significados racializantes, especialmente no contexto brasileiro, aconteceu. Embora pensar o fenômeno racial já seja adentrar por esse caminho de investigação de certa maneira. Mas o que nos interessa é saber se podemos reconhecer e identificar no jornalismo um tipo de ambivalência discursiva. Falaremos melhor sobre o porquê das nossas suposições e como identificamos a manifestação do que estamos chamando de um fenômeno e suas maneiras mais complexas de codificação, subsidiadas por novos “dispositivos disciplinares” (Sodré, 2018, p. 11) no capítulo sobre metodologia. Por ora, colocaremos em diálogo alguns autores e autoras que abordam a ideia de racialização e como esse fenômeno tão complexo se manifesta nas relações sociais. Trazemos para este trabalho uma tentativa de entender quem é esse corpo racializado e a dinâmica pela qual ele está impelido, e como a raça é um produto da modernidade, sempre inacabado, materializando-se de formas reatualizadas por meio do que entendemos ser um afeto. Como reafirma Guimarães Corrêa

Ainda hoje, o colonialismo organiza, como justificativa, a dinâmica de vários aspectos das relações extrativistas entre o Sul e o Norte Global. O colonialismo não está enterrado no passado, está em movimento, reatualizando-se, trabalhando intensamente, disseminando-se na cultura, nos saberes, na organização dos recursos, validado e compartilhado. (Guimarães, 2023, p. 4).

Afirmar que as reflexões, pesquisas ou discussões interessadas em observar essa dinâmica social do processo de racialização nas cotidianidades experienciadas são movimentações novas é um erro em que não podemos incorrer. Para constatar essa afirmação, não precisamos ir muito longe, basta olhar para as últimas bibliografias disponíveis sobre o tema racial trabalhadas por colegas próximos.

Carvalho (2019) investiga, sob uma perspectiva comunicacional, a maneira como o processo de aceitação dos traços étnicos e de transicionamento capilar, do liso para o

crespo – e que para nós se mostra uma metáfora perfeita a respeito do que resgatamos em Mbembe (2018) sobre a consciência ocidental sobre o negro e a consciência do negro sobre o negro –, como um ato político-identitário das mulheres negras na publicidade de cosméticos brasileiros. Instrumentalizando outra dimensão, (Furtado, 2019) volta o seu olhar para o *rap* para investigar, a partir das imagéticas do clipe Mandume (2016), as violências das relações raciais. A autora sugere que as oralidades e visualidades apresentadas na produção audiovisual são estratégias sensíveis que denunciam sob a poética musical a necropolítica em curso da nossa sociedade.

No artigo “Olhar corpos e produzir imagens” (Carmos; Corrêa, 2021) observam as produções de duas mulheres negras norte-americanas para pensar ferramentas possíveis contra os discursos codificados em imagens sobre as dinâmicas raciais. Conforme o trabalho publicado, um tipo de olhar opositor em relação ao que estamos entendendo como um afeto devedor de uma dinâmica social racializante se mostra uma potente fonte para ensejar reflexões sobre os processos de racialização e capilarizar, em escala global, o debate sobre racismo.

Quirino e Moura (2019), em sua pesquisa sobre “Enquadramentos midiáticos, interseccionalidade e o genocídio de jovens negros brasileiros: análise comparativa entre notícias e textos de opinião acerca da Chacina de Costa Barros, RJ, na Folha de S. Paulo” se debruça sobre os autos de resistência midiáticos pelo jornal impresso Folha de S. Paulo. A hipótese da autora é que o enquadramento midiático do jornal analisado não relaciona, tampouco atribui aos autos de resistência, à alta letalidade de jovens negros e periféricos demonstrada no Mapa da Violência de 2016. A autora ainda reflete se nas unidades analíticas observadas, 133 notícias, a narrativa jornalística faz algum tipo de intersecção entre gênero, raça e classe em seu discurso midiático.

Essas conexões, ou se preferirmos, as gambiarras, embora com perspectivas e projeções distintas, são caminhos emancipatórios que, como bem sublinhou Messias e Mussa (2020), não resolvem diretamente os problemas como saneamento, desigualdade, acesso à educação e saúde, mas que fazem lampejar novos modos de subversão das relações de poder e, dessa maneira, possibilidades de experimentar a vida fora da consciência ocidental sobre *pessoa racializada* e das codificações raciais Mbembe (2018). Nesse sentido, tomando as palavras de Mbembe (2018), um gesto por excelência que desloca o sujeito racial do estatuto de escravo ao lugar de cidadão como os outros (Idem).

Essas reviravoltas espetaculares ou, como preferimos chamar, declarações de identidades (consciência do negro sobre o negro) em oposição aos juízos de identidades codificadas racialmente (consciência ocidental sobre o negro) Mbembe (2018), são também movimentações, aqui destacadas brevemente, parte do que nomeamos no início deste capítulo como potências emancipatórias.

Contudo, o processo de codificação e suas manifestações para constituir os sujeitos raciais também é pertencente a um encadeamento de coisas intermediadas por outras vozes,

discursos e enunciados refratados em sociedades eruditas, exposições, coleções, enfim, em uma formação de senso comum ou constituição de um *habitus* para qualificar e atribuir significações Mbembe (2018). Isto é, uma constelação de significados e materialidades “que não parou de se modificar com o tempo e que assume sempre formas múltiplas, contraditórias e divergentes” (Idem, p. 40).

A resposta sobre o porquê pesquisar essas constelações que constituem os sujeitos raciais quando, ao fim e ao cabo, a afirmação da raça deveria ser feita “em um sentido revolucionário para que um dia seja possível superá-la (Almeida, 2019, p. 19), reside justamente na cena racial que se manifesta num espaço de estigmatização sistemática e modificante (Mbembe, 2018). Por outro lado (constatação que também não é nova), a continuidade das pesquisas que consideram observar a consciência ocidental sobre o negro em suas mais diversas formas coloca em questão os “conceitos de conhecimento, erudição e ciência que estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial” (Kilomba, 2019), fato que nos deixa inclinados a indagar quais filosofias têm feito parte das agendas acadêmicas, dos fóruns, GT’s e congressos de pesquisas, e quem pode ser fonte legitimada de conhecimento. Curiosamente, os processos constitutivos da razão, dos saberes e do conhecimento, reclamam para si uma ideia de neutralidade – aspecto que se relaciona à objetividade/subjetividade atinentes aos caminhos metodológicos abordados no capítulo sobre metodologia deste trabalho. Entretanto, o breve levantamento bibliográfico que fizemos, que não é uma revisão bibliográfica porque esta não é a nossa pretensão, indica que não só historicamente, mas contemporaneamente, “o centro acadêmico não é um local neutro, mas um espaço branco onde o privilégio de falar tem sido negado [à *pessoa racializada*]” (Kilomba, 2019, p. 50).

Embora as produções que pretendem ensejar modos de oposição a um *habitus* que não para de se modificar com o tempo para produzir cenas e corpos racializados sejam significativas, em suas mais variadas perspectivas teórico-metodológicas e analíticas, “a realidade experienciada do racismo, as experiências, as lutas, o conhecimento, a compreensão (. . .) no que diz respeito ao racismo”, têm sido ainda extensivamente negligenciados (Kilomba, 2019, p. 72). Os novos processos de racialização e subordinação absolutos em relação à produção de conhecimento se dão também graças à sistemática desqualificação a respeito das cotidianidades experienciadas por pessoas racializadas e suas possibilidades de rupturas, sejam elas pela via da cultura, econômica, política ou, como acontece neste trabalho, pela via da produção de conhecimento.

Apesar dessas constatações sobre o avanço de uma produção de conhecimento que coloque a raça na centralidade das discussões, sob uma variedade de perspectivas teóricas e metodológicas – além de constatar também as negligências dos espaços de poder em reconhecer essas vozes dissonantes –, percebemos que a resistência da *pessoa racializada* diante da sua transformação em objeto, mercadoria e moeda – efeito da espoliação organizada ao longo da vertiginosa mercantilização do mundo –, é percebida também já no

final do século XVIII.

É verdade que o enclausuramento do espírito, manifesto no mundo por meio da então neo-mecânica-europeia, produziu a animalização e a transformação do corpo em um invólucro cuja função é a alienação do Ser, da vida, do trabalho, e da linguagem (Arendt, 2005) . Embora a condenação da *vita activa* estivesse entrincheirada, impedindo esses seres capturados pelos outros de “manter relações como co-humanos”, nem por isso deixaram de ser sujeitos ativos (Mbembe, 2018, p. 10) . A resistência do corpo capturado, segundo Mbembe (2018), é encontrada inclusive em um tipo de articulação de linguagem para reivindicar a posição de “sujeitos plenos do mundo vivo” (Idem).

As inúmeras revoltas de escravizados, ao longo do processo da independência do Haiti, em 1804, além das lutas da abolição da escravidão, pela descolonização da África e, mais tarde, as lutas pelos direitos civis, nos Estados Unidos, são alguns dos exemplos que podemos citar como reviravoltas espetaculares, em que o embrutecimento e a degradação foram transformados em símbolo e ação de um “desejo consciente de vida e força pujante [...] plenamente engajado no ato de criação e até mesmo no ato de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente”. (Mbembe, 2018, p. 15).

Essas reviravoltas espetaculares também são experiências encontradas no Brasil ao se resgatar as inúmeras movimentações de resistência – associações, grupos de pesquisa e teatros, organizações de ativismo que engrossaram as reivindicações do que conhecemos hoje como Movimento Negro, desde pelo menos a Segunda República. Merece especial atenção, sobretudo diante da abordagem comunicacional que fizemos para esta pesquisa, a constituição de uma imprensa negra e de periódicos de comunicação que trabalharam em formas de atuação para reivindicar o direito de “narrar e escrever suas próprias histórias em primeira pessoa” (Oliveira, 2021, p. 23).

Segundo Oliveira (2021), após a abolição da escravidão e do surgimento do novo sistema político, isto é, a Proclamação da República, não houve nenhum tipo de movimentação institucionalizada que fosse assegurado aos recém libertos a garantia de ganhos materiais ou simbólicos que pretendesse a reparação pelas atrocidades produzidas ao longo do período escravocrata brasileiro. Esse “cenário de exclusão e marginalização”, experiências que permanecem enraizadas no viver cotidiano das *peessoas racializadas*, ainda que sob novos modos de racialização, fez surgir dezenas de mobilizações reivindicatórias no alvorecer da República (Idem, p. 40).

Notadamente, com a redemocratização de 1945, a criação de jornais como o “Alvorada”, “Senzala”, “Novo Horizonte”, “Mundo Novo”, “Notícias de Ébano”, “O Mutirão”, “Niger”, “Hífen” e “Correio d’Ébano” foram importantes espaços de escrita para intelectuais negros/as insurgentes tomarem o discurso para si e denunciarem a farsa ideológica sobre a suposta democracia racial, além de se constituírem como um espaço substancial para desenhar caminhos que vislumbassem a construção de um verdadeiro sistema republicano em que a exclusão e marginalização das *peessoas racializadas* não estivessem presentes

(Oliveira, 2021).

A Imprensa Negra, ou uma maneira alternativa de autoafirmação étnica, como ficou conhecido esse conjunto de periódicos, convocava uma participação mais abrangente das pessoas racializadas num movimento que não só trabalhava para acumular um repositório de reivindicações, denúncias e dados sobre a mecânica social e suas formas de estabelecimento de poder racializante, mas também colocava em evidência as experiências sensíveis atravessadas pelo racismo. (Oliveira, 2021)

A constituição de jornais alternativos, feitos por pessoas racializadas, impulsionada por uma luta coletiva diante do que entendemos como um processo perpétuo de poder (Mbembe, 2018), permanece como um exemplo vivo de articulação de linguagem para reivindicar a possibilidade de se tornar sujeitos falantes. Sobre isso, Oliveira (2021) ressalta que:

Ainda com toda a limitações impostas pelo racismo, a circulação de periódicos produzidos por negros/as no Brasil foi um dos capítulos mais importantes da luta coletiva de um povo que, através da palavra escrita, produziu saberes emancipatórios capazes de desestabilizar discursos hegemônicos. Ao denunciarem a discriminação racial, o mito da democracia racial, e “o genocídio do/a negro/a brasileiro/a, contribuíram para o avanço do debate racial na sociedade brasileira e na construção de novos marcos civilizatórios. (Oliveira, 2021, p. 65)

A articulação de uma luta coletiva intermediada pela linguagem e pela escrita para denunciar as mecânicas racializantes, e que também colocou em evidência as experiências sensíveis, a partir do que Oliveira (2021) destaca como o segundo momento da história da Imprensa Negra, é a incorporação estratégica de três diferentes aspectos que compõem as esferas da subjetividade: o político, social e individual.

Essas três dimensões é o que permitiria alcançar aquilo que (Mbembe, 2018) chamou de posição de “sujeitos plenos do mundo vivo” (Idem, p. 14). Tal reposicionamento no mundo vivo é lugar onde “indivíduos podem se encontrar e se apresentar em esferas diferentes de intersubjetividade e realidades sociais [...] e podem determinar os tópicos e anunciar os temas e agendas das sociedades em que vivem” (Kilomba, 2019, p. 74)

Em outras palavras, elas/eles podem ver seus interesses individuais e coletivos reconhecidos, validados e representados oficialmente na sociedade - o status de sujeito. O racismo, no entanto, viola cada uma dessas esferas, pois pessoas negras e Pessoas de Cor não veem seus interesses políticos, sociais e individuais como parte de uma agenda comum. (Idem, p. 74-75)

O exercício de pensar sobre um fazer e um modo de fazer pensando que estivessem interessados na observação, reflexão crítica e, na prática de estratégias contra a mecânica que racializa e atravessa as cotidianidades experienciadas tem raízes profundas ao longo da “busca em assumir o mundo e proporcionar a si o seu próprio fundamento” (Mbembe, 2018, p. 42). Um horizonte, desse modo, iluminado pela “participação plena e integral na história empírica da liberdade” (Idem).

Como (Mbembe, 2018) refletiu, a respeito do “desejo consciente de vida e força pujante” em um “ato de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente” (p.21),

o movimento contra hegemônico que pretende desarticular a engenharia do que estamos chamando de mecânica racializante, acrescentamos, são atos que estão “implicados na vida cultural e política” presentes ativamente “na globalização intelectual do seu tempo” (Idem, p.42). Desejo e força marcados pela

(...) luta dos povos submetidos à colonização e à segregação que tentam se libertar das hierarquias raciais e cuja intelligentsia desenvolve formações da consciência coletiva que, ao mesmo tempo que abram a epistemologia da luta de classes propriamente dita, também combatem as dimensões ontológicas decorrentes da fabricação dos sujeitos raciais (Idem, p. 43).

Nomes como José do Patrocínio, Luiz Gama e Cruz, Maria do Rosário Alvarenga, Lé-lia Gonzalez, Fernando Goés, Alberto Guerreiro Ramos, Beatriz Nascimento, Clóvis Moura, para dizer alguns nomes das frentes reivindicatórias dos Movimentos Negros, compuseram aquilo que Messias (2020) chamou de um “espaço limítrofe entre a sobrevivência, a criação do novo e reinstauração do comum, que são estratégias possíveis para criar insurgências contra-hegemônicas” (Idem, p. 3). Foram essas gambiarras (Messias; Mussa, 2020) que se traduziram em lutas por autonomia em meio à precariedade sistêmica; “soluções muitas vezes precárias também, mas funcionais, que numa abordagem decolonial são tomadas por seu potencial de mobilizar uma nova relação entre sujeitos para além da pura sobrevivência” (Idem).

## 2.2 Estrutura, dispositivo, forma e afeto social

4

A raça opera enquanto afeto, simbolismos, desejos, poder e outras abstrações e, por vezes, senão sempre, pela via de um tipo de dimensão da ignorância (Sodré, 2018). Entretanto, nas dinâmicas raciais manifestas no mundo, para efetivamente enclausurar o corpo, devem se converter em imagem, forma, superfície e figura (Mbembe, 2018). A clausura do corpo se dá, nesse sentido, na conversão da abstração em matéria. Embora não haja essência, a fixação da raça (abstração) “(...) opera uma hermenêutica do corpo – e sem o corpo, o racismo é inconcebível” (Mbembe, 2018).

O elemento primário que institui e reconhece o outro como o excedente, sob os processos de racialização, mostra-se como uma abstração a que se deu o nome de raça. Esse elemento, que para nós é um tipo de fantasmagoria em que se estabelece e se afirma como uma forma de poder, pode ser compreendido naquilo que seria a sua essência, isto é, o corpo. Mas a raça está para além da matéria em que se fixa e adentra as operações imaginárias produzidas e as aparências que designa, produzindo modos de vida nas sociabilidades.

<sup>4</sup> *Even today, coloniality organizes, as rationale, the dynamics of many aspects in the extractive relationship between societies in the global South and the global North. Coloniality is not buried in the past, it is in motion, renewing itself, in full swing, reproduced in the ways culture, knowledge and material resources are organized, valued, and shared.*

Essa ideia de raça que preserva em si uma autonomia sem vínculo exatamente com o real é o que postula a existência objetificada de uma política da diferença ou tipologia de classificação racial que é, essencialmente, a substância do projeto eurocêntrico de hierarquização universal do mundo a partir da cor da pele (Oliveira, 2021).

No âmbito institucional, o elemento central da dinâmica de racialização é o exercício do poder para se colocar na agenda social a imposição dos interesses políticos e econômicos de grupos historicamente privilegiados. A racialização institucionalizada se resume como uma forma de dominação. Sua característica principal nada mais é que o efeito do funcionamento das instituições que são orientadas a partir das fantasmagorias e delírios produzidos por esse fenômeno a que se deu o nome de raça. Percebe-se aqui, vale lembrar, uma diferença na perspectiva individualista sobre a produção e afirmação da raça no *ethos* social. Isto é, de um fenômeno ético e psicopatológico, de caráter individual ou coletivo, exercido sob traços de irracionalidade baseada no puro preconceito e ignorância, temos a concepção de modos de vida que orientam, normalizam e coordenam comportamentos para garantir um grau de estabilidade aos sistemas sociais.

Se na ideia sobre racismo individual identificamos um conjunto de atos discriminatórios, colocados em prática de maneira isolada por pessoas ou grupos, na perspectiva institucionalista, por sua vez, percebemos um processo sistêmico que, para alguns, seria em certa medida coordenado. Pelo prisma institucional, a dinâmica racializante, que é um tipo de conflito social, é absorvido pelas instituições que funcionam como poderes normativos a fim de elaborar, estabelecer e padronizar modos de sociabilidades que orientarão as ações de cada pessoa, grupo, organização.

É nesse processo sistêmico mais ou menos organizado que se pode observar aquilo que Bento (2022) vai denominar como a construção de uma história em que a presença e a contribuição de *peessoas racializadas* são regularmente invisibilizadas. Para Bento (2022), esse sistema de perpetuação que atravessa gerações nada mais é que um tipo de pacto não verbalizado daqueles que já se encontram em um lugar hegemônico. Tem-se com o pacto o objetivo de preservar privilégios geracionais. O pacto da branquitude, segundo a autora, “[. . .] possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal” (p. 18). O sentimento ora de aversão, ameaça, medo ou aceitação – desde que não se inverta a lógica de lugar racial –, respalda-se na representação imaginária que se criou, e que permanece se reatualizando, sobre o outro racializado. A perspectiva que Bento (2022) coloca no horizonte sobre o processo de racialização tem um forte diálogo com o posicionamento que este trabalho adota ao olhar para o fenômeno racial.

De maneira a racionalizar o pacto não verbalizado, empalavra-se como justificativa dessa dinâmica o mérito e esforço de quem se encontra nos espaços e lugares de prestígio dentro das estruturas. Isto é, “[. . .] se constatamos representações excessivas de pessoas brancas nos lugares mais qualificados é porque elas merecem isso, e a ausência de pessoas

negras e de outros grupos sociais deve-se ao fato de não estarem devidamente preparados.” (Bento, 2022, p. 18) . Vale perceber que nas estruturas os atos discriminatórios ganham um tipo de polimento discursivo, deslocando o problema para outro âmbito, de modo a reforçar a sua permanência no *ethos*. Em outras palavras, o sucesso de quem ocupa posições de prestígio se deve ao esforço e ao mérito e tem pouca ou nenhuma relação com a cor de pele da pessoa e como a racialização dinamiza as relações sociais.

Outro ponto a se perceber sobre a não verbalização de acordos e garantias de privilégios baseados na cor da pele é a contradição discursiva desse ato simbólico. Ao passo que ele não é assumido e não verbalizado é, ao mesmo tempo, convocado a produzir justificativas racionais e verbalizadas para se legitimar. Mais adiante, argumentaremos que as mudanças estruturais podem não ser suficientes para alterar as dinâmicas racializantes. Entendemos que a racialização brasileira não depende estritamente da capacidade das estruturas de absorver e reproduzir certos conflitos sociais.

As ações dos indivíduos são inscrições prévias estabelecidas no interior das estruturas sociais como Estado, escola, família, trabalho e em outras economias de vida. A escapabilidade dessa estrutura não seria possível porque é no seu interior que os indivíduos se tornam sujeitos (Almeida, 2018).

Vale reforçar, entretanto, que as inscrições de sociabilidades estabelecidas previamente pelas instituições que orientam a vida dos indivíduos não são exatamente marcas autênticas dessas estruturas. A estrutura faz parte do *ethos* social e carrega no seu interior os conflitos, as lutas e disputas por controle e poder. Os modos de sociabilização formalizados no interior das estruturas é o resultado da sua capacidade em absorver para si as divergências e os antagonismos que acontecem naturalmente no *ethos* do qual faz parte.

Os conflitos e antagonismos, desse modo, nunca são eliminados, mas são mantidos sob o “controle” normativo das instituições, estas também condicionadas às divergências sociais. O que possibilita a racialização pela estrutura social é a ausência de mecanismos institucionais que combatam uma série de correntes de violência que tem a raça como uma substância central. (Almeida, 2018)

Pode-se perceber também que o poder operado pela via da raça preserva uma certa adaptabilidade no exercício de dominação em função das demandas, dos interesses da hegemonia social e das resistências. Isto é, as concessões acontecem para que “(...) questões essenciais como o controle da economia e das decisões fundamentais da política permaneçam no grupo hegemônico.” (Almeida, 2018, p. 33).

É justamente a adaptabilidade da dinâmica racial e sua possibilidade de concessões que tornam as formas de poder processos perpétuos de controle. Desse modo, percebe-se que as formas como a dinâmica racial se manifesta são fundamentalmente matérias móveis, em contínuas e incessantes transações que se modificam, se deslocam e tornam o seu elemento primário astuciosamente movediço. A dinamização racial, desse modo, carrega consigo uma característica móvel, inconstante e sempre inacabada.

É verdade que as relações sociais atravessadas por ideias racializantes não estão mais apoiadas no que (Sodré, 2018) chama de “conceito biológico de raça”. Quer dizer, “(...) o argumento explicitamente racista não leva a lugar nenhum, exceto aos redutos anacrônicos da tara social (...)” (*Idem*, p. 11). O que fica indicado, nesse sentido, que a instrumentalização da racialização, enquanto elemento determinante de localização, reconfigura-se e redimensiona-se de maneira perene. Fato é que essas muitas movimentações não suprimem os processos de racialização e o que se constitui como resultado dessa complexa mecânica de contraste entre as cores da pele. Pelo contrário, à medida que a sofisticação ideológica racial é colocada sob prova, vedações e reparos são exercidos para que esse sistema de classificação humana responda de algum modo às disputas e resistências que estão à espreita a fim de apaziguá-las.

O que podemos considerar é que a fantasmagoria racial não se resume ao corpo e o extrapola porque seus elementos não são fixos, mas são parte de um encadeamento de coisas inacabadas (Mbembe, 2018). O caráter móvel, inconstante e caprichoso da raça, sobreviventes a pelo menos àqueles três momentos sobre os quais citamos anteriormente: a espoliação organizada, reivindicação do status de sujeito e a globalização dos mercados, fez desaguar no tempo das tecnologias digitais novas maneiras de racialização e, por efeito, novos modos de (des)afetos baseados na raça.

Ao olharmos para as redes sociais, bancos de imagens e indexadores na internet percebemos como os algoritmos operam para reforçar e constituir a subjetividade humana e a moldar um modo de consciência cognitiva (Carrera, 2020). Esse modo de operação do nosso tempo pode ser observado na esfera digital e se mostra fundamental para orientar e sustentar a hierarquização das raças dentro de uma dinâmica de racialização. A esfera digital funciona de maneira similar às estruturas do *ethos* ao absorverem os conflitos e as disputas, reproduzindo, por efeito, as dinâmicas de racialização.

Diferentemente das instituições e estruturas sociais, os ambientes digitais colocam no horizonte um posicionamento de neutralidade em relação à manutenção e permanência das dinâmicas raciais. Isto é, perde-se de vista com a agoritimização e automatização do *ethos* e *socius* o caráter subjetivo do trabalho humanos nas programações. Contudo, os demarcadores raciais e de gênero percebidos nas plataformas digitais não são mecanismos praticados de maneira espontânea, mas aspectos codificados e ensinado via razão humana.

A maneira como a hierarquização racial é reproduzida digitalmente demonstra que a produção dos códigos feito por indivíduos está impregnada com as desconsiderações objetivas a respeito das desigualdades e das dinâmicas raciais. A agoritimização e automatização da vida funcionam ao mesmo tempo para reforçar a hierarquização entre as supostas raças, mas também como ferramentas que geram deslocamentos da memória a fim de que sejam suprimidos os processos e dinâmicas de racialização que nos trouxeram até aqui.

O que se percebe dessas dinâmicas de racialização, portanto, são as novas maneiras de garantir manutenção da hierarquização ainda a partir da raça. Embora os processos

discriminatórios estejam bem estabelecidos em outras esferas da sociedade, é imprescindível para a dinâmica racial, para se manter como é, se capilarizar e se reatualizar conforme as dinâmicas de cada tempo.

O que está no cerne da nossa abordagem é que os processos de racialização não podem ser suprimidos porque foi preciso instrumentalizar categorias para que a figura do escravo<sup>5</sup> – que não estava relacionada à ideia de raça –, se tornasse cada vez mais racializada. O afeto que institui e situa pessoas por meio da cor pele é “um projeto de conhecimento e governança que se instaura a partir do desenvolvimento da própria modernidade”. (BARROS, 2019, p. 30)

O substantivo raça e o adjetivo negro são aparições sígnicas de “(...) controle e segregação de um delírio manipulatório” (Mbembe, 2018, p. 65) disseminadas por um conjunto de dispositivos disciplinares os quais têm suas origens nas colônias de povoamento do século XVII, como já vimos anteriormente. Categorias, negro e branco, que foram cuidadosamente construídas a partir do encontro do direito colonial e os novos regimes de extorsão e transformação do corpo em engrenagem da máquina capital de trabalho.

O desenvolvimento de um projeto que trabalha cuidadosamente os signos raciais colocam no horizonte na discussão a dimensão histórica do processo racializante. Isto é, o conflito racial não é um fenômeno espontâneo, mas desenvolvido concomitante à formação do próprio *ethos*, cuidadosamente entrelaçado ao tecido social ao passo que a organização dos indivíduos acontecia.

Outro ponto que está no horizonte desta discussão sobre a raça são os seus desdobramentos dentro da perspectiva estrutural como processo histórico e político, além dos seus quatro componentes elementares: ideologia, a própria política, o direito e a economia.

O racismo é um instrumento político porque orienta a organização da sociedade. É justamente o poder político a substância para se colocar em prática a discriminação sistemática de certos grupos sociais. Quer dizer, seria no âmbito da política que se normatizaria as práticas necessárias para incorporar no cotidiano as violências sistêmicas que o racismo engendra.

O Estado com o monopólio da força e como o lugar onde estão centralizadas as relações políticas é o que aparentemente possibilita e promove a ação da Polícia Militar, por exemplo. A desproporcionalidade e violência das abordagens policiais contra pessoas negras é uma das evidências de como as instituições incorporam em suas estruturas os conflitos sociais e reforçam e reproduzem a racialização. São as decisões políticas no

<sup>5</sup> Autores como Mbembe (2018), Sodré (2018) e Haidden (2019) destacam o caráter móvel dos processos de escravidão e reconhecem que, até certo momento na aurora da coloniza o das Américas, havia um tipo de frui o e similaridade na mão de obra cativa entre africanos e europeus “supérfluos” nas novas Metr poles. No entanto, Yna  Lopes do Santos em seu livro “Racismo brasileiro: uma história da forma o do país”, ressalta que embora a escravidão tenha sido “uma história complexa e dinâmica, abarcando de formas distintas diferentes grupos humanos [...] Não resta dúvida que os escravizados eram sempre os não brancos” (*Idem*, p. 40).

âmbito da saúde que possibilitam, também, os inúmeros casos de violência obstétrica contra mulheres negras, ou o hiper encarceramento em massa de jovens e homens negros que superlotam os presídios brasileiros.

Mas não é só do monopólio da força que se sustenta a orientação da vida social a partir das estruturas públicas. É necessário outro campo, o ideológico, para se manter o que (Almeida, 2018) chama de coesão social. Inclusive, vale resgatar, que as reconfigurações da racialização podem ser percebidas justamente nesse âmbito em que as formas de legitimação da política da diferença racial precisam de modificar porque são sempre questionadas. O aspecto dinâmico que altera e encobre as formas de racialização, para se ter no horizonte a ideia de atenuação das rupturas raciais no *ethos*, se dão, nesse sentido, no campo ideológico e no imaginário sociocultural.

O Estado, escolas, universidades, meios de comunicação e a cultura são elementos institucionais e fundamentais para reforçar a narrativa de unidade social. O nosso objeto de pesquisa é parte dessa dinâmica que, para nós, se comporta de maneira similar à dinâmica de um sistema bem conhecido, o capitalismo. Assim como este último, os processos de racialização comportam no seu horizonte uma ideia sobre diversidade. Entretanto, a sua lógica está profundamente enraizada nas hierarquias e nos lugares que cada pessoa ou grupo ocupam socialmente. Como nos lembra (Oliveira, 2021) a ideia de diversidade nesses sistemas endossa e reforçam, ao mesmo tempo, um mecanismo de integração excludente.

O racismo é histórico porque acontece segundo as especificidades de cada lugar em que se manifesta, além de acompanhar as transformações sociais. Falamos anteriormente do caráter móvel do fenômeno e das suas possibilidades e maneiras de se reatualizar. Desse modo, podemos entender que a dinâmica racial acontece de maneira inerente às especificidades da forma social de cada meio ou espaço. Ou seja, são as circunstâncias históricas que vão determinar os processos de racialização e suas formas de materialização. Tais circunstâncias históricas não são espontâneas ou produções do acaso que derivam dos sistemas econômico-políticos. Pelo contrário, fazem parte de um projeto político com papel substancial na definição das hierarquias sociais e na legitimação da política da diferença para se produzir desigualdades e violências a quem é colocado à margem do que foi posto como universal.

Embora estejamos partindo, neste trabalho, de um acontecimento importado dos Estados Unidos para observar o discurso atravessado pela raça em um programa jornalístico brasileiro, é interessante notar algumas particularidades do processo de racialização no Brasil.

Percebe-se que apesar dos traços físicos que podem ser classificados e utilizados maneiras de identificação de quem é ou não negro<sup>6</sup>, o processo de racialização brasileiro

<sup>6</sup> Embora alguns sistemas classificatórios e o senso comum ainda utilizem os traços físicos para identificar uma suposta ideia de raça, não acreditamos que exista uma característica física comum que aproxime todas as pessoas consideradas negras, pardas ou pretas. Essa perspectiva, como já citamos ao longo deste capítulo, é reducionista e tem afinidade com os sistemas classificatórios biológicos que foram

também tem forte vínculo com o pertencimento de classe e na possibilidade de consumo. Quer dizer, esses dois últimos aspectos, classe e consumo, podem funcionar como um tipo de ‘autorização’ para que esse corpo racializado em questão se aproxime de um tipo de *habitus* relacionado à branquitude. Isto é, coloca-se nesse horizonte um tipo de passibilidade branca e transitória que sobrepuja de certa maneira as hierarquias raciais.

Ao se fazer uma rápida comparação com a dinâmica estadunidense, percebem-se distinções. A mais notável delas, evidentemente, a segregação que se constituiu como um tipo de ideologia nacional mesmo com a vitória do Norte na Guerra Civil norte-americana. A ideologia que permaneceu foi a que se afirmava branca e superior, neste caso, a ideologia do Sul. Não à toa a proposição “segregados, porém iguais”<sup>7</sup> (Sodré, 2018; Almeida, 2018) era um imperativo que não contrariava a Constituição e que permitiu mais tarde o separatismo legitimado pela Lei Jim Crow, que vigorou até meados dos anos de 1960.

No país abertamente antinegro – autoproclamado com um tipo de etnia original, civiliza e hereditária –, não houve o afrouxamento das hierarquias raciais pela via do pertencimento de classe e da possibilidade de consumo. É imprescindível resgatar parte dos flagrantes de violência que foram perversamente orquestrados por um modelo de *socius* onde o seu *habitus*, como bem fundamenta So, foi e tem sido regido por “(. . .) princípios e valores da etnia fundadora – que é anglo-saxônica, branca e cristã.” (*Idem*, p. 18), haja vista o massacre da população de pessoas racializadas ocorrido em 1921, em Tulsa, Oklahoma.

Os “herdeiros”, filhos e filhas das conquistas armadas que neutralizaram primeiro os povos originários e, posteriormente, organizou o *socius* de maneira que a liberdade e a democracia não fossem partilhadas àqueles considerados uma falha ameaçadora à uniformidade étnica originária, dizimaram o próspero bairro conhecido como a Wall Street negra com o auxílio de um arsenal de guerra que destruiu 34 quarteirões, matando mulheres e crianças. (Sodré, 2023)

Por outro lado, a exclusão das pessoas racializadas no Brasil aconteceu de uma maneira mais velada e não assumida. A título de exemplo, podemos resgatar o processo de formação da Assembleia Constituinte no início da abertura democrática brasileira. Ao passo que importantes progressos foram feitos no que dizia respeito à formação de um Estado para o bem-estar social pós-ditadura, houve também a chancela da lógica racista e sexista no *ethos* e *socius* brasileiro.

As questões raciais foram relegadas à Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias naquele momento de formação de uma nova república. O problema era, em primeira e última instância, um problema dos outros e dos não brancos. Para (Santos, ) ainda que parte dos direitos sociais fossem reconhecidos e garantidos pela nova Constituição de 1988, a lógica estrutural do racismo continuaria sendo o elemento

elaborados e que moldaram os contornos da biopolítica colonialista.

<sup>7</sup> A frase foi o mote central da doutrina jurídico-constitucional dos Estados Unidos utilizada para justificar o racismo institucionalizado entre os séculos XIX e XX.

determinante para a formação da sociedade brasileira.

Embora não tenham existido leis segregacionistas no Brasil ao longo do complexo aparato de racialização brasileiro, é notável o tipo de ordem vigente que sempre se estabeleceu e se resignificou para reger uma sociedade constituída pelas questões de raça, gênero e classe, fenômenos que empreendiam um tipo de naturalização da violência brutal empregada sobre a população considerada como o Outro. A pergunta que fica é como esse processo de racialização se estrutura de tal modo que o *ethos* e *socius* sejam organizados, e reatualizados, a partir da cor da pele.

A ideologia é indispensável para manter o processo de racialização brasileiro como é. O racismo não só racializa os corpos de tal modo que institui profundas desigualdades e legitimações diversas para a violência, mas postula igualmente a constituição de subjetividades. Isto é, o fenômeno se mostra como uma substância multifacetada e sofisticadamente empenhado a formar consciências e afetos ligados às práticas sociais.

Uma visão falseada e ilusória capaz de criar uma dimensão social em que não seja possível constituir sujeitos que se abalem profundamente diante da violência é essencial para se constituir e moldar o inconsciente. Nesse sentido, a racialização, especialmente no Brasil ao que parece, está inserida em modos inconscientes de sociabilidade. Embora as ações dos indivíduos e das instituições sejam ações conscientes, garantidas e justificadas por um tipo de pacto não verbalizado (Bento, 2022) o *socius* brasileiro está profundamente atravessado por formações afetivas baseadas em “padrões de clivagem racial inseridas no imaginário e em práticas sociais cotidianas.” (Almeida, 2018, p. 20)

O que fica perceptível nessa lógica é que o racismo, enquanto um fenômeno que desenvolve historicamente materializando-se pela via política, e que respinga na economia, no jurídico e em outras instituições da sociedade, não depende exclusivamente das ações conscientes de parte da estrutura em que é absorvido. É verdade que o complexo aparato social – composto por instituições estruturantes –, ajuda a reforçar e a manter aquilo que (Fanon, 2008) chamou de “zona do não ser”. Um lugar “extraordinariamente estéril e árido” (Fanon, 2008, p. 26) que se mantém reatualizado por aquilo que (Sodré, 2023) classifica como sistemas de inscrição: o saber que descreve, o poder que prescreve e as massas que transcrevem (ciência, leis e estruturas, o comum e os rumores). Desse modo é possível determinar lugares de desígnio e permanência nas geografias hierárquicas a partir da raça.

Fica evidente o caráter multifacetado da dinâmica racial e a sua maneira de materialização no *ethos* a fim de moldar cognitivamente o *socius*. Sabemos que o processo de racialização, mesmo considerando as distinções de cada tempo e lugar, é cumprir e garantir a condição que se pretende inalterável do progresso e da permanência do pacto não verbalizado daqueles que acreditam serem brancos. Ainda que para isso seja necessário a pilhagem e a violência contra determinadas pessoas.

Aqui adentramos o que acreditamos ser a especificidade do processo de racialização brasileiro cuja presença, assim desconfiamos, pode ser percebida também no discurso jor-

nalístico. Suspeitamos que podemos reconhecer em nosso objeto um discurso progressista que repudia o racismo. Isto é, a renúncia de práticas discriminatórias abertamente racial.

Em contrapartida, entendemos que haja um elemento quase invisível e inaudível no mesmo discurso aparentemente antirracista que cumpre uma ambiguidade. Enquanto se afirma o repúdio à prática racista, preservam-se certas designações raciais constituídas pelo processo de racialização. Isto é, não se admite a discriminação racial, mas também não se admite que o Outro deixe de desocupar o lugar de desígnio que lhe foi posto. Embora reconhecido, não é permitido ao que está sob a égide da diferença racial desocupar a “zona do não ser” (Fanon, 2008, p. 26). Na prática, valendo-se das palavras de Sodré,   “(...) algo como se o sujeito de pele clara dissesse: esse outro está entre nós, mas não   um de nós (...)” (Sodré, 2023, p. 18)

Nesse sentido, a ideia de não ser racista pode coexistir harmoniosamente com a preserva o de certos desígnios raciais, enquanto se utiliza da justificativa que o reconhecimento da negritude do Outro   necessário. Essa peculiaridade do processo de racializa o brasileiro encontra compreensão naquilo que Sodré (2018) refletiu sobre a ambiguidade das rela o es sociais brasileiras atravessadas pela ideia de raça e   justamente nessa perspectiva que ancoramos parte das suspeitas, justificativas e considera o es do nosso trabalho.

### 2.3 Observa o de campo

Logo após o frenesi do carnaval, tive um encontro em um bar perto de casa. Alejandro (se l e o nome trocando o som do j pelo som do r, uma vez que o rapaz   espanhol) estava no Brasil a passeio e tinha experimentado o carnaval de Belo Horizonte pela primeira vez. Conversamos sobre algumas curiosidades sobre o Brasil e sobre a Espanha. A mais interessante das curiosidades naquele momento, vale lembrar, era a bebida criada por estudantes mineiros de engenharia que se tornou umas das mais consumidas, sobretudo durante o carnaval da capital mineira.

Falamos também sobre pesquisas. Alejandro,   época com 28 anos, estava terminando o doutorado em astrofísica e já lecionava algumas disciplinas. Conte  para ele um pouco sobre o que eu estava tentando entender em minha tese de doutorado. O rapaz deu um gole em sua bebida, inclinou-se sobre a mesa que estávamos mostrando-se visivelmente interessado. “O que   o racismo brasileiro para você?” me questionou.

Tente  elaborar uma resposta concisa e simples. Primeiro porque nem ele, tampouco eu, falava bem a língua um do outro. Segundo, porque eu não queria transformar aquele encontro descontraído e despretenso em um debate teórico. Terceiro, por fim, eu queria distância de conversas que tocassem em qualquer aspecto que me lembrasse raça. Acredito que fracassei absurdamente. O assunto durou, se eu não estiver enganado, quatro ou cinco

copos de Xequê-Mate.

Antes de conseguir responder à pergunta que me foi feita, Alejandro completou dizendo que ao longo dos dias que esteve no Brasil percebeu que as pessoas em situações de rua, os garçons, os vendedores ambulantes do carnaval, a faxineira que havia limpado o lugar onde estava ficando, e que os limpadores de rua (os garis) eram quase, em sua grande maioria, mulheres e homens negros. Acenei com a cabeça e respondi ser uma boa constatação, especialmente por ser feita por alguém de fora do país. Alejandro então afirmou que, para ele, essa condição era resultado do que se entende por racismo estrutural. Mordi o lábio inferior, arqueei as sobrancelhas, e reelaborei a resposta concisa e simples que eu pretendia dar.

Achei apropriado dizer a Alejandro, num tom jocoso, que a pergunta “o que é racismo?” me trazia à cabeça o que Santo Agostinho disse ao pensar o tempo: “Se ninguém me perguntar, eu sei, se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”<sup>8</sup>.

Dada a devida descontração ao assunto, resumi de antemão a resposta parafraseando (Sodré, 2018), dizendo que o racismo brasileiro está profundamente envolvido com uma sensação de mal-estar civilizatório. Para se manter permanente nas relações sociais brasileiras, implica-se em um tipo de afeto – talvez contraditório –, nem sempre assumido que poderíamos chamar de saudade. A sua manifestação, ao contrário daquilo que Alejandro havia sugerido, seria orientado, portanto, por algo mais abstrato e menos empalavrado, isto é, a vontade.

É verdade, podemos resgatar em (Sodré, 2023) que o racismo no modelo de sociedade escravista era uma tecnologia de poder explicitamente declarada e perceptível sobretudo ao se olhar para o corpo espoliado. O resultado pré-estabelecido de sua fórmula era o de institucionalizar pela via dos fatos normativos – leis e normas –, uma espécie de tríplice excludente interdependente que se resumia em: estigmatizar para discriminar e por fim segregar (Sodré, 2023).

Segundo o autor, o modelo societário em que a raça era um dispositivo de poder declaradamente racista não havia necessariamente a urgência dependente ideológica dos discursos ou doutrinas. Esse fato se justifica ao constatar que a racialização naquele contexto se sustentava pelo próprio arcabouço colonial que funcionava para controlar política e economicamente os territórios colonizados. Para isso, era preciso criar hierarquias sociais como justificativa do tratado de expansão e de domínio (Sodré, 2023). Embora tenha havido o que podemos chamar de transição pós-abolicionista, contexto em que surgiu a substituição do modelo sócio-colônia para o modelo sócio-indústria, não houve a extinção dos pilares racialmente orientados do arcabouço colonial: cultura, símbolos e signos (Sodré, 2023).

Evidentemente, houve uma mudança de lógica no *socius* que fez surgir então novas regras para o processo de racialização em substituição ao arcabouço do período colônia que

<sup>8</sup> Confissões de santo Agostinho. Disponível em <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/confissoes-de-santo-agostinho-1.615755> - Acessado e 26/02/2024.

visava declaradamente estigmatizar, discriminar e segregar. Uma substituição de modelo, regras e vontades que aconteciam, e permanecem acontecendo, dentro de uma cadeia de continuidades. As novas regras para o processo de racialização não romperam os vínculos, e nem pretendem, com o afeto, com o sentimento e vontade – “(. . .) força interna de uma forma coletiva.” (Sodré, 2023, p. 43) –, signatários ainda do imaginário colônia-escravista.

A perspectiva que tentei explicar para Alejandro, que também adotamos para este trabalho, é de que ideia de estrutura não explicita as nuances particulares do racismo brasileiro. A estrutura, como bem pontua (Oliveira, 2021), é o que (. . .) “torna possível a manifestação individual/comportamental e institucional do racismo” (p.61). Mas dela (da estrutura) não depende necessariamente. A ideia estrutural é tomada mais como uma maneira de enfrentamento do racismo e menos como um elemento definidor do fenômeno.

Certamente, na concepção que trouxemos anteriormente sustentada em Almeida (2018) – com a qual (Sodré, 2023) concorda –, prevalece a indiscutível consideração de que na dinâmica de racialização brasileira não se sustenta a ideia de patologia individual ou coletiva, tampouco algum tipo de desarranjo ou transfiguração jurídico-política. Vale resgatar, a essa altura, o que podemos considerar por estrutura.

(. . .) Estado e economia articulam-se por deliberação racional para organizar a dimensão extrínseca do poder, ou seja, o *mandar fazer* alguma coisa. Aquilo a que normalmente damos o nome de “estrutura social” ou “sistema social” é a organização de relações econômicas, políticas e intersubjetivas em termos societários, portanto, uma mediação simbólica estável, com princípios coerentes: as posições de deveres e direitos ocupadas pelos indivíduos no interior da sociedade inter-relacionam-se de forma cristalizadas na legislação e nas convenções políticas. (Sodré, 2023, p. 38)

A título de exemplo, podemos resgatar a forma cristalizada das posições, deveres e direitos absorvidos pelos indivíduos, com a transfiguração jurídico-política encabeçada pelo *apartheid* sul-africano e a segregação racial norte-americana normatizada pela Lei Jim Crow. O que Alejandro constatou em sua breve passagem pelo Brasil, nesse sentido, não seria a manifestação *per se* dos reflexos ou consequências de uma estrutura, mas o *efeito* ou a *forma* (Sodré, 2023) de algum tipo de elemento constituinte de um determinado fenômeno em sua totalidade que poderia, sim, se revelar (e se revela) estruturante.

Ora, as pessoas em situações de rua, os garçons, os ambulantes do carnaval, a faxineira que limpa, e os garis são, em sua grande maioria, mulheres e homens negros porque as instituições-sociedade são racistas. Constatação que é lógica e que se sustenta uma vez que as instituições e a sociedade se envolvem num movimento cíclico em que conflitos, antagonismos e disputas são absorvidos por um e refletidos no outro sem gerar necessariamente marcas autênticas tanto nas estruturas como na sociedade. O efeito da racialização, portanto, manifesta-se também justamente nas frestas dessa correlação em que há a ausência de mecanismos institucionais que rompam com os vínculos racializantes que permanecem constituintes do *ethos* e que não estão verbalizados, ditos, mas ainda assim actualizados. Todavia, a ideia de estrutura revela o sentido lógico dessa dinâmica. Se

instituições e sociedade se envolvem em um ciclo interrupto e permanente, evidentemente um ator carregará as marcas do outro nessa correlação.

No caso da racialização brasileira, parece que há uma demanda por um tipo de explicação mais profunda e que não perpassa a compreensão de que o fenômeno seja considerado como uma “(..) derivação automática dos sistemas econômicos e políticos” (Sodré, 2023, p. 41). A racialização está no sistema econômico e político brasileiro, mas deles não se origina. Nesse sentido, é admissível dizer que os sistemas políticos e econômicos brasileiros são sustentados por um fenômeno de base que é a raiz de toda socialização brasileira e de tudo que nela existe.

A ideia de estrutura racial, embora assertiva e necessária para explicar o fenômeno racial, não nos parece suficiente para compreender as singularidades das relações brasileiras atravessadas pela racialização. Se aceitarmos a perspectiva que tomamos emprestada de (Sodré, 2023) sobre estrutura – isto é, grosso modo, “mandar fazer alguma coisa” (Idem, p.38) –, então estaríamos tentando compreender um tipo de sociabilidade outorgada por leis e normas, derivados de um modelo sócio-colônia, ainda presente na contemporaneidade. Isso não se sustenta. Em outras palavras, estaríamos olhando para um só tipo de manifestação do fenômeno pertencente a um determinado momento no pretérito dessa narrativa de mais de 300 anos – no caso do Brasil – que começa com a política colonial de domínio, espoliação e morte.

A compreensão do fenômeno racial sustentada pela ideia de estrutura (deliberação racional para organizar), portanto, negaria um aspecto substancialmente importante sobre a racialização – o seu caráter multifacetado e a sua forma sempre inacabada. A estrutura explica o óbvio, a lógica, mas não alcança o sentimento, o afeto, a vontade, as formas sociais do fenômeno. A permanência da racialização brasileira, embora sob novas regras e modos de materialização, ainda que sistemática, não é orientada por um tipo de “(..) legitimidade outorgada (..)”, oriunda de um “(..) sistema ou estrutura de discriminação” orientados pela fantasmagórica ideia de raças (Sodré, 2023, p. 42).

O que podemos considerar é a manifestação de elementos discriminatórios interdependentes, parte de um *processo*. Observados em sua confluência interativa se revela um tipo de fenômeno chamado por (Sodré, 2023) de forma social escravista. O que nos leva a considerar que parte dessas novas regras de racialização pós-abolição não estão submetidas, como já consideramos: primeiro, a leis e normas, portanto a estruturas e sistemas, embora atravessem esses modos de organização social; segundo, não podem ser identificados, ou legitimados, em suas manifestações individuais, mas em suas confluências interativas. O sentido de individual empregado aqui não tem relação com o indivíduo, mas com a manifestação pontual do fenômeno nas relações sociais. Terceiro ponto: o fenômeno pode ser identificável em relação ao processo de racialização em que se percebem elementos discriminatórios e que se manifestam para reproduzir a lógica de subalternidade daqueles que são designados como pessoas pretas ou descendentes dos

povos escravizados.

Essa perspectiva com que estamos dialogando não só coloca em evidência as ferramentas de racialização características do modelo sócio-colônia, mas posiciona no horizonte, também, a preservação da ideia de raça apesar da ruptura e da substituição do arcabouço colonial. Como constatação mais importante, a nosso ver, expõe elementos discriminatórios que permanecem – parte de um processo que já conhecemos bem –, mas que não poderiam ser identificáveis uma vez que eles não se submetem, ou não se manifestam, explicitamente como fenômenos discriminatórios e diretos de estruturas-sistemas econômicos, políticos e jurídicos. Não são identificáveis porque a compreensão sobre o fenômeno racial pós-abolicionista tem sido feita em relação a um modelo de sociedade formalmente escravocrata.

Essa mudança de ângulo ao se olhar para o processo de racialização brasileiro pode, inclusive, mudar as narrativas que ainda ressoam socialmente. Ainda é comum ouvirmos que o racismo se resume à sua materialização clássica. Diante dessa falsa constatação, o racismo não poderia existir na sociedade contemporânea uma vez que a escravidão e a figura do escravizado não existem mais. Por outro lado, quando o fenômeno racial é reconhecido sócio-culturalmente, aceita-se a ideia de que a sua manifestação é um fato episódico e relacional à discriminação direta ao tom de cor, da textura do cabelo e traços fenotípicos.

Embora seja uma experiência pessoal, vale compartilhar que não é incomum andar pela cidade de Belo Horizonte, especialmente nas regiões mais ricas da cidade, e constatar que ser o único homem negro caminhando pela calçada, em um dia e hora qualquer da semana, atrai os revirados olhares locais que são, evidentemente, de homens e mulheres brancos em sua maioria. O ápice da tolice branca está, como já comentamos ao dialogar com (Bento, 2022), no que não se verbaliza. Ao cruzar o caminho com um casal branco na calçada sou eu quem deve se desviar e se posicionar à borda da passagem. Numa primeira experiência desse tipo, pode-se concluir de que se tratou apenas de uma demanda social por gentileza. Mas o fenômeno racial é sistemático e inescapável. Tentamos assimilar a razão do episódio à idade ou ao gênero. Isto é, a demanda de gentileza social preconiza que é educado dar passagem aos mais velhos, ou às mulheres. Mas logo percebe-se de que não se trata de uma simples gentileza, mas de um marcador silencioso profundamente relacionado à cor de pele. A simples experiência de andar na calçada se torna um lembrete amargo sobre o lugar que as pessoas racializadas estão posicionadas simbolicamente na sociedade, em outras palavras, à margem.

Vale resgatar brevemente casos como o do advogado Flávio César Damasco<sup>9</sup>, de 60 anos, impedido de usar o elevador do prédio do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª

<sup>9</sup> Segundo reportagem do portal de notícias Estadão, Catraca Livre e Fórum Notícias. Disponível em <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,oab-faz-ato-por-advogado-almagado,70001826257>> <<https://catracalivre.com.br/cidadania/advogado-negro-e-barrado-em-tribunal-e-hostilizado-por-seguranca/>>

Região, em São Paulo, em 2016. Segundo o profissional, os seguranças duvidaram da sua formação acadêmico-intelectual e profissional e disseram, ainda, que o elevador seria de uso restrito aos juízes e integrantes do Ministério Público. Em sequência, o advogado, então, foi arrastado, de mãos algemadas, para fora das dependências públicas por um vigia e outros agentes do TRT. O tribunal, ao tentar justificar o caso à época, alegou que os seguranças agiram dentro das normas, e que o único responsável pelo ocorrido seria, portanto, o próprio advogado. O presidente da OAB da capital paulista questionou a admissão de privilégios existentes dentro dos espaços públicos reservados ao uso exclusivo de alguns em prejuízo de outros.

Um caso semelhante aconteceu com a advogada Valéria Santos<sup>10</sup>, no dia 10 de setembro de 2018, no prédio do 3º Juizado Especial Criminal, em Duque de Caxias. Valéria, que estava no exercício de sua função, foi hostilizada e algemada por se recusar a deixar a audiência em que participava como representante legal de um cliente. O fato aconteceu após a juíza Ethel Tavares de Vasconcelos negar à defensora a contestação do caso que representava. À época, a então juíza leiga, atuante em juizados especiais de conciliação, negou a versão dos fatos apresentados por Valéria Santos. Luciano Bandeira, presidente da Comissão de Prerrogativas da OAB, denunciou que o ocorrido se tratava de um ato que sinalizava a crescente criminalização da classe de advogados.

Crispim Terral empresário de 34 anos, foi agredido por policiais militares, no dia 14 de fevereiro de 2019, acionados pelo gerente de uma agência da Caixa Econômica Federal, em Salvador. A vítima, antes do ocorrido, tentava atendimento para sanar dúvidas referente a sua conta. Com a negativa recebida por um dos gerentes, procurou a gerência geral do banco, que também negou a solicitação feita. A prisão de Crispim Terral se deu, segundo depoimento do próprio empresário, após o gerente exigir dos policiais que ele fosse algemado. Alguns dias após o acontecimento, a Caixa Econômica Federal afastou o funcionário envolvido de suas funções, embora tenha negado qualquer atitude discriminatória por parte dos seus colaboradores.

No dia 14 de fevereiro, em 2019, Pedro Henrique Gonzaga foi imobilizado e sufocado até a morte após um dos seguranças do supermercado EXTRA, localizado na Barra da Tijuca, prensar com o peso do seu corpo o rapaz contra o chão. À polícia, Davi Ricardo justificou a atitude dizendo que imaginou que Pedro simulava um desmaio, e que sua atitude se deu em decorrência da tentativa do rapaz de lhe tomar a arma. O supermercado Extra notificou à imprensa dizendo que, independentemente da conclusão das investigações, nada poderia justificar a perda de uma vida.

Em 2020, no dia 19 de novembro, João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, foi imobilizado, agredido e sufocado até a morte por um fiscal e dois seguranças de um super-

<sup>10</sup> Conforme reportagem do portal ÉPOCA, disponível em <<https://epoca.globo.com/valeria-dos-santosadvogada-que-foi-presa-durante-uma-audiencia- apenas-por-querer-exercer-sua-atividade-23065299>>. Acessado em 09/02/2023.

mercado do Grupo Carrefour, em Porto Alegre, após se desentender com uma operadora de caixa que o atendia. Ao todo, seis pessoas foram a júri pelo assassinato da vítima. No inquérito policial, concluído no dia 11 de dezembro de 2020, a delega responsável pelo caso, Roberta Bertolo, disse que “o racismo estrutural que são aquelas concepções arraigadas na sociedade foram, sim, fundamentais, no determinar da conduta dessas pessoas naquele caso”.

Genivaldo de Jesus Santos, de 38 anos, também foi morto após ter sido preso no porta-malas de uma viatura da Polícia Rodoviária Federal e inalado gás lacrimogênio que os agentes haviam soltado dentro do compartimento do veículo. Em um vídeo que circulou a internet, é mostrado um dos agentes colocando as pernas sobre o pescoço do cidadão. Além de algemá-lo, os agentes também amarram os pés da vítima para imobilizá-la. Em nota, a PRF disse que as técnicas de imobilização e os instrumentos de menor potencial ofensivo foram utilizados em decorrência da resistência e agressividade Genivaldo de Jesus Santos. O laudo médico apontou morte por insuficiência respiratória contrariando a versão dos agentes de que a vítima havia tido um mal súbito. A experiência aconteceu no dia 25 de maio de 2022, no município de Umbaúba, no sul do estado de Sergipe.

Entre fevereiro de 2019 e maio de 2020<sup>11</sup>, oito crianças foram assassinadas no estado do Rio de Janeiro, vítimas de operações policiais em comunidades carentes; Jenifer Gomes, 11 anos, Kauan Peixoto, 12 anos, Kauã Rozário, 11 anos, Marcos Vinícius, 14 anos, Kauê dos Santos, 12 anos, Ágatha Félix, 8 anos, Ketellen Gomes, 5 anos, João Pedro, 14 anos.

São inúmeras as experiências envolvendo pessoas racializadas. As que trouxemos como maneira de exemplificar os nossos argumentos, inclusive aquelas de caráter individual, fazem parte de um recorte diante do tamanho e das variadas formas de racialização e extermínio do espírito e do corpo colocadas em práticas sistematicamente diariamente no país.

<sup>11</sup> Disponível em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/12/07/conheca-as-historias-das-criancas-mortas-baleadas-no-rio-em-2020.ghtml> > Acessado em 18/13/2023

### 3 CONTEXTO DA ANÁLISE SITUADO

No dia 25 de maio de 2020, a polícia local de Minneapolis recebeu um chamado. Na ocorrência, foi relatado que um homem tentava usar cartões falsos em uma loja de conveniência. Ao chegarem no local, os quatro policiais<sup>12</sup>: Derek Chauvin, Thomas Lane, J. Kueng e Tou Thao, localizaram o suspeito. Segundo a versão da polícia, o indivíduo havia tentado resistir à abordagem, embora tivesse sido imobilizado e algemado. O suspeito, um homem negro de 46 anos à época, era George Perry Floyd Jr.

No vídeo com cerca de 10 minutos que circulou a internet e o mundo, filmado por uma adolescente, é mostrado George Floyd deitado contra o chão com um dos joelhos do policial Derek Chauvin sobre o seu pescoço. Em certo momento da filmagem, George Floyd diz ao policial: “Não me mate”. As testemunhas ao redor, inclusive a que fez a filmagem, pedem que o policial retire o joelho do pescoço do homem, visto que ele já estava imobilizado e não se mexia. É possível escutar outro alerta ao policial em que é dito que o nariz da vítima estava sangrando. A vítima tenta dizer também, repetidas vezes, “Eu não consigo respirar” antes de ser asfixiada. Alguns noticiários relataram que George Floyd ficou com o seu pescoço prensado contra o asfalto pelo joelho do policial Chauvin por cerca de nove minutos.

A primeira edição em que a experiência de George Floyd apareceu como o que estamos chamando de uma narrativa jornalística, foi ao ar no dia 29 de maio de 2020 no jornal *Em Pauta*, programa transmitido pelo canal pago Globo News. Nesta edição, com cerca de 1h40 minutos de duração, são reservados ao caso, que naquele momento começava a tomar proporções significativas nos Estados Unidos e a chamar também a atenção do mundo, pouco mais de 20 minutos para comentários e análise por parte dos apresentadores do jornal.

No dia 2 de junho de 2020, o *Em Pauta* faz, de fato, uma ampla cobertura sobre as manifestações que tomavam proporções ainda mais expressivas em decorrência do que foi reconhecido como mais um episódio de morte por violência policial nos EUA. Por quase duas horas, o programa do dia 2 de junho narrativizou aquele que seria o oitavo dia consecutivo das manifestações.

O apresentador e jornalista Marcelo Cosme comentou, junto de seis colegas, sobre o que aquelas manifestações poderiam significar desde a marcha pelos Direitos Civis de 1960 — última década em que os norte-americanos viveram constitucionalmente segregados. Ainda durante a edição do jornal *Em Pauta* do dia 2 de junho, um usuário da plataforma *Twitter*<sup>13</sup> publicou uma captura de tela, em que apareciam todos os comentaristas e o âncora

<sup>12</sup> Derek Chauvin, que declarou a sua própria culpa por os violar os direitos civis de George Floyd, foi declarado culpado, em 2021, pelo assassinato de GF e condenado a uma pena final de 21 de prisão. Os outros três policiais envolvidos, que assistiram à abordagem que matou a vítima, receberam penas entre dois e três anos e meio de prisão. Disponível em <<https://exame.com/mundo/policial-que-matou-george-floyd-pede-anulacao-de-julgamento/>> Acessado em 09/04/2023.

<sup>13</sup> Atualmente, a plataforma se chama X.

do jornal com a seguinte frase: “Rapaziada, a pauta é racismo” (Figura 1). A provocação da postagem, que teve mais de três mil curtidas e pouco mais de 22 mil compartilhamentos, referia-se aos profissionais escolhidos que, naquele momento, eram apenas pessoas brancas (Figura 2) para debater sobre o que aconteceu nos EUA: Jorge Pontual, Demétrio Magnoli, Andreia Sadi, Gerson Camarotti, Mônica Waldvogel e Sandra Coutinho.

Figura 1 – Twitter feito por um usuário.



Print de tela do autor.

Com a repercussão negativa do programa após a postagem, a *Globo News* escalou um time de profissionais de pessoas negras para falar sobre suas experiências com o

racismo. O programa teve como âncora o jornalista Heraldo Pereira, acompanhado por Maria Júlia Coutinho, Zileide Silva, Aline Midlej, Flávia Oliveira e Lilian Ribeiro. Em “edição inédita”, assim chamada pelo âncora titular à época do jornal *Em Pauta*, Marcelo Cosme, o programa foi veiculado no dia 3 de junho daquele mesmo ano. Vale destacar que a edição em que são escaladas apenas pessoas negras está registrada na listagem dos programas do jornal *Em Pauta*, no site da *Globo News*, como veiculada no dia 3 de maio de 2020. Isto é, a data é anterior à primeira cobertura midiática feita pelo jornal *Em Pauta*, portanto a do dia 29 de maio, e anterior à própria morte de George Floyd, que aconteceu no dia 25 de maio de 2020.

Figura 2 – Bancadas do *Em Pauta* dos dias 2 e 3 de junho de 2020



Decupagem do autor

### 3.1 Movimentando-se para além daquilo que se dá a ver

Para compreender o que estamos tomando como um fenômeno observável, colocamos as seguintes perguntas: 1) como a experiência de George Floyd se manifesta narrativamente no fio jornalístico do *Em Pauta*, e; 2) uma vez narrativizada a experiência, como se configuram os processos de significação no quadro do acontecimento e quais outros sentidos, diferentemente dos que emergem no plano da superfície da narrativa, podem ser reconhecidos nessa intriga entre a experiência e a narrativização discursiva midiática do sensível. Especulamos que ao longo das três edições existe uma tensão constante entre a narrativização e o próprio acontecimento envolvendo George Floyd.

É preciso reforçar que o acontecimento transformado em uma narrativa midiática pelo programa da *Globo News*, agora colocada sob as suspeitas das nossas problematizações, é apenas a faísca propulsora da nossa pretensão analítica. O que nos interessa levantar como discussão para este trabalho, a partir do fato transcorrido, é entender os desdobramentos da narrativização de um acontecimento que envolve uma experiência de racialização e como isso pode ter sido transfigurado ao ser jornalisticamente narrativizado pelo jornal em *Em Pauta*. Não olhamos exatamente para o assassinato de George Floyd, mas para o “desfecho de transições” (Queré, 2012, p. 22), tendências e o que se desenvolveu a partir da narrativização de uma experiência atravessada pela ideia de raça. Em outras palavras, não é para o fato em si mesmo que nos debruçamos, mas para os sentidos possíveis que advém do fato a partir do que foi narrado. (Motta, 2013).

A midiáticação do caso George Floyd é a faísca que nos incentiva a tentar entender o que para nós pode ser novas formas de *designação racial* por um aparato midiático e que talvez sejam ainda pouco exploradas. Fizemos do conceito da racialização uma escolha justamente porque se trata de um processo de assujeitamento que não está estático e, em algumas dinâmicas, pouco evidente. Mas que, ainda assim, se transforma e se manifesta também pela via de uma suposta emancipação no encontro de raças e das diferentes cores.

Se ao “empalavrar” estamos significando o mundo, quais significados foram produzidos e podem ser reconhecidos ao longo da linha narrativa das três edições do programa *Em Pauta* ao se falar sobre uma abordagem policial cruel que assassinou um homem negro? Além disso, para quais caminhos a narrativa aponta ou tenta se agarrar ao se deparar com um desfecho fora do seu plano de enquadramento do acontecimento?

A nossa suspeita é que a narrativização feita pelo programa sobre o caso George Floyd pode dar a ver um tipo de mecanismo gerador de sentidos em que são ressignificados marcadores específicos das relações sociais. Ou, por outro lado, um certo tipo de atenuação das dinâmicas raciais substituindo o cerne do acontecimento por um tipo de discurso meritocrático e superado em relação à raça.

O debate sobre o assassinato de um homem negro norte-americano, supostamente pautado no interesse em discutir a violência policial contra pessoas negras, pode se configu-

rar, assim suspeitamos, como uma disputa simbólica acerca do que entendemos como uma (re)definição da fantasia ocidental a respeito da ideia sobre raça. Nesse sentido, o *dizer* sobre racismo ou o empalavrado da experiência no contexto trazido funcionariam como maneiras de reforçar, ou reconfigurar, um tipo de processo que opera aquelas categorias morfo-fenotípicas de homem-negro e homem-branco sobre as quais falamos anteriormente. Isto é, dá a ver um afeto que se materializa também numa dimensão sutil legitimada na narrativização do mundo pelas lentes da comunicação.

Suspeitamos que a narrativa criada pelo *Em Pauta* a partir do que aconteceu com George Floyd faz surgir na sua superfície textual significados empalavrados distintos daqueles que podem ser observados em sua dimensão discursiva. Como e por que isso acontece e o que nos leva a sustentar essas suspeitas é o que planejamos refletir, compreender e identificar a seguir.

Desse modo, o panorama do nosso trabalho se localiza na narrativização midiática de um acontecimento envolvendo a morte de um homem negro norte-americano. De modo mais objetivo, estamos olhando para a narrativa construída em torno do caso George Floyd feita por três edições do programa jornalístico “*Em Pauta*”.

O que planejamos compreender é o que emerge desse ponto de contato entre o processo de racialização textualizado e compartilhado como desdobramentos ao longo do fio narrativo do jornal *Em Pauta*. Embora as edições escolhidas estejam narrativizando uma experiência norte-americana, com processos, contextos e modos de socialização bastante específicos, acreditamos que essa mesma narrativa pode dar a ver singularidades relacionadas às relações sociais brasileiras atravessadas também pela ideia de raça. Quer dizer, a observar essas narrativas, talvez possamos como parte da mídia interpretar os processos de racialização e a ideia de própria raça em relação ao contexto que está inserida. Daí surge o nosso interesse nos desfechos e transições, e nos resultados operados a partir do encontro entre a experiência e a narrativização transformada em um acontecimento para o jornalismo. Acreditamos que, nas frestas dessa intriga, e nesse novelo de dizeres, textos, palavras, enunciados e discursos, podem ser revelados e compreendidos sentidos sociais produzidos e colocados em circulação a partir de determinada ocorrência midiática.

### **3.2 Jornalismo como orientador de afetos racializantes**

Situar o que particulariza o fenômeno deste trabalho é necessário porque estamos lidando com um processo – as relações raciais – que está em constante transformação e que pode assumir diferentes formas em diferentes momentos históricos. A ideia de raça, assim acreditamos, não é uma materialização afetiva particular de uma determinada dinâmica social. Pelo contrário, a sua dupla injunção, a simbólica e material, atravessa todas as relações e dinâmicas no *ethos* configurando as sociabilidades, independentemente do grau de envolvimento das pessoas dessa trama social.

As configurações das variadas maneiras de narrar a realidade não estariam, portanto, dispensadas dessa configuração social guiada pela ideia de raça. O que observamos na composição narrativa jornalística do *Em Pauta* é um tipo de reforço de um velho afeto que racializa – e que não é próprio do jornalismo, vale dizer – amarrado ao discurso que se produz a partir da experiência acontecimento de George Floyd.

Em um primeiro momento, a narrativa sobre o assassinado de George Floyd construída pelo *Em Pauta* parece demonstrar uma lógica em que as leituras do cotidiano do que foi narrado possibilitariam aquilo que Carvalho (2023) vai definir como uma “(...) tomada de consciência acerca das contradições sociais” (p. 121). O que geraria uma espécie de despertar para a realidade intermediada pelo jornalismo.

Contrários à especulação de que o jornalismo seria uma ferramenta de conscientização sobre a realidade, compreendemos que no caso da narrativa do *Em Pauta* existe uma construção de pretensas singularidades sobre o fato que se mostra. Ao se debruçar sobre a composição do fio de narrativa das três edições que pautaram o assassinato de George Floyd, as tentativas de singularizar o fato transcorrido se mostram precárias. A precariedade da narrativização das ocorrências do mundo se dá em decorrência de uma lógica de poder e saber constituída também à base do processo de colonização. As colonialidade, como pontua Carvalho (2023) “(...) têm peso decisivo na forma como as percepções sobre a realidade são estruturadas, com a proposição de supostos princípios de objetividade, neutralidade, e universalidade que dificultam a percepção de especificidades (...)” (p. 124).

A percepção da realidade, e do que aconteceu com George Floyd e aquilo que se desencadeia a partir da narrativização do sensível atravessado pela raça, é o resultado do que Carvalho (2023) denomina de “(...) particularidades operacionais, ideológicas e culturais (...)” (p. 124) para que um acontecimento se transforme em uma narrativa jornalística ou em outros gêneros comunicacionais. Cabe destacar que as colonialidade sobre as quais estamos trazendo para a discussão estão no campo de estratégias mais sofisticadas e diferentes daquelas associadas às invasões europeias que deram início as estratégias modernas dos grandes impérios Carvalho (2023). Nesse sentido, as lógicas colonialistas, as quais as dinâmicas sociais ainda são devedoras, em substituição àquelas estratégias de disputa e ocupação territorial, estão agora assentadas numa guerra de intervenção pela via dos “poderosos aparatos comunicacionais, do jornalismo ao cinema, da fotografia à publicidade (...)”. (Carvalho, 2023, p. 55)

Essa ideia de narrativização precária da realidade regida pela lógica colonialista dialoga com parte da perspectiva que adotamos sobre acontecimento neste trabalho. Isto é, o acontecimento se torna um acontecimento-objeto a partir do recorte do seu entorno e da temporalidade a qual pertence para ser ressignificado e domesticado segundo um modo específico de se constituir aquilo que rompe o tecido social. Para Carvalho (2023), esse processo de narrativizar a “realidade” é profundamente caracterizado por seleções e exclusões, portanto,

(...) visões de mundo estereotipadas, escolha de agentes consideradas ou considerados aptas ou aptos a opinarem sobre determinado tema, opção de abordagem, ou enquadramento, e uma série de outras estratégias, sempre envolvendo disputas de sentido e jogos de poder entre atrizes e atores sociais variadas e variados. (p, 124)

Ao serem colocadas em circulação, esses acontecimentos narrativos passarão por um processo de leitura em que se atribuirá novas ressignificações sobre o que foi narrado. O que se pode constatar, desse modo, é o que Carvalho (2023) chama de “inteligibilidades precárias”. Trazendo essas ideias para o campo de análise desta pesquisa, o acontecimento transformado em narrativas jornalísticas se depara com pelo menos dois caminhos em que se tem no horizonte uma impossibilidade de leitura ideal do que foi narrativizado: 1º) o processo que leva à transformação do acontecimento em uma possível pauta-narrativa; 2º) e a circulação do narrativizado e das leituras possíveis do que se constitui à luz da narrativa.

A *perturbação* causada pela edição do dia 2 de maio do *Em Pauta*, em que parte do público questiona o porquê de o programa jornalístico ter escalado apenas jornalistas brancos para falar sobre racismo, pode ser tomada como um indicativo dessas inteligibilidades precárias ou dessas leituras desconectadas com o propósito inicial da narrativa. A própria análise que estamos apresentando aponta também para um tipo de leitura em que se atribui ressignificações ao fio da narrativa das três edições do *Em Pauta*.

E é justamente nesse campo de “possibilidades de ofertar mapas de sentido complexos do mundo” (Carvalho, 2023, p. 124) que tentamos compreender ao observar a narrativa do *Em Pauta* não só a “impossibilidade de revelação totalizante do mundo” (Idem, p.123), mas a possibilidade de constatar, do sensível transformado em acontecimento textual colocado em narrativa discursiva, “um tipo de jogo em que se revela determinado ângulo enquanto se oculta outras superfícies de uma mesma ocorrência social” (Idem).

Em sua análise, Carvalho (2023) olha para o jornalismo com o propósito de perceber as formas de inteligibilidade precária permitidas pelas narrativas jornalísticas em que se dão a ver “um conjunto de textualidades sobre crimes de proximidade contra as mulheres em relações de gênero” (p. 124). Em nosso caso, olhamos também para o jornalismo, mas com a intenção de compreender como a narrativa jornalística do *Em Pauta* não só está em constante tensão com o seu próprio processo de domesticação do que aconteceu – modulando a narrativa diante das leituras ressignificadas possíveis –, mas também olhamos para o que esse jogo de narrativa ofertado revela sobre os sentidos que se tem sobre a ideia de raça.

## 4 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

### 4.1 As escolhas metodológicas

*A credibilidade do que é afirmado não nasce, primordialmente, dos conhecidos passaportes para o tantas vezes insípido mundo da respeitabilidade científica: “risco teórico”, “coerência conceitual”, “fidedignidade do fato empírico”, etc. Aqui, a dor cria a noção, indignação, o conceito, o discurso.*

*Jurandir Freire Costa*

Neste trabalho, optamos por nos referir às pessoas que são alvo das violências baseadas na ideia de raça pelo termo *peessoa racializada*, que aparecerá em itálico e sempre que possível. Fizemos essa escolha por dois motivos: primeiro, para demarcar uma tentativa de retirar a classificação simbólico-colonial da palavra negro. Entendemos que essa palavra mantém uma carga de historicidade em que sempre são projetadas abstrações raciais como aspectos biológicos e irrevogáveis. Nesse sentido, parece que essa palavra é utilizada formalmente como uma substantivação que reduz a pessoa sempre à questão da ideia de raça como qualidade intrínseca.

A palavra negro tem sido ressignificada pelos movimentos antirracistas e utilizada como uma ferramenta contra as dinâmicas racistas. Mas nos parece que nessa relação em que se conferem violências e demandam resistências, a ressignificação da palavra que um dia movimentou sentimentos odiosos não é suficiente para sobrepujar a historicidade cultural, social e afetiva que carrega. Evidentemente, a ressignificação da palavra negro encontra sentido ao conferir à *peessoa racializada*, antes símbolo de degradação, beleza, consciência e autorreconhecimento. Como esta pesquisa vem tentando entender a discursividade ao empalavrar o mundo e as coisas, então talvez faça sentido tentar se desvencilhar dos modos sociais que continuam a carregar e afirmar certas condições e lugares pela via do empalavramento.

Como nos lembra Sodré (2018) “(. . .) existe a tenção militante (o “colorismo” como ideologia) de afirmar algo como ‘raça negra’, com o argumento atenuante de que o conceito de raça seria polissêmico” (*Idem*, pág. 11). Daí, muito provavelmente, a permanência daquela equação que Sodré (2018) nos ajudou a pensar: *raça-igual-a-negro* e *negro-igual-a-raça*. A palavra raça pode até carregar significados plurais, mas o seu conceito, como também afirma Sodré (2018), “(. . .) permanece retrógrado, supremacista” (*Idem*, pág. 11). A respeito da palavra raça, Sodré (2018) diz:

Como determinadas palavras continuam carregando o cadáver insepulto do conceito odioso que as animou no passado, a forma linguística “raça” é provavelmente algo de que a consciência lúcida deva desembaraçar-se. O que existe mesmo é a

“relação racial”, quer dizer, a relação social atravessada pelo imaginário de raça, encorado em diferente gradação de cor de pele. (*Idem*, pág. 11)

A escolha pelo termo se dá também porque não é incomum encontrar significados da palavra negro na língua portuguesa — tanto em seus sentidos adjetivados como nos substantivados — com definições ainda coloniais ou negativas como: “escravo”; “meu negro”; “negro-velho”; “sujo”; “encardido”; “triste”; “fúnebre”.

Em segundo lugar, optamos por acrescentar “pessoa” ao termo utilizado neste trabalho para que a nossa maneira de empalavrar a realidade não fique assujeitada ao gênero da nossa língua. Dessa maneira, quando dizemos *pessoa racializada*, estamos nos referindo a homens e mulheres racializados. Outra coisa que precisa ser dita é que o termo *pessoa racializada* está se referindo, pelo menos neste trabalho, às pessoas racializadas histórica e culturalmente posicionadas como negras.

Acreditamos fortemente que a produção da ideia de raça não se sustenta apenas sob um delírio monocromático. Como comentado no capítulo que abre este trabalho, para que a ideia de branquitude se coloque como traço por excelência da humanidade e a matriz de toda economia social, foi preciso instituir uma paradoxal equivalência em que se pudesse imprimir desigualdade. Isto é, a permanência da ideia delirante de raça depende da exploração dessa lógica metafísica eurocêntrica.

Os estudos feministas de mulheres negras sublinham a necessidade de análises interseccionais ao olhar para a raça e gênero aqui no Sul, a partir de Lélia Gonzalez, entre outras tantas; no Norte global, a partir de Kimberlé Williams Crenshaw e Patricia Hill Collins. Contudo, para este estudo, não utilizamos essa perspectiva teórico-metodológica da interseccionalidade para os desdobramentos da narrativização de um acontecimento que envolve uma experiência de racialização e como isso pode ter sido transfigurado ao ser jornalisticamente narrativizado. Utilizar a interseccionalidade como uma ferramenta secundária, sem a sua devida importância e manejo teórico é esvaziar o trabalho intelectual de mulheres racializadas que têm se empenhado em desfazer as dinâmicas racistas pós-coloniais. Ao optar por essa conduta indevida, estaríamos reproduzindo, e reafirmando, por exemplo, o uso equivocado que tem sido feito do conceito teórico. Vale destacar o uso inapropriado das conceituações antirracistas que se tem feito por aí. Para explicar as dinâmicas profundas das relações sociais baseadas na cor da raça bastaria acionar o conceito “racismo estrutural”, discutido por Dennis de Oliveira e amplamente difundido a partir de Sílvia de Almeida, para então desfazer equívocos e encontrar respostas. Ou, ainda, recorrer ao “lugar de fala”, conceito popularizado por Djamila Ribeiro, para atenuar as responsabilidades individuais ou coletivas dentro das dinâmicas de racialização.

Por fim, ao optar pelo termo *pessoa racializada*, não estamos desconsiderando, ou até mesmo invalidando, as maneiras como os movimentos negros ressignificam a língua e a própria palavra negro. A nossa escolha também se coloca como uma indicação afirmativa de que existe pluralidade de pensamento as pessoas que partilham das experiências

racializantes.

## 4.2 Percurso metodológico, na prática

Um percurso metodológico se pauta pela tomada de decisões e planejamentos, além de se localizar em um determinado campo científico, ancorado em seu patrimônio de conhecimento acumulado (conjunto articulados de ideias) (França, 2018). Em contraposição às regras e aos critérios metodológicos muito bem definidos a serem seguidos, entendemos que o nosso trabalho está localizado em um horizonte de interação guiado pelas experiências sensíveis em diálogo com as escolhas racionalizadas. Nesse sentido, o nosso percurso metodológico é constituído por uma base: localizada na intersubjetividade humana, e aflui para três perspectivas que estarão em permanente convergência: a ideia de acontecimento, narrativa e discurso.

A palavra “base” comporta algumas significações em nossa língua como: apoio, suporte, sustento. No entanto, sem querer nos render ao puro fascínio desta ou daquela palavra, algumas derivações parecem indicar uma ideia de verticalização, isto é, uma coisa sobre a outra ou, ainda, algo que esteja menos elevado, ou mais profundo em relação à, portanto debaixo *de*. Mas nos parece que o sinônimo *princípio* imprime em um de seus significados uma ideia distinta e mais apropriada para o que planejamos constituir como caminho metodológico.

Para a lógica, *princípio* significa proposição imprescindível para um raciocínio ser fundamentado. Compreendemos que esse sentido organiza as nossas escolhas e coloca em diálogo as nossas perspectivas em uma relação horizontal. O princípio e as afluições metodológicas deste trabalho estão localizadas, desse modo, em outro lugar. Tanto a primeira (experiências sensíveis), como a segunda (escolhas racionalizadas) não se curvam, tampouco se sobrepõem uma em relação à outra. Esse raciocínio reafirma em nosso horizonte também a ideia de que exista algum tipo de hierarquização em nosso campo de diálogos e perspectivas teórico-metodológicas.

## 4.3 Chave de leitura teórico-metodológica

Dito isso, podemos considerar que a nossa chave de leitura para entender o que estamos chamando de um fenômeno observável se coloca de duas maneiras: a primeira, apreender o caso George Floyd como um acontecimento; e a segunda, interpretá-lo à luz da narrativa e do discurso. Por esse caminho, podemos olhar para as suas diferentes movimentações e compreender o que foi evocado ou perturbado, seus desdobramentos e, além disso, seus horizontes descortinados a partir da narratividade discursiva enquanto um ato de significação e produção de sentidos.

Ao considerarmos o que estamos chamando de chave de leitura para este trabalho,

não estamos convocando uma maneira de observação que busca o sentido verdadeiro, por meio da interpretação, dos discursos e suas possibilidades de efeitos e sentidos. Como nos lembra Orlandi (2015) “não há esta chave”, tampouco “verdade oculta atrás do texto”, mas método e uma construção de um dispositivo teórico capaz de identificar e compreender os “gestos de interpretação que o constituem” os discursos (*Idem*, p. 24). Ao compreender, estamos nos implicando numa tentativa de explicitação “dos processos de significação presentes” nas textualidades, lugar em que se pode identificar os efeitos discursivos para podermos reconhecer outros sentidos presentes nos limites da linguagem e do domínio simbólico. (*Idem*, pág. 24)

A princípio, também não temos a pretensão de fazer comparações entre o caso George Floyd e outras ocorrências semelhantes. Não acreditamos que a nossa pesquisa esteja localizada em um caminho por explicações dualistas. O trajeto aqui percorrido desaguará na compreensão de um fenômeno social que se localiza nos limites das textualidades narrativas, que, a princípio, não dão a ver outras possibilidades de leituras para aquilo que foi narrativizado.

Ao operacionalizar os três conceitos citados anteriormente, poderemos potencializar a identificação de um tipo de ato que é parte da forma racializante manifesta em dispositivos comunicacionais por meio do discurso. Acreditamos, ainda, que as três edições escolhidas se contrastam entre si e são potentes suficientemente para dar a ver o que estamos considerando um fenômeno observável.

A cada revisão, edição ou reflexão sobre o fenômeno escolhido a ser estudado, somos convocados a fazer escolhas teórico-epistemológicas ou práticas e a colocar dois eixos estruturais (teoria e episteme) em articulação (Braga, 2011), e o próprio *corpus* e o efeito de se fazer análise Orlandi (2015).

Para (Corrêa, 2011), o processo metodológico é o exercício do pensar sobre um fazer e um modo de fazer pensando. Tanto o exercício do pensar como seus modos de execução são “escolhas conscientes, orientadas pela base teórica e pelas especificidades do objeto a ser estudado” (*Idem*, p. 108). Essa definição vai ao encontro do que também Braga (2011) reflete como um processo metodológico que se dá “fazendo” em oposição à ideia de um receituário prévio e rígido sobre o caminho a ser percorrido em uma pesquisa. Nesse sentido, a nossa perspectiva metodológica se pauta pelo “acompanhamento refletido” sobre o que se está fazendo.

Ao olharmos para a noção de metodologia pautada por “uma diversidade de ações e encaminhamentos” relacionada a “uma variedade de instâncias de reflexão” (Braga, 2011, p. 8), percebemos que o percurso metodológico que tomamos nesta pesquisa está envolvido também em experiências anteriores ao próprio ato decisório de se fazer uma pesquisa. Neste instante, tais experiências são somadas às escolhas conscientes tomadas ao longo do percurso do fenômeno aqui estudado. Movimento que se resume como o “voltar para trás” de Braga (2011), o “ir-e-vir” de Orlandi (2015) ou o “fazer-pensando” de Corrêa (2011). Mas

esse percurso, que pode ser entendido como espiralar, o entendemos também como um movimento temporal ainda mais dilatado que antecede às próprias decisões relacionadas à própria pesquisa.

A nossa construção metodológica, diante dessas perspectivas, é a soma de um conjunto de experiências sensíveis anteriores, que fogem à rigidez das escolhas conscientes e orientadas apenas por eixos teóricos ou metodológicos. Consciência e orientação são etapas e processos realizados no devir do pensar e executar, que estão sempre em movimento ao longo das tessituras intelectuais que pretendem forçosamente serem objetivas.

O queremos sublinhar é que a metodologia deste trabalho é realizada, especialmente, a partir da sensibilidade das experiências que já não fazem mais parte do presente. Em consonância ao que Braga (2011), Orlandi (2015) e Corrêa (2011) pensam, o nosso movimento metodológico também está envolvido em um tipo de interação temporal que já aconteceu no campo do sensível e do comum, mas que dialoga com as decisões tomadas e o desenvolvimento de ações refletidas. Isto é, uma construção metodológica que se realiza antes mesmo das escolhas conscientes para ensejar a problematização do objeto, a fundamentação teórica e a sistematização analítica do fenômeno passível de ser observado da realidade. Como nos afirma CHARMAZ (2006), uma jornada começa antes de seus viajantes partirem (*Idem*, p. 1, tradução nossa).

Além dos conceitos e das imagens trabalhadas pela razão, instrumentalizamos também o sensível. Uma configuração que, embora seja atravessada pelo enrijecido juízo intelectual, também é aliviada pela sensibilidade das experiências que não estão envolvidas exatamente com o fenômeno estudado, mas que fazem parte dele, ou que são efeitos diversificados da sua materialização no mundo. São as sensibilidades das experiências as pulsões que fazem flamejar no corpo a necessidade de constatar no mundo o que todo mundo viu, mas especialmente tentar pensar o que ninguém pensou (Gyorgy *apud* Sodré, 2020, prólogo). Talvez repouse aí parte do ineditismo tão superestimado e ambicionado pelo campo do conhecimento.

Os problemas sociais manifestos no mundo só existem porque há grupos ou pessoas que os definem e de que por efeito deles padecem. Como afirma Harding (1987), “um problema é sempre um problema para alguém” (p. 21). Sob esta lógica, é de se esperar que a definição dos problemas manifestos no *ethos* e *socius* humanos requeiram explicações científicas (quase) exclusivamente a partir das perspectivas de pesquisadores também localizados, os quais são em sua ainda grande maioria homens e mulheres brancos de classe média. O que resulta, em muitos casos, num movimento analítico encurtado que nos conduz a respostas parciais, se não perversas, sobre a vida social (*Idem*). Embora a perspectiva de Harding (1987), esteja voltada a considerar as experiências femininas no processo de constituição analítica social, não é forçoso adicionar ao pensamento da autora as experiências sensíveis atravessadas pelos processos de racialização.

O reconhecimento da importância das experiências femininas como recurso para

análise social tem implicações evidentes para a estruturação das instituições sociais, da educação, dos laboratórios, das publicações, da difusão cultural e do estabelecimento dos atores sociais. Em síntese, para a estruturação da vida social em sua totalidade. (Harding, 1998, p. 21, tradução nossa)<sup>14</sup>

O percurso que tomamos é também, portanto, uma maneira metodológica de possuir um discurso para exercer a própria autonomia (SOUZA. . . , 1983). Um movimento empenhado que desaguará em um processo de decolonização epistêmica, para dar luz “a filosofias insuspeitadas [. . .]” e, dessa maneira, “desconstruir o vocabulário hegemônico em seu próprio arcabouço conceitual para revelar novas perspectivas éticas e ontológicas” (Sodré, 2017, p. 15)

O nosso caminho metodológico guiado por um princípio e suas fluídos nos permite olhar para a realidade com o auxílio de ferramentas únicas que nos capacitam a identificar singularidades que antes não eram nitidamente percebidas no objeto estudado (Braga, 2011). Esse percurso que tomamos, ademais, é subsidiado e justificável pelo patrimônio de conhecimento dos artesanatos de vida das feministas negras e da corrente reflexiva da Teoria Construtivista Fundamentada (TCF), duas fontes que se empenham em defender que as categorias como “raça”, classe e cultura devem ser colocadas no quadro que desejamos pintar na constituição metodológico-analítica ao se olhar para o mundo (Harding, 1987).

A investigação apresentada neste trabalho, portanto, tem voz própria, está presente e exerce autoridade sobre aquilo que escreve, colocando-se como “um indivíduo real, histórico, com desejos, interesses particulares e específicos” (*Idem*, pág. 25). Daí surge a nossa dilatação temporal acrescentada à ideia de “voltar para trás”, “ir-e-vir” e “fazer-pensando”, em que podemos nomear, inclusive, as experiências pessoais e acontecimentos envolvidos nas contingências da vida que são os artefatos da dimensão intersubjetiva que nos moveram até aqui e que endossam também as escolhas metodológicas.

As crenças e os comportamentos no *ethos* e *socius* de cada pesquisador ou pesquisadora moldam os resultados obtidos ao longo do percurso analítico, da mesma maneira como acontece em trabalhos, pesquisas e outras análises que falsamente desconsideram o elemento intersubjetivo da constituição de conhecimento. Esta exposição cumpre alguns objetivos: o de “reforçar a objetividade da pesquisa, porque diminui o objetivismo que oculta este tipo de evidência ao público”, além de ser “uma maneira de dar liberdade para os leitores a chegarem a considerações contrárias a respeito das investigações” que foram feitas (Harding, 1987, p. 25, 26).

Ademais, coloca em evidência que o fenômeno estudado não é um objeto suscetível de reflexões a serem explicadas no terreno das dualidades ou das causas e efeitos, mas antes um conjunto de aspectos do mundo a serem compreendidos em seu devir e na sua produção de sentidos materializado e sempre (re)modificados. Tomando as palavras de

<sup>14</sup> *Reconhecer la importancia de las experiencias femininas como recurso para el análisis social tiene implicaciones evidentes para la estructuración de las instituciones sociales, de la educación, de los laboratorios, las publicaciones, la difusión cultural en el establecimiento de agencias de servicio; en suma, para la estructuración de la vida social en su totalidad.*

(Sodré, 2023) emprestadas, colocamos em reciprocidade “a inteligência e a sensibilidade” ou o “objetivo e o subjetivo”, de modo que a pesquisa esteja em constante tensão com o puro entendimento lógico.

Essa movimentação teórico-metodológica dialoga diretamente com o propósito desta pesquisa que tem em vista descrever e compreender o funcionamento de certas “marcas” no discurso. Marcas que não poderiam ser resumidas a ideias pré-concebidas, lógicas, mas que carregam múltiplas maneiras de serem lidas. Além disso, o nosso objeto, tensionado à luz das nossas dúvidas, e operacionalizado pelas lentes da nossa constituição teórico-metodológica, não se fecha em si, tampouco se esgota face à nossa maneira de compreendê-lo. Sobre isso é válido destacar que um determinado discurso faz parte de um campo discursivo maior que ele próprio. Isto é, um discurso é um recorte subjetivo e a sua forma vai determinar como se analisa e como se constitui um determinado dispositivo teórico de interpretação. As maneiras infinitas que se pode atravessar esse processo conduz também a infinitos diferentes resultados diferentes (Orlandi, 2015)

## 5 EIXO TEÓRICO DA INTERPRETAÇÃO

### 5.1 Estratégia teórica

Com o nosso caminho pavimentado pelas experiências sensíveis – estas localizadas no terreno das sociabilidades em que as relações “(...) se fazem e se desfazem, sem a durabilidade do que está implicado no societário<sup>15</sup>” (Sodré, 2023, p. 79) apresentamos a seguir as nossas escolhas estratégicas sustentadas na experimentação de três eixos-teóricos: plano da narrativa, plano do acontecimento e plano do discurso.

As nossas escolhas metodológicas nos ajudaram a posicionar o fenômeno que estamos investigando num lugar específico para apreender a narrativização jornalística do assassinato de George Floyd e os seus desdobramentos.

O primeiro acionamento teórico que fazemos uso é compreender a experiência de assassinato de George Floyd no plano da narrativa do jornal Em Pauta. Colocaremos em evidência a exterioridade da história que foi narrada, os seus atores/interlocutores, atores/participantes envolvidos direta e indiretamente no assassinato de George Floyd e os quadros imagéticos priorizados na composição do que foi narrado. Guiados pela análise do plano da narrativa, podemos colocar em evidência a argumentação intersubjetiva midiática que representa o mundo não a partir da sua exterioridade fatídica, mas o “discurso narrativo como um fato histórico em si mesmo” (Motta, 2013, p. 130)

O segundo acionamento, plano do acontecimento, nos ajudará a compreender os desdobramentos do assassinato de George Floyd e o que *vem a ser* [transformado] em um acontecimento jornalístico. É nesse plano que poderemos perceber como um acontecimento-objeto modifica no presente da sua narrativização o passado e aponta para um futuro que é relativo a ele mesmo de maneira orientada.

Finalmente, no terceiro eixo que é o plano do discurso, tentaremos evidenciar as redes de significações e os efeitos de sentido produzidos pela narrativização do assassinato transformado em um acontecimento-objeto jornalístico. Neste plano, colocaremos em confronto as percepções encontradas, descritas e interpretadas ao longo desse caminho metodológico com a forma social do racismo esboçada nos primeiros capítulos desta pesquisa.

### 5.2 Plano da narrativa

Este eixo teórico reforça a nossa perspectiva que busca interpretar e compreender como a jornal Em Pauta constitui um acontecimento a partir do assassinato de George

<sup>15</sup> Sodré (2023, p. 79) define o social e o societário de formas distintas. O social, para o autor, corresponde à esfera em que os laços de parentesco, de amizade e sociabilidade são realizados e desfeitos, e não está implicado à ordem da dimensão oficial – isto é, o societário: unidades que são estáveis, que normatizam e organizam modos coletivos e sistemas territoriais.

Floyd. A ideia de narrativa, nesse sentido, foi utilizada neste trabalho como um instrumento interpretativo para colocar em evidência os processos de representação e de constituição de um acontecimento existencial midiático. Compreendo esse processo, poderemos perceber e colocar em confronto outras representações discursivas presente no processo de mediação sobre o assassinato da vítima. Tais representações e confrontos podem até se mostrarem no plano da narrativa do acontecimento, mas para *ver além* será necessário, como já dissemos, buscar apoio no discurso para driblar a opacidade do que intermedia e narrativização do que aconteceu.

A análise pragmatista da narrativa sugere que o discurso está no plano da expressão, o que significaria perceber a superfície do texto. Para este trabalho, preferimos fazer uma substituição de palavras. É no plano da narrativa que procuraremos evidenciar a retórica argumentativa que pode ter imprimido ao assassinato de George Floyd uma determinada tonalidade, ênfase e destaque para certas partes. A análise pragmática também coloca no horizonte de suas observações interesse nas intenções comunicativas e nos efeitos pretendidos das enunciações. Vale dizer, diante dessa constatação, que não estamos preocupados com as intenções ou com a pretensão de causar certos efeitos na narrativa analisada.

Entretanto, cabe reconhecer que a nossa análise é guiada pela perspectiva pragmática da narrativa, numa tentativa de considerar aquilo que ultrapassa os limites da comunicação jornalística. Isto é, olhando para “os atos de fala” (Motta, 2013, p.23), para a identidade, para as posições e para os encadeamentos argumentativos dos enunciadores do jornal Em Pauta.

### 5.3 Plano do acontecimento

Podemos compreender o acontecimento como um fenômeno que surge do lado de fora. Marcado por um traço de excepcionalidade, o acontecimento está desconectado da própria duração, ao mesmo passo que a sua ocorrência não se submete ao tecido do tempo como o entendemos. Ainda assim, a sua aparição súbita é um ato contínuo – uma emergência que progride. Essa definição nos leva a compreender, como aponta (Queré, 2012), que o acontecimento é, portanto, o resultado da acumulação de excepcionalidades que vêm de fora, maturado de maneiras tão sutis que não seríamos capazes de perceber ou acompanhar o que aconteceu ou o que está acontecendo.

Diante desse raciocínio, o acontecimento não se definiria pelo que aconteceu, mas o que pode *vir a ser* do que aconteceu. Isto é, o que o caracteriza não é o que se passou, mas o desfecho de transições que se estabelecem a qualquer momento no porvir. Nesse sentido, o acontecimento pode ser tomado justamente sob a categoria de transição ao contrário de uma simples ocorrência. O lado de fora (*socius*), é o lugar onde surge o acontecimento, mas também o lugar do que se estende dele – onde alguma coisa acontece e que sucede a

outros acontecimentos.

Como dissemos, o acontecimento está desconectado de uma ideia de duração linear porque que a sua temporalidade é variável, uma vez que a sua orientação transita entre um passado e um futuro. Podemos dizer que um acontecimento perdura, ou é percebido, ou reconhecido, quando a experiência do acontecimento é colocada sob reflexão. Apreendido, ele se torna um encadeamento simples de instantes, portanto, um acontecimento-objeto. Mas o que torna exatamente o acontecimento em um acontecimento-objeto? O seu posicionamento no universo do discurso.

Para que o acontecimento seja apreendido como objeto é necessário colocá-lo sob julgamento e investigação. O acontecimento que corria insubmisso ao tempo, em sucessivas transições dentro da sua própria temporalidade variável é contornado no nível da descrição e da narração por um começo e por um fim. Isto é, ele é apreendido por algum aspecto particular e por alguém que o observa que o coloca em narrativa. Neste ponto, podemos fazer duas distinções a respeito do acontecimento e dos regimes de experiência que ele provoca e como elas se associam à faísca que nos impulsionou a fazer esta pesquisa – precisamente o assassinato de George Floyd.

Na experiência, o acontecimento é existencial e pode também ser objetificado. Na primeira distinção, ele é a força bruta contingencial que advém no *socius*. É um tipo de experiência direta do acontecimento que submete e condiciona o entorno às suas emergências. Uma experiência que se choca com a espontaneidade e com o *ethos* da vida social. Lidamos com essa dimensão do acontecimento de forma direta e carregada de emoção. Enquanto regime de experiência existencial, o acontecimento não é um objeto que vem a ser conhecido tampouco observado porque não está isolado do lugar onde acontece.

Na busca para determinar o que se passou para compreender a sua substância e aquilo que o qualifica, os acontecimentos são transformados, então, em objetos “(...) em devir [no sentido em que são progressivamente determinados, mesmo que nunca o sejam completamente]” (Queré, 2012, p. 24). Antes uma emergência colocada frente à espontaneidade da vida, tornamos conscientemente o acontecimento um objeto de significação porque recortamos a ocorrência do fluxo de mudanças, isolando-a de um determinado contexto. (Queré, 2012)

Tanto o regime do acontecimento existencial<sup>16</sup> como o acontecimento-objeto estão presentes em nossas experiências. Para Queré (2012), como somos corpos guiado pela racionalidade, portanto tendencialmente propícios a fazer julgamentos, estamos a todo momento objetificando a existencialidade dos acontecimentos. E fazemos isso por razões práticas. Objetificamos o que existe ou o que acontece para domar o que emerge e conter as suas progressões, a fim de intervir em seus atos de continuidade e nos impactos que um

<sup>16</sup> Queré (2012) faz uma advertência importante sobre o uso do termo existencial – a palavra não faz conotação referente ao conceito de existencialismo. Existencial é o que existe, de forma imediata, em sua força bruta e na sua própria inteireza. A opção que utilizamos mais abaixo neste mesmo parágrafo, existencialidade, segue a mesma ideia do autor.

acontecimento demanda. Em resumo, domesticamos o acontecimento.

Para exemplificar, a domesticação do que acontece pode ser facilmente apreendida nas produções audiovisuais, em uma variedade de gênero – do jornalismo ao documentário, da ficção ao “real”. Em 2023, o serviço de streaming Globoplay lançou uma produção audiovisual intitulada “Xuxa, o documentário”. No produto, a apresentadora Xuxa é convidada a revisitar a sua carreira de mais de 40 anos. Nos dois primeiros episódios são mostradas as relações afetivas que Xuxa teve com Pelé, jogador de futebol, e Ayrton Senna, piloto de Fórmula 1. A narrativa audiovisual coloca em contraste e posiciona esses dois homens em lugares distintos. Ao piloto de Fórmula 1 é atribuída a posição de herói nacional, além de ser reconhecido como o grande amor de Xuxa. Não faltam *frames* e enquadramentos, que reforçam o *status* da figura de príncipe encantado do piloto. Ao maior jogador de futebol de todos os tempos, restou a atribuição de uma pessoa desimportante, além da ausência dos substantivos “herói” ou “rei”.

Esses romances, que surgiram nos anos de 1980, são uma exemplificação de como um acontecimento se torna um acontecimento-objeto, recortado do entorno e da temporalidade a qual pertencia, para ser ressignificado e domesticado segundo um modo específico de se constituir aquilo que rompe o tecido social. Na ‘documentarização’ da vida da rainha dos baixinhos, bem como em nosso objeto, outro fenômeno atravessa a narrativa – a racialização. Nestes dois casos, a constituição da mídia de um determinado acontecimento existencial em objeto, está marcada fortemente pela racialização e funcionaria como um vetor subsidiário às formas sociais do racismo. Isto é, o vínculo entre a ideia de raça e relação social não está à vista, como estamos comumente acostumados a percebê-lo. Tal constatação nos levar a tentar compreender como a mídia e seus produtos constituem os acontecimentos.

#### 5.4 Plano do discurso

A perspectiva discursiva potencializa a nossa pretensão analítica face ao que consideramos um fenômeno observável. Se num primeiro momento estamos tomando a experiência de assassinato de George Floyd como um acontecimento-objeto, optamos por recorrer então à dimensão discursiva da narrativa para compreender os desfechos, transições e os sentidos sociais produzidos e colocados em circulação a partir do jornal Em Pauta.

Percebemos que narrativa, acontecimento e discurso se relacionam da seguinte maneira: se na exterioridade do que estamos analisando agarramos a narrativa jornalística como um acontecimento, é no seu recôncavo então que fazemos as provocações necessárias à luz do discurso para tentar enxergar as opacidades do que foi midiaticizado. A narrativização do que advém a partir do assassinato de George Floyd é apreendida neste trabalho como um acontecimento-objeto. Para enxergarmos além do que está na superfície desse acontecimento-objeto, recorreremos então à mediação dessa narrativa – isto

é, o discurso, os sentidos, os significantes colocados em linguagem, em atos de fala ou no empalavramento da realidade.

Narrativa, acontecimento e discurso estão em convergência também nos seus sentidos teóricos-conceituais. Isso porque um acontecimento não é simples ocorrência, mas um encadeamento de transições, é o que ele vem a ser, embora nunca seja por completo. Essa constatação nos orienta para o sentido de movimento. O discurso trata juntamente daquilo que está em curso, movimentando-se, “é assim palavra em movimento”. (Orlandi, 2015, p. 13)

Tanto a ideia de acontecimento quanto a de discurso pode ser compreendida como esse processo que está à deriva e que oferece, desse modo, interpretações. Em outras palavras, acontecimento e discurso, aqui tomados como superfície e recôncavo respectivamente, estão em constante possibilidade de se tornarem outros acontecimentos, outros discursos. E é justamente sobre esse outro lugar que a nossa análise se debruça.

É essa mediação discursiva em curso que pode colocar em evidência o que permaneceu ou o que teve continuidade, ou até mesmo aquilo que foi deslocado a partir da transformação de um acontecimento-existencial em um acontecimento-objeto pelo jornal *Em Pauta*. Compreendendo esses movimentos, poderemos ter uma ideia de como esse trabalho simbólico discursivo pode transformar a realidade a partir de uma narrativa atravessada pelo que estamos entendendo como uma forma social de racialização pela via da mediação jornalística.

Não estamos procurando um sentido verdadeiro do que está posto no jornal *Em Pauta* ou aquilo que deveria ter sido mostrado ou falado. Isto é, como se algo estivesse escondido conscientemente ou feito de maneira premeditada – palavra que parece ter forte apelo ao se pensar, por exemplo, na constituição da noticiabilidade. Mostraremos como o programa *Em Pauta* se submete, inclusive, à imprevisibilidade do acontecimento e às suas progressões mesmo sendo agarrado pelo encadeamento da narrativa jornalística.

A análise guiada pela base teórica discursiva nos ajuda a compreender que estamos sujeitos às diferentes manifestações da linguagem, aos seus equívocos, à opacidade (Orlandi, 2015, p. 7). Nesse sentido, não há neutralidade no jogo simbólico intermediado pela língua e na utilização de seus signos, até mesmo aqueles usados no cotidiano que são aparentemente mais comuns.

A entrada no campo do simbólico é inevitável uma vez que estamos olhando para o que intermedia a constituição da realidade e dos sujeitos. Pela via da linguagem, somos permanentemente convocados a interpretar, e a nos comprometer, com os sentidos das coisas materializadas na textualidade dos discursos. Embora as tecnologias comunicacionais contemporâneas acrescentem a essas manifestações especificidades mais complexas, concedendo à própria linguagem um caráter ainda mais opaco, isto é – a suspensão dos sentidos historizantes e ideológicos –, a análise do discurso oferece ferramentas que “permitted ao menos sermos capazes [de estabelecer] uma relação menos ingênua com a

linguagem” e com os seus efeitos produzidos. (Orlandi, 2015, p. 8)

Como se percebe, até agora colocamos alguns conceitos em diálogo que nos ajudam a sustentar teoricamente as questões que foram evidenciadas. Por esse motivo, nomeamos este capítulo de “Dispositivo teórica da interpretação”. Este trecho nos ajuda a situar e a dar nome às partes que constituem o nosso objeto e para aquilo que estamos entendendo como um fenômeno observável. Quer dizer, valendo-se de uma analogia semelhantes à que fizemos sobre o acontecimento e o discurso – a sua superfície e o seu recôncavo –, o nosso dispositivo teórico de interpretação trata de um arranjo interno do trabalho. Isto é, ele sustenta o que estamos questionando e, por efeito, tentando responder.

Esse arranjo determinado como dispositivo de interpretação, contudo, precisa se valer de um revestimento que o cubra – algo que o preencha por fora e que lhe conceda uma forma reconhecível mais ou menos acabada. Pensando nisso, esboçamos a seguir as “Estratégias analíticas de interpretação” que colocarão em evidência a maneira como instrumentalizamos às partes que constituem o nosso objeto.

O que apresentamos nas páginas anteriores a respeito da ideia teórica sobre narrativa, acontecimento e discurso foi uma espécie de mapa para a localização de quem nos lê. Esses três eixos teóricos estarão sustentados nos capítulos em que fazemos a análise propriamente dita do objeto escolhido.

Como não pretendemos recriar os conceitos de narrativa, acontecimento e discurso – mas sim utilizá-los como um ponto de partida, de orientação e de apoio reflexivo-teórico – não faria sentido repetir o que (Queré, 2012), (Orlandi, 2015) e (Motta, 2013) teorizaram sobre esses conceitos. O que foi apresentado cumpre, por ora, o propósito de localizar quem nos lê sobre como estamos tomando o contexto envolvendo George Floyd e que se sucedeu a partir disso.

## 6 EIXO ANALÍTICO DA INTERPRETAÇÃO

### 6.1 Estratégia analítica

Para percorrer o trajeto que fizemos até aqui e fazer a pesquisa permanecer no propósito de responder às questões levantadas foi necessário constituir o que Orlandi (2015) chama de um dispositivo analítico de interpretação. Isto é, desenhos esquemáticos de análise com o propósito de compreender os sentidos além da superfície da narrativa do nosso objeto.

A constituição desse dispositivo, para nós o mesmo que uma estratégia, possibilita um tipo de análise que atravessa a opacidade e as camadas da linguagem, seus atos de fala endossados pela historicidade, cultura e por outros fenômenos constituintes do *ethos* e *socius*.

Além de ajudar a instrumentalizar de maneira esquemática a quantidade de material que colocamos em evidência, a nossa estratégia analítica de interpretação nos afasta dos limites do processo de narrativização dos acontecimentos. Quer dizer, ao decupar esse conjunto de material selecionado não ficamos presos à superfície da linguagem. Segundo Orlandi (2015), a constituição do disposto ou estratégia de análise funciona para colocar em confronto:

O dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (*Idem*,p.57)

A nossa estratégia de interpretação busca revelar e compreender o processo discursivo das narrativas. Isto é, desfazer “a ilusão da transparência da linguagem” e expor os resultados “à materialidade do processo de significação e da constituição do sujeito” (Orlandi, 2015, p. 26) e da realidade. Vale destacar que é a problematização levantada nesta pesquisa – situada no capítulo 3 em que situamos o contexto da análise – é que vai guiar o modelo estratégico para interpretar o objeto.

Nesse sentido o que constitui a nossa estratégia analítica, portanto, é a soma dos elementos acionados nesta pesquisa: a compreensão que fazemos a respeito da forma social do racismo, a mobilização dos três eixos conceituais, o problema levantado e o lugar para onde se olha para responder às indagações que fizemos.

Vale destacar que “embora o dispositivo teórico encape o dispositivo analítico”, este último uma vez constituído se refere a um tipo de dispositivo teórico individualizado/minerado para uma análise específica. Por isso, como afirma Orlandi (2015), em muitas pesquisas e análises os arranjos teóricos são os mesmos. Por outro lado, as escolhas feitas para se analisar um determinado objeto tendem a serem distintas. Isso porque a definição do dispositivo analítico de uma pesquisa está relacionada à problematização levantada pelo analista e aos seus propósitos.

## 6.2 Descrever, interpretar e compreender

Aqui, acionamos dois procedimentos: descrição e interpretação. Se pela via da linguagem somos permanentemente convocados a interpretar, a interpretação, desse modo, se mostra em pelo menos dois momentos: 1) no enunciado de quem conta uma narrativa. O nosso trabalho, diante dessa constatação é “descrever esse gesto de interpretação” e tentar compreender os sentidos evocados no enunciado. (Orlandi, 2015, p. 58); 2) o próprio exercício de descrição analítica já é um gesto de interpretação uma vez que “não há descrição sem interpretação” (*Idem*). A nossa análise, nesse sentido, está inevitavelmente envolvida num processo de descrever o enunciado narrativo que foi interpretado enquanto estamos colocando sobre este último um tipo de análise também interpretativa.

Vale dizer que o gesto interpretativo o qual nos referimos vai tratar o sentido do co-texto da narrativa jornalista sobre o assassinato de George Floyd e do campo de contexto imediato do sensível transformado em objeto. A interpretação, nesse sentido, está lado a lado da ideia de compreensão. Segundo Orlandi (2015), “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentido” (p.24). Ao compreender estaremos, então, colocando em evidência os processos de significação, outros sentidos que podem ser vistos além da superfície da narrativa e como eles são constituídos nos atos de fala que foram colocados em circulação. Esses “outros sentidos que podem ser vistos além da superfície da narrativa” não estarão exclusivamente pautados por um tipo de incorporação de saber intelectual, como já dissemos, sustentados no que Sodré (2023)reflete, no capítulo que abre este trabalho. Evidentemente, como já dissemos, a análise recorrerá ao eixo teórico da interpretação para sustentar as observações que serão feitas.

A constituição da estratégia funciona para “intervir” no processo de análise interpretativa sobre o objeto, lugar em que se manifesta o fenômeno observável. Aqui se destaca a pertinência da constituição da estratégia teórica da interpretação à qual narrativa, acontecimento e discurso estão submetidos. A estratégia/dispositivo teórico produz “um deslocamento” do próprio ato interpretativo que permitirá trabalhar “no entremeio da descrição e interpretação” (Orlandi, 2015, p. 59).

O que se espera da constituição do eixo teórico em relação ao eixo analítico da interpretação/compreensão não é uma espécie de indiferença face ao fenômeno, mas uma posição que possibilite relativizar o próprio ato interpretativo da narrativa interpretada. Ao analisar, investiremos no efeito da opacidade da linguagem, “no descentramento do sujeito, no efeito metafórico, no equívoco, na falha e na materialidade” (Orlandi, 2015, p. 58). Atravessando essas camadas podemos alcançar o trabalho da ideologia, de como o acontecimento é constituído a partir da sua narrativização jornalística. Nesse sentido, buscamos compreender o *Em Pauta* não como um tipo de sistema dominante, mas como o sensível transformado em um acontecimento vai assumir e incorporar determinadas formas

sociais.

A nossa estratégia de análise funcionará, ainda, para situar quem lê este trabalho no mesmo lugar em que se encontra o nosso processo analítico. Isto é, num lugar que, no momento da análise, não é de julgamento, mas lugar de compreender o movimento interpretativo (nosso alvo de análise) colocado sobre o objeto. Nesse sentido, teorizamos o objeto sempre ancorando em nossos eixos teóricos, e evidenciamos interpretativamente seus efeitos a partir do entremeio possibilitado pelo eixo analítico da interpretação. Trabalhando no entremeio da descrição e interpretação, nossa análise pretende ser menos subjetiva possível, num sentido que não pretendemos fazer demonstrações, mas mostrar o modo de produção de sentidos possíveis na narrativa (Orlandi, 2015).

Os investimentos que fazemos com a estratégia analítica de interpretação não eliminam o que é produzido pela narrativa em seu funcionamento, na superfície da linguagem, tampouco nos coloca fora da interpretação, mas afasta do nosso olhar um tipo de assujeitamento aos efeitos produzidos pela linguagem. Essa movimentação é possível pela via do acionamento do eixo teórica, uma vez que “não há análise do discurso sem a mediação teórica permanentemente, em todos os processos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação” (Orlandi, 2015, p. 60), dois procedimentos que nos orientam a compreender o que chamamos de um fenômeno observável. Daí vem a justificativa de colocar em evidência junto do nosso processo de descrição e interpretação/compreensão (análise) o acionamento aprofundado do nosso eixo teórico constituído por aqueles três conceitos abordados anteriormente.

### 6.3 As bases da análise

Antes de expormos a constituição do nosso *corpus*, sintetizamos uma última vez o desenho dos eixos que guiam a nossa análise. Estão sob o eixo teórico da interpretação: a) a narrativa; b) o acontecimento, e c) o discurso. Já sob o eixo analítico da interpretação se encontram: a) a perspectiva descritiva e interpretativa e o *corpus* propriamente selecionado. De modo a tornar o nosso *corpus* inteligível, destacamos algumas considerações antes de apresentar o quadro 1 em que esquematizamos nomenclaturas para as partes que constituem o nosso objeto.

Em primeiro lugar, os critérios de análise do *corpus* são guiados também pelo eixo teórico de interpretação. O que significa que é uma análise guiada pelos diálogos teóricos acionados até agora. Nesse sentido, a análise se distancia dos critérios empíricos-positivistas. Reforçamos essa escolha justificando, outra vez, que não procuramos um tipo de verdade em nosso objeto. As muitas formas de instrumentalizar o que estamos observando podem levar a outras milhares de considerações e caminhos. Sob um mesmo objeto pode estar uma diversidade de achados de sentidos e significados.

A explicação anterior nos leva à ausência de exaustividade analítica. Olhamos

o nosso objeto de frente, num sentido horizontal, e não de cima para baixo, como se pretendêssemos alcançar algum tipo de profundidade ou completude. Como já dissemos, o nosso objeto e o fenômeno que se manifesta sobre ele são fontes inesgotáveis de produção de sentidos. A profundidade da nossa análise será em relação ao objetivo da nossa análise – compreender como a experiência de assassinato de George Floyd foi constituída e o que se reverbera a partir desse acontecimento narrativizado.

A ideia de acontecimento e discurso atesta essa afirmação. Vale lembrar que o acontecimento é esse espectro que se realiza em transformações tão sutis que mal poderíamos percebê-lo. Ora, não seria forçoso indagar como o assassinato de George Floyd midiaticizado pelo Em Pauta, ou por algum outro programa, reverberaria na constituição de políticas públicas brasileiras que visassem impedir as mortes de civis em abordagens policiais. Ou, por exemplo, o que a articulação do movimento negro norte-americano à época do assassinato poderia mostrar para o movimento negro brasileiro. Isso é o acontecimento ainda acontecendo, reverberando-se, criando sentidos entre o que se passou e o que pode advir.

A ideia de discurso também segue esse fluxo uma vez que um discurso sempre se estabelece em relação ao que o antecede, mas sem deixar de apontar para outro discurso que se produzirá. Ou seja, “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (Orlandi, 2015, p. 60)

#### 6.4 Corpus de arquivo

O *corpus* desta pesquisa é dividido em duas partes: arquivo e experimental (este último o mesmo que *corpus* de análise). Vale dizer que a decisão do que faz parte do nosso *corpus* de arquivo, especialmente no que tange o experimental, já é decidir sobre a propriedade discursiva que estamos tentando compreender.

Em outras palavras, ao explicitarmos que o nosso alvo é compreender os sentidos e efeitos produzidos a partir da narrativização de um acontecimento – o assassinato violento de um homem norte-americano narrativizado por um jornal brasileiro – já é conceder à própria análise uma delimitação específica. Sobre o mesmo acontecimento, poderíamos inferir outras questões. Por exemplo, com a narrativa jornalística vai constituir um acontecimento a partir de enunciados narrativos que estejam em consonância com a ordem de gênero entre masculino e feminino. Dividir o *corpus* em duas formas nos ajuda a constituir montagens discursivas que se submetem aos princípios da teoria analítica do discurso. (Orlandi, 2015)

O *corpus* de arquivo é o material bruto coletado a partir do que temos disponível para análise. Isto é, as três edições do jornal Em Pauta: a) 29 de maio de 2020; b) 2 de junho de 2020 e; c) 3 de junho de 2020 – lembrando que esta última edição foi listada no canal Globo News como veiculada no dia 3 de maio. O conjunto desse material, as três edições do programa, resultou em 3h e 34 minutos de gravação que foram transcritas. O material

completo e bruto coletado está disponível nos anexos desta pesquisa. Para simplificar a visualização do que consiste no nosso *corpus* de arquivo, fizemos o quadro a seguir.

**Tabela 1 – Tabela 1**

|  |        |
|--|--------|
| Total de participantes das três edições  | 13     |
| Total de páginas transcritas das edições | 67     |
| Soma dos enunciados                      | 95     |
| Soma das palavras transcritas            | 21.922 |
| Somas das imagens decupadas              | 1869   |

Do autor

## 6.5 Corpus experimental

A partir do que foi coletado do material bruto, criamos outra tabela em que se pudesse nomear teoricamente e visualizar as partes do que constitui o nosso objeto, sua natureza, além de outros componentes importantes. Categorizamos o objeto em três planos estruturais: plano do objeto, plano da descrição e montagem discursiva. A seguir, o esquema apresentado para auxiliar e situar os processos da análise dentro do que chamamos de estratégia de análise.

**Tabela 2 – Tabela 2**

| Plano do objeto         |                                 |
|-------------------------|---------------------------------|
| Identificação           | Descrição                       |
| Materialidade simbólica | Três edições do jornal Em Pauta |
| Linguagem               | Texto (textual e imagético)     |

Do autor

**Tabela 3 – Tabela 3**

| Plano da descrição                       |   |
|--|---|
| Identificação                            | Descrição   |
| <i>Corpus de arquivo</i> /material bruto | Transcrição e decupagem do material como ele é (Anexos) |
| <i>Corpus experimental</i>               | Primeiro tratamento de análise.                         |

Tabela 4 – Tabela 4

| Montagem discursiva          |  |
|------------------------------|--|
| Identificação                | Descrição                                |
| Acontecimento existencial    | O fato acontecido                        |
| Acontecimento objeto         | o fato narrativizado                     |
| Enunciados                   | Superfície da narrativa                  |
| Discurso                     | De-superficialização/natureza do sentido |
| Objeto de análise/discursiva | Efeitos de sentido produzidos            |

Do autor

No “plano do objeto”, temos a seleção do lugar em que se materializa o fenômeno que se estuda, isto é, a produção jornalística televisiva em *Em Pauta*. A “natureza da linguagem” desse lugar oscila entre textual e imagética. Já no “Plano da descrição”, encontramos o *corpus* de arquivo/material bruto que é a transcrição na íntegra das três edições<sup>17</sup>, do jornal *Em Pauta*. A montagem discursiva já é a teorização do que constitui a materialidade do fenômeno para que se possa alcançar o que, na verdade, constitui o objeto da pesquisa – os efeitos de sentido produzidos.

Como já dizemos, o eixo analítico desta análise é guiado pela descrição e interpretação. A primeira é formada por aquilo que já chamamos de *corpus* de arquivo. A seguir, apresentamos – nos limites da interpretação – o que pode ser colocado em evidência e teorizar os sentidos outros produzidos a partir da narrativização do assassinato de George Floyd.

<sup>17</sup> Para nos auxiliar na decupagem descritiva dos enunciados e na transformação das imagens sequenciadas em *frames*, utilizamos dois softwares livres, *Free Vídeo to JPG Converter* e *oTranscribe*, disponíveis em <<https://www.dvdvideosoftware.com/pt/products/dvd/Free-Video-to-JPG-Converter.htm>> e <<https://otranscribe.com/>> Acessados em 11/04/2023.

## 7 NOTÍCIA QUE ACABA DE CHEGAR

De modo a orientar quem lê esta análise, vale dizer que a transcrição na íntegra dos três programas analisados: 29 de maio, 2 de junho e 3 de junho de 2020, encontram-se nos anexos deste trabalho. Ao longo da análise, alguns trechos transcritos são resgatados em parte ou na sua completude para ajudar no raciocínio analítico desta pesquisa.

### 7.1 Situação inicial: pauta que acaba de chegar – manifestantes vão às ruas por morte de jovem negro dos EUA

No dia 29 de maio de 2020, Leila Sterenberg, Guga Chacra, Demétrio Magnoli, Mônica Waldvogel e Eliane Cantanhêde (Figura 3) discutiam nos 26 minutos restantes do jornal Em Pauta sobre os bastidores da política e como as Forças Armadas estavam considerando o cenário de instabilidade entre os poderes do Executivo, Legislativo e Judiciário brasileiro. A discussão girava em torno também do então Presidente da República e a sua tentativa de interferência na Polícia Federal. Sterenberg, âncora dessa edição de 29 de maio, fazia um questionamento a Eliane Cantanhêde e, antes de terminar a sua sentença, interrompe o assunto sobre o cenário político nacional para chamar a notícia que acabava de chegar de Washington, D.C., dos Estados Unidos.

Figura 3 – Bancada de comentaristas da edição 29 de maio.



Print do autor

A correspondente Raquel Krahenbuhl reportou naquele momento que há poucos minutos manifestantes estavam em frente à Casa Branca em protesto contra a morte de George Floyd. Krahenbuhl acrescentou que havia acontecido confronto violento entre manifestantes e a polícia, que o Serviço Secreto Americano havia sido acionado e que estava em prontidão para agir. A repórter ainda compartilhou com os jornalistas do *Em Pauta* que os protestos estavam começando a tomar proporções significativas e que as manifestações já não se restringiam a Minneapolis, cidade onde George Floyd foi assassinado. Já era possível perceber naquele momento que as manifestações se espalhavam por grandes centros urbanos dos Estados Unidos. O que lembrava, segundo Krahenbuhl, o que aconteceu em Ferguson<sup>18</sup>, Missouri, em 2013, e que a situação, para a repórter, era o reflexo do cenário norte-americano – nomeado pela correspondente como “muito preconceito que é muito forte” no país.

De volta aos estúdios do *Em Pauta*, Steremberg diz que infelizmente aquele episódio não era o primeiro nos EUA. A âncora lembra que havia precedentes no país. Nas palavras dela, “Precedentes de jovens negros assassinados por policiais brancos”. Ao fazer essa constatação, Steremberg questiona Guga Chacra o porquê daquelas manifestações estarem ganhando tais proporções e reação popular. A jornalista ensaia uma resposta à própria pergunta que havia feito: “Talvez pelo posicionamento ou pelo que Trump já declarou?”

Podemos considerar que a o assassinato de George Floyd é situado neste trabalho como um acontecimento pertencente à dimensão sensível existencial. Em outras palavras, um fato acontecido é o que se realiza em nosso entorno, se produz pela contingência, ora pela estabilidade, ora pela regularidade ou, ainda, precariedade ou acaso (Queré, 2012). Desse modo, a experiência imediata não está isolada e não está constituída como objeto a ser conhecido. O que aconteceu, submetido ao regime do imediato, é então transformado ao ser observado, neste caso, pelo *Em Pauta*. Nesse sentido, a experiência-fim de assassinato implicada sobre a vida de George Floyd é a transformação do sensível em objeto de análise ao longo desses atos de fala entre jornalistas do programa. Em síntese, é um tipo de ocorrência em que a experiência (para nós uma experiência racializante) é submetida a um tipo de transição.

O acontecimento-existencial transformado em um acontecimento-objeto é uma maneira de apreensão reflexiva em que se buscou entender o que poderia *vir a ser* aquilo que estava se desenrolando da morte de mais uma pessoa em uma abordagem policial. Naquele momento de narrativização da vida, o acontecimento-existencial se torna um acontecimento-objeto, isto é: a totalidade do real colocada em sucessão de instantes para compreender o que se passou. Nesse sentido, o interrompimento da vida de George Floyd se um objeto de consciência, pensamento, discurso e julgamento. Isto é, um acontecimento sujeito à investigação, à inteligibilidade, portanto passível de enquadramentos significantes

<sup>18</sup> Raquel Krahenbuhl se referia ao adolescente Michael Brown, morto a tiros por um policial que o abordou sob a suspeita de um roubo que havia ocorrido em uma loja de conveniência na cidade de Ferguson.

e simbólicos.

Como não se sabe exatamente o que aconteceu, os atos de fala se submetem às condicionantes e às qualidades instantâneas do que o acontecimento parece ser e ter. É a experiência inicial (a tentativa de entender o que aconteceu) sobre a experiência imediata sensível. Como já dissemos anteriormente, o assassinato de George Floyd em si ganha significado para a análise deste trabalho ao ser narrativizado por um jornal brasileiro e como esse assassinato vai reverberar na construção de narrativa jornalística do *Em Pauta* que mostrará um tipo de constante tensão relacionado às dinâmicas raciais do nosso próprio país. Ao falar sobre assassinato, vale pontuar que o significado da morte para este trabalho parece se deslocar para outro lugar. Sodré (2023) constata que “ser mortal   estar prometido   morte” (p.119), que ter medo da morte   um estado/desejo de preservar a vida. Diante disso, pensamos o seguinte, o medo da morte parece sinalizar a ideia do encerramento do processo ou do desenvolvimento natural e desimpedido da vida. Em outras palavras, retomando o termo de Arendt (2005) utilizado nos capítulos anteriores, a morte   o fim da *vita activa*, lugar onde se estabelece e se realiza o ciclo trabalho, obra e a o de homens e mulheres.

Contudo, o enclausuramento do espírito e a transforma o do corpo em um invólucro de repulsa baseado na ideia da raça parece ter criado um tipo de estágio perturbador que antecede a promessa de morte como fim ou encerramento natural da vida no *ethos* dinamizado pela ideia racializante. Quer dizer, reconhecer a própria mortalidade não   só constatar a promessa de que a vida terá um fim, mas antes, segundo uma lógica de racializa o, que poderá ser interrompida. Diante disso, encerrar e interromper parecem ter resultados e significados distintos.   branquitude, a promessa do fim natural da *vita activa*. Ao outro racializado, este podendo ser muitas coisas – inclusive negro – o terror que não   imaginário e a antecipa o da morte quando necessária, portanto, o interrompimento do ciclo trabalho, obra e a o. Nesse sentido, o assassinato de George Floyd, e de outras e outros tantos,   uma experiência sensível de interrompimento da vida. O interrompimento da vida pela via racializante   um tipo de resigna o imputada   autonomia e da “(...) própria certeza e do próprio destino no mundo”. (Mbembe, 2018, p. 47)

A experiência de interrompimento da vida de George Floyd se torna um acontecimento-objeto de observa o jornalística porque ganha a aten o de um observador. E o que decorreu dele a partir daí – para os norte-americanos, as manifesta es que se espalhavam pelos EUA; para nós, uma rea o do *Em Pauta*   sua própria postura que pode ser considerada racista e outras tantas coisas –, são transformadas em unidades recortadas e isoladas do seu contexto em certa medida, para se buscar algum tipo de aprofundamento e determinar o que se passou.   necessário destacar que a possibilidade de narrativiza o do que aconteceu não surge, a princípio, a partir do ‘interesse’ midiático. Talvez, a onda de protestos e aquilo que emerge a partir da experiência de George Floyd, transformada em um acontecimento, possam ser explicados também por aquilo que Polydoro *et al.* (2016)

chamou de um tipo de fluxo autônomo, até certo ponto, “às instâncias decisórias dos veículos de mídia tradicionais” (Idem, p. 2). As imagens da morte de George Floyd – feitas por uma mulher também racializada – são significativas, ou talvez determinantes, para se colocar no horizonte dos noticiários a possibilidade de narrativizar o que entendemos como a racialização experienciada. A transformação da racialização experienciada em uma narrativa jornalística, nesse sentido, não é “natural”, mas, antes, convocada pelo fluxo e pela circulação descentralizados e dispersos como acontece nas redes sociais — ambiente reticulado em constante expansão (Polydoro *et al.*, 2016).

Essa transição do sensível para objeto pode ser apreendida como um tipo de choque que interrompe brutalmente o nosso estado e que desperta em nós um desejo de compreensão para buscar a natureza do que aconteceu (Dewey, 2005). Ao pautar a força bruta daquilo que está acontecendo, ou aconteceu, o jornal *Em Pauta* colocou em evidência uma maneira – que não é particular do programa, tampouco do jornalismo, mas sobretudo a partir desse modelo de intermediação enquanto um operador também da realidade –, de intervenção no curso daquilo que estava se transformando do sensível para objeto narrativizado. Essas experiências imediatas, uma vez isoladas, em que concentramos a nossa atenção na busca da sua especificidade e de seus significados, podem ser encontradas na maioria dos acontecimentos apreendidos pela comunicação. Esse duplo do acontecimento (existencial/objeto) coexiste. Para efeitos práticos, como nos lembra Quéré, “estamos constantemente em via de converter acontecimentos-existenciais em acontecimentos-objetos”, de maneira que seja possível intervir no curso das ocorrências, a atenuar os seus impactos e a domesticá-los um pouco (*Idem*, p. 26, grifo nosso). Também nos empenhamos a olhar para trás no momento da materialidade produzida com a ocorrência de um acontecimento, porque é nesse espaço-tempo, no passado, “que produzimos a inteligibilidade dos acontecimentos” (*Idem*).

Guga Chacra, respondendo ao questionamento de Steremberg, descreve/interpreta o episódio envolvendo George Floyd como uma “comoção nacional”. Para ele, as imagens da vítima “sendo sufocada e morta” pelo joelho de um “policial racista e branco” indicam um tipo de “tensão racial que não dá para negar”. Ainda segundo ele, George Floyd foi “morto” porque era um “afro-americano”, e o policial que o “matou”, o “matou” porque era um “racista”. Em outro trecho deste mesmo enunciado, Chacra relembra um episódio similar acontecido em Staten Island (NY), em que outro afro-americano foi “sufocado” até a “morte”.

Nesse mesmo primeiro enunciado/comentário, Chacra ressalta que Donald Trump, à época presidente dos Estados Unidos, estava “tentando mostrar uma certa empatia à família de George Floyd”, e que o presidente havia feito um post na plataforma X<sup>19</sup> “tão repugnante que o próprio *Twitter* havia classificado a mensagem como um tipo de glorificação à violência”. A mensagem compartilhada por Trump (Figura 4), suprimida e sob o aviso de violação dos termos da plataforma à época, dizia:

... These THUGS are dishonoring the memory of George Floyd, and I won't let

<sup>19</sup> À época, a plataforma X era chamada de Twitter.

that happen. Just spoke to Governor Tim Walz and told him that the Military is with him all the way. Any difficulty and we will assume control but, when the looting starts, the shooting starts. Thank you!

— Donald J. Trump (@realDonaldTrump) May 29, 2020

Figura 4 – Twitter de Trump nas redes. Fonte: CNN Brasil

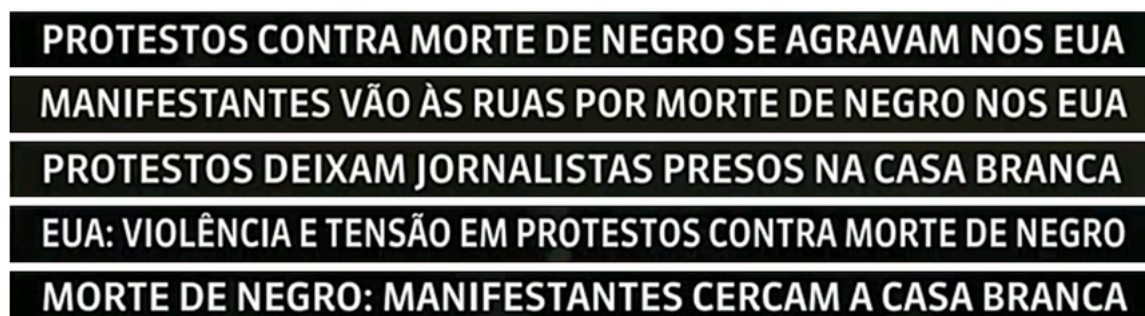


Print do autor

Para Chacra, Trump estava colocando mais lenha na fogueira numa situação de incêndio e que, para ele, a situação era grave. O comentarista ressaltou ainda que aquele ano era um ano eleitoral e que o país já se encontrava polarizado, e a situação só aumentava a tensão. O jornalista ressaltava, ademais, que o episódio envolvendo George Floyd é algo anterior ao governo Trump e que não daria para culpá-lo pelo que estava acontecendo naquele momento, apesar do histórico associado ao racismo do presidente Trump. A culpa – nas palavras do comentarista – era do “policial racista” e do “racismo estrutural que existe nos Estados Unidos” e que a “morte” de George Floyd, de 46 anos, era muito triste.

Vale destacar que a chamada textual sobre o que estava acontecendo fixada no pé da tela daquele momento se alternava entre cinco frases (Figura 4). E, à medida que esses primeiros comentários eram feitos, na tela eram mostradas também as primeiras imagens (Figura 5) dos manifestantes e dos protestos nos EUA.

Figura 5 – Chamadas na tela da edição do dia 02.



Do autor

A figura 5 é um compilado das chamadas textuais usadas ao longo dos 26 minutos restantes do *Em Pauta* para essa primeira cobertura do assassinato de George Floyd. Já na figura 6, apresentamos de forma resumida os *frames* decupados <sup>20</sup> dessa mesma edição do dia 29 de maio. Naquele momento, o *Em Pauta* mostrava em tela uma variedade de imagens dispersas das manifestações em Minneapolis – cidade onde aconteceu o assassinato de George Floyd –, e em Washigton, onde ocorriam também outras manifestações. O que pode ser situado nesse sentido é a relação estabelecida entre texto e imagem. Isto é, as chamadas textuais, ao que parece, não correspondem ou não sustentam as próprias imagens mostradas pelo jornal. Não há sequer um frame em que se mostre objetivamente a “gravidade”, “violência” ou “tensão” no protesto, ou ainda o “cerco” que teria impedido a entrada e saída de jornalistas na Casa Branca. As imagens mostradas são de manifestantes indignados com o assassinato de mais um homem negro, entoando palavras de ordem e sustentando placas com reivindicações.

<sup>20</sup> Ao todo, da edição que foi ao ar no dia 29 de maio, foram decupados e catalogados 348 frames. A decupagem do vídeo facilita e simplifica uma análise mais detalhada ao transformar o vídeo em imagens estáticas.

Figura 6 – Frames da manifestação



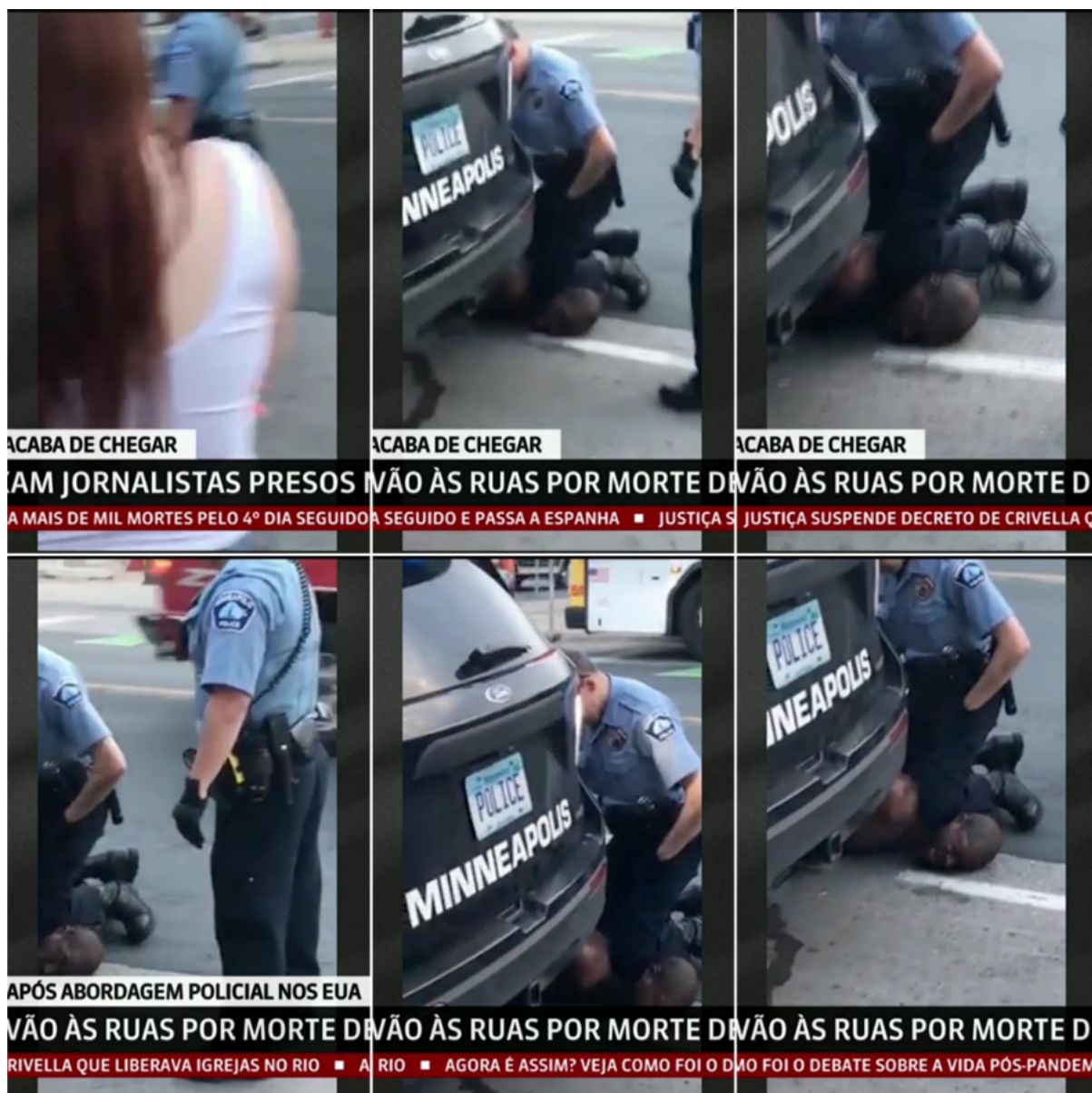
Do autor

Embora as chamadas textuais não traduzem imagetivamente aquilo que descrevem, parece ficar indicado que o interesse da narrativa jornalística gira em torno do agravamento dos protestos que aumentavam de maneira descontrolada e que gerava consequências como os jornalistas presos dentro da Casa Branca e a tensão entre polícia e população. Nesse sentido, o interrompimento da vida de George Floyd, isto é, o seu assassinato, é negligenciado. Falaremos mais sobre a adjetivação racial nas chamadas textuais dessa edição mais adiante.

Em seguida, Steremberg pede para que as imagens do momento em que George Floyd é assassinado sejam colocadas em tela (Figura 7). Na sequência de frames – única imagem de George Floyd mostrada no fio narrativo das três edições –, é mostrada a vítima

prensada contra o asfalto pelo joelho do policial Derek Chauvin. Por pouco mais de 30 segundos, somos levados a assistir e a experimentar também como George Floyd foi brutalmente assassinado.

Figura 7 – Imagens decupadas que mostram o assassinato de George Floyd.



Frame do autor

Não nos parece existir esse tipo de dimensão em que democracia e violência sejam fatos excludentes e, portanto, não complementares. Podemos considerar que o poder – aqui o exercício do direito de matar –, apela à emergência (característica do estado de exceção) e à noção (ficcional e imaginária) da figura de um inimigo. A violência policial e a ausência do respeito aos direitos humanos podem coexistir no campo da racionalidade e das democracias modernas porque a exceção e a emergência são a base

normativa da economia de quem vive e de quem morre. A exceção e emergência, vale notar, são ferramentas continuamente utilizadas pelo poder para exercer o direito de matar. A materialização do poder (nem sempre estatal) sempre carrega uma noção de exceção à regra. A regra é, nesse sentido, viver, e a exceção é a morte. Pela ótica da ideia de “raça”, é justamente o oposto que está colocado (Mbembe, 2018)

De maneira mais simples, a violência e o direito de matar o outro (este sempre em consonância com a figura ficcional de um inimigo) funcionam perfeitamente dentro de um sistema democrático de direito. Essa ideia dialoga com a perspectiva sobre a forma social do racismo que temos abordado ao longo deste trabalho, em que se compreende que uma estrutura pode até ser alterada, mas os seus componentes permanecem funcionando de forma similar ao que sempre foram na sua originalidade. Embora tenha existido o rompimento com a estrutura abertamente racializante e racista do império, podemos pensar a dinâmica racializante como “um jogo com suas regras e peças interdependentes. Há situações cruciais em que as peças mudam, mas o jogo continua” (Sodré, 2023, p. 42) Ao observarmos a dinâmica racializante pós-abolicionista, percebe-se que o jogo mudou, mas suas peças permanecem no imaginário racial. (Sodré, 2023)

Os enunciados de Demétrio Magnoli, quando este traz para a narrativa um tipo de interpretação sobre o que aconteceu como “um dado estrutural das polícias americanas” que indicam um tipo de “violência focalizada e estrutural”, parece indicar um tipo de contraste com o percurso que o fio narrativo das edições parece tomar. A interpretação de Magnoli diante do que aconteceu revela outras generalizações e elaborações possíveis que não se dobram, neste caso, às fronteiras do pensamento desprovido de reflexão diante da primeiridade do choque do que emerge do *ethos*. Sua resposta parece se alinhar mais ao campo da experiência do que já está transcorrido e menos à projeção de futuro e ao horizonte de expectativas provocado pelo que parece se localizar a narrativização do *Em Pauta* sobre o acontecimento George Floyd.

Apesar de fazermos uma interpretação, aqui teórica, distinta da que Magnoli pensa sobre Estado Democrático e violências, o comentarista é uma das poucas vozes que compõem a narrativização do *Em Pauta* que esbarra no campo do acontecimento-existencial e no que condiz com o que chamamos de dinâmica racializante relacionada ao assassinato de George Floyd. Magnoli coloca, inclusive, a realidade brasileira em paralelo à dinâmica racial estadunidense. Podemos destacar na sua resposta o acionamento a respeito da violência policial norte-americana que age segundo uma “lógica racial”.

Apesar da tentativa de Magnoli trazer para a edição dia 29 de maio a situação do Rio de Janeiro especificadamente, onde se percebia, segundo o comentarista, o aumento brutal de assassinatos cometidos pelos policiais, os comentários seguem, a partir da pergunta seguinte de Steremberg, para uma análise das mortes provocadas pela Covid 19. A âncora constata que a pandemia faz mais vítimas entre a população negra e latina, e existe uma desproporção daqueles que vêm a óbito. Ainda assim a questão discutida parece convocar

de Magnoli um tipo de posicionamento distinto do fio narrativo que se propõe a descrever e a mencionar o acontecimento George Floyd. Embora Magnoli considere também na sua reflexão o contexto da pandemia, o que parece fazer sentido para ele não é a quantidade de mortes geradas por uma doença, mas sim como o cenário imposto por um vírus, e suas consequências, coloca em evidência um problema que não é novo, é histórico e característico do *ethos*, no caso, o cenário brasileiro: o aumento dos assassinatos brutais promovidos pela polícia carioca nas favelas e bairros periféricos, onde vivem predominantemente pessoas racializadas. A respeito desse assunto, Chacra ressalta que a maioria das vítimas na pandemia eram a população afro-americana e latino-americana. Ao destacar isso, o jornalista volta a sua resposta para a questão política e eleitoral dos EUA.

Guga Chacra considera que na eleição contra Hillary Clinton, Trump teve 8% de votos do eleitorado afro-americano e que, nas eleições que estavam para acontecer contra Joe Biden<sup>21</sup>, talvez Trump tivesse uma porcentagem ainda menor dependendo da escolha para o posto de vice-presidente – cenário em que estava dado por efeito das altas taxas do desemprego e da “performance pavorosa” no combate à pandemia. Com as manifestações que estavam acontecendo pelo assassinato de George Floyd – “que não era o primeiro, nem o último” –, ele previa que a polarização política seria ainda maior.

Steremberg, ao prosseguir com os seus comentários, ressalta uma vez mais como as reverberações eleitorais estariam sujeitas especialmente ao posicionamento do então candidato à presidência, Joe Biden. Demétrio Magnoli, chamado a fazer mais de suas análises, destaca que a maioria do eleitorado negro era contra Donald Trump e que as declarações do presidenciável sobre o que aconteceu tinham sido pavorosas, horrendas e um estímulo à violência policial. Para ele, o estímulo à violência feito por Trump só não se comparava ao que o então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, fez quando disse que a polícia teria que “atirar na cabecinha de suspeitos” e que no Rio de Janeiro se faz exatamente isso, “atira na cabecinha de quem quiser, sem protestos”. Segundo Magnoli, Trump não teria chegado a esse ponto, mas ainda assim estimulou e praticamente aplaudiu a violência policial, o que geraria, portanto, impacto no eleitorado que não é apenas o eleitorado negro nos EUA. As análises seguintes são feitas em torno de algumas mensagens do então presidente Donald Trump, na plataforma X, sobre as manifestações e que teriam, segundo Guga Chacra e Demétrio Magnoli, teor violento. Após esse momento, Steremberg chama para a conversa Mônica Waldvogel. A seguir apresentamos os dois enunciados na íntegra.

Os protestos chamam atenção por essa veemência, mas que é absolutamente compreensível dada a violência e maneira brutal que George Floyd foi assassinado. Mas de qualquer forma, o policial Derek Chauvin foi detido, acusado de homicídio, e vai responder por homicídio culposo, assassinato em terceiro grau. E isso tudo foi muito rápido. Se a gente comparar com que normalmente acontece no Brasil quando você tem um cidadão vítima de violência policial e eventualmente não dá em nada. (Leila Steremberg)

<sup>21</sup> Então candidato e vencedor da última eleição presidencial dos EUA.

Imaginar que a população negra não fosse reagir, e eles sempre protestam, isso tem décadas, essa violência é antiga. E há décadas esses protestos tomam as cidades e viram esse tipo de coisa: incendiaram delegacias, prédios públicos, depredaram supermercados. Ou o presidente acalma, ou ele vai ter isso na porta da casa dele. (Mônica Waldvogel)

Para Mônica Waldvogel, como se leu, a violência experimentada por George Floyd, era antiga e era de se esperar que a população negra “eles” reagisse. O ponto de virada do seu comentário está em dois momentos: primeiro, na associação feita às manifestações; segundo, no real motivo de preocupação no desenrolar do que acontecia. Para ela, “esses tipos de protestos tomam as cidades e viram esse tipo de coisa”. Nas palavras de Waldvogel, “esse tipo de coisa” significa incendiar delegacias, prédios públicos e depredação de supermercados. E a preocupação maior a partir do que a comentarista fala, ao que parece, é que essas revoltas chegassem até a porta da Casa Branca e ao presidente Donald Trump, uma vez que o mandatário incitava mais violência durante as manifestações que começaram em Minneapolis.

Em seguida, Raquel Krahenbuhl entra novamente da sala de imprensa na Casa Branca, direto dos EUA, para repetir a mensagem que Donald Trump havia tuitado nas redes sociais a respeito das manifestações. A correspondente lembra que a mensagem incitava a violência<sup>22</sup> (replicamos anteriormente o print da mensagem), mas que no fim do dia Trump havia prometido justiça à família de George Floyd. Steremberg questiona Magnoli nos minutos seguintes, com imagens da manifestação na tela, se Trump havia tentado mudar o tom da narrativa sobre o episódio e que, para ela, o estrago já havia sido feito perante a opinião pública. Apresentamos também na íntegra a resposta de Magnoli:

O ponto é que essa ação não é uma ação isolada. De maneira que a prisão muito necessária, o processo e a punição do assassino – esse é o nome, isso é um assassinato a céu aberto, não resolvem o problema e é isso que os manifestantes sabem e é por isso que eles estão manifestando. Isso é um dado estrutural das polícias americanas: a violência racialmente focalizada. Isso é estrutural. O que os manifestantes estão dizendo é uma reforma das polícias, da reforma da atitude das polícias dos EUA. A gente pode transportar isso para cá. É o mesmo problema que ocorre no Brasil com a diferença que quando há assassinato e execução extraoficiais promovidas pela polícia sequer os indivíduos são punidos. O que os manifestantes estão dizendo é que existe um padrão racial das polícias dos EUA. E isso pode ter impacto nas eleições.

Antes de chamar o intervalo, Steremberg completa a resposta de Magnoli dizendo que se tratava de “um racismo que é endêmico e difícil de mudar” nos EUA. Na volta ao estúdio, Steremberg atualiza uma breve informação sobre as manifestações dizendo que o prefeito da cidade de Minneapolis havia decretado toque de recolher até o próximo domingo daquela semana.

Ao fazermos a nossa transcrição integral dos programas e, conseqüentemente, uma

<sup>22</sup> “>A própria plataforma, à época, advertiu seus usuários a respeito da mensagem de Trump com o seguinte posicionamento: “Este tuíte violou as regras do Twitter por glorificar a violência. No entanto, o Twitter determinou que pode ser do interesse do público que o tuíte permaneça acessível“. Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/twitter-adverte-publicacao-de-trump-por-glorificar-a-violencia/>>

transcrição interpretativa, a narrativa que começa com essa transformação da experiência fim do interrompimento da vida de George Floyd em um acontecimento-objeto parece revelar um outro lugar de significações e interpretações sobre os atos de fala que foram colocados no plano da textualidade narrativa.

Entendemos que, na experiência do imediato no presente, um acontecimento-objeto é sempre uma porção do sensível já experimentada que advém do que o circunda. Isto é, o objeto de julgamento é apenas um fragmento do sensível experimentado previamente. O que se pretende descobrir com a observação e julgamento do acontecimento-objeto não é exatamente a sua 'natureza'. Existe uma dimensão limitante do acontecimento-objeto que impossibilita reconstruí-lo como ele havia ocorrido em sua materialidade existencial, a qual é "a prova do acontecimento no instante de sua ocorrência" (Queré, 2012, p. 28). Em substituição a essa lacuna, a busca de sentido sobre o que aconteceu é em relação à inteireza do campo de referência de onde se observa o acontecimento. Mas, para além das trincheiras da linguagem, que não dão conta da experiência direta da racialização e precarização e de como o *Em Pauta* entende o que aconteceu a George Floyd, existem também outros níveis de simbolização e de ideação de um acontecimento, como aqueles pinçados e colocados em paralelo à realidade brasileira. Ainda assim, parece-nos que esse campo de referência é qualquer outra coisa que não esteja relacionado especificamente ao assassinato de George Floyd.

Nesse sentido, ao que parece, a narrativização do assassinato da vítima, na edição do dia 29 de maio do jornal *Em Pauta*, está mais inclinada a compreender o que rompeu com a normalidade em relação ao cenário político eleitoral norte-americano, e menos em relação ao acontecimento-objeto tal como ele adveio a partir do seu choque, apesar da também condição limitante de constituição *per se*.

Trazemos essa constatação para o diálogo porque ao se observar os enunciados – além de já termos feito a (de)superficialização da narrativa descrevendo todas as três edições selecionadas do *Em Pauta* – percebemos que os atos de fala são a respeito do que aconteceu em relação a alguma coisa. Esta *coisa* aqui entendida como reverberações possíveis em relação ao cenário político eleitoral norte-americano, portanto, não em relação à brutalidade de mais um assassinato violento pela polícia estadunidense.

Sustenta-se a constatação sugerida acima observando-se que todos os enunciados feitos por Leila Steremberg, âncora da edição do dia 29 de maio do *Em Pauta*, aos comentaristas da bancada, foram em relação ao campo de referência eleitoral daquele presente. Abaixo, compilamos os sete enunciados de Steremberg, além de negritar os trechos dos seus atos de fala os quais a nossa constatação se refere.

Infelizmente não é a primeira vez que isso acontece nos EUA. Há precedentes. Precedentes de jovens negros assassinados pela polícia. Por que dessa vez está ganhando essa proporção e reação popular? **Talvez pelo posicionamento ou pelo que Trump já declarou?** (Leila Steremberg)

Guga, entre outras coisas, **falando sobre pandemia**: a pandemia faz mais vítimas

entre a população negra e latina, mas de qualquer forma existe uma desproporção daqueles que vem a óbito. (Leila Sterenberg)

E voltamos a falar sobre as reações à morte por um policial, a morte de George Floyd, que foi brutalmente assassinado por um policial, sufocado por um policial, na cidade de Minneapolis, no estado de Minnesota. Essas imagens são exatamente da cidade, onde a gente tá acompanhando essas manifestações. E como disse Raquel Krahenbuhl, há manifestações também em outras partes dos EUA, inclusive em Washington, em frente à Casa Branca. **Inclusive jornalistas chegaram a ficar preso lá dentro, ninguém podia sair. Depois a coisa foi relaxada. Mas a tensão é grande por lá, na capital americana e em outras cidades dos EUA.** Vamos ficar com essas imagens (imagens das manifestações) e voltar a conversar com Guga Chacra e o Demétrio Magnoli. (Leila Sterenberg)

Exatamente, ele desesperado lá, querendo respirar. Fiquei até nervosa com essa imagem. **Demétrio, você acha que esses protestos vão crescer em que medida e isso vai ter repercussão na corrida de Donald Trump a reeleição, nesse processo eleitoral americano?** (Leila Sterenberg)

É, eu acho que **a reverberação eleitoral Demétrio**, me corrija se eu estiver errada, vai depender um pouco também do **posicionamento do próprio Biden nessa história toda, né?** (Leila Sterenberg)

Houve **uma tentativa do Trump em tentar mudar o tom a narrativa** sobre esse episódio. Mas o estrago já tá feito perante a opinião pública. (Leila Sterenberg)

Os protestos chamam atenção por essa veemência, para que é compreensível dada a violência e maneira brutal que George Floyd foi assassinado, mas de qualquer forma, o policial Derek Chauvin foi detido, acusado de homicídio, vai responder por homicídio culposo, assassinato em terceiro grau. E isso tudo foi muito rápido. **Se a gente comparar com que normalmente acontece no Brasil quando você tem um cidadão vítima de violência policial e eventualmente não dá em nada.** (Leila Sterenberg)

É perceptível como *os atos de fala* da jornalista âncora da edição 29 de maio, os que foram replicados acima, orientam a narrativa a observar qualquer coisa *em* relação ao que aconteceu, e não a observar o que de fato aconteceu. O trecho em que Sterenberg se queixa de ficar nervosa ao assistir à cena em que George Floyd é assassinado à luz do dia parece revelar uma característica sintomática da nossa dinâmica racial em que o reconhecimento do outro racializado pode até ser assumido, desde que as imagens da racialização materializadas no *ethos* fiquem sob a opacidade de uma pretensa ideia de indignação.

Essa percepção nos faz lembrar que a racialização, ao mesmo tempo que se mostra real, embora às vezes dissimulada, também se submete, a partir de uma dinâmica pactuada e não verbalizada, a um tipo de tamponamento cultural. Talvez daí se produza também a figura do quarto da empregada, afastada dos cômodos principais da casa. Dos elevadores de serviços exclusivos para funcionários. E as favelas, afastadas dos grandes centros urbanos. Enquanto a raça precisa desses totens (as pessoas racializadas) para aproximar e impregnar as suas configurações imaginárias racializantes a esses corpos, cria também mecanismos de afastamentos tanto simbólicos, imaginários e materiais no espaço e no tempo.

O nervosismo da apresentadora, nesse sentido, não parece ser em relação à dinâmica racial que interrompeu a vida de George Floyd, bastante parecida com a dinamização

brasileira guiada também pela ideia de raça, mas com a imagem horrorosa trazida à narrativa daquilo que deveria ficar escondido, ou no mínimo opaco. Tanto é que o interesse seguinte de Steremberg é em saber como os protestos iriam influenciar a corrida eleitoral daquele momento.

Os enunciados da edição dia 29 de maio parecem carregar nos seus atos de fala um certo tipo de ambivalência de significados e de sentidos. Ao ser metamorfoseado pela narrativa jornalística – em que se tentou compreender a natureza, relações, condições e consequências do que aconteceu – o acontecimento existencial não só passa a ser um objeto de compreensão, mas preenchido com outros significados. O sentido do objeto, ao ser colocado em atos de fala no programa, desse modo, vai residir na sua interação com aspectos específicos que estavam sobrepostos no campo contextual daquele momento.

Falamos em ambivalência porque, nos atos de fala da edição – embora se procure as prováveis consequências do acontecimento existencial George Floyd –, ainda que essa procura esteja “(. . .) no âmbito de interações determinadas por condições e circunstâncias (. . .),” (Queré, 2012, p. 32), não está totalmente excluída aquilo que, para nós, seria a qualidade intrínseca do que aconteceu. Contudo, as interações e os atos de fala do programa do dia 29 de maio parecerem ser guiadas por fatos e ideias distintas das que poderiam elucidar a brutalidade do que tinha acontecido.

Não é difícil de identificar, especialmente nos enunciados feitos por Guga Chacra e Demétrio Magnoli, expressões como “racismo estrutural”, “lógica racial”, “violência policial”. Entretanto, ao serem consideradas pelo processo de investigação, isto é, colocadas em narrativa, produz-se um discurso que privilegia uma espécie de ordem natural e lógica do acontecimento. Esse processo estimula as relações com um campo de referência guiado (cenário eleitoral) e que, ao mesmo tempo, neutraliza a qualidade não só imediata do acontecimento existencial (o assassinato de um homem negro por um policial branco), mas as suas referências contextuais do passado e projeções futuras.

Teremos, então, um objeto singular constituído por um tipo de dispositivo argumentativo. A textualidade narrativa do existencial suspende a compreensão sobre o fato em si, e coloca em relevo a sua relação com outros acontecimentos. O que indica, nesse sentido, um discurso que se estabelece em alinhamento com as condições sociais e as hierarquias de poder relacionadas à disputa pela Casa Branca. A edição do dia 29 de maio, nesse sentido, compreende o assassinato de George Floyd não em referência ao que em certos momentos os seus próprios comentaristas acionam (a violência policial, o racismo estrutural, a lógica racial), mas em relação a situações e maneiras instituídas (muito particular pelo fazer jornalístico) que são mais familiares (o contexto político, a disputa pelo poder, o processo eleitoral) e que são, desse modo, mais importantes para a linha editorial narrativa do programa e, provavelmente, para o seu público. Ao se fazer isso, os atos de fala narrados jornalisticamente acrescentam, determinam e estabelecem sentidos e significados ao acontecimento. O acontecimento-objeto substitui “o lugar do acontecimento existencial

como fator suscetível de entrar na organização de nossa conduta” (Queré, 2012, p.30).

Sob a nossa análise, esse jogo textualizado em atos de falas faz com que surjam ideias e indicações, substituições e atenuações, realces e esmaecimentos sobre o sensível (experiência) colocado em palavras (discurso), criando-se ou falando, enfim, uma “coisa” que substitui ou divide espaço com o que entendemos como a racialização experienciada. Além do limite que entrincheira a textualidade, colocando-a num conflito indizível em que é quase impossível empalavrar o que foi transcrito, o acontecimento carrega também uma nuance irresistível de julgamentos de percepção. O que nos convoca “à colisão”, “ao choque externo”, e “à força brutal” (Queré, 2012, p. 29) da realidade que tenta impor um certo tipo de aceitação.

Outro aspecto a ser percebido é como a ‘adjetivação racial’ está ausente em uma das falas de Steremberg ao se referir e comparar a violência policial contra negros nos EUA ao contexto brasileiro. Antes de chamar Mônica Waldvogel para comentar, a jornalista reafirma a veemência do episódio dada a violência e a maneira brutal com que George Floyd foi “assassinado”, mas que Derek Chauvin (policial filmado com o joelho no pescoço da vítima) – pela primeira vez citado ao longo dos minutos restantes da edição do dia 29 de maio – responderia por homicídio culposo e assassinato em terceiro grau. Para Steremberg, a prisão do policial foi rápida se comparada com o Brasil, quando um “cidadão era vítima de violência policial” e eventualmente não dava em nada.

Embora sutil, a percepção da jornalista parece invisibilizar um fato brutal e recorrente em nosso país. Não é novidade que as vítimas da violência policial no Brasil são em sua maioria negros e pardos<sup>23</sup>, especialmente aqueles e aquelas que vivem nas zonas periféricas do país – afirmação que pode ser sustentada pelo relatório dos membros do Mecanismo Internacional de Especialistas Independentes para Promoção de Justiça e Igualdade Racial na Aplicação da Lei, ligados a ONU. Segundo os dados levantados, a polícia brasileira mata por ano mais de 6 mil pessoas. Desse número, só no ano de 2022, 83% das vítimas eram pessoas negras.

Colocando em contraste a fala de Steremberg com as chamadas da edição do dia 29 de maio – em que o uso da expressão “morte de negro” só não aparece em uma das cinco frases colocadas na tela –, salta aos olhos um detalhe: ao se referir à vítima assassinada nos EUA, o programa demarca um tipo de evidência racial do corpo de que se fala: “morte de negro”. Ao se comparar o que aconteceu nos EUA com o que acontece no Brasil diariamente a partir do trecho em questão dito por Steremberg, a demarcação e evidência racial do corpo desaparecem: “um cidadão vítima de violência”. O que sugere, nesse sentido, que ou se é uma coisa ou outra, ou se trata da morte de um negro ou se fala sobre a violência contra um cidadão. Essa constatação também pode ser percebida

<sup>23</sup> “Especialistas da ONU cobram o fim da 'brutal' violência policial no Brasil”, disponível em <

inclusive quando Magnoli compara o que aconteceu com George Floyd à situação do Rio de Janeiro. Ao dizer que há um aumento brutal dos assassinatos promovidos pela polícia em favelas e bairros periféricos, o demarcador racial “negro” também desaparece.

A própria expressão “morte de negro” parece descabida à situação. Como já refletido anteriormente, não se trata de uma morte, mas de um assassinato, de um movimento que pretende interromper a vida de alguém, sem qualquer receio, remorso pelo que se estava fazendo. As chamadas textuais, nesse sentido, parecem imprimir à narrativa um tipo de desculpabilização pela crueldade cometida. A adjetivação “morte de negro” esvazia completamente a possibilidade de humanização de uma pessoa porque subtrai o seu nome. Sem nome, George Floyd é reposicionado no lugar de um objeto manejável, passível de qualquer tipo de controle, característica familiar e bem conhecida no tempo em que a espoliação do corpo racializado era formalmente normatizada. A adjetivação que aparece em quatro das cinco frases das chamadas textuais, como já dito, é nesse sentido um aprisionamento, como nos lembrou Mbembe (2018) em outro trecho desta análise, às aparências constituídas pelo processo de racialização para pertencer aos outros e não a nós mesmos. A subtração do nome foi, como já sabemos, um dos mecanismos da espoliação organizada com a colonização do mundo ao bem-querer da Europa. A negação do nome já foi um tipo de codificação que reforçava a autorização para o colonizar a praticar qualquer tipo de delírio perturbador sobre o corpo espoliado, uma vez que esse corpo carregaria, então, um nome que indicasse o pertencimento do escravo ao seu senhor. Daí, talvez, surgiriam os sobrenomes que conhecemos hoje que carregam a preposição “de” que, para alguns estudiosos, indicaria posse, e que, portanto, ajudariam a apagar qualquer perspectiva de origem da imigração forçada iniciada no século XV.

Suspendendo-se a opacidade da textualidade narrativa, ao considerar os aspectos colocados em discussão acima, podemos sugerir que a edição dia 29 de maio parece criar um tipo de formações imaginárias. Os atos de fala do programa, nesse sentido, flutuam não em torno da procura de sentido do que aconteceu a George Floyd. O que pode ser constatado nesta edição, ao nosso ver, são escolhas orientadas sobre fatos que se relacionam com a experiência existencial (o que estava transcorrido), mas que, na verdade, estavam inclinadas às possíveis reverberações de um campo de referência específico.

A materialização imagética de George Floyd feita na edição do dia 29 de maio se resume às imagens mostradas da vítima sendo sufocada por quase nove minutos. Não se sabe quase nada sobre George Floyd naquele momento. O que se sabe, contrariamente, é que aquele corpo sufocado contra o asfalto poderia mudar a cena eleitoral norte-americana. Pouco interessava se a brutalidade daquelas imagens tinha relação com aquilo que a própria narrativa do *Em Pauta*, em determinados momentos, preocupava-se em sublinhar e que se relacionava com a dinâmica racial daquele país. Nesse sentido, umas das percepções sobre a formação imaginária sobre o acontecimento George Floyd no *Em Pauta* do dia 29 de maio é quase um esvaziamento da dimensão da existência da vítima. O que sugere um duplo

interrompimento, tanto da vida – executado pelo policial branco que o assassinou, como da narrativa jornalística – que ao pautar o sensível provoca esvaziamentos, preenchendo-se o então transformado acontecimento-objeto em alguma outra coisa.

O texto orientado por ideias e colocado em narrativa nessa edição está relacionado à historicidade que o rodeia. Por esse motivo, por exemplo, que os trechos analisados da edição do dia 29 de maio parecem reconhecer que o assassinato de George Floyd de fato foi orientado por uma dinâmica racial característica dos Estados Unidos. Contudo, a tentativa de relacionar o fato acontecido à realidade brasileira parece evidenciar algumas lacunas sobre um fato também similar (a racialização brasileira) mas que não é, ao que parece, evidentemente assumido. O que nos leva a considerar que essa ambivalência narrativa aponta para um tipo de filiação de sentidos característicos do *socius* racializante brasileiro. Isto é, ao mesmo tempo que a narrativa parece reconhecer e validar a dinâmica racial nos EUA, empenha-se também em criar uma certa opacidade quando o mesmo acontecimento narrativizado esbarra na realidade brasileira que se assemelha à dos EUA.

Não estamos interessados em um tipo de análise que pretenda compreender a intenção das pessoas implicadas nesses *atos de fala* que contornam a narrativa e que corporificam um processo discursivo específico. Não nos parece útil, nem pretendemos, observar a intencionalidade de quem está implicado narrativamente, mas de reconhecer que a possibilidade de compreender o desconhecimento dos significados produzidos no plano do objeto não invalida o compromisso que os *atos de fala* colocam em evidência e de suas relações de sentido que são construídas ideologicamente. Como reflete (Orlandi, 2015)

Entre as inúmeras possibilidades de formulação, os sujeitos dizem x e não y, significando, produzindo-se em processos de identificação que aparecem como se estivessem referidos a sentidos que ali estão, enquanto produtos da relação evidente de palavras e coisas. [...] as palavras refletem sentidos e discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história e faz presente na língua. (p. 65)

Certamente, as pessoas implicadas nos atos de fala, tanto dessa edição do dia 29 de maio, com nas demais, são importantes para não perdermos de vista as condições como esse processo discursivo se materializa por meio da narrativa. Dessa maneira é que podemos mostrar “o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro”, trabalhando para diminuir a opacidade da narrativa que transformou o acontecimento existencial em objeto e, assim evidenciar, o “não-dito naquilo que é dito” (Orlandi, 2015, p. 32), neste caso, sobre um mesmo acontecimento.

Os atos de fala que trouxemos para análise parecem refletir, embora estejam falando de um acontecimento exterior ao *socius* brasileiro, justamente a maneira como lidamos como o que estamos chamando de forma social da racialização em nosso país. Uma das camadas mais explícitas, e que já adentramos anteriormente, é essa espécie de um pacto paradoxalmente não verbalizado, mas dito e que pode ser reconhecido nos atos de fala, em que fica indicado que a brutalidade do assassinato de George Floyd, e de outros casos

parecidos, causa algum tipo de espanto e horror devido a sua interrupção da normalidade da vida. Obviamente a interrupção da vida de pessoas negras é espantosa e horrenda. Mas é preciso reconhecer também que o espanto e o horror, na verdade, deveriam ser direcionados para a maneira como tratamos essa brutalidade e esse ‘direito de matar’ que aparentam ser casos excepcionalíssimos.

Não nos parece que a narrativa jornalística sublinha satisfatoriamente que o assassinato de George Floyd não faz parte da excepcionalidade, mas sim de um tipo de normatização da violência direcionada a um determinado grupo. Ainda que Steremberg, Chacra, Magnoli e Waldvogel concordem em algum momento dos seus atos de fala que o assassinato de George Floyd não é o primeiro e que há, portanto, precedentes, ou que essa violência, como diz umas das pessoas comentaristas, é antiga, a intriga narrativa dessa edição parece sempre apontar para uma ambivalência que oscila ora em constatar a dinâmica racial de um país, ora em tergiversar a atmosfera racializante brasileira igualmente brutal.

Para tentar compreender o curso tomado por esses atos de fala que se transformaram em uma narrativa jornalística, mostramos a seguir a nossa leitura a respeito das outras duas edições do *Em Pauta*: aquelas que foram ao ar no dia 2 e 3 de junho. Pretendemos a partir de agora identificar o que permanece da primeira edição e o que é alterado nas outras duas em relação à transformação da experiência fim de George Floyd em um objeto de narrativa.

A *situação inicial* da nossa narrativa privilegia, como já sugeríamos, uma dimensão de significados que se relaciona mais a fatos, ideias e projeções ligados a um campo de referência distinto daquele que poderia caracterizar e ajudar a compreender o que aconteceu. Deixando-se a *situação inicial*, partirmos em direção à *perturbação*, ou o que perturbou, a narrativa.

## 7.2 Perturbação: a pauta é protesto antirracismo

Como já demonstrado, as pessoas que discutiam a respeito do cenário eleitoral norte-americano a partir do interrompimento brutal da vida de George Floyd na edição do 29 de maio eram três mulheres brancas e dois homens brancos – o que não configura, necessariamente, algum tipo de problema, ou para usar uma expressão bastante conhecida nos estudos sobre raça, falta de representatividade. Esse mesmo cenário permanece na edição do dia 2 de junho de 2020, sendo o apresentador e as pessoas comentaristas respectivamente: Marcelo Cosme, Jorge Pontual, Demétrio Magnoli, Andreia Sadi, Gerson Camarotti, Mônica Waldvogel e Sandra Coutinho (Figura 8).

Figura 8 – Bancada do Em Pauta/edição dia 2.

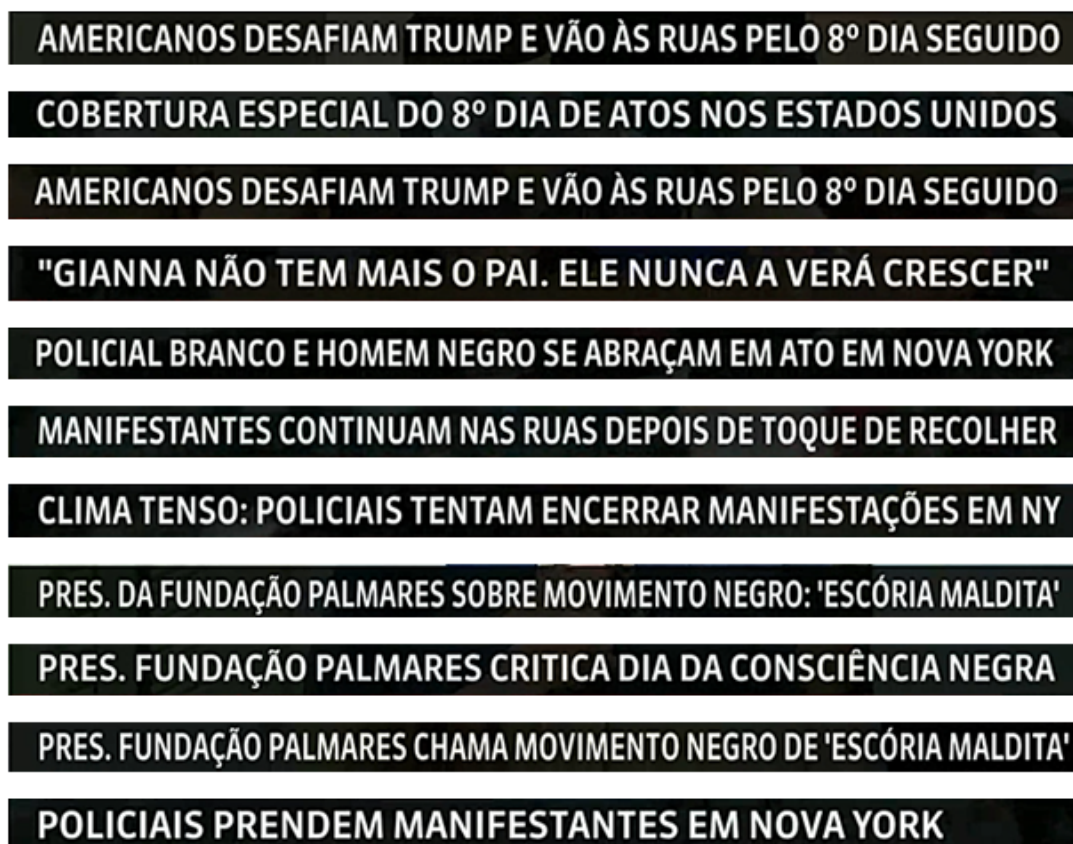


Frame do autor.

Na edição 2 de junho, o *Em Pauta* cobria o oitavo dia consecutivo do que chamou de “protestos antirracistas”. Marcelo Cosme resume a pauta do programa da seguinte maneira: “Os manifestantes voltam a tomar as ruas contra o assassinato de George Floyd, um homem negro e desarmado, que foi brutalmente asfixiado por um policial branco”. O *Em Pauta* daquele dia apresentaria, ao longo das quase duas horas de cobertura, as mobilizações nas principais cidades dos Estados Unidos.

Ao observar as *headlines* (Figura 9) que foram colocadas no pé da tela ao longo da cobertura do *Em Pauta* do dia 2 de junho, percebemos um deslocamento da textualização ao se empalavrar o que reverbera nos EUA e no mundo. A expressão mais marcante observada nas sínteses textuais em tela da edição 29 de maio – “morte de negro” –, já não está mais presente na edição 2 de junho. Ao que parece, essa edição está mais voltada às manifestações que se espalhavam pelo país e mundo, e menos interessada na experiência da vítima. Outro aspecto importante a se notar nos textos recortados na figura abaixo é o que vamos chamar de síntese demarcadora que funciona como um tipo de elemento contraste do que está tematizado no programa. Isto é, o fato do então presidente da Fundação Palmares criticar o Dia da Consciência Negra.

Figura 9 – Chamadas do Em Pauta/edição dia 02.



Frame do autor

Ao abrir a edição, Marcelo Cosme faz uma espécie de ping-pong/comentários direcionados a cada uma das cinco pessoas participantes para que elas fizessem as suas considerações iniciais sobre o tema principal e sobre os temas secundários que seriam analisados ao longo da edição. Das cinco unidades dos atos de fala iniciais, selecionamos dois trechos: um que empalavra o então transformado acontecimento existencial George Floyd em acontecimento-objeto, e outro que se relacionava também com o tema principal. Abaixo, rerepresentamos na íntegra as 'chamadas' de Marcelo Cosme e os comentários analíticos de Jorge Pontual e Andreia Sadi.

Os manifestantes voltam às ruas. A morte de George Floyd foi o estopim e abriu um novo capítulo na luta contra o racismo. (Marcelo Cosme)

Hoje cresceu muito o movimento. Tem muito mais gente nas ruas por causa da violência da polícia ontem, especialmente em frente à Casa Branca, onde o Trump mandou atacar os manifestantes com gás lacrimogêneo e balas de borracha para poder sair e tirar foto com uma Bíblia na mão, na frente de uma igreja. (Jorge Pontual)

Neste dia que o mundo assiste aos maiores protestos por igualdade racial, desde

os anos 60, aqui no Brasil vaza o áudio do presidente da Fundação Palmares chamando o movimento negro (de) escória maldita. (Marcelo Cosme)

O Sérgio Camargo não está no governo a despeito das declarações dele. Ele tá no governo por causa dessas declarações ou do que ele pensa sobre o movimento negro e outras polêmicas que a gente já viu. No momento que o mundo se levanta contra o racismo, ele fica na pasta, no cargo e o governo chancela sua permanência, é chancela as declarações dele como política de governo. (Andreia Sadi)

A partir daí podemos considerar que o *frame* dramático que dará o tom da narrativa do *Em Pauta*, ou pelo menos parte dele, é referente às reverberações do assassinato de George Floyd, neste caso sobre as manifestações que se espalhavam cada vez mais, inclusive para fora dos EUA, e sobre episódios internos envolvendo o cenário político brasileiro. Mais precisamente, indicamos duas percepções a respeito dos trechos acima selecionados: 1º) os atos de fala que abrem essa edição parecem sinalizar duas figuras/personagens que serão centrais para a construção da narrativa. Nenhuma delas, ao que parece, é George Floyd; 2º) além disso, entendemos que a declaração do então presidente da Fundação Palmares à época funcionou também como um elemento demarcador-contrastante em relação ao que se reverberava nos EUA.

Tendo em vista esses dois indicadores de análise, as figuras/personagens que deram tom ao *frame* dramático e o elemento demarcador-contrastante, podemos considerar outras duas percepções. A primeira delas é que a edição de 2 de junho de 2020 manteria em sua narrativa parte da *situação inicial* que advém da edição 29 de maio, em que se pretendia colocar no quadro da compreensão como a postura do então presidente Donald Trump diante do assassinato de um homem negro pela polícia poderia impactar o cenário eleitoral norte americano e a política de modo geral nos EUA.

As personagens do fio narrativo dessa edição seriam parte daquilo que compõe o que já chamamos anteriormente de *formações imaginárias*: isto é, a ideia que se tem sobre o cenário eleitoral e os impactos das manifestações nesse contexto, a postura do presidente Donald Trump e o tipo de leitura que as pessoas comentaristas faziam a respeito desse indivíduo, ou simplesmente todas essas questões concomitantemente colocadas em texto. De todo modo, não nos parece que a intriga da narrativa é guiada por um personagem central e particular do conflito que antecede a própria narrativização da realidade.

George Floyd, pessoa que seria a personagem da narrativa, pode até ser o ponto de passagem de uma experiência situada no sensível transformada em objeto de julgamento. Contudo, esse ponto de passagem é transitório e não de ancoragem. A vítima sequer é colocada como protagonista da sua própria história que estava sendo narrada. Em termos quantitativos, o nome *George Floyd* aparece apenas uma vez em nosso material descritivo do programa dia 2 de junho. Já o nome *Donald Trump*, pode ser observado pelo menos cinco vezes. As palavras *racismo* e *política* aparecem seis e nove vezes respectivamente. Já a palavra *manifestações*, 23 vezes. Essa percepção se sustenta não só pelo fato do desaparecimento de quem é George Floyd, observado já na edição 29 de maio. Naquele

programa, temos uma única imagem da vítima, que mostra George Floyd com o joelho do policial Derek Chauvin sobre o seu pescoço. Nessa edição em questão, a imagem (Figura 10) que parece tentar humanizar a vítima é a da mãe da filha de George Floyd quando concede à imprensa o seu depoimento. É a única imagem, inclusive, em que a filha de George Floyd também aparece. Não sabemos se a vítima tem pais, como foi criado, suas aspirações, sonhos, o seu trabalho e o que costumava fazer. A narrativa afirma um nome, o de George Floyd, mas o descorporifica e o desumaniza enquanto um indivíduo-sujeito.

Figura 10 – Pronunciamento da ex-esposa de George Floyd.



Não só há o desaparecimento da personagem principal e focal da narrativa, mas a sua substituição. Diferentemente do que se realiza na edição anterior, o conflito dramático no *Em Pauta* do dia 2 de junho parece ter um *frame* demarcador colocado em evidência. O conflito social que se pretende narrativizar a princípio – ou que poderia ter sido narrativizado – era a respeito de uma dinâmica brutal e cruel que perdurava na sociedade norte-americana, demonstrável nas centenas de outros casos precedentes que inclusive em alguns momentos são resgatados no fio narrativo. O caso George Floyd tem profundas semelhanças com a experiência de outras três pessoas racializadas norte-americanas, mortas por agentes do estado: Eric Garner<sup>24</sup>, Michael Brown<sup>25</sup>, de 18 anos, e Trayvon Martin, de 17 anos. Vale resgatar que os agentes envolvidos na morte de Eric Garner foram inocentados das acusações. Apenas um deles, após cinco anos, em 2019, foi desligado da corporação policial de New York. Já o júri do Estado Americano de Missouri, onde fica a cidade de Ferguson, decidiu pelo não indiciamento do policial Darren Wilson pela morte do adolescente Michael Brown.

O que nos chama atenção é a síntese demarcadora que a abertura da edição dá à postura e fala de Sérgio Camargo, um homem negro e presidente da Fundação Palmares, assumidamente conservador e que se auto posiciona na ala política de extrema direita. Os quatro trechos dos atos de fala selecionados parecem tematizar a narrativa como uma espécie de *núcleo de sentido pretendido* que dará um tipo de tom específico ao conflito dramático da edição 2 de junho.

Os atos de fala selecionados de Marcelo Cosme, Jorge Pontual e Andreia Sadi parecem funcionar como um definidor preliminar e organizador da narrativa, o que demarca a ideia inicial e estabiliza o que seria narrado dali em diante. No nosso entendimento, isso indica um tipo de enquadramento de imagens e de situações a respeito de uma maneira muito específica do *ser* das dinâmicas no *ethos*. Recorrendo ao eixo teórico da interpretação, podemos considerar que esses *núcleos de sentido pretendido*, isto é, a tematização da narrativa do *Em Pauta*, “funciona como um papel temático, que determina as combinações possíveis” (Motta, 2013, p. 166). As combinações possíveis do que advém a partir da tematização dessa edição parecem conferir um tipo de quadro de elementos que vão delimitar as representações mentais que podemos fazer diante dos acontecimentos. Nesse sentido, as leituras possíveis contidas no discurso da narrativa no início do primeiro ato do programa são: 1) a tematização sobretudo do cenário político, utilizando o acontecimento George Floyd apenas como um elemento de transição dessa grande intriga; 2) e ao relacionar o acontecimento-objeto (assassinato de um homem negro e as reações da comunidade negra norte-americana) a um fato pertencente à dinâmica racializante brasileira (fala negativa de um homem negro em posição de poder sobre o Dia da Consciência Negra),

<sup>24</sup> Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/03/internacional/1417637204\\_665433.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/03/internacional/1417637204_665433.html)> Acessado em 09/04/2023.

<sup>25</sup> Disponível em <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141125\\_michaelbrown\\_divergencias](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141125_michaelbrown_divergencias)> Acessado em 09/04/2023.

o *Em Pauta* coloca em contraste como a luta racial das comunidades negras se realiza nos EUA e no Brasil – o que nos leva a uma segunda percepção.

Podemos perceber um tipo de conflito no plano da superficialidade narrativa que não só deixa de textualizar a qualidade do acontecimento existencial, mas que agora também coloca no horizonte a pretensão de antecipar o devir em relação aos arranjos que estavam sendo formados diante do que estava acontecendo. Ao empalavrar a realidade, os atos de fala reconsideram e revisam o acontecimento para domesticá-lo para “satisfazer às exigências da conversação” (Dewey, 2005).

A sobreposição e o intercruzamento de outro conflito dramático que ora se mostra mais evidente, ora é aliviado por outros atos de fala, como, por exemplo, as demarcações da existência de precedentes de pessoas negras mortas pela polícia, revela um tipo de estrutura de fundo em que não só há a substituição de uma coisa por outra (aspecto evidente na edição 29 de maio), mas uma demarcação-contraste bem como a suavização da pauta racismo em relação ao contexto brasileiro e a desqualificação da luta antirracista em nosso país (aspecto característico da edição 2 de junho).

O alívio sobre o qual pontuamos pode ser percebido ao observar um trecho que observamos anteriormente da edição 29 de maio, resumido a seguir mais uma vez, empalavrado por Demétrio Magnoli: “Acréscimo uma coisa, quando a gente olha para o Rio de Janeiro, houve aumento brutal dos assassinatos promovidos pela polícia em favelas e bairros periféricos. O que falta aqui, são protestos como lá”. Já na edição 2 de junho, Magnoli é enfático ao analisar as manifestações: “Se espalham sobre o mundo, mas não suficientemente pelo Brasil. Nós temos aqui centenas e milhares de George Floyd. Especialmente no Rio, uma coleção de George Floyd. O último, o garoto João Pedro, morto na sua casa, crivado com 70 projéteis de fuzil”.

Nesse jogo de linguagem e de atos de fala ambivalentes, o que Magnoli empalavra parece resgatar para a narrativa o sentido do que poderia qualificar os acontecimentos envolvendo mortes de pessoas negras, seja nos EUA ou no Brasil. Contudo, esse resgate parece ser demarcado e contrastado pelo intercruzamento de outro conflito dramático que é justamente o que envolve o então presidente da Fundação Palmares à época, que curiosamente está relacionada à figura de um homem negro.

Esse contraste-demarcador do *Em Pauta* nos parece evidente ao observar o trabalho descritivo e interpretativo do nosso *corpus de arquivo*. Percebemos ao olhar para este material que a edição não só noticia o fato, mas contextualiza e relaciona esse conflito ao acontecimento principal (o assassinato de George Floyd) que estava sendo narrado. Reapresentamos na íntegra abaixo o que Marcelo Comes diz nessa edição do *Em Pauta*.

Neste dia que o mundo assiste aos maiores protestos por igualdade racial, desde os anos 60, aqui no Brasil vaza o áudio do presidente da Fundação Palmares chamando o movimento negro (de) escória maldita.

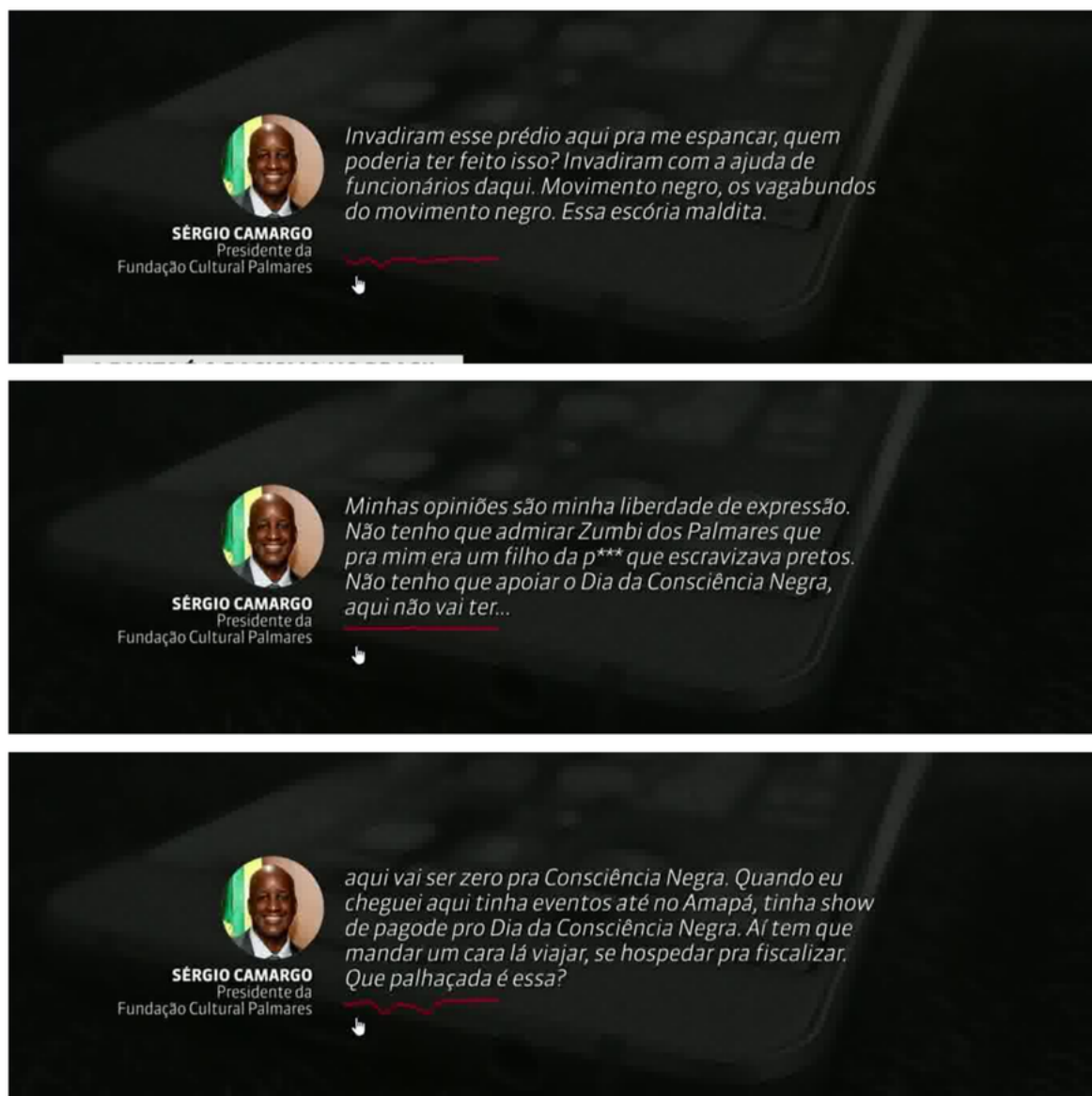
Vamos falar com Andréia Sadi porque a gente sabe bem e conhece bem Sérgio Camargo. A Lilian trouxe até um resumo de como ele chegou, de como saiu e

como voltou. Mas vamos lembrar, se ele tá lá, e por uma decisão judicial, é porque tem o carimbo do presidente Jair Bolsonaro. E o que ele fala, Andréia, não me parece muita surpresa porque ele já tinha falado antes.

Nós vamos continuar com essas imagens ao vivo. Vocês estão vendo as imagens de Nova Iorque, onde a polícia acabou fazendo com que a manifestação se desfizesse em alguns momentos, pra fazer cumprir o toque de recolher. E, claro, a gente continuar com todos os nossos repórteres posicionados, e a gente já volta a falar desse assunto, especificamente nos Estados Unidos. Porque a pauta é racismo no Brasil.

Ainda nessa edição, Lilian Ribeiro (repórter externa) é convocada por Marcelo Cosme a apresentar e contextualizar o que havia acontecido em relação a Sérgio Camargo. No relato, Ribeiro compartilha com detalhes o teor da reunião, que havia sido gravada sem o consentimento de Camargo, em que foi dito que o “movimento negro (era) uma escória maldita” e que uma “mãe de santa (era) macumbeira”. O *Em Pauta* inclusive apresenta trechos do áudio transcritos sobre o fato (Figura 11).

Figura 11 – Conversas gravadas do então Presidente da Fundação Palmares



Frame do autor

Ao se colocar em evidência os conflitos dramáticos da superfície e da estrutura de fundo da narrativa do *Em Pauta* desta edição, parece-nos possível identificar um tipo de frame cognitivo (Motta, 2013) que aponta para o que *qualifica* o acontecimento narrado. Diferentemente do que poderia ser a qualidade da intriga colocada em texto no *Em Pauta*, ao fazermos essa de-superficialização da narrativa – torná-la menos opaca –, manifesta-se um conflito de ordem ideológica.

O mundo, como explica (Queré, 2012), e o *ethos* onde experienciamos fracassos e sucessos, gozo de vida e pulsões de morte, é um mundo qualitativo. A nossa agência em relação ao que nos afeta e as nossas maneiras de apreciações são estímulos materializados a partir dos aspectos qualitativos das coisas que nos rodeiam. Uma qualidade, segundo

(Queré, 2012), “é algo que penetra e reanima” os objetos, acontecimentos e relações que estão envolvidos na experiência de uma situação. É possível descrevê-la (a qualidade), antes de qualquer coisa, como algo que é *decorrido*; e pode simplesmente ser *indicada* por palavras (*Idem*). Colocada em palavra, isto é, em um discurso, são dados realces a certas partes do que constitui a qualidade de um objeto, acontecimento, relações, indivíduo. Ao ser indicado por palavras/discursos, o objeto refletido “toma, então, o lugar de um acontecimento dotado de uma qualidade única” (Dewey, 2005, p. 131), essa é a dimensão limitante do acontecimento-objeto ao ser empalavrado e da qual falamos no subcapítulo anterior.

Quando acionamos os conceitos de acontecimento existencial e acontecimento-objeto, estamos nos referindo a essa transmutação, algo natural da viver e da tentativa de entender o mundo, do que aconteceu. Embora aparentemente “natural”, podemos perceber certas marcas no objeto, a experiência transmutada em acontecimento narrativizado e colocado em discurso, que dão a ver filiações ideológicas que reforçam ou reproduzem discursos, neste caso racializantes, que estão sob a textualização e o empalavrado das experiências no mundo.

Ao empalavrar, revela-se o sentido ideológico que para este trabalho é menos “como um sistema consistente e dominante de representações”, e mais como uma maneira sutil e quase natural que vai orientar a forma que determinados conteúdos assumem socialmente (Sodré, 2023, p. 171) Quer dizer, não estamos sugerindo, ou invalidando, como já dito em outro trecho, uma suposta intencionalidade consciente de organização da narrativa a fim de que se criem significações específicas a partir da mediação do *Em Pauta*. O que estamos tratando a partir da análise feita até aqui é justamente uma formação não consistente de ideias (Sodré, 2023), mas que ainda assim endossam um tipo de jogo de linguagem em narrativas e que produzem discursos e instituem impressões e sensações sobre determinados conteúdos e objetos que circulam socialmente.

De outro modo, podemos compreender esses sentidos ideológicos que se mostram ao empalavrar o mundo como um contato da generalidade “e da mediação por signos e símbolos, da elaboração cognitiva e do significado, ou, ainda, a do possível” (Queré, 2012, p. 29). Esta identificabilidade possível, ainda que errônea, e que integra uma referência, nos conduz a certas posturas a serem assimiladas. Em outras palavras, “percebemos as coisas através do prisma do que elas podem nos causar ou servir-se de nós, assim como do que podemos causar-lhes, servir-nos delas ou fazer diante delas” (Queré, 2012, p. 30). Essa perspectiva nos ajuda a compreender sobre as “posturas assimiladas” diante da diversidade de interpretações percebidas nos atos de fala dos participantes no fio narrativo do *Em Pauta*.

Este “roteiro” de conduta, constituído à base emocional, entretanto, e como já vimos, implica na perda da qualidade única do que poderia atribuir certa identidade a determinado acontecimento. Essa conduta frente a um acontecimento em que seus interlocutores se valem mais da ordem emocional é um aspecto mais presente na edição anterior, a do

dia 29 de maio, visto que é o momento em que ocorre o primeiro contato com o impacto do acontecimento, em que se pode analisar um tipo de fluidez por todas as avenidas de sensibilidade de quem intermediava aquela edição (Peirce, *apud* Queré, 2012, p. 29).

A narrativa do *Em Pauta* desta edição parece considerar e reduzir a questão racial brasileira à suposta inércia da população diante dos casos de pessoas negras mortas violentamente em nosso país. Desconsidera que a indignação frente à dinâmica que racializa, empilha corpos e determina quem morre e quem vive a partir da cor da pele se dá de maneiras múltiplas. Curiosamente, desconsidera inclusive que a ocupação de um espaço de prestígio e poder feita pelas poucas pessoas negras no jornalismo do *Em Pauta* – como o próprio programa mostrará na edição seguinte, a do dia 3 de junho –, é também um tipo de resistência muitas vezes impulsionada pela indignação frente a essa dinâmica.

As filiações ideológicas observadas nos atos de fala da narrativa do *Em Pauta* não parecem impedir, todavia, o desenvolvimento de outras possibilidades de simbolização e o estabelecimento de novos significados. Isso ocorre porque os sentidos e os jogos de interpretação não estão determinados e suas “(...) fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (Orlandi, 2015, p. 42). Já constatamos isso anteriormente com os atos de fala de Magnoli e Guga Chacra em que se pôde perceber um tipo de interpretação distinta das generalidades relacionadas ao *campo de referência político* estabelecido na maior parte do programa.

Embora seja possível constatar uma maneira particular das edições de textualizar o sensível – um tipo de modulação narrativa em que a qualidade do acontecimento ora é substituída, atenuada, suavizada ou contrastada – esse processo que chamamos de domesticação do acontecimento sofre uma *perturbação*. Isto é, a *situação inicial* das edições do *Em Pauta* e os seus núcleos de sentido são desestabilizados. Falaremos mais detidamente sobre esse aspecto no subitem 7.3 a seguir.

Os atos de fala da edição que apresentamos até aqui parecem, portanto, endossar uma ideia orientada sobre um suposto silêncio da luta racial brasileira, além de contrastar a inércia daqui à evidente sinergia norte americana daquele contexto de manifestações. Contudo, essa textualização da realidade, impulsionada pela domesticação de um determinado acontecimento, revela um silenciamento em relação à dinâmica racial brasileira da própria narrativa jornalística.

Um outro aspecto que pode ser percebido ainda na edição 2 de junho é a breve participação da Dr<sup>a</sup> Luciana Brito, especialista em estudos sobre a escravidão, abolição, relações raciais no Brasil e nos EUA, e professora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Marcelo Cosme pergunta para a especialista qual era a sua análise sobre o que estava acontecendo nos EUA.

Até então, ela é a única *pessoa racializada* a participar como convidada especial da cobertura jornalística do caso George Floyd na posição de especialista. Durante quase 2h de programação da edição do dia 2 de junho, Brito teve espaço apenas para uma fala,

mas interrompida por Marcelo Cosme com a justificativa de que era necessário chamar a correspondente Candice Carvalho para mostrar imagens ao vivo de Nova York e da ação policial que tentava dispersar as manifestações.

Para Brito, era importante analisar os significados simbólicos a partir da performance de Donald Trump. Em meio aos protestos, Trump havia saído da Casa Branca para tirar uma foto em frente a uma igreja, segurando uma bíblia. Segundo a analista, a cena do então presidente dos EUA indicava uma maneira de falar em direção a um determinado grupo da sociedade norte-americana. Luciana Brito relembra que Donald Trump se dirige a um tipo de cristão americano:

Aqueles que formaram grupos de milícias que saem por cidades pequenas no Sul, aterrorizando populações negras recém-libertas. É esse cristianismo que inspira e orienta a Ku Klux Klan. Então ele está se dirigindo a esse específico grupo de cristãos que hoje surge fortalecido e renovado no discurso do presidente que incentiva esse tipo de divisão, que já é existente na sociedade norte-americana, mas agora volta legitimada no presidente da república.

Nos minutos seguintes de sua participação, Brito explica que as manifestações e a ocupação das ruas são características fortes dos movimentos sociais e das pautas políticas nos EUA. A título de exemplo, a especialista relembra o movimento *Occupy Wall Street*, as manifestações em Ferguson, em decorrência do assassinato de Michael Brow, além de outros casos parecidos, mas que haviam acontecido em outro cenário político – na conjuntura Obama.

Ao voltar para os estúdios, Marcelo Comes concede a palavra a Gerson Camarotti que faz a segunda e última pergunta à professora:

Eu queria saber o seguinte, como a senhora vê, nesse momento a gente vê as imagens da polícia chegando ali em Nova York, e eu lhe pergunto como a senhora vê essa postura do presidente Trump em relação às manifestações. Mais do que isso, essa postura de pouca sensibilidade diante de um assassinato brutal, porque é um assassinato de um policial branco por um homem negro, se ele tivesse mostrado sensibilidade desde o primeiro momento, se teria chegado a esse ponto que estamos vendo nos EUA, dessa mobilização, desses protestos, dessas manifestações?

Aqui, os atos de fala colocam em narrativa, outra vez, uma análise que se conecta ao campo de referência do contexto em que se narra o acontecimento. Como dissemos, a narrativa é menos sobre o que qualifica o que aconteceu, e mais sobre as possíveis ligações e desdobramentos (a partir de fatos e ideias orientados) que podiam ser observados na disputa política norte-americana daquele cenário. Ao responder à pergunta de Camarotti, Luciana Brito diz:

Sem dúvidas, teria um outro encaminhamento nos conflitos. Hoje, à tarde, eu me lembrei que quando Martin Luther King foi assassinado, em 68, esse mesmo tipo de protesto aconteceu em todo os EUA. E o presidente a época, Lyndon Johnson, fez um grande debate entre prefeitos, governadores e assessores sobre “o que a gente faz agora para acabar com os protestos?” Havia uma iniciativa imediata de responder de forma semelhante ao que fez o presidente Trump, com a Força Guarda Nacional, mas rapidamente ficou entendido que o que deveria ser feito era aprovar a Lei dos Direitos Civis. E quando isso aconteceu, a paz foi reestabelecida, os protestos terminaram, a despeito da dor da comunidade afro-americana em

geral da morte trágica de Martin Luther King. Uma palavra de força, uma liderança, mas não desse tipo de força: policial e que gera divisões, seria fundamental nesse momento.

Nota-se também que na pergunta de Camarotti carrega um detalhe equívoco. Ao dizer o que quer perguntar, o comentarista fala: “um assassinato de um policial branco por um homem negro”, frase que, a princípio, gera má compreensão sobre o que está se dizendo. Evidentemente, o ato falho de Gerson Camarotti não seria suficiente para se criar uma dimensão narrativa em que determinasse uma inversão dos papéis das personagens do acontecimento narrado. Embora parte de alguns estudos psicanalíticos entendam o ato falho como uma revelação de ideias inconscientes reprimidas ou negadas pelo sujeito.

Entretanto, o que é dito, e a maneira como isso pode ou não corroborar para a criação de discursos, e simbolizar como determinados conteúdos e objetos circulam socialmente demonstra como “todo dizer é ideologicamente marcado” (Orlandi, 2015, p. 36) e que no plano do discurso se pode reconhecer equívocos e falhas. Isto é, a tentativa de empalavrar alguma coisa, discursa-se outra.

Embora possa ter sido puro equívoco – como já dissemos não estamos interessados em revelar a intenção dos interlocutores – ao empalavrar as coisas, de um jeito ou de outro, “retomamos sentidos preexistentes”. A maneira como o acontecimento George Floyd é textualizado a partir dos atos de fala no *Em Pauta* parece indicar redes de sentidos que a narrativa discursiva de modo geral parece se filiar ideologicamente. Essa rede de sentidos, ao ser tecida narrativamente ao longo das edições dos programas do *Em Pauta*, parece costurar, desse modo, significados bastante específicos em relação ao que se narra e como se compreende aquilo que aconteceu.

O que estamos colocando nesta análise como uma espécie de processo de transformação do acontecimento George Floyd em outra coisa com significados específicos, não são transmutações estáticas. A narrativa é modulada à medida que as muitas vozes são convocadas a criarem atos de fala sobre o que aconteceu. O acontecimento em si naturalmente provoca esse processo. A própria intriga narrativa convoca vozes, posicionamentos destoantes ao tentar domesticar o acontecimento George Floyd.

A domesticação do acontecimento existencial na sua transformação em acontecimento-objeto não se mostra determinante para desacelerar um tipo de desenrolar independente e deslocado da originalidade do que qualifica o sensível do acontecimento. Embora haja permanentemente a criação de um fluxo principal de significados que concede ao caso George Floyd um ritmo moderado e de adaptação, a partir das condutas de ordem emocional convocadas pelo choque do acontecimento, das identificabilidades possíveis, das trincheiras da linguagem e das filiações ideológicas do discurso da narrativa, há também um tipo de convocação fora desses limites que volta a uma qualidade do que é experienciado por George Floyd. Isto é, nas adjacências do que aconteceu e do que é narrado, surge uma *perturbação da situação inicial* do fio narrativo.

Já identificamos que as ambivalências da narrativa são suspensas, ainda que temporariamente, em certos momentos pelos enunciados de Demétrio Magnoli. Essa suspensão e alívio identificados no plano do discurso não se sustentam ao longo do fio da narrativa e não parecem suficientes para garantir no plano da textualidade narrativa o que chamamos anteriormente de deslocamento ou ruptura com a ideia de raça que o programa parece criar. Os atos de fala de Magnoli, embora instiguem outro lado do assassinato de George Floyd, parecem endossar também, em certa medida, uma espécie de desqualificação da dinâmica racial, especialmente do contexto brasileiro. Nesse sentido, o que ele e seus companheiros e companheiras de bancada textualizam criam mais ambiguidades discursivas do que compreensão objetiva sobre os processos de racialização.

É nesse jogo narrativo que se posiciona, portanto, uma situação afetiva característica da dinâmica racial brasileira. Ao colocar em narrativa o que aconteceu a George Floyd, o próprio acontecimento convoca um fluxo não domesticável gerando um tipo de perturbação no entorno em que se produz. Ao fazer isso, o assassinato de George Floyd dá a ver justamente aquilo que é o ponto central dessa pesquisa: na superficialidade das narrativas que circulam percebe-se o reconhecimento de um fenômeno que separa claros e escuros, nas suas mais diversas formas. Na edição que analisaremos a seguir, a ideia de estrutura é evocada a fim de se criar um tipo de *transformação* no que foi *perturbado* e que desestabilizou a *situação inicial* do fio narrativo do *Em Pauta*.

Entretanto, o reconhecimento dessa dinâmica racial é delimitado e ambivalente. Percebe-se, desse modo, um tipo de maleabilidade ideológica que no contexto do encaideamento narrativo das três edições endossa ambiguidades e contradições. Valendo-se de uma das definições de Carvalho (2023), a inteligibilidade da narrativa do *Em Pauta* se textualiza de maneira precária ao colocar em atos de fala a acontecimento atravessado pela dinâmica racial.

Ainda durante essa edição do dia 02 de junho do *Em Pauta*, um usuário da plataforma *Twitter* publicou uma captura de tela em que apareciam todos os comentaristas e o âncora do jornal com a seguinte frase: “Rapaziada, a pauta é racismo”. A provocação da postagem, que teve mais de três mil curtidas e pouco mais de 22 mil compartilhamentos, referia-se aos profissionais escolhidos que, naquele momento, eram apenas pessoas brancas (Figura 1) para debater sobre o que aconteceu nos EUA: Jorge Pontual, Demétrio Magnoli, Andreia Sadi, Gerson Camarotti, Mônica Waldvogel e Sandra Coutinho.

Com a repercussão negativa sobre o programa após a postagem, a Globo News escalou um time de profissionais de pessoas racializadas para falar sobre suas experiências com o racismo. O programa teve como âncora o jornalista Heraldo Pereira, acompanhado por Maria Júlia Coutinho, Zileide Silva, Aline Midlej, Flávia Oliveira e Lilian Ribeiro. Em “edição inédita”, assim chamada pelo âncora titular à época do jornal *Em Pauta* Marcelo Cosme, o programa foi veiculado no dia 3 de junho daquele mesmo ano. Vale destacar que a edição em que são escaladas apenas pessoas racializadas está registrada na lista dos

programas Em Pauta, no site da Globo News, como veiculada no dia 3 de maio de 2020. Isto é, a data é anterior à primeira cobertura midiática feita pelo jornal Em Pauta, portanto a do dia 29 de maio, e anterior à própria morte de George Floyd, que aconteceu no dia 25 de maio de 2020.

O que fica no horizonte ao se analisar o *Em Pauta* até aqui é a existência do que para nós parece ser um permanente trabalho de movimentação simbólica, em que sujeitos e discursos marcados ideologicamente se constituem numa intriga constante entre paráfrases (estabilização) e polissemias (rupturas) da textualidade narrativa do acontecimento. Aparentemente, o assunto em questão nas três edições é um só. Entretanto, ao se observar e compreender o *Em Pauta* em seu plano discursivo, percebe-se que um mesmo assunto é dito a partir de uma variedade de maneiras distintas criando em torno de si mesmo uma estabilização, ainda que aparentes rupturas, significados divergentes, sejam convocados para, de novo, domesticar o acontecimento no plano da textualidade.

### 7.3 Transformação: rapaziada... a pauta é racismo

Na terceira edição do *Em Pauta* analisada, a do dia 3 de junho, Marcelo Cosme volta a abrir o programa, mas, dessa vez, faz um pronunciamento a respeito do que um usuário da plataforma *Twitter* havia publicado sobre a cobertura da edição anterior. Na postagem, vale recapitular, o usuário compartilhou uma captura de tela em que apareciam todos os comentaristas e o âncora do jornal da edição anterior, a do dia 02 de junho, com a seguinte frase: “Rapaziada, a pauta é racismo”. A seguir, repetimos na íntegra o monólogo de Marcelo Cosme na abertura da edição do dia 3 de junho.

A Globo News vem dedicando grande espaço às manifestações contra o racismo que começaram nos EUA com o assassinato de George Floyd e se espalharam pelo mundo. Desde o dia 25 de maio foram horas e mais horas de programação ao vivo, com repórteres em Nova York e em Washington, e imagens em praticamente todas as cidades americanas em que ocorreram. Nossos apresentadores, repórteres e analistas, olha só o nosso time aparecendo aí para você, discutiram essa questão que é crucial, cada um né, em seus horários. A gente tá vendo aí Júlia Dualibi. Justamente, no Em Ponto. Na Edição das 10, com Aline Middlej. E é claro com a Maria Beltrão, no Estúdio I. Na Edição das 16 com a Cristiane Pelajo, no Edição das 6 com o nosso César Tralli. Aqui no *Em Pauta* também e, é claro, no Jornal das 10, olha aí o nosso Heraldo Pereira.

O acontecimento-existencial transformado em acontecimento-objeto torna-se aqui um terceiro acontecimento, que chamaremos de situado. O acontecimento-situado é justamente a “edição inédita” do *Em Pauta*, em que pessoas racializadas são colocadas à frente do mesmo programa para analisarem a dimensão do que havia acontecido a George Floyd. Mas o que parece uma simples materialização da política de diversidade da *Globo News*, e que poderia ser considerado uma ruptura do fluxo narrativo textualizado da experiência existencial da vítima, para nós é mais um ato parte dos jogos de fala em que se pode

perceber significados parafrásticos, isto é, estabilização/domesticação do que adveio com a narrativização jornalística do acontecimento existencial.

O programa não estava interessando em colocar em seu fio narrativo a discussão sobre as dinâmicas sociais que hierarquizam a partir de um *ethos* racializante. Pelo contrário, observamos que a alteração temporária dos lugares, em que as pessoas racializadas são colocadas em evidência para falar supostamente sobre o racismo, nada mais é que uma conduta engendrada pela via narrativa que dá a ver um tipo de reflexo desejante. Isto é, o empalavramento das coisas no fio narrativo do *Em Pauta*, e aquilo que advém desses atos de fala, revela um tipo de modelo representacional que se traduz, e fica reduzido, como um mero cenário desejado. Nesse sentido, a textualidade jornalística do *Em Pauta* imagetificada em tela subtrai a possibilidade da realidade de se apresentar como tal e, desse modo, criar imagens sociais afins à dinamização racializante como ela é socialmente, embora a imagem que fica impregnada na superfície textual seja a de uma suposta diversidade racial.

A ideia parafrástica também encontra espaço nesse raciocínio. A paráfrase, como já dito, é dizer ou fazer alguma coisa diferente, mas resguardando e reproduzindo os mesmos sentidos. Seu objetivo fim é a estabilização da originalidade. Se os jogos de fala no *Em Pauta* convergem para diferentes maneiras de textualizar o acontecimento, mas mantendo os seus sentidos possíveis iguais ou parecidos, a narrativa do programa em sua completude funciona também como uma maneira de estabilizar o fluxo em que não seja possível a promessa de alteração nas imagens sociais colocadas em circulação.

O *Twitter* em que se produz e provoca uma *perturbação* no fluxo de estabilização do *Em Pauta* – que se pretendia inalterado – é um tipo de oposição aos “sistemas de representações que se constroem como prevenção contra a diversidade e instabilidade” (Sodré, 2023, p. 90). A narrativa construída pelo *Em Pauta*, nesse sentido, é uma “forma institucional de representação da realidade [. . .]” (Idem, p. 91) que não só não coincide com a maneira como o *ethos* é organizado, como também o torna mais opaco.

Antes de apresentar o time de profissionais negros que supostamente comentariam a experiência de George Floyd, Marcelo Cosme faz uma espécie de justificativa e compartilha, junto do seu monólogo/editorial, imagens dos profissionais que fizeram, ou que faziam a cobertura do acontecimento em programações anteriores da emissora (Figura 12).

Figura 12 – Panorama imagético dos apresentadores da Globo News



Frames do autor

O contraponto do que poderia ser considerado aparentemente um pedido de desculpas está justamente nas imagens acionadas pelo programa para legitimar o que Cosme diz sobre os valores da emissora. As imagens escolhidas e colocadas em tela deixam dúvidas a respeito dessa ideia de diversidade que Cosme disse que não só o programa, mas a Globo como um todo, teria como um princípio. Em outro trecho, o apresentador assume que se dissesse que a edição em que apenas profissionais brancos falam sobre racismo fosse um acidente, ele estaria mentindo. E que aquele episódio/acontecimento se deu em razão de um processo histórico e estrutural da sociedade. Cosme diz:

Os jornalistas que dividiram comigo a cobertura ontem, todos experientes e de alto nível profissional, eram todos brancos. E eu estarei mentindo se eu dissesse que foi um acidente. A Globo tem a diversidade como um valor e se orgulha dos

profissionais negros que tem, em frente às câmeras e por trás delas. Profissionais de altíssimo nível, que comandam, alguns, a apresentação de telejornais aqui na Globo News e na TV Globo. E busca, e continuará buscando, ampliar essa diversidade. Mas por razões históricas e estruturais de nossa sociedade, também na Globo os colegas negros ainda não são tão quanto desejados.

É inevitável não perceber quantitativamente a “diversidade” acionada no suposto pedido de desculpas apresentado. A figura 12 fornece um pequeno vislumbre de que a diversidade como princípio da emissora pode significar outra coisa. Inclusive, a própria ideia de diversidade absorvida pela dinâmica racial, pode operar naquela lógica capitalista que já comentamos em outro momento. Isto é, uma dinâmica que pode até corresponder a uma certa demanda sobre diversidade, mas sem deixar que a sua lógica original seja guiada por princípios de hierarquização – quer dizer, uma dinâmica que constantemente trabalha mecanismos que integram a diferença, embora, paradoxalmente, permaneçam operando exclusões (Oliveira, 2021).

Ao observar a grade de programação da *Globo News* relacionada com pautas jornalísticas e outros acontecimentos marcantes, encontramos pelo menos 18 programas. Fazendo um recorte rápido, a partir do critério jornalístico, teremos: Central das Eleições, Conexão GloboNews, Em Cima da Hora, Em Foco, Espaço Aberto, Estúdio i, GloboNews em Pauta, GloboNews em Ponto, Jornal das Dez, e Jornal GloboNews. Olhando apenas para o programa Central das Eleições, conseguimos perceber imagetivamente a gradação de cores quase monocromática da diversidade apelada no “pedido de desculpas” apresentado por Marcelo Cosme (Figura 13).

Figura 13 – Panorama imagético do Central das Eleições



Frame do autor

A diversidade defendida na edição do dia 3 de junho aponta, ao que as imagens indicam, para uma ideia de “diversidade de gênero” e não de raça/cor. Heraldo Pereira e Flávia Oliveira são, como se observa, os profissionais acionados para compor o time de “jornalistas negros” da edição especial do dia 3 de junho do *Em Pauta* sobre o acontecimento George Floyd. A diversidade é um princípio tão importante para emissora, como relatado no monólogo de Marcelo Cosme, que essas duas pessoas aparecem repetidas vezes nas programações da *Globo News*. Heraldo Pereira e Flávia Oliveira ou são notadamente excepcionais, comparando-os à suposta “parcela diversa” de outros profissionais também racializados (mas que não aparecem na grade de programação), ou a diversidade defendida

por Marcelo Cosme não engloba, de fato, o critério racial. O que justificaria a necessidade de acionar sempre os mesmos e poucos profissionais negros da emissora. No *Conexão Globo News*, a diversidade está impressa também na categoria de gênero. Abaixo (Figura 14), mostramos as ex-apresentadoras, as titulares e os apresentadores eventuais do programa.

Figura 14 – Panorama imagético do *Conexão Globo News*



Frame do autor

Os demais programas: *Em Cima da Hora*, *Em Foco*, *Espaço Aberto*, *Estúdio i*, *GloboNews em Pauta*, *GloboNews em Ponto*, *Jornal das Dez*, e *Jornal GloboNews*, seguem a mesma política monocromática de cores. Um determinado trecho da resposta de Marcelo Cosme, agora diante do que foi observado e mostrado, parece sinalizar discursivamente um outro significado. Em certo momento Cosme diz: “(...) por razões históricas e estruturais

de nossa sociedade, também na Globo os colegas negros ainda não são tão quanto desejados.” A frase soa ambígua e contraditória aos propósitos do pedido de desculpas e parece revelar aquilo que, até então, deveria ficar também desempalavrado. É inevitável não especular, diante do que é dito por Cosme, especialmente a partir da leitura analítica que fazemos sobre o objeto, se as pessoas racializadas não são, na verdade, desejadas dentro daquela dinâmica profissional. Esse “deslize” ou essa “falha” se assemelha à fala de Gerson Camaroti no *Em Pauta* do dia 02 de junho, quando o que é dito – “(. . .) um assassinato de um policial branco por um homem negro” –, parece dar margem a ‘leituras’ que vão de encontro àquilo que supostamente deveria ser compreendido.

As imagens colocadas na tela quando Marcelo Cosme recita o texto contradiz aquilo que eles se viram estimulados a estabilizar. As seleções imagéticas que fizemos nas linhas anteriores reforçam essa percepção. A diversidade pode até ser uma polícia interna da emissora, mas não envolve, dada a observação imagética, o critério “racial”, que é curiosamente a substância que *perturba a situação inicial* da narrativa do *Em Pauta*.

Vale lembrar, ao observar o monólogo de Marcelo Cosme, que a iniciativa para escalar apenas pessoas negras para estarem à frente de uma das edições do jornal *Em Pauta* partiu da jornalista Márcia Gonçalves, uma mulher branca que faz parte da equipe de outro programa, o *Profissão Repórter*. Cosme diz: “pois bem, nós entendemos o recado. E hoje a *Globo News* aceitou a sugestão da nossa colega Márcia Gonçalves lá do *Profissão Repórter*. E convidou profissionais do mais alto gabarito do nosso time para discutir um tema que eles conhecem muito bem porque o enfrentam em suas vidas.”

Ao observar o monólogo de Marcelo Cosme não em sua superfície narrativa do *Em Pauta*, mas em seu plano discursivo, podemos apontar um tipo de fluxo de ações dos atos de fala do programa em que há o desencadeamento de quatro elementos: negação, culpa, reconhecimento e reparação. Esses quatro elementos, não identificáveis em uma ordem sequencial, mas de confluência entre si, são parte do que acreditamos ser também a particularidade do processo de racialização brasileira.

O “reconhecimento” do programa, induzido por um acontecimento externo à *situação inicial* da narrativa, o leva a uma medida de “reparação” que é justamente conceder o espaço e tempo exclusivos para se falar sobre o acontecimento George Floyd e as experiências envolvendo o racismo no Brasil a partir da ótica de pessoas racializadas. Diferentemente do quadro de programações monocromático da *Globo News*, dessa vez o *Em Pauta* não só coloca uma ou duas pessoas racializada à frente do programa, mas seis.

Entendemos que a experiência envolvendo o assassinato de um homem negro norte-americano transformada em um acontecimento midiático desvela que não só há uma tentativa do programa em *transformar a perturbação da situação inicial* do seu fluxo narrativo, como também revela parte de um processo que acreditamos estar envolvido na maneira brasileira de racializar seus grupos sociais. Marcelo Cosme, em sua fala de entrada que apresentou as pessoas racializadas como uma forma de *transformação* do

fluxo narrativo em disputa, justifica que a ausência de pessoas negras na edição anterior era o efeito do racismo histórico e estrutural.

O acionamento da ideia de “estrutural”, ao nosso ver, tem sido usado significativamente em uma pluralidade de espaços para justificar condutas e episódios que não só reforçam a racialização. Nesse sentido, o conceito de “estrutural” não só tem sido esvaziado como também vem sendo reconfigurado para agir e desempenhar aquilo que originalmente a reflexão do termo pretendia expor. Dentro da lógica do programa, a falta de pessoas racializadas nos espaços de prestígio e protagonismo, como foi o caso *Em Pauta*, dava-se em decorrência de uma dinâmica anterior e fora do controle do programa. Em outras palavras, o que é dito por Marcelo Cosme, e por outras pessoas em outras diversas situações a respeito da ideia de “estrutural”, indica dois aspectos: um tipo de culpabilização externa às condutas e episódios racistas e um traço de imutabilidade da dinâmica racial. De maneira mais simples, a ausência de pessoas racializadas naquela ocasião poderia ser traduzida da seguinte maneira: sempre foi assim antes, continuará dessa maneira agora e possivelmente depois e, nós, não temos culpa. Percebe-se que essa posição, também não pactuada ou verbalizada, presente no *ethos* como uma resposta tácita e, ao nosso ver, que funciona para frear os pequenos avanços que pretendem dismantelar reconfigurações racializantes, requer um outro posicionamento analítico.

Entendemos que as ideias que circulam sobre raça parecem resultar em sentidos hegemônicos afins a uma dinâmica social que não é mais realizável. Quer dizer, a ideia de raça se conecta simbolicamente e de maneira cristalizante à cena da escravidão. O que resultaria uma compreensão lógica sobre o fenômeno. Isto é, o racismo não seria possível porque já não é possível mais escravizar pessoas como em um determinado momento aconteceu. Ou que as dinamizações racializantes seriam facilmente contornadas, por exemplo, ao se colocar em prática o que o *Em Pauta* fez convidando o time de profissionais negros para estar à frente de uma discussão. Independente da escolha que se faz dentro dessas leituras sobre a racialização, cria-se um tipo de dispensa sobre a responsabilidade sociocultural e institucional, tornando as vontades e as práticas (ainda que inconscientes) da dinamização racializante mais opacas. A “vontade” aqui não se relaciona ao individual, mas como “(. . .) força interna de uma forma coletiva”. (Sodré, 2023, p. 42).

A racialização e os seus modos de operação certamente são dinâmicas sistemáticas. Isto é, que se materializam de maneira recorrente. Contudo, a sua realização não se legitima pela via de algum sistema, ou como disse o apresentador titular do *Em Pauta*, Marcelo Cosme, por meio de uma estrutura. O reposicionamento analítico e teórico escolhido neste trabalho não dispensa a dimensão estruturante da dinâmica racializante. Pelo contrário, reconhecemos que a raça adentra as instituições e constitui significativamente as subjetividades do privado que refletem fortemente nas sociabilidades coletivas. Mas, ao contrário do que o *Em Pauta* assume, a ausência de pessoas racializadas no programa, logo uma prática que pode ser compreendida como discriminatória, não é efeito de alguma estrutura.

A análise sobre o fluxo narrativo do *Em Pauta* em que a experiência de George Floyd é transformada em um acontecimento, e que dá a ver uma disputa pelo discurso quando este é perturbado, também revela a interação de elementos discriminatórios que confluem para o processo de racialização (Sodré, 2023).

Nesse sentido, a ausência de pessoas racializadas naquele espaço é histórico porque se dá em relação ao desenvolvimento sociocultural de um espaço-tempo, mas não é exatamente estrutural porque com a ruptura pós-abolicionista mudou-se a dinâmica do 'jogo', embora as peças continuem "(...) imersas no imaginário escravista" (Sodré, 2023, p. 42).

De um lado, temos um processo de racialização que alcança o seu ápice ao transformar seus esquemas simbólicos em materialidade: o assassinato de um homem negro por um policial branco, materialidade que não é exclusiva da dinâmica norte-americana, mas do processo racializante como um todo. Este é o desenvolvimento mais cru do processo que hierarquiza a sociedade a partir da cor da pele. Isto é, é mais facilmente identificável porque seus atores estão estrategicamente posicionados no *ethos* segundo a própria ordem de racialização, embora não exista uma espécie de "clausura de barreira" (Sodré, 2023, p. 15).

Pode-se reconhecer facilmente essas posições a partir da impregnação estereotipada sobre a pele que o próprio processo de racialização criou, desenvolveu e continua atualizando. Em outras palavras, temos então as posições: policial branco – agente do estado criado em um determinado tempo para proteger a propriedade privada de pessoas brancas, além de outros interesses –, aborda homem negro – esse corpo enclausurado na fantasia ocidental, à mercê de toda violência simbólica e material.

Por outro lado, temos um processo de racialização mais venal ao olhar para o que se deu a ver a partir da narrativa do *Em Pauta* sobre o assassinato de George Floyd, que embaralha as posições e, por um certo período, suspende a própria lógica de lugar racializante. Ao contrário do primeiro cenário pensado acima, dificilmente se percebe a hierarquização a partir do critério cor de pele porque esse mesmo processo utiliza, de forma furtiva, justamente uma ideia de reconhecimento e reparação ao trazer pessoas negras à frente da narrativa jornalística e ao elaborar, racionalmente, uma justificativa lógica para o fenômeno racial.

Mas o processo de racialização brasileira não se justifica pela compreensão lógica do seu fenômeno porque é vazio de sentido. A sua compreensão talvez seja percebida a partir do reconhecimento de uma lógica racial de lugar no *ethos*. A substituição temporária e literal de lugares que o *Em Pauta* faz ao convidar apenas pessoas racializadas para estarem à frente de uma edição do programa serve sugestivamente para ajudar a compreender o sentido figurado, mas materializado, da lógica de lugar do processo de racialização que se dá a ver no fio narrativo do programa.

Embora não explicitada, a negação, que não é uma característica do *Em Pauta*, está na própria narrativa ao olhar a experiência de um homem negro norte-americano

assassinado por um policial branco e potencializá-la em um acontecimento midiático. O que nos leva a questionar se no Brasil não existiriam experiências suficientemente brutais em que pessoas negras são assassinadas em condições análogas ou piores ao caso em questão, mas que não entraram na pauta e na perspectiva de transformação da experiência em acontecimentos e em um objeto midiático. A negação aqui não é relação à experiência que se pretendeu observar, mas em relação a um tipo de recusa em admitir que fatos monstruosos como o que foi empalavrado existem aos montes no Brasil e que se reproduzem sistematicamente das mais variadas formas.

A linha narrativa do *Em Pauta*, nesse sentido, é a própria negação daquilo que o programa mesmo midiaticiza. A negação, além disso, é também em relação à ausência de deixar de dizer “Estamos sendo racistas” ou “Tivemos uma atitude que conflui para perpetuar práticas racistas” – palavras que não são encontradas no monólogo de Marcelo Cosme porque a postura do jornal se deve ao “racismo que é histórico e estrutural” (algo externo a eles). A negação também está em não conseguir compreender que a maneira como o jornal tenta contornar o que perturbou a *situação inicial* do acontecimento (“Pessoal, a pauta é racismo”) serve como mecanismo para atenuar os conflitos e que pode tornar o processo de racialização ainda mais sutil, ambivalente e opaco no *ethos*.

Embora não esteja explícito na superfície da narrativa, a mensagem dada ao escalar apenas pessoas negras para a terceira edição do *Em Pauta* comporta, a nosso ver, um discurso óbvio de negação e menos de reparação. A mensagem que se pretendia dizer ali era: nós não somos racistas. Todavia, percebe-se também que os atos de fala de Marcelo Cosme na abertura do programa do dia 3 de junho, e as imagens que, para eles, traduzem-se em diversidade, não passavam de uma nova tentativa de domar outra vez o que aconteceu e o que estava reverberando a partir dali. A pauta, nesse sentido, continuava vazia de interesse em se discutir as dinâmicas raciais.

Parece-nos que a negação percebida no discurso do *Em Pauta* está muito próxima também de um sentido de culpa, uma vez que a postura do programa em escalar de forma inédita as pessoas racializadas se dá em relação a algo já transcorrido (a postagem publicada no Twitter). Nesse sentido, podemos inferir que existe no fluxo da narrativa um estado de alerta em relação às possíveis consequências e punições ao que foi feito. Segundo Kilomba (2020), “as respostas comuns à culpa são a intelectualização ou racionalização” (p. 44) sobre o que aconteceu. Tenta-se construir uma justificativa lógica ou a descrença sobre o fato transcorrido que leva à culpa. No caso do *Em Pauta*, parece que a narrativa tende a se inclinar para a justificativa lógica sobre a ausência de pessoas racializadas à frente das discussões jornalísticas – a ausência, desse modo, se daria por efeito da historicidade estruturante do racismo. Entretanto, ao se mexer literalmente na organização do espaço colocando pessoas racializadas à frente da edição, parece que a narrativa do programa dá a ver metaforicamente justamente um tipo de princípio que converge à lógica de lugar envolvido na ideia de raça.

O reconhecimento do *Em Pauta* do dia 3 de junho é menos em relação à existência de um processo capilarizado, sutil e multifacetado do processo de racialização, do qual o *Em Pauta* também faz parte como agente ativo, e mais em relação ao reconhecimento daquilo que foi apontado como erro do programa ao deixar de fora da discussão determinadas pessoas. Em outras palavras, a narrativa reconhece o que perturbou a *situação inicial* e tentou evitar o que pode ser entendido como a possibilidade de punição ou outras consequências sobre o que ocorreu.

Diferentemente do que observa Kilomba (2020) sobre os mecanismos de defesa do ego, também a partir da raça, acreditamos que a ideia de reparação sugerida pela narrativa – ao escalar os *Outros* – Maria Júlia Coutinho, Zileide Silva, Aline Midlej, Flávia Oliveira, Liliam Ribeiro e Heraldo Pereira – sequer esbarra ou provoca alguma “(...) mudança estrutural, de agendas, de espaços e posições, de dinâmicas e relações subjetivas ou de vocabulários” (*Idem*, p. 46). A mudança temporária do espaço e das posições fica apenas na dimensão metafórica do desejo de mudança – se é que ele existe –, e revela, se olharmos de perto, que a pretensão de causar “reparos” revela muito mais sobre as dinâmicas racializantes do que as escondem, como parece, no fundo, pretender o programa. A atitude em colocar à frente da narrativa pessoas racializadas para discutir o acontecimento que antecede esse novo acontecimento-situado parece indicar efeito contrário de propósito diante a nossa análise.

O que parece ser uma atitude reparação é, desse modo, uma negociação da realidade para domar, nessa altura da narrativa, o acontecimento do acontecimento na superfície do empalavramento das coisas. É justamente aqui que o princípio da lógica de lugar do processo de racialização se converge ao que estamos observando: eu reconheço e aceito o outro/racialmente diferente de mim, mas ao mesmo tempo reconheço e aceito que ele permaneça afastado (Sodré, 2023), ainda que por uma pequena medida de tempo esses espaços e lugares pré-definidos fiquem embaralhados.

Esse afeto racial que estamos reconhecendo na superfície narrativa mostra em sua dimensão discursiva uma característica ambivalente em que se percebe um processo constitutivo sensível do que estamos entendendo como um traço da racialização brasileira. Ao mesmo tempo que se reconhece o outro, este racialmente diferente, aceita-se também o seu afastamento ainda que essa lógica de lugar seja suspendida, no caso da narrativa que estamos observando, diante de perturbação de outros acontecimentos. Em resumo, são as concessões necessárias para que essa dinâmica racializante permaneça organizando o *ethos*. Ainda assim, a suposta tentativa de reparação do que foi dado na superfície narrativa parece-nos falha ou, no mínimo, questionável. Basta olhar, como fizemos nas linhas anteriores, para a composição imagética não só do programa *Em Pauta* antes, durante e depois do que aconteceu, mas para a grade das programações do canal.

Ao que parece, a composição da bancada de comentarista apenas por pessoas negras parece funcionar a partir do seguinte princípio: Não somos nós que estamos falando,

agora são eles, os *Outros*. Embora o que eles/*Outros* estejam colocando em atos de fala tenha sido minimamente elaborado por nós, que não somos os *Outros*. Tal percepção parece convergir para aquilo que Sodré (2023) aponta para um tipo de jogo de linguagem que funciona como uma regra constitutiva se tornando comum nas dinâmicas sociais atravessadas pela ideia de raça. Isto é, a dinamização do *ethos* atravessado pela lógica que posiciona racialmente o lugar de tudo e de todos é uma prática executada por uma parcela social dirigente. Sodré (2023) entende esse segmento como se fosse um espelho. As “massas subalternas”, ao olharem para o espelho, enxergam refletidas em si mesmas um jogo de atos e palavras, e passam a transcrever as prescrições raciais das elites dirigentes.

Nesse sentido, a escalção de pessoas racializadas que se pretendia traduzir imageiticamente diversa não é, ao que parece, a representação daquilo que o *Em Pauta* acredita. É, por outro lado, a possibilidade de se fazer acreditar naquilo que se representa. Nesse sentido, a narrativa do *Em Pauta* se mostra como uma dinâmica preventiva a instabilidade de crenças. (Sodré, 2023).

A edição do dia 3 de junho segue a mesma dinâmica das anteriores. Heraldo Pereira fica à frente da cobertura jornalística enquanto Aline Midlej, Flávia Oliveira, Liliam Ribeiro, Maria Júlia Coutinho e Zileide Silva participam na condição de comentaristas. Após o monólogo de Marcelo Cosme, Heraldo Pereira abre oficialmente a edição e indica que aquele programa passará a tratar “da questão americana, questão racial, questão de violência e das questões raciais aqui do Brasil.” A edição pretende, como podemos ler em outros atos de fala de Heraldo Pereira, que aquela cobertura fará, portanto, um paralelo entre a “questão racial” norte-americana e a brasileira. Ao que parece, este é o *núcleo de sentido pretendido* desta edição. Abaixo, trouxemos na íntegra alguns desses trechos.

Para as experiências nos EUA no paralelo com o Brasil, eu vou com Flávia Oliveira e lembro, há grandes manifestações nos Estados Unidos a partir da morte do George Floyd, qual é o paralelo que você faz, Flávia, com o Brasil?

Zileide foi correspondente mulher negra, nos EUA. Ela conhece de perto a experiência americana e a experiência brasileira e pode nos ajudar nesse paralelo que estamos fazendo pra levar para o nosso público, ao Brasil, formado por negros, brancos, descendentes de tantos povos que aqui vivem e que aqui constroem esse projeto de nação.

É uma questão nossa. Com um time de colegas que eu nunca tive a oportunidade de estar aqui com vocês. E juntos, a gente discutindo, a partir da experiência americana, de um caso de racismo, a situação de racismo no Brasil e no mundo. Crime abominável.

Estamos aqui recebendo a participação da Zileide, da Flávia, da Aline, da Lilian e da Maju, analisando os fatos dos EUA no paralelo com o Brasil.

Um ponto importante a se notar, ainda no primeiro ato da cobertura jornalística dessa edição do *Em Pauta*, é a direção que a narrativa toma a partir do acontecimento empalavrado, naquela ocasião, pelo time de jornalistas negros. Heraldo Pereira diz que havia sido sugerido a ele – possivelmente alguém da produção –, que ele e as suas colegas relatassem ao público as suas experiências com a “questão racial” no Brasil. A narrativização do programa *Em Pauta*, ao que parece, é atravessada por algumas nuances

e particularidades que, neste momento, apontam inquestionavelmente para outras filiações ideológicas e redes de sentido destoantes das edições anteriores. Agora, são pessoas racializadas falando sobre questões raciais. E como nos lembra Mota (2013), o lugar de que se parte para empalavrar algo constitui o que é dito.

Primeiro, a pauta do programa é furada por um assunto urgente. A ruptura da normalidade convoca seus jornalistas a olharem para aquele acontecimento. Esse mesmo acontecimento toma proporções mundiais, desencadeando uma variedade de maneiras de ser observado, pensado e refletido. Conseqüentemente, o jornalismo do *Em Pauta* é outra vez convocado a olhar para aquela sequência de acontecimentos que surgiam à medida que os seus próprios desdobramentos se materializavam no mundo. Paralelamente, o *Em Pauta* se vê convocado a não só narrativizar a experiência do que provocou uma série de novos acontecimentos, mas também a lidar com as próprias reverberações produzidas ao empalavrar o que aconteceu. O que foi preciso movimentar-se num sentido que as reverberações das reverberações, ou acontecimentos dos acontecimentos fossem domesticados novamente.

Se as redes de sentidos e filiações ideológicas das edições dos dias 29 de maio e 2 de junho estão fortemente marcadas pelo campo de referência do entorno da narrativa, que era o cenário político daquele momento, a edição do dia 3 de junho dá margem para uma leitura em que há uma rede de significados distintos, portanto *polissêmicos*.

Os atos de fala mais demarcados nesta edição, para a nossa análise, são as experiências pessoais atravessadas pela ideia de raça que Heraldo Pereira, Flávia Oliveira, Zileide Silva, Aline Midlej e Maju Coutinho compartilham ao longo da narrativa. Abaixo, resgatamos parte desses atos de fala.

Eu digo sempre, os negros, e as negras especialmente do Brasil, a situação da mulher negra é muito pior que a situação dos homens negros no Brasil que já é uma situação de muita dificuldade, de muito enfrentamento. Quem é negro no Brasil, quem é negra no Brasil, enfrenta a questão racial todo dia, a todo momento, tem barreira racial. Num país com essa diversidade, num país com esta maravilha que é o nosso imenso Brasil, que a gente vai construir coisas boas, e que a gente vai construir coisas boas nesse país, negros e brancos. (Heraldo Pereira)

Você fez uma pergunta no passado, mas ter a pele negra é algo que nos acompanha a vida toda. Mesmo experimentando alguma mobilidade social, como é o meu caso e das minhas companheiras que hoje dividem a tela do Em Pauta, não nos livra de situações constrangedoras e de racismo. E eu vou contar o episódio que seja mais recente e que exemplifica bem a discriminação que os negros sofrem no sistema de saúde, já que estamos vivendo em uma pandemia. (Flávia Oliveira)

Boa noite a todos e às minhas colegas. Eu tenho uma experiência de repórter, repórter da tv cultura e Folha de SP. Eu fui até a FIESP, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Você conhece muito bem Heraldo, a Maju também, pra entrevistar o presidente, e eu estava com um cinegrafista branco, o Ricardo Atener, loiro de olhos azuis. Enfim, eu entrei e a secretária não se dirigiu a mim, ela só conversou com o cinegrafista, com o Ricardo. (Zileide Silva)

Uma experiência marcante, não faz muito tempo com um ex-namorado, frequentando um clube muito bacana na Zona Norte aqui de São Paulo, do litoral Norte. Eu estive nesse condomínio de piscina, muita gente abastada, com muito dinheiro.

Um lugar com muito, pautado por isso, pelas aparências. Eu era a única negra naquele lugar, como foi assim a minha vida inteira praticamente. (Aline Midlej)

Acho que a imagem do racismo no Brasil pra mim tá no olhar. Tá no olhar de quem não nos vê. Ou no olhar de quem nos vê em determinados lugares. A Zileide falou da experiência dela e eu tenho uma tática já, que é sempre chegar de microfone em punho pra ninguém ter dúvida que naquelas situações eu sou a repórter. Sim, eu estou aqui pra te entrevistar pra discutir temas relevantes e sou também uma mulher negra. (Lilian Ribeiro)

Eu acho que a minha experiência de racismo é desde o nascimento, é desde a infância. Eu tenho memórias muito de criança, de pequena, de seis de idade e uma coleguinha de colégio particular ter pedido o estojo e de repente ela decidiu que peguei o estojo dela, sem nenhum motivo. (Maju Coutinho)

Apesar desses *atos de fala* esbarrarem numa defesa do que para nós pode dar margem ao discurso meritocrático e de superação, na edição do dia 03 de junho percebemos também uma postura combativa e mais marcada ao tentar trazer para o fio narrativo uma contextualização mais objetiva sobre as dinâmicas raciais do Brasil. Em um dos trechos analisados, Flávia Oliveira relembra que “a população carcerária norte-americana, assim como a brasileira, é formada predominantemente por negros. Oliveira relembra, também que:

Enquanto nos Estados Unidos a polícia, no ano passado 2019, ano anterior à edição em questão], matou cerca de 1.100 pessoas, precisamente 1099, apenas no Rio de Janeiro, no ano de 2019, a polícia matou 1814 pessoas. Um recorde histórico, o maior número desde 1991, início da série de Instituto da Série de Segurança Pública, e que aqui, em plena pandemia do Covid-19, o Rio de Janeiro tem experimentado um aumento da violência policial, das operações policiais em favelas já acossadas pela pandemia, em condições de moradias, de acessos a serviços como água e saneamento, mercado de trabalho também limitado, achatado e como muito desemprego, com muita perda de renda. E, além disso, esse ambiente de violência e de operações policiais, e que só na semana anterior ao assassinato de George Floyd, no Rio de Janeiro, houve quatro assassinatos, pelos menos quatro assassinatos de jovens negros em favelas: João Pedro, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo; Iago, em Acari, na Zona Norte do Rio; Joao Vitor, na Cidade de Deus, Rodrigo, no Morro da Providência, e no último sábado, o Matheus, na vizinhança do Borel.

É importante também notar que ao longo do fio narrativo das duas edições anteriores, a violência policial fica mais em evidência em relação ao contexto norte-americano. Isto é, embora o campo de referência narrativo da edição do dia 29 de maio e 02 de junho apontam para o cenário político, a figura da vítima e a do policial que cometeu o assassinato aparecem constantemente ao longo da textualização daquelas duas edições. Parece-nos que há uma relação, ainda que implícita, de causa e efeito a partir da observação jornalística sobre o que aconteceu. Não é forçoso considerar, desse modo, que o assassinato de George Floyd, bem como de outras vítimas, é o efeito material da dinâmica racial dos Estados Unidos que perpassa e dinamiza todas as instituições do país, inclusive a corporação policial. Esta percepção é assumida por algumas das pessoas comentaristas dessas mesmas edições. Magnoli e Chacra, em alguns momentos, acionam essa ideia de que a polícia norte-americana age a partir de uma lógica racial violenta.

Entretanto, são nos *atos de fala* de Flávia Oliveira, ao longo do programa do dia 3 de junho, que podemos perceber uma postura mais enfática e incisiva sobre a dinamização racial sobretudo no *ethos* brasileiro. A comentarista faz um paralelo, ainda que breve, substancial de como a ideia de raça perpassa as relações sociais criando distorções de sociabilidade. É nessa edição inclusive, que Oliveira coloca em contraste um traço caracterizante de como a raça opera nos Estados Unidos e no Brasil.

Ao olharmos para esse paralelo entre países é perceptível como os negros Norte-Americanos conquistaram mais visibilidade em várias camadas sociais. Segundo a comentarista, esse fato pode ser observado na chegada de uma família negra à Casa Branca para ocupar a maior posição de decisões políticas dos Estados Unidos, a presidência. Enquanto no Brasil, para Flávia Oliveira:

os negros vivem em alguma medida confinados a posições, profissões, a salários, a inserção no mercado de trabalho e posições subalternizadas. Acho que essa é uma grande diferença de avanços democráticos e de direitos que a população americana alcançou e a brasileira ainda não. A nossa democracia ela ainda é abundante em exclusão e não em direitos. Acho que essa é a principal diferença.

A observação de Oliveira converge para o que refletimos anteriormente de como o sistema democrático, especialmente o do Brasil, comporta a ideia republicana de direitos, deveres e igualdade, mas ainda assim, perpetua exclusões. É imprescindível perceber como essa perspectiva contrasta com o que foi dito por outra pessoa, Demétrio Magnoli, na edição do *Em Pauta* do dia 02 de junho. Para este último, olhando-se para o acontecimento George Floyd, não existiria democracia se não há respeito aos direitos humanos e se o foco da violência policial são os negros. Esta percepção, que embora pareça verdadeira, não alcança o cerne da dinamização social pela raça. O que nos leva a entender que se trata menos da suposta impossibilidade de coexistência entre democracia e violência, mas do reconhecimento das vias excludentes que nela se produz para determinar quem é humano ou não a partir do critério da ideia de raça. O trecho em questão, dito por Flávia Oliveira, é uma resposta, ainda que indireta, à própria conduta do programa em supostamente conceder maior visibilidade ao pequeno grupo de profissionais racializados do *Em Pauta* e da *Globo News*.

É Flávia Oliveira que também demarca que as dinâmicas raciais não só empurram pessoas racializadas para as funções com menores remunerações, assujeitando-as à informalidade, além da exclusão dos sistemas de saúde de qualidade, mas são elas, os *Outros* racializados, quem são “vítimas predominantes da violência policial e do encarceramento em massa”.

Evidentemente, a presença dessas pessoas racializadas para ocupar um espaço de visibilidade como o de uma grande emissora é significativo, ainda que de forma temporária. Ainda que, ao que parece, a partir de uma roteirização controlada do que será discutido ao longo da narrativa. Afinal, a convocatória para essa “edição inédita” teve como propósito apaziguar aquilo que desestabilizou a *situação inicial* do *Em Pauta* e não endossar novas

reverberações descontroladas.

A ausência de uma total autonomia ou agenciamento do que poderia ou não ser dito converge, a nosso ver, para o mesmo lugar daquilo que Bento (2002) pensou sobre o pacto não verbalizado. Quer dizer, não parece verossímil que o convite à bancada de pessoas racializadas se deu sob algum tipo de coerção dissimulada ou de alguma condição formal que prescrevesse a conduta a ser adotada por cada pessoa. Mas precisamos reconhecer que não seria necessário qualquer tipo de cerceamento nesse sentido porque a própria dinâmica racial já opera sob essa formalidade. Basta saber interpretar que o “ineditismo” e “edição histórica” podem significar – ora, trata-se de um acaso, uma possibilidade, aquilo que foge à norma porque é assim que as coisas funcionam debaixo da dinâmica racializante. Seja o que estava previsto para ser empalavrado ou aquilo que deveria ficar fora da dimensão da textualidade da narrativa funcionariam como ferramentas definidoras de como os espaços dali em diante seriam ocupados. Para o bem ou para o mal, a lógica de lugar atravessada pela ideia racializante teria permanecido.

Embora seja evocado algum sentido de representatividade, especialmente ao olhar para o desdobramento do *Em Pauta* que convoca uma edição apenas com pessoas racializadas, estamos diante da possibilidade do reconhecimento de mais um tipo de dinâmica que se coloca como parte do que entendemos como um afeto racializante. Com essa dinamização do *ethos*, até se comporta o reconhecimento do *Outro*, desde que este circule nos espaços designados pela ideia de raça.

A narrativização midiática do que aconteceu, seus confrontos e as resistências que encontra ao longo dos desfechos e transições do que começa com uma experiência indicam, nesse sentido, o que podemos compreender como uma maneira de designação racial disfarçada pretensiosamente em um discurso que se textualiza numa duvidosa preocupação com o que se acostumou a denominar de racismo estrutural.

A nosso ver, é realizado justamente o oposto à ideia de representatividade com a escalação de pessoas racializadas nesse contexto de reverberações do assassinato de George Floyd. Para a nossa análise, entendemos de que se trata, no fim, de “uma maneira de estabelecer e de afirmar o poder”. (Mbembe, 2018, p. 40) Embora a ideia de raça e racismo operem a partir de simbolizações que fazem parte daquilo que Mbembe (2018) chamou de “(. . .) processos fundamentais do inconsciente ligados aos impasses do desejo humano ou à lembrança de um desejo originário frustrado” (p.40), a ideia de raça, para operar, estabelecer e afirmar poder, precisa converter a sua dimensão sensorial imaginária em imagem, forma e superfície, ainda que todas essas coisas estejam sustentadas por uma estrutura remanescente abstrata sem fundamento.

É por efeito desta estrutura imaginária que se deve a possibilidade de escapar das limitações do concreto. É o equilíbrio do afeto racial entre o abstrato e o concreto para permanecer com suas designações na realidade como verdade. Como dinamizam o *ethos*, portanto, a linguagem, funcionam como dinâmicas discursivas que preservam e

possibilitam a manutenção de categorias morfo-fenotípica por trás de um tipo de verniz argumentativamente progressista (Sodré, 2018), como no caso do *Em Pauta* do dia 3 de junho. E para que isso seja possível, é sempre necessário convocar a aparecer um rosto humano autêntico (conversão do imaginário em imagem) (Mbembe, 2018). Daí a demanda de se escalar um grupo de pessoas racializadas para o programa. Desse modo, a conversão entre afetos e formas e a fixação da equação *raça-igual-a-negro* e *negro-igual-a-raça* se torna material. (Mbembe, 2018).

Podemos entender a convocação do *Outro* também como um tipo simulacro. Ao passo que serve para atenuar e domesticar a *perturbação* da *situação inicial* do *Em Pauta* funciona, como já dissemos, igualmente para reafirmar sutilmente uma relação de poder. De forma simples, o que está interdito na convocatória dos participantes da edição do dia 3 de junho é uma espécie de afirmação de hierarquia a partir da própria corporalidade do *Outro* convocado. É, no fim do dia, uma aceitação implícita da lógica de lugar racial sem uma reivindicação consciente contra a sua dinâmica.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as dinâmicas racializantes se reconfiguram à medida que encaram as mudanças, demandas e urgências do *ethos* e *socius* que estão envolvidas. Em outras palavras, a dinâmica racial que organizou o *ethos* no mundo colônia já não é a mesma e se adapta às profundas mudanças trazidas pelo capitalismo moderno, pelas urgências industriais e, mais tarde, digitais.

Consequentemente, houve rupturas. Da substituição de paradigmas diversos que distinguiam os povos às designações classificatórias baseadas nas ideias de raça, a dinâmica racializante, ao que parece, se mostra uma *coisa* sempre inacabada. Nesse sentido, a política da diferença que hierarquiza pessoas a partir da ideia de raça permanece ainda em 2024. O rompimento com a espoliação forçada característica do Brasil Colônia não foi suficiente para extirpar das relações sociais uma espécie de verdade das aparências. Em síntese, o racismo permanece, em uma variedade de manifestações e formas.

Neste trabalho, adotamos uma perspectiva que compreende as dinâmicas raciais como um tipo de afeto que dá forma às remanescentes designações universalistas anteriores ao pós-abolição. Isto é, as dinâmicas raciais podem ser reconhecidas em nosso tempo como um conjunto de elementos discriminatórios interdependentes, mas ainda parte de um processo de um outro tempo. O que nos levar a considerar que parte dessas novas dinâmicas de racialização não estão submetidas a leis e normas, portanto a estruturas e sistemas, embora atravessem esses modos de organização social. A sua compreensão, desse modo, se daria ao observar as confluências das suas manifestações nas interatividades sociais.

Ao compreender essa perspectiva, não olharíamos para as experiências abertamente racistas. O que não significa que estas não foram consideradas neste trabalho. Pelo contrário, voltamos o nosso olhar para aquilo que acontece no mundo e que, aparentemente, não evoca dinâmicas baseadas nas ideias de raça. Daí o nosso interesse em observar a edição do dia 03 de junho de 2020, do programa *Em Pauta* da Globo News, em que foram escaladas para apresentação do programa apenas pessoas negras. Nesse sentido, o que parecia uma movimentação legítima do programa, nos causou um tipo de inquietação para compreender o que aquele ato poderia gerar como significados a partir daquela narrativa que estava sendo construída.

Para isso, foi necessário observar o acontecimento daquele momento, que eram as manifestações em decorrência de mais um assassinato de um homem negro norte-americano. Embora o *Em Pauta* estivesse noticiando um acontecimento externo à realidade brasileira, as reverberações que aconteceram a partir do que chamamos de um acontecimento existencial, o assassinato de George Floyd, poderiam revelar certos aspectos desse afeto racial que se envolve e se manifesta também a partir e através da construção narrativa jornalística no objeto estudado.

Desse modo, observamos três programas: o dia 29 de maio, primeira edição que

noticiou as manifestações nos EUA em consequência do assassinato de George Floyd, a que chamamos de *situação inicial*; o do dia 02 de junho, que faz uma cobertura extensiva sobre o que aconteceu, nomeada neste trabalho como uma narrativa que sofre uma *perturbação*; e a edição do dia 03 de junho de 2020, em que foram escaladas para o programa apenas pessoas negras, o que para nós seria uma edição de *transformação* de toda a narrativa do programa.

A partir disso, colocamos em perspectiva em nossos procedimentos teóricos-metodológicos como enxergamos a ideia de raça, suas manifestações e a nossa compreensibilidade sobre esse fenômeno. Aqui, a raça é compreendida, portanto, como um afeto, um jogo de simbolismos, desejos e poder que, para se manifestar materialmente no mundo, e efetivamente enclausurar o corpo na verdade das aparências criadas por um delírio universalista e recalçado europeu, precisa converter a suas formas simbólicas em imagem, em carne.

Desse modo, a ideia de raça para este trabalho estaria numa dimensão distinta do que se acostumou a entender como *estrutura*. Isto é, a racialização não estaria normatizada porque esse tipo de dinâmica, que já foi efetivamente submetida à lei e à ordem, pertenceria ao *ethos* escravista. Com o rompimento dessa dinâmica escravocrata, a racialização permaneceria, mas a partir de outras designações. A racialização, nesse sentido, se manifestaria também pela via, inclusive, do reconhecimento do Outro, este racializado, desde que as posições hierárquicas baseadas na cor da pele, sejam elas simbólicas ou materiais, sofressem o mínimo de alterações possíveis. Não é forçoso dizer, dentro perspectiva que adotamos neste trabalho, que a racialização se valeria, em certo ponto, das próprias demandas e urgências antirracistas para se reatualizar e permanecer.

Como o nosso trabalho analítico se voltou para um objeto comunicacional, precisamente uma narrativa jornalística, posicionamos este trabalho no campo teórico que é contrário à especulação de que o jornalismo seria uma ferramenta de conscientização sobre a realidade. A comunicação de modo geral, nesse sentido, seria mais uma espécie de oferta em que os sentidos se mostrariam complexos e múltiplos, e menos uma ferramenta possível de revelação totalizante do mundo. Quer dizer, as narrativas comunicacionais estariam orientadas por particularidades operacionais, fortemente ideológicas e culturais devedoras do processo de colonização, para se revelar certos ângulos de uma ocorrência do mundo ao mesmo tempo que ocultasse outros. O que nos levou a considerar o objeto observado como um meio precário de narrativização do mundo.

A tomada de decisões e de planejamentos deste trabalho foi fortemente guiada por uma interação horizontal entre as experiências sensíveis, as quais aparecem fortemente já na abertura desta pesquisa, e as escolhas racionalizadas, estas ancoradas em campos científicos a partir de um acúmulo de conhecimento. O nosso percurso metodológico parte, dessa maneira, da intersubjetividade das experiências vividas e afluí para três perspectivas teórico-metodológicas: acontecimento, narrativa e discurso. Com essas escolhas consideramos a experiência de George Floyd um acontecimento e a interpretamos à luz da narrativa

e do discurso. Ao se fazer isso, observamos as diferentes movimentações, desdobramentos e reverberações que a experiência de George Floyd tomou ao ser transformada em um acontecimento-objeto midiático.

Foi a partir dessas escolhas também que chegamos à estrutura da pesquisa que se divide em dois eixos. O primeiro, o que chamamos de eixo teórico da interpretação, comporta três planos articulados entre si interpretativos: plano da narrativa, plano do acontecimento e plano do discurso.

No plano da narrativa nos ajudou a compreender a exterioridade da história que foi narrada, os seus atores/interlocutores, atores/participantes envolvidos direta e indiretamente no assassinato de George Floyd e os quadros imagéticos priorizados na composição do que foi narrado. Na análise do plano da narrativa colocamos em evidência a argumentação intersubjetiva midiática que representa o mundo não a partir da sua exterioridade, mas partir de um discurso narrativo como um fato histórico.

O plano do acontecimento nos ajudou a compreender os desdobramentos do assassinato de George Floyd e o que ele *veio a ser* [transformado]. É com esse acionamento teórico que percebemos como um acontecimento-objeto modifica no presente da sua narrativização o passado e aponta para um futuro que é relativo a ele mesmo de maneira orientada.

O plano do discurso, tentamos articular as redes de significações e os efeitos de sentido produzidos pela narrativização do assassinato transformado em um acontecimento-objeto jornalístico. Neste plano, colocamos em confronto as percepções encontradas e interpretadas ao longo desse caminho de pesquisa como uma forma social também da racialização e de hierarquização a partir da ideia de raça.

O segundo eixo metodológico do nosso trabalho foi definido como analítico da interpretação. A sua construção nos auxiliou a manipular o nosso objeto a fim de executar a análise orientada pelo eixo teórico da interpretação. Aqui, percebe-se que os dois eixos estão em constante convergência ao longo do trabalho.

Enquanto o primeiro eixo, o teórico da interpretação, nos ajuda a situar os fenômenos teoricamente, o segundo, portanto o analítico da interpretação, nos ajuda a instrumentalizar de maneira esquemática o material de análise. É a convergência desses dois eixos que possibilitou uma análise mais detida e menos ingênua com a superfície da textualidade narrativa do *Em Pauta*, e que se buscou compreender, a partir da (de)superficialização da ilusão de transparência da linguagem, o processo de significação e da constituição dos sujeitos do lugar que estes falam nas narrativas. É na convergência desses dois eixos que pudemos criar um dispositivo analítico de interpretação que consistiu em descrever, interpretar e analisar as três edições do jornal *Em Pauta*.

A característica predominante da nossa análise, vale resgatar, é a ausência de algum tipo de exaustividade. Optamos por uma compreensão analítica que se deu horizontalmente e não em uma busca de profundidade ou completude em nosso *corpus experimental*. Outro

aspecto a ser dito é a respeito da seleção de critérios analisáveis no material. Optamos por deixar que esses critérios aparecessem ‘naturalmente’ ao longo da observação analítica e não defini-los previamente.

Dito isso podemos considerar que racialização experienciada por George Floyd, imobilizado e assassinado por um policial branco; ou como experienciou João Alberto Silveira de Freitas<sup>26</sup>, sufocado também até a morte por dois seguranças nas dependências hipermercado Carrefour – como tantos outros é o produto de um tipo de violência propensa a assassinar sem qualquer motivo. É o resultado da equação *raça-igual-a-negro* e *negro-igual-a-raça*, em que a crueldade e precarização da vida, denominadores comuns dessa mesma equação, dão a ver no horizonte árido uma sempre possibilidade do interrompimento da vida própria dessa dinâmica social em que se figura também um tipo de afeto nem sempre reconhecível — uma vez que perpassa menos por um tipo de lógica e materialidade, como foi a experiência de George Floyd, e mais pela maneira que representamos e empalavrados o mundo a partir de certas verdades discursivas. Estamos considerando que a narrativa do *Em Pauta*, constrói ao longo das suas edições uma espécie de jogo de linguagem, embora muitas vezes opaco e sutil, que mexe, reforça e endossa a racialização pela via da transformação da experiência em um acontecimento-objeto jornalístico.

Ao se observar os *atos de fala* colocados em circulação na narrativa, podemos considerar também um jogo de ambivalências. Isto é, a narrativa do *Em Pauta* carrega em seu núcleo de sentido pretendido discursivamente a proposição de uma coisa, mas que em sua textualidade parece se debruçar sobre outra.

Em sua *situação inicial*, o fio da narrativa parece indicar que o *Em Pauta* está mais interessado em observar os efeitos que a declaração de um presidente poderia ter em um determinado cenário. Nesse sentido, os enunciados da narrativa jornalística estão envolvidos em um tipo de apreensão que cogitou revelar, ou antecipar, as transformações possíveis decorrentes de uma experiência, e menos interessado no próprio acontecimento-existencial da vítima submetida ao que entendemos como violência policial regida por uma lógica de lugar racial.

Embora o acontecimento-objeto estivesse localizado no presente, foi convocada outras temporalidades como o passado para colocar no horizonte possíveis revelações sobre o futuro. Ao trazer casos de violência policial que são semelhantes ao de George Floyd, percebemos esta transição que não se rende a um tempo cíclico. Ao tentarem entender o porquê do caso George Floyd tomar proporções distintas e provocar, dessa vez, ampla comoção da sociedade norte-americana e no mundo, talvez fique evidente aquilo que Quéré (2012) chamou de “esboços de tendências que vão se desenvolver de

<sup>26</sup> João Alberto foi imobilizado, agredido e morto por dois seguranças em um hipermercado Carrefour, no dia 19 de novembro de 2019, na zona norte de Porto Alegre. Segundo a Polícia Civil, “houve exagero nas agressões impostas à vítima, sendo resultado da fragilidade socioeconômica de João Alberto”. Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/11/17/caso-joao-alberto-juri-reus-assassinato-homem-negro-carrefour-porto-alegre.ghtml>, acesso em 04/06/23.

acordo com [uma] lógica própria e dão a ver a novos acontecimentos” (*Idem*, p. 22). Na tentativa de entender aquilo que rompeu a normalidade do mundo, foram acionados outros acontecimentos-existenciais para tentar domesticar o que emergiu naquele instante do real e que desorganizou o cotidiano no presente.

A mesma narrativa que olhou para trás para responder o presente, apontou também para o futuro quando o acontecimento objeto foi colocado num tipo de quadro de sentido em relação à política norte-americana. O que sugere que a narrativa midiática se envolveu em um tipo de intriga em que a brutalidade imputada sobre as vidas negras foi substituída, ou atenuada, por uma narrativa de apoio em que se emoldurou ao contexto político daquele momento. Ao se tentar vislumbrar as consequências do que aconteceu, o caso George Floyd foi colocado num terreno de reverberações relacionado ao cenário eleitoral norte-americano e não à própria dinâmica de qual faz parte.

Essa substituição do que qualificaria o acontecimento existencial de George Floyd permanece em certa medida na segunda edição do *Em Pauta*, a do dia 02 de junho. Nesta edição, consideramos que a narrativa parece sinalizar duas figuras/personagens centrais para a construção da cobertura. Nenhuma delas, ao que parece, é George Floyd. Em contrapartida, entendemos que as declarações do então Presidente da Fundação Palmares, à época, funcionaram como o que chamamos de elemento demarcador-contrastante em relação ao que se reverberava nos EUA. George Floyd, pessoa que seria a personagem principal da narrativa, pode até ser o ponto de passagem de uma experiência situada no sensível transformada em objeto de julgamento. Contudo, esse ponto de passagem é transitório e não de ancoragem. A vítima sequer é colocada como protagonista da sua própria história que estava sendo narrada.

Apesar da domesticação do que aconteceu, da transformação da experiência em um objeto de consciência ligado a um campo de referência e de formações imaginárias, construído ao longo daquela cobertura midiática, alguma coisa externa à narrativa causa uma *perturbação*. As ambivalências e a substituição do que qualificaria o acontecimento-existencial transformado em um acontecimento-objeto no fio narrativo do *Em Pauta* é o que entendemos como um tipo de assujeitamento da língua à falha e do sujeito ao equívoco. E é justamente esse “equívoco” que submete a narrativa a uma ruptura do seu percurso comum.

A *perturbação* narrativa gerada pelo “equívoco” indica a existência de um permanente trabalho de movimentação simbólica e histórica, em que os sujeitos e discursos marcados ideologicamente se constituem numa intriga constante entre paráfrases (estabilização) e polissemias (rupturas). É a partir do que *perturbou* a dimensão de completude da narrativa que o programa se vê confrontado a domar novamente o acontecimento e a colocá-lo dentro das reverberações da sua intriga jornalística. As paráfrases, como já vimos, são um tipo de estabilização narrativa em que se diz o mesmo de maneiras diferentes. Já as polissemias seriam a possibilidade de se empalavrar e significar sentidos diferentes.

A terceira edição do *Em Pauta*, a do dia 03 de junho, compreendida por nossa análise como um acontecimento-situado do acontecimento-objeto é o que definimos como *reparação* a partir do que perturbou a narrativa e a sua situação inicial. Entretanto, esse movimento aparentemente de reparação sugerida pela narrativa ao escalar pessoas racializadas revela muito mais sobre as dinâmicas racializantes do que as escondem, como parece, no fundo, pretender o programa.

Para nós fica entendido que disputa pelo “controle” das reverberações do que *perturbou a situação inicial* da narrativa revela justamente uma lógica de lugar a qual acreditamos ser uma substância determinante para parte do processo de racialização brasileiro. Em outras palavras, os confrontos, as resistências, substituições, ambivalências dentro do jogo de linguagem a partir das polissemias e paráfrases narrativas do *Em Pauta* nos levaram a considerar e a compreender o que para nós é mais uma maneira de designação racial.

A nossa maneira de compreensão ao olhar para o objeto aqui analisado não desconsidera a importância de se ter quantitativamente um número expressivo de pessoas racializadas em espaços de poder e prestígio. Mas ao se observar movimentações que parecem romper com velhos paradigmas, talvez possamos compreender melhor a própria dinamização e reatualização do que já chamamos de um fenômeno sempre inacabado como é o processo da hierarquização a partir da ideia de raça. A nosso ver, o *Em Pauta* realizou o oposto à ideia de representatividade com a escalação de pessoas racializadas nesse contexto de reverberações do assassinato de George Floyd. Para a nossa análise, entendemos de que se tratou de mais uma maneira de demarcação e reafirmação de poder – que pode significar, valendo-se das palavras de Audre Lorde, que as ferramentas do mestre não vão dismantelar a casa-grande.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**: Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen Livros, 2018. ISBN 978-85-98349-74-9. Acesso em: 22/05/2024. Citado 4 vezes nas páginas 33, 36, 37 e 38.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**: Feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019. Citado na página 28.
- ARENDT, H. **A condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005. Citado 2 vezes nas páginas 23 e 29.
- BARROS, D. R. **Lugar de negro, lugar de branco**: Esboço para uma crítica à metafísica racial. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2019. 160 p. Citado na página 35.
- BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Citado 4 vezes nas páginas 32, 33, 38 e 43.
- BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. In: ONLINE, 1., 2011. **E-Compós**. 2011. v. 14, n. 1, p. 1 – 33. ISSN 1808-2599. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665>. Acesso em: 03/09/2024. Citado 3 vezes nas páginas 56, 57 e 58.
- CARMOS, D. B. P. do; CORRÊA, L. G. Olhar corpos e produzir imagens A prática opositora de duas mulheres negras em 2020. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 26, p. 1 – 17, Jan.Dez 2021. ISSN 1808-2599,. Disponível em: <file:///C:/Users/Samsung/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/2424-Texto%20do%20artigo-12188-12238-10-20210512.pdf>. Acesso em: 11/09/2024. Citado na página 27.
- CARRERA, F. A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. **Matrizez**, USP, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 217 – 240, 12 2020. ISSN 1982-2073. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/167187>. Acesso em: 11/09/2024. Citado na página 34.
- CARVALHO, C. A. de. **O JORNALISMO, ATOR SOCIAL COLONIZADO E COLONIZADOR**. Curitiba: CRV, 2023. 156 p. ISBN 978-65-251-4599-0. Disponível em: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/37808-o-jornalismo-ator-social-colonizado-e-colonizador>. Acesso em: 03/09/2024. Citado 2 vezes nas páginas 51 e 52.
- CARVALHO, M. B. M. de. **Esse boom é nosso**: Discursos sobre transição capilar na publicidade de cosméticos. 2019. 142 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) — UFMG. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFMG\\_65f2d4d0f4b6b930a03918687d14191a](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFMG_65f2d4d0f4b6b930a03918687d14191a). Acesso em: 03/09/2024. Citado na página 26.
- CHARMAZ, K. **Constructing Grounded Theory. A practical Guide through Qualitative Analysis**. London: Sage Publications, 2006. ISBN 10 0-7619-7352-4. Citado na página 57.
- COATES, T. **Entre eu e o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 150 p. ISBN 9788539007202. Citado na página 22.

- CORRÊA, L. G. **Mães cuidam, pais brincam**: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem. 2011. 245 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) — UFMG. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAFI-8U4JXZ>. Acesso em: 03/09/2024. Citado 2 vezes nas páginas 56 e 57.
- DEWEY, J. **Experience And Nature**. 2005. Online. Disponível em: <https://archive.org/details/experienceandnat029343mbp/page/n11/mode/2up>. Acesso em: 03/09/2024. Citado 3 vezes nas páginas 75, 95 e 98.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1. ed. [S.l.]: Pallas, 2014. 116 p. ISBN 8534705259. Citado na página 14.
- FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira**. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p. ISBN ISBN 978-85-232-0483-9. Citado 2 vezes nas páginas 38 e 39.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. RJ: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203 – 222. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3209142>. Acesso em: 03/09/2024. Citado 2 vezes nas páginas 14 e 20.
- FRANÇA, V.; SIMÕES, P. **Curso básico de Teorias de Comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Citado 2 vezes nas páginas 19 e 20.
- FRANÇA, V. R. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: GOMES, L. A. P. (Ed.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. 1. ed. EDITORA MERIDIONAL LTDA., 2018. p. 89 – 140. ISBN 978-85-205-0807-7. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/738.pdf>. Acesso em: 03/09/2024. Citado na página 55.
- FRANCISCO, R. P. **Operações discursivas nos contos de fadas do Walt Disney Animation Studios**: Uma análise fílmica sobre corpo, beleza, raça e feminilidade em princesas. 2019. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) — UFOP. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/items/b96a6302-6f2a-435d-afb1-f2f21a1461b0>. Acesso em: 03/09/2024. Citado na página 16.
- FREEMAN, E. H. Bringing Your Whole Self to Research: The Power of the Researcher's Body, Emotions and Identities in Ethnography. **International Journal of Qualitative Methods**, Article Reuse Guidelines, v. 17, n. 1, p. 1 – 9, Jan 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/1609406918808862>. Acesso em: 03/09/2024. Citado na página 21.
- FURTADO, L. **Mandume**: rastros da diáspora na reconstrução de memórias e identidades negras no rap. 2019. 176 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) — Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BAHLFT>. Acesso em: 11/09/2024. Citado na página 27.
- GUIMARÃES, L. Four concepts to think from the South. **Reserch gate**, p. 1 – 12, Dez 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/376693833\\_Four\\_concepts\\_to\\_think\\_from\\_the\\_South](https://www.researchgate.net/publication/376693833_Four_concepts_to_think_from_the_South). Acesso em: 07/11/2024. Citado na página 26.

- HARDING, S. **¿Existe un metodo feminista?** 1987. Online. Disponível em: [https://urbanasmad.files.wordpress.com/2016/08/existe-un-mc3a9todo-feminista\\_s-harding.pdf](https://urbanasmad.files.wordpress.com/2016/08/existe-un-mc3a9todo-feminista_s-harding.pdf). Acesso em: 11/09/2024. Citado 2 vezes nas páginas 57 e 58.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** Episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. ISBN 9788555910807. Citado 4 vezes nas páginas 17, 23, 28 e 30.
- MBEMBE, A. **A crítica da razão negra.** 1. ed. São Paulo: N 1 edições, 2018. 320 p. ISBN 9788566943511. Citado 15 vezes nas páginas 16, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 74, 80 e 87.
- MESSIAS, J.; MUSSA, I. Por uma epistemologia da gambiarra: invenção, complexidade e paradoxo nos objetos técnicos digitais. **Matrizes**, n. 1, p. 173 – 192, Jan/Abr 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/157539>. Citado 2 vezes nas páginas 27 e 31.
- MOSÉ, V. **Nietzche hoje.:** Sobre os desafios da vida contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. 153 p. ISBN 9788532659552. Citado na página 20.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa.** 1. ed. [S.l.: s.n.], 2013. 254 p. ISBN 9788523010737. Citado 5 vezes nas páginas 49, 60, 65, 94 e 97.
- OLIVEIRA, D. **Racismo estrutural:** uma perspectiva histórica-crítica. São Paulo: Dandara, 2021. 207 p. ISBN 9786588586068. Citado 5 vezes nas páginas 29, 30, 32, 36 e 41.
- ORLANDI, E. P. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. 2015 p. ISBN 9788571131316. Citado 11 vezes nas páginas 56, 57, 59, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 88 e 99.
- POLYDORO, F. da S. *et al.* **Vídeos amadores de acontecimentos.** 2016. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-13092016-104618/>. Citado 2 vezes nas páginas 74 e 75.
- QUERÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. R. V. (org.). **Acontecimento:** reverberações. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. cap. 1, p. 21 – 38. ISBN 9788565381260. Citado 10 vezes nas páginas 49, 61, 62, 65, 73, 83, 85, 86, 97 e 98.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber:** Eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. San Pablo: Clacso, 2005. p. 117 – 142. ISBN 9871183240. Disponível em: <https://libreria.clacso.org/publicacion.php?p=164&c=13>. Acesso em: 11/09/2024. Citado na página 22.
- QUIRINO, K. T. M.; MOURA, D. O. Enquadramentos e Advocacy sobre o genocídio de jovens negros : análise da cobertura da Folha de S. Paulo. **Eco Pós**, v. 22, n. 2, p. 191 – 222, Set 2019. ISSN 2175-8689. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/10/pdf](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/10/pdf). Acesso em: 11/09/2024. Citado na página 27.
- SANTOS, Y. L. dos. Racismo brasileiro - Uma História da Formação do País. Citado na página 37.

SODRÉ, M. **Estratégias sensíveis**: Afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006. Acesso em: 11/09/2024. Citado 2 vezes nas páginas 19 e 20.

SODRÉ, M. **O facismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Rio de Janeiro: Vozes, 2023. ISBN 9786557138342. Citado 12 vezes nas páginas 14, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 59, 60, 67, 80 e 98.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. [S.l.]: Vozes, 2017. 240 p. ISBN 8532655211. Citado 2 vezes nas páginas 21 e 58.

SODRÉ, M. Uma lógica perversa de lugar. **Revista Eco Pós**, v. 21, n. 3, p. 9 – 16, 12 2018. ISSN 2175-8689. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/22524](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/22524). Acesso em: 11/09/2024. Citado 8 vezes nas páginas 16, 21, 22, 31, 34, 37, 40 e 53.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro, Graal, 1983, 88p. [S.l.: s.n.], 1983. Citado na página 58.

**Anexos**

## DECUPAGEM DESCRITIVA DO EM PAUTA – 29 DE MAIO DE 2020

### **Leila Sterenberg**

Infelizmente não é a primeira vez que isso acontece nos EUA. Há precedentes. Precedentes de jovens negros assassinados pela polícia. Por que dessa vez está ganhando essa proporção e reação popular? Talvez pelo posicionamento ou pelo que Trump já declarou?

### **Guga Chacra**

Olhar a cena do George Floyd sendo sufocado, sendo morto pelo joelho, daquele policial racista, branco, com outros policiais brancos, não fazendo nada. Ele estava completamente dominado, sem oferecer risco nenhum. Ele foi sufocado até a morte, falando que queria respirar. As imagens dizem que o impacto gigantesco e isso daí está gerando essa comoção nacional aqui nos EUA, não só na população norte-americana, de todo mundo que não é e é contrário a esse racismo que existe aqui nos EUA essa tensão racial que não dá pra negar. O George Floyd foi morto porque ele era afro-americano. O policial que o matou, o matou porque é um racista. A gente tem que ter essa consciência aqui nos EUA. O Presidente Trump está tentando mostrar uma certa empatia à família do George Floyd, mas ele foi ao twitter e fez um post tão repugnante que o twitter classificou a mensagem glorifica a violência. O Trump colocando mais lenha na fogueira numa situação de incêndio. É muito grave que isso aconteceu. Está dominando os noticiários. Aqui só se fala desse episódio, do George Floyd sendo sufocado até a morte por policiais, embora as pessoas ao redor falassem para eles pararem. Teve aquela cena em Staten Island NY, anos atrás, que também um afro-americano foi sufocado até a morte por um policial, situação igual agora. É bem grave. É um ano eleitoral que já tá polarizado e isso aumenta a tensão. Um dos candidatos é o Trump. E a gente sabe do histórico dele associado ao racismo. Aqueles cinco jovens afro-americanos que ele dizia que tinham matado uma mulher no Central Parque. Trump comprava páginas no jornal pedindo a condenação e a morte deles. Trump dizendo que o Obama, primeiro presidente afro-americano norte-americano, não tinha nascido nos EUA. Então tudo isso acaba se alimentando. Más é algo que anterior ao Trump. Não dá pra culpá-lo por esse episódio agora. O culpado é o policial racista, mas esse racismo estrutural que existe aqui nos EUA. É uma cena muito triste mesmo o que ocorreu com George Floyd, de 46 anos, morto lá em Minneapolis, uma cidade grande, lá de Minnesota, e hoje os protestos se espalhando por todo país. E claro, há ainda esse pedido por isolamento social, mas as pessoas estão indo às ruas mesmo assim porque há uma comoção muito grande.

### **Leila Sterenberg**

Guga, entre outras coisas, falando sobre pandemia: a pandemia faz mais vítimas entre a população negra e latina, mas de qualquer forma existe uma desproporção daqueles que vem a óbito.

### **Guga Chacra**

Sem dúvidas, a Covid tem matado mais a população afro-americana e latino-americana. Lembrando que nós somos latino-americanos. Então a gente tá nesse grupo das maiores vítimas. Em Boston, inclusive há uma expressiva população brasileira e é uma das maiores populações latino-americanas de Boston que é outro foco da doença.

Eu queria frisar da questão eleitoral que o Trump, na eleição contra Hillary Clinton, teve 8% de votos do eleitorado afro-americano. Talvez agora contra o Biden, seja ainda menor. O Biden tem uma popularidade ainda maior do que a da Hillary Clinton com esse eleitorado, dependendo de quem ele escolher como vice: Stacey Abrams ou a Kamala Harris pode até elevar. O Trump está indo para essa polarização. Porque a grande a narrativa dele

é a excelente performance econômica dos EUA, era uma cartada justa de ela usar, mas que agora ele não tem mais.

O que ele tem agora é uma economia com maior desemprego em sete décadas. Não é culpa dele, a culpa é do vírus nesse caso, não dá para culpá-lo, mas não dá para ele falar que é o menos desemprego em 50 anos. E a performance pavorosa dele no combate à pandemia. E agora se soma a essas manifestações e a esse episódio que como o Demétrio falou, não foi o primeiro, não será o último, vai prosseguir e vai continuar com grande polarização aqui nos EUA, Leia.

### **Leila Sterenberg**

E voltamos a falar sobre as reações à morte por um policial, a morte de George Floyd, que foi brutalmente assassinado por um policial, sufocado por um policial, na cidade de Minneapolis, no estado de Minnesota. Essas imagens são exatamente da cidade, onde a gente tá acompanhando essas manifestações. E como disse Raquel Krahenbuhl, há manifestações também em outras partes dos EUA, inclusive em Washington, em frente à Casa Branca. Inclusive jornalistas chegaram a ficar preso lá dentro, ninguém podia sair. Depois a coisa foi relaxada. Mas a tensão é grande por lá, na capital americana e em outras cidades dos EUA. Vamos ficar com essas imagens e voltar a conversar com Guga Chacra e o Demétrio Magnoli.

A mensagem do Twitter dizendo que havia uma incitação da violência no twitter do presidente Trump que disse que por ele atirava-se nesses bandidos se referindo a esses manifestantes de Minneapolis. Isso aconteceu um dia depois de Trump ter assassinado uma ordem executiva questionando as leis de proteção das redes sociais que evitam que os sites sejam processados, quando moderam justamente publicações e aí qual é a sua leitura a respeito disso e como isso está repercutindo também?

### **Guga Chacra**

Trump entrou em guerra com o Twitter especificadamente. Menos com o Facebook. O Twitter se tornou adversário dele. Embora o Twitter tenha sido até, em parte ele tem usado muito os Twitter dele para conseguir conquistar essa popularidade que ele tem e que o elegeu presidente. Claro, que há outros motivos, mas o Twitter contribuiu bastante. Ele tem 80 milhões de seguidores. Ele sabe usar bem essa rede social.

O interessante que essa legislação dele criminalizaria o Twitter, se alguém colocar um post racista na plataforma, você poderia processar o Twitter. Isso não está na legislação dele, mas seria o ponto que ele quer chegar. Só que isso prejudicaria o próprio Trump, porque o Twitter teria que regular muito mais as publicações, não só o Twitter, como todas as redes sociais, porque hoje elas servem mais como plataforma. Diferentemente de um jornal, NYT. Por exemplo, se alguém escreve algo racista no jornal, e a notícia é publicada, o NYT pode ser processado por racismo, pode ser processado se alguém escreve alguma calúnia. Nas redes sociais não. Até porque são bilhões de Twitter todos os dias. É complicado monitorar. Agora, o Trump vai tentar monitorar?

É complexa essa situação. E de qualquer formar, o Twitter tomou essa medida contra o Trump e inicialmente em relação ao voto pelo correio que o Trump disse que gera fraude, corrupção. Embora ele próprio vote pelo correio. Muitos estados governados por republicanos dizem que não há problema de fraude por correio. Até o Trump usou o correio para enviar os cheques de ajuda agora durante a depressão econômica. E ele fica escrevendo coisas no Twitter. Por exemplo, ele diz que um apresentador da MSNBC é um assassino que teria matado uma assessora cerca de 20 anos atrás, sendo que a moça nem foi assassinada. Ela morreu por problemas cardíacos. E o apresentador nem estava na cidade na época. Estava na Flórida. E o marido viúvo está ofendendo à família com essas

publicações. Ele passou o dia inteiro acusando esse republicano que é anti Trump.

Mas enfim, é uma briga que ele vai ter com as redes sociais que ele vai buscar incendiar a base dele, que ele diz que cala as vozes conservadoras, embora o Trump não seja exatamente um conservador. Conservador é Ângela Merkel, o Trump é outra coisa. E que estão tentando calar e que estão violando a liberdade dele. Tentou usar a Casa Branca para colocar o mesmo post dele.

**Leila Sterenberg**

Exatamente, ele desesperado lá, querendo respirar. Fiquei até nervosa com essa imagem. Demétrio, você acha que esses protestos vão crescer em que medida e isso vai ter repercussão na corrida de Donald Trump a reeleição, nesse processo eleitoral americano?

**Demétrio Magnoli**

Demétrio - A imagem diz tudo. O George Floyd estava dizendo “eu não posso respirar, várias vezes. Ele ainda consegue repetir essa frase e é assassinado a sangue-frio. Não é o primeiro, nem o último. Porque várias alas da polícia norte-americana agem segundo uma lógica racial. O que tá acontecendo em termos de protestos é um rastilho de pólvora em meio à pandemia. As imagens de Minneapolis, mostram que não são os negros, mas também os brancos em grande número. Porque a questão não se refere apenas aos negros. Se refere à democracia e aos direitos humanos. Não há democracia que não respeite direitos humanos. E não há democracia se os negros são o foco da violência policial. É isso que as pessoas estão dizendo nesse protesto. E isso vai ter obviamente impacto na eleição americana. Acrescento uma coisa: quando a gente olha para o Rio de Janeiro, houve aumento brutal dos assassinatos promovidos pela polícia em favelas e bairros periféricos. O que falta aqui, são protestos como lá.

**Leila Sterenberg**

É, eu acho que a reverberação eleitoral Demétrio, me corrija se eu estiver errada, vai depender um pouco também do posicionamento do próprio Biden nessa história toda, né?

**Demétrio Magnoli**

Claro, tem a ver com toda dinâmica da eleição. Mas como o Guga explicou, a imensa maioria do eleitorado negro repudia Donald Trump. Tem a ver com toda a dinâmica da eleição. A imensa maioria do eleitorado negro repudia o Trump.

Mas a questão não é maioria do eleitorado negro. Mas sim do impacto desse evento no eleitorado em geral. As declarações de Trump logo depois das notícias foram pavorosas. Foram horrendas. Um estímulo à violência policial.

Não ao ponto que chegou a fazer o governador do Rio Janeiro Wilson Witzel, que disse que tinha que atirar na “cabecinha de suspeitos”. E a polícia do Rio faz exatamente isso, atira na cabecinha de quem quiser, sem protestos. Mas Donald Trump que não chegou ao ponto de Witzel, estimulou a violência policial e praticamente aplaudiu a violência policial. E isso tem impacto no eleitorado que não é apenas o eleitorado negro nos EUA.

**Leila Sterenberg**

Houve uma tentativa do Trump em tentar mudar o tom a narrativa sobre esse episódio. Mas o estrago já tá feito perante a opinião pública.

**Demétrio Magnoli**

O ponto é que essa ação não é uma ação isolada. De maneira que a prisão muito necessária, o processo e a punição do assassino: esse é o nome, isso é um assassinado a céu aberto, não resolvem o problema e é isso que os manifestantes sabem e é por isso que eles estão manifestando. Isso é um dado estrutural das polícias americana: a violência racialmente focalizada. Isso é estrutural. O que os manifestantes estão dizendo é uma reforma das polícias, da reforma da atitude das polícias dos EUA. A gente pode transportar

isso para cá. É o mesmo problema que ocorre no Brasil com a diferença que quando há assassinato e execução extraoficiais promovidas pela polícia sequer os indivíduos são punidos. O que os manifestantes estão dizendo é que existe um padrão racial das polícias dos EUA. E isso pode ter impacto nas eleições.

**Leila Sterenberg**

Os protestos chamam atenção por essa veemência, para que é compreensível dada a violência e maneira brutal que George Floyd foi assassinado, mas de qualquer forma, o policial Dereck Chauvin foi detido, acusado de homicídio, vai responder por homicídio culposo, assassinato em terceiro grau. E isso tudo foi muito rápido. Se a gente comparar com que acontece no Brasil quando você um cidadão vítima de violência policial e eventualmente não dá em nada.

**Mônica Waldvogel**

Mas eu acho que levou umas 48h para ele ser preso e não foi uma prisão imediata, de um assassinato filmado. O vídeo completo pareceu a cena com o George Floyd com o joelho no pescoço. Quando você assiste o vídeo completo, você vê as pessoas em volta, mantidas à distância por outro policial indiferente, avisam e diziam: ele tá mal, ele já não tem sinais. Tem algo muito impressionante na expressão daquele policial, na indiferença absoluta, como se estivesse em cima de um objeto e não em cima de uma pessoa. O cara é feito de uma matéria dura que nem o joelho consegue sentir que tem debaixo uma vida e está se esvaindo. Imaginar que a população negra não fosse reagir, e eles sempre protestam, isso tem décadas, essa violência é antiga. E há décadas esses protestos tomam as cidades e viram esse tipo de coisa: incendiaram delegacias, prédios públicos, depredaram supermercados. Ou o presidente acalma, ou ele vai ter isso na porta da casa dele.

## DECUPAGEM DESCRITIVA DO *EM PAUTA* – 2 DE JUNHO DE 2020

### **Marcelo Cosme**

Os manifestantes voltam às ruas. A morte de George Floyd foi o estopim e abriu um novo capítulo na luta contra o racismo.

### **Jorge Pontual**

Hoje cresceu muito o movimento. Tem muito mais gente nas ruas por causa da violência da polícia ontem, especialmente em frente a Casa Branca, onde o Trump mandou atacar os manifestantes com gás lacrimogêneo e balas de borracha para poder sair e tirar foto com um Bíblia na mão, na frente de uma igreja.

### **Marcelo Cosme**

A gente sabe que infelizmente não foi o primeiro caso de um homem negro morto numa ação violenta por policiais brancos. Mas o que você acha que aconteceu de diferente agora que teve essa repercussão mundial, essa explosão de protestos nos EUA?

### **Jorge Pontual**

Olha eu acho que é um movimento que começa como antirracista. Foi a gota d'água a morte do George Floyd e as circunstâncias da brutalidade. Todo mundo viu aquele vídeo, a arrogância daquele policial matando o George Floyd na frente de câmeras. Tudo isso indignou gente do mundo inteiro. E dessa vez, surpreendentemente, o movimento cresceu desde sábado, e se tornou um movimento contra a opressão. Não é só mais um movimento antirracista é contra qualquer tipo de opressão. Contra um sistema injusto para os negros, os imigrantes, os latinos, LGBT, e até para as mulheres. Tem muita gente na rua que não estão protestando só pela morte de George Floyd, mas que estão protestando para que o sistema mude, que seja mais democrático porque são pessoas que perderam a confiança no sistema partidário. Já teve o presidente Barack Obama durante 8 anos que tentou fazer reformas na polícia para acabar com essa brutalidade e não conseguiu. O governo Trump acabou com todas essas reformas. É como se fosse um caldeirão fervendo e que agora tiraram a tampa. E não vai parar. Agora o presidente Trump está aproveitando. Ele disse que é ele quem vai restaurar a ordem colocando o exército na rua. Mas isso só vai agravar a situação. Depois de uma manifestação pacífica na frente da Casa Branca, os protestantes foram atacados pela polícia.

De um lado você tem manifestações pacíficas que infelizmente têm pequenos grupos que aproveitam para fazer saques e atacar bancos. Mas são manifestações pacíficas em 180 cidades dos EUA. 80 delas estão em toque de recolher.

### **Marcelo Cosme**

Imagens de Nova York. Pontual, diga lá.

### **Jorge Pontual**

Eu quero lembrar que depois que o Presidente Trump usou a religião para fazer essa história que ele fez ontem, essa presepada de posar na frente de uma igreja com uma bíblia, isso foi condenado pelos bispos pela igreja episcopal, a qual pertence a primeira igreja, e o Arcebispo católico de Washington hoje também condenou a visita do Trump ao santuário do papa.

O presidente está usando, ou quase que um deboche do cristianismo, para fins eleitorais. Tudo isso que ele tá fazendo pra incendiar a base dele, que de fato existe uma base branca. Mas a maioria dos brancos é a favor desse movimento “Black Lives Matter”. As últimas pesquisas demonstram que 57% dos americanos, dos quais os brancos são a maioria, apoiaram o movimento “Vidas Negras Importam”. Não é só uma divisão entre brancos e negros. É uma divisão de uma facção radical de direita, racista, trumpista que é

minoritária, mas conseguiu eleger esse presidente. Mas o resto do país quer mudança, mas isso só vai acontecer em novembro.

**Jorge Pontual**

O que Candice acabou de dizer é a coisa mais importante dita aqui. É um movimento de cidadania. É um movimento democrático. O que a gente está vendo é o que os EUA têm de mais forte, que a soberania popular, o direito da população de ir às ruas protestar, que está na Constituição. É um movimento popular pela democracia, pela cidadania. Isso é uma coisa que não acontecia nesse país desde que estou aqui. E estou aqui há 20 anos. É muito bonito e é histórico.

**Marcelo Cosme**

A gente vai continuar com as imagens de Nova Iorque, acompanhando esse momento da manifestação. Enquanto isso, eu quero ouvir o Pontual.

**Jorge Pontual**

Olha eu fiquei muito emocionado com o que a Mônica falou né. Você ajoelhar um joelho, é um gesto de respeito. Esse gesto foi introduzido pelo jogador Colin Kaepernick. Ele é um jogador de futebol americano que é um ativista pelos Direitos Civis. Em 2016, quando cresceu essa coisa de brutalidade policial, do número de jovens negros desarmados sendo mortos pela polícia, quando toca o Hino Nacional, antes do jogo, o Colin começou a se ajoelhar. Por lei, todo mundo tem que ficar em pé. É uma Lei Federal. E ele ousou botar um joelho no chão, como protesto contra a brutalidade policial. Os outros jogadores, negros e brancos, passaram a fazer o que ele fazia. O Donald Trump quando assumiu em 2017, ele conseguiu que o Colin Kaepernick fosse chutado fora da liga do Futebol Americano, simplesmente não renovaram o contrato dele.

O Donald Trump dizia que tinha que expulsar ele do país. Xingou ele e eu não vou dizer como ele xingou. E acabou esse movimento porque o presidente resolveu dizer que não podia. E é um direito protestar nesse país, e foi violado nesse caso. E é muito bonito a gente vê que os manifestantes recuperaram esse gesto. O país inteiro, nesses oito dias de protestos, a gente tem visto com o joelho no chão, como uma forma de protestar contra a brutalidade policial.

**Marcelo Cosme**

Diga lá Pontual

**Jorge Pontual**

Há pouco a Candice (correspondente) informou que o subway está fechado. Como é que essas pessoas vão voltar pra casa, se não tem transporte público? O Bill de Blasio é uma grande decepção. Ele realmente pisou na bola feio esse fim de semana. Dois carros da polícia foram filmados avançando em cima da multidão. E ele passou panos quentes. Agora decretou toque de recolher. Ele não tem coragem de peitar a polícia. A polícia de NY, como em todo país, existe sindicatos de policiais, que são extremamente conservadores. Eles vão para comícios de Donald Trump, dá apoio a ele. É uma polícia extremamente conservadora. Tem que ter autoridade para impor autoridade para essa polícia. E o Bill Blaeson não conseguiu. Abriu as pernas para essa situação.

**Marcelo Cosme**

Vai lá, Pontual.

**Jorge Pontual**

George Floyd cresceu em Houston. Ele nasceu na Carolina do Norte, mas ele é de Houston. E o enterro será em Houston. Imagina o que não vai acontecer nesse enterro. O boxeador aposentado, grande campeão, Floyd Mayweather vai pagar as despesas do funeral em Houston e também amigo da família. Vai ser uma coisa incrível. Não tem data

ainda.

**Marcelo Cosme**

Os protestos antirracistas já se espalham pelo mundo. Em Paris, um protesto relembrou a morte de um negro na França.

**Demétrio Magnoli**

Se espalham sobre o mundo, mas não suficientemente pelo Brasil. Nós temos aqui centenas e milhares de George Floyd. Especialmente no Rio, uma coleção de George Floyd. O último, o garoto João Pedro, morto na sua casa, crivado com 70 projéteis de fuzil.

**Marcelo Cosme**

Demétrio, a gente tem visto esses protestos antirracismo crescerem e ganharem força e a gente não sabe onde isso vai parar ou quando vão terminar? Qual o cenário para você?

**Demétrio Magnoli**

Queria começar respondendo a sua pergunta inicial. Me parece que os protestos ganharam fôlego e força e uma amplitude impressionante devido à reação de Donald Trump. Depois que circulou o vídeo do assassinato a céu aberto de George Floyd, o presidente americano disse que aquilo é normal, singular, um acaso e que não tem nada a ver com um problema mais profundo e, portanto, tudo continuará assim.

As pessoas ficaram espantadas e indignadas com a reação do presidente. E essa reação e a ideia de esvaziar as ruas por meio da força policial justamente da força policial, essa ideia provocou uma indignação que continua a crescer. As manifestações que antes eram de um grupo de centenas de pessoas começaram a se transformar em manifestações muito maiores e em muito mais cidades dos EUA.

Eu não diria que é uma busca pela alma dos EUA. Eu diria disputa entre duas almas: Uma alma da nação branca, protestante, expressa por Donald Trump, que se vê como nação verdadeira, cercada por minorias constituídas por cidadãos de segunda classe. E a outra, a alma na nação única, pela igualdade perante a lei, a busca de uma nação única onde todos têm direitos iguais. Uma busca tão antiga que vive um novo capítulo hoje. Eu diria que há um conflito entre duas almas que está acontecendo hoje nas ruas e nos edifícios governamentais dos EUA.

**Marcelo Cosme**

Continuamos sempre na sua tela com imagens ao vivo. Vou ouvir o Demétrio e depois a gente tem um entrevistado aqui.

**Demétrio Magnoli**

Pra dizer duas coisas: a primeira, a gente precisa cuidar da linguagem, a linguagem é muito importante. No auge dos atentados terroristas da Al-Qaeda e do Estado Islâmico, eu insistia sempre que não deveríamos chamar os terroristas de terroristas islâmicos. Porque eles não eram terroristas por serem muçulmano, que deveríamos chamá-los de terroristas jihadistas. Porque eles seguiam um programa político.

Da mesma forma, nós precisamos parar de falar manifestantes pacíficos e violentos. Não existem manifestantes pacíficos e violentos. Existem manifestantes e vândalos. Que são coisas claramente separadas nas manifestações americanas.

E em relação ao que a Mônica colocou, nas democracias a política se faz nas ruas, mas ela se completa nas eleições e nas leis. Vamos pegar o Chile. As manifestações que vimos nos últimos meses desembocaram numa reforma constitucional que deve começar em breve. Desemboca em leis e eleições. Nas ditaduras, elas desembocam apenas na repressão. Então há uma diferença muito grande entre as democracias e nas ditaduras. O preocupante é que o presidente que criar uma figura que existe em ditaduras, que a figura

do inimigo interno. Ele está falando em terroristas domésticos, e está falando em usar o exercício contra manifestantes. Então ele está usando uma figura do inimigo interno que é clássica de ditaduras.

**Marcelo Cosme**

A gente continuar com as imagens ao vivo, quero ouvir o Demétrio, sobre essas imagens que a gente tá mostrando.

**Demétrio Magnoli**

O prefeito de NY é quem estabeleceu esse toque de recolher de hoje, e a polícia de NY é comandada por Bill Blaseo. Ele é da esquerda do partido democrata, e ele está andando sobre gelo fino. Ao tentar impor esse toque de recolher e ao correr o risco de confrontos violentos, entre policiais que tentam impor o toque de recolher e manifestantes que dizer “as ruas são nossas”, Bill Blaseo se desmoralizar politicamente perante os eleitores de NY e perante a sua base eleitoral. Então é algo politicamente importante que está acontecendo aí.

É muito improvável que não tenhamos manifestações muito depois do toque de recolher e manifestações em muitos lugares. Porque os manifestantes fazem questão de estabelecer o seu direito às ruas apesar do toque de recolher.

**Marcelo Cosme**

Por favor, Demétrio.

**Demétrio Magnoli**

Lá em NY e em outros lugares os manifestantes estão gritando “manifestação pacífica” estão afastando e reprimindo os provocadores que aparecem nas manifestações. Eles já descobriram a armadilha. Eles já entenderam que a armadilha são os grupos infiltrados, vândalos comuns, grupos de extrema-esquerda (os antifas), e grupos de extrema-direita. Hoje nas redes sociais americanas, grupos de extrema-direita, supremacistas brancos, se fingindo de antifas, chamaram a depredação às manifestações. Os manifestantes já entenderam essa gramática. Eles sabem que a armadilha é o vandalismo e o vandalismo serve pra Donald Trump pra estabelecer uma equação: manifestações = depredação. E eles estão desfazendo essa equação de DT.

**Marcelo Cosme**

Neste dia que o mundo assiste aos maiores protestos por igualdade racial, desde os anos 60, aqui no Brasil vaza o áudio do presidente da Fundação Palmares chamando o movimento negro (de) escória maldita.

**Andréia Sadi**

O Sérgio Camargo não está no governo a despeito das declarações dele. Ele tá no governo por causa dessas declarações ou do que ele pensa sobre o movimento negro e outras polêmicas que a gente já viu. No momento que o mundo se levanta contra o racismo, ele fica na pasta, no cargo e o governo cancelar sua permanência, é cancelar as declarações dele como política de governo.

**Marcelo**

Andréia, a gente tá vendo imagens de Washington, onde já começou o toque de recolher, mas uma hora depois a gente vê muita gente ainda na rua.

**Andréia Sadi**

Marcelo, o que mais me chama atenção, além de tudo que os colegas falaram, é que o Presidente Trump quer responder com força essas manifestações pacíficas. O tempo todo é como se ele visse os manifestantes como adversários. É um deslocamento completo do pleito das pessoas, da sociedade, é aquela coisa: “eu falo, vocês escutam”. Mas quando a sociedade começa a falar é como se ele tapasse os ouvidos. É como se ele estivesse

descolado da realidade, mas também da população. Isso foi o que mais me chamou atenção ao longo de oito dias.

Quando ele saiu da Casa Branca, segurando a bíblia, eu não entendi. Eu achei que ele fosse propor algum diálogo. Mas não. Saiu, levantou a bíblia, voltou e ficou por aquilo mesmo. Só funciona para o presidente se for um monólogo. Quando as pessoas propõem diálogo, quando elas querem falar e chamar a atenção para elas - porque é disso que se trata, o presidente da república e qualquer governante serve ao povo. Não é ele que fala e todo mundo escuta. Fiquei impressionada porque é como se não houvesse empatia do presidente com a população nessa causa, tão cara, que depois se estendeu para outros pleitos, mas que começou com o combate ao racismo. Então é isso que mais me chamou a atenção, essa atenção resposta do presidente imediata é vou usar a força e as manifestações são pacíficas.

### **Marcelo Cosme - “01’14**

Vamos falar com Andrea Sadi porque a gente sabe bem e conhece bem Sérgio Camargo. A Lilian trouxe até um resumo de como ele chegou, de como saiu e como voltou. Mas vamos lembrar, se ele tá lá, e por uma decisão judicial, é porque tem o carimbo do presidente Jari Bolsonaro. E o que ele fala Andreia, não me parece muita surpresa porque ele já tinha falado antes.

### **Comentário #3**

Só está surpreso, como eu costumo dizer aqui, quem não tá acompanhando a sucessão de declarações polêmicas, a gente pode traduzir como preconceituosas, do Sérgio Camargo. Não estava no cargo, na verdade, por conta de uma decisão judicial, porque no que depender do presidente Bolsonaro, ele é o cara para tocar a política racial do Brasil no comando da FP. Como eu dizia no começo do Em Pauta, ele não está no cargo a despeito de suas declarações, mas por causa do que ele pensa e por causa do que ele já falou no passado. Essas polêmicas passadas. Por exemplo, essa de que a escravidão foi benéfica para seus descendentes. Essa de hoje (chamar o MN de escória do mundo), que foi uma revelação do jornal O Estado de SP, quando ela veio a público hoje à tarde, até conversei com algumas fontes do governo, pra saber se tinha alguma repercussão, porque a pergunta óbvia é a seguinte: se o SG continua no governo, se ele é mantido no posto, essas declarações são, na verdade, a política do governo Bolsonaro. Ou seja, é a chancela, é o aval dele. E como a gente sempre conta aqui, Marcelo, ele faz parte do que a gente chamar de ala ideológica do governo JB. Ele está lá e ganhou a briga, por exemplo, com a Sec. de Cultura, Regina Duarte.

### **Marcelo Comes “00’ 02 - Pergunta/Introdução #1:**

O Ministro da Justiça pede pra PF investigar o vazamento sobre supostos dados do presidente e de seus filhos. Bolsonaro fala em intimidação.

### **Comentário #1**

Tem que ser investigado tudo com muita velocidade. Um presidente não pode ser intimidado com vazamento de dados. Isso é fundamental esclarecer o mais rápido possível.

### **Comentário #2**

Dom José Gomes Arcebispo de Nova York emite um comunicado, olha o que ele diz: “Temos que compreender que os protestos refletem a frustração e raiva justificadas de milhões de nossos irmãos e irmãs que até hoje **experimentam** humilhação, indignidade e oportunidades desiguais só por causa da sua raça ou da cor da sua pele. Não deveria ser assim na América. O racismo tem sido tolerado por tempo demais em nosso estilo de vida. Como é possível que na América a vida de um homem negro seja retirada dele enquanto pede ajuda e não é respondido?”

**Marcelo Cosme “00’02’53 - Pergunta/Introdução #1 :**

A OAB divulga um parecer que nega que a Constituição prevê uma intervenção militar. As forças armadas não são um poder moderador.

Mônica Voldivogo #1

Não são desde a Proclamação da República de 1989. Mas a gente vem vendo, desde as últimas eleições, que um grupo pede a intervenção militar constitucional. Isso não existe e a OAB colocou isso em pratos limpos.

Mônica Voldivogo #2

É muito impressionante tudo isso que está acontecendo nos EUA. Estamos aqui nos EUA há 10 anos assistindo manifestações de ruas em várias partes do mundo. É muito impressionante como ao longo do tempo ficou consolidado que os sistemas políticos tradicionais não estão dando conta das aspirações, queixas e dos ressentimentos das pessoas, então elas vão pra rua e marcam presença. E isso tem acontecido no mundo inteiro. Isso aconteceu aqui com a gente também. Talvez volte a acontecer. Houve ontem uma manifestação em Curitiba de tamanho bastante razoável. Hoje tivemos uma em Manaus de queixas e reclamações. A política de certa forma tão desprezada pelas pessoas está na rua, se manifesta desse jeito, se personifica, ela ocupa esses espaços que são o espaço mais nobre da política.

É interessante que o que a gente está vendo é uma das imagens mais simbólicas, que começou ainda lá traz, ainda no governo Trump, é quando os jogadores se ajoelham ao tocar o hino nacional, como gesto de protesto, e agora foi (re)simbolizado como gesto de respeito e apoio. E que junta ali manifestantes e policiais neste ato. Isso de ajoelhar num joelho só pra mim é um gesto muito interessante porque não é um gesto de subserviência, de submissão, de condescendência, é um gesto de respeito, à dignidade dos outros, à palavra dos outros.

À medida que os fatos vão acontecendo, a gente vai extraindo essas mensagens espontâneas. E eu espero também que permaneçam como gesto, símbolo e mudança na cultura.

Marcelo Cosme - “00’25 - Pergunta #1:

É tudo muito forte, muito triste, mas carregado de emoção. Até então tínhamos aquela imagem horrorosa de George Floyd sendo asfixiado, mas agora a gente traz o lado da filha do irmão. E você tem acompanhado essas manifestações e percebemos uma crescente, né?

Mônica Voldivogo #1

Essa dor que a companheira do George Floyd está sentindo, quantas mães não sentiram essa dor ao longo de todos os anos de história. É como o ator Will Smith disse, “não é que a violência contra os negros aumentou, ela só passou a ser filmada”. Então quantas mães, mulheres, filhas, companheiras e irmãs não sentiram essa dor? Isso realmente precisa parar urgentemente. A gente viu do lado da mãe da filha do George Floyd, o Steve Jackson, ex-jogador da NBA, que tem ídolos aqui nos EUA. E ele era amigo do George Floyd, que tentou ser também jogador.

Tem acontecido muitas imagens bonitas na rua. Pra continuar o raciocínio, tem crescido esses protestos sim. E a impressão que tenho é que muito o que o candidato à presidência do partido democrata tem dito (Biden), é uma busca pela alma da América que está acontecendo.

E ele tem a preferência dos votos dos negros porque ele é um dos poucos candidatos brancos que não é considerado racista pelo fato de ser vice-presidente do Barack Obama.

E ele tem falado muito isso na campanha e isso que a gente está vendo nas ruas é

uma busca pela alma da América porque é um momento que os EUA se depararam com o que eles são: um país que não tem saúde pra todos, como era a plataforma do Joe Biden, concorrente do Biden no partido democrático, quer dizer: o país mais rico do mundo e não oferece esse direito básico para a população. Não é como no Brasil que existe um sistema de saúde.

A gente critica, mas existe um Sistema Único de Saúde. Nesse momento em que mais de 100 mil pessoas morreram nos EUA contaminados pela Covid19, muitas pessoas vão ter que pedir falência pros bancos simplesmente porque não vão conseguir pagar a conta do hospital.

Como é a nação mais rica, mais poderosa militarmente do mundo pode não ter dinheiro pra pagar suas contas num momento tão crucial como essa pandemia. É muito curioso quando cresceram essas manifestações, foi o dia que a SpaceX foi lançada para estação espacial por uma empresa privada.

Fazendo um paralelo com o que aconteceu nos anos 1960, quando o homem chegou à lua em 69 e em 68 tinha tido os maiores protestos raciais nos EUA, até hoje. É uma América que está indo em direções opostas. Se por um lado gasta bilhões, trilhões de dólares com defesa principalmente, e com exploração espacial não está olhando para as pessoas e para a sua população que está em um momento tão difícil. Nova York foi a cidade mais atingida pela pandemia, uma cidade que chegou a ter 600 mortos em um só dia. É um país que está andando em duas direções e as pessoas não querem mais isso. As pessoas estão dizendo basta.

Marcelo Cosme - 0119' Pergunta #2:

Sandra, a gente tá vendo as imagens da polícia insistindo com as pessoas para que parem as manifestações, mas tem uma tensão evidente ali.

Mônica Voldivogo #2

Vai ser complicado tirar essa gente toda da rua, né, Marcelo? Porque hoje foram as maiores manifestações. Você viu um mar de gente nas ruas. As imagens são impressionantes. Porque são vários pontos da cidade. Tem gente lá no norte da cidade. Tem gente aí no Village. E como que faz agora (pra tirar essa gente toda da rua?). E as pessoas não querem ser caladas.

E o Bill de Blasio, tem essa característica, ele é casado com uma afroamericana, ele se elegeu realmente com essa plataforma de tolerância. Ele, obviamente, tem dois filhos mestiços, né, porque a mulher é afroamericana. Mas ele precisa pelos tentar fazer que o toque de recolher decretada por ele seja cumprido. Como fazer isso de uma forma seja pacífica, que não provoque esse tipo de confronto esse tipo de tensão que a gente começa a ver. Qual será que foi a determinação da polícia? Porque ao longo do dia o que a gente viu foi uma certa ausência policial. Porque não tinha um policiamento ostensivo como os outros dias. O que eles estavam cercando (patrulhando) era mais as propriedades. Mas se você vai colocar em prática esse toque de recolher que já começou há quase meia hora, como você vai fazer [para] as pessoas [não] saírem às ruas se ainda tem muita gente nas ruas e se as pessoas ainda estão dispostas a se manifestar, e se elas querem tomar as ruas pra si? É uma situação muita complicada para conseguir executar isso sem que haja confrontos violentos.

Marcelo Cosme - 0048': Pergunta/Introdução:

A imagem continua ao vivo e pra gente entender essas manifestações antirracismo, a gente vai conversar com a Luciana Brito, historiadora e está em pós-doutorado em Nova York, especialista em estudos sobre escravidão, abolição, relações raciais no Brasil e nos EUA. A senhora morou nos EUA e estuda isso profundamente, como a senhora analisa, o

que a senhora acha do que está acontecendo?

Mônica Voldivogo #1

Um das coisas que eu gostaria de trazer é a questão do cristianismo, e pelas simbologias que são importantes de serem entendidas. Durante os protestos como na performance do presidente Trump.

Quando ele estende a bíblia, na verdade, ele tá falando para um setor da sociedade cristã estadunidense. E quase a totalidade da população negra nos EUA é cristã, mas ele não está fazendo aquela performance para esse setor da população. Nós, a essa altura, já sabemos que esse enfrentamento, na verdade, é um enfrentamento à ideia de supremacia branca que é uma base das bases do pensamento racista. Então essa ideia de supremacia branca que inspira movimentos do pós-abolições de milícias armadas que se autointitulam um povo escolhido por Deus, para representar o povo americano, e para encarnar essa suporta excepcionalidade e superioridade do povo branco, caucasiano americano. Então quando ele levanta a bíblia nesse ato, ele, na verdade, está falando para um tipo de cristianismo, que é aquele que se forma no pós-abolição, dos grupos de milícias que saem por cidades pequenas no sul, aterrorizando populações negras recém-libertas. É esse cristianismo que inspira e orienta a Ku Klux Klan. Então ele está dirigindo esse específico grupo de cristãos que hoje surge fortalecido e renovado no discurso do presidente que incentiva esse tipo de divisão, que já é existente na sociedade norte-americana, mas agora volta legitimada no presidente da república.

Pra responder a sua pergunta, durante o meu doutorado eu estava na cidade de Nova York, durante os movimentos de Occupy Wall Street. Então existe uma trajetória da população estadunidense, da população negra, da comunidade LGBT, dos imigrantes, uma população muito ciente dos seus direitos civis, e aí o movimento dos direitos civis da década de 60 e 70 têm um papel fundamental nisso, e uma completa compreensão de que se não for através pela ocupação das ruas, e dessa voz uníssona, alta, dizendo, afirmando suas pautas políticas, essas pessoas não serão ouvidas. Tanto do movimento Occupy Wall Street, que foi o que presenciei, quanto agora o que vimos, e o que presenciamos em Ferguson, na morte de Michael Brown, em 2014. Tudo isso que estamos vendo, o que aconteceu quando o Trayvon Martin foi morto, em 2012, mas em outra conjuntura importante de se entender, na era Obama, porque a postura presidencial foi completamente diferente.

Professora, eu queria saber o seguinte, como a senhora vê, nesse momento a gente vê as imagens da polícia chegando ali em NY, e eu lhe pergunto como a senhora vê essa postura do presidente Trump em relação às manifestações. Mais do que isso, essa postura de pouca sensibilidade diante de um assassinato brutal, porque é um assassinato de um policial branco por um homem negro, se ele tivesse mostrado sensibilidade desde o primeiro momento, se teria chegado a esse ponto que estamos vendo nos EUA, dessa mobilização, desses protestos, dessas manifestações?

Mônica Voldivogo #2

Sem dúvidas, teria um outro encaminhamento nos conflitos. Hoje, à tarde, eu me lembrei que quando Martin Luther King foi assassinado, em 68, esse mesmo tipo de protesto aconteceu em todos os EUA. E o presidente a época, Lyndon Johnson, fez um grande debate entre prefeitos, governadores e assessores sobre “o que a gente faz agora para acabar com os protestos?” Havia uma iniciativa imediata de responder de forma semelhante ao que fez o presidente Trump, com a Força Guarda Nacional, mas rapidamente ficou entendido que o que deveria ser feito era aprovar a Lei dos Direitos Civis. E quando isso aconteceu, a paz foi reestabelecida, os protestos terminaram, a despeito da dor da comunidade afro-americana em geral da morte trágica de MLK. Uma palavra de força, uma liderança, mas não desse

tipo de força: policial e que gera divisões, seria fundamental nesse momento.

#1 Apresentador Marcelo Cosme

Comentário Marcelo Cosme: Nós vamos continuar com essas imagens ao vivo. Vocês está vendo as imagens de NY, onde a polícia acabou fazendo com que a manifestação se desfizesse em alguns momentos, pra fazer cumprir o toque de recolher. É claro a gente continuar com todos os nossos repórteres posicionados, e a gente já volta a falar desse assunto, especificamente nos Estados Unidos. Porque a pauta é racismo no Brasil.

“Escória maldita”, foi assim que o presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargos, desfiniu o Movimento Negro. Durante uma reunião ele também desprezou Zumbi dos Palmares e o Dia da Consciência Negra. As declarações, registrada em áudio, foram divulgadas pelo Jornal Estado de São Paulo, e vieram a público em meio a essas manifestações antirracistas.

## DECUPAGEM DESCRITIVA DO EM PAUTA 3 DE JUNHO E 2020

Abertura - Marcelo Cosme

A Globo News vem dedicando grande espaço as manifestações contra o racismo que começaram nos EUA com o assassinato de George Floyd e se espalharam pelo mundo. Desde do dia 25 de maio foram horas e mais horas de programação ao vivo, com repórteres em NY e em Washington e imagens em praticamente todas as cidades americanas em que ocorreram.

Nossos apresentadores, repórteres e analistas, olha só o nosso time aparecendo aí para você, discutiram essa questão que é crucial, cada um né, em seus horários. A gente tá vendo aí Júlia Dualibi.

Justamente, no Em Ponto, no Edição das 10, com Aline Midlej, também é claro com a Maria Beltrão, no Estúdio I, na Edição das 16 com a Cristiane Pelajo, no Edição das 6 com o nosso César Tralli, aqui no Em Pauta também e é claro, no Jornal das 10, olha aí o nosso Heraldo Pereira.

Ontem, no Em Pauta, não foi diferente. Pois é o programa em que as manifestações têm ficado maiores. Os jornalistas que dividiram comigo a cobertura ontem, todos experientes e de alto nível profissional eram todos brancos. E eu estarei mentindo se eu dissesse que foi um acidente. A Globo tem a diversidade como um valor e se orgulha dos profissionais negros que tem, em frente as câmeras e por trás delas. Profissionais de altíssimo nível. Que comando alguns a apresentação de telejornais aqui na Globo News e na TV Globo, e busca e continuará buscando ampliar essa diversidade. Mas por razões históricas e estruturais, de nossa sociedade, também na Globo os colegas negros ainda não são tão quanto desejado.

Essa foto aí, o painel do Em Pauta de ontem, mostra justamente nas redes sociais que acabou viralizando. Ela foi parar lá com a seguinte frase: Rapaziada, a pauta era o racismo. Pois bem, nós entendemos o recado. E hoje a Globo News aceitou a sugestão da nossa colega Márcia Gonçalves lá do Profissão Repórter. E convidou profissionais do mais alto gabarito do nosso time pra discutir um tema porque eles conhecem muito bem porque o enfrentam em suas vidas. Nosso decano, Heraldo Pereira, apresentador do Jornal das 10 aqui na Globo News, Maria Júlia Coutinho, que apresenta o Jornal Hoje na Globo, minha amiga Zileide Silva, repórter em Brasília e ex-correspondente da Globo em NY, Aline Midlej, apresentadora do Edição das 10 da manhã aqui do Globo News, Flávia Oliveira, nossa comentarista de economia na Globo News, e também Liliam Ribeiro, repórter e apresentadora da Globo News.

Eles farão o Em Pauta de hoje, com o Heraldo Pereira, na apresentação. E o tema principal, como nos últimos dias, são as manifestações nos EUA e no Brasil, além é claro, do mundo inteiro.

Pois bem, aproveito aqui pra dar as boas-vindas pro Heraldo. Mas pra fazer um anúncio importante. Olha que legal: a partir de agora a Zileide Silva e a Flávia Oliveira passam a fazer parte do time de comentarista do "Em Pauta". A gente tá muito feliz com a chegada delas. Heraldo Pereira, meus amigos e minhas amigas, bem-vindos!

Heraldo Pereira #1

Muito obrigado, boa noite. Estaremos mais felizes, aliás, com a chegada aos Jornal das 10. Aqui é assim, estarão no Jornal das 10, no Em Pauta, em vários telejornais. E todos nós temos acompanhado, temos feito uma longa cobertura jornalística no seu interesse e no interesse da cidadania, das manifestações raciais dos EUA. Começaram com a morte de um cidadão, George Floyd. Abordado por um policial branco e permaneceu nessa situação

por exatos oito minutos e 46 segundos, com o peso do corpo do policial e o joelho no pescoço da vítima. Foi fatal. Era a noite do dia 25 de março, uma segunda-feira. A partir daí, os conflitos se alastraram pelos EUA. E já chegou a mais um dia nos EUA. A repercussão de tudo, no mundo e também no Brasil nós estamos apresentando com o nosso time da informação, nas ruas, time da análise, dentro e temos agora aqui este painel, passaremos a apresentar e a tratar da questão americana, questão racial, questão de violência e também das questões raciais aqui do Brasil.

Veja só, um painel de mulheres, mulheres jornalistas, mulheres negras, que evidentemente já passaram por experiências de dificuldade racial também aqui no nosso imenso país. E eu começo, dou boa noite a todas é um prazer estar com vocês todas aqui. E eu começo pela Flávia.

Heraldo Pereira #2

Já vamos restabelecer os sinais de comunicação e iremos a todas vocês para essas experiências. E iremos mostrar a situação nos EUA e no Brasil. Me sugeriram que eu contasse também a respeito da minha experiência. Se não fica parecendo que eu não tenho experiência com a questão racial.

Eu digo sempre, os negros, e as negras especialmente do Brasil, a situação da mulher negra é muito pior que a situação dos homens negros no Brasil que já é uma situação de muita dificuldade, de muito enfrentamento. Quem é negro no Brasil, quem é negra no Brasil, enfrenta a questão racial todo o dia, a todo momento, tem barreira racial. Num país com essa diversidade, num país com esta maravilha que é o nosso imenso Brasil, que a gente vai construir coisas boas, e que a gente vai construir coisas boas nesse país, negros e brancos.

Olha o nosso painel. Minhas colegas. Minhas queridas colegas. Ao longo dessa programação iremos tratando das questões raciais. Porque a pauta é racismo.

Mais uma vez as ruas dos EUA estão sendo tomadas por uma multidão que se mobiliza por justiça pelo brutal assassinato do cidadão George Floyd que é negro e por igualdade racial. Pauta para vários repórteres que estão nas ruas. Entre eles, um colega que eu trabalho há tanto tempo com ele, a partir de Brasília. Que esteve nas Minas Gerais e agora está nas ruas de NY. Ismar Madeira, a situação dos enfrentamentos raciais, manifestações nos EUA, com você!

Ismar Madeira - cobertura externa - 00'15

Aqui em NY, estou acompanhando esse grupo de manifestantes há três horas, Herald. E tô caminhando a mais de três horas sem parar. Aqui para trás tem um grupo, e mais adiante outro que continua por uma duas quadras alí pra frente. São negros, mas muitos brancos participando dessa passeata em solidariedade e apoiando a causa. É um protesto contra o racismo, um protesto contra a violência policial. O que eles chamam de brutalidade policial, a partir da morte de George Floyd . Que foi rendido por um policial com um golpe que ele foi sufocado e acabou morrendo. Ele disse para o policial antes de morrer: “eu não consigo respirar”. O policial manteve George Floyd por cinco minutos alí, com o pescoço pressionado pelo joelho. George Floyd morreu. E esse grito de socorro: “I can't breathe” é o que as pessoas estão repetindo aqui nas ruas NY e em várias cidades do país. Um protesto absolutamente pacífico. Eu tô há mais de três horas com esse grupo e não vi qualquer evento de agressividade de violência, pelo contrário. As pessoas, em todo percurso, moradores de NY, aplaudem. Motoristas buzina, em apoio aos manifestantes. São principalmente jovens, muitos jovens que estão nas ruas querendo essas mudança aqui nos EUA, por uma causa que já é uma reivindicação muito antiga. George Floyd não foi o primeiro negro americano morto por policiais desta forma. Inclusive aqui em NY, aconteceu

em 2014, Eric Garner, foi preso e o policial aplicou um golpe no pescoço que também o deixou sem fôlego e ele disse 11 vezes: “I can’t breath”, a mesma frase de George Floyd .

As pessoas agora que estão nas ruas parece que também se livraram de um enforcamento. Querem soltar esse grito também. E é o que tenho visto nas ruas de NY. Elas gritarem, mas gritarem de uma maneira pacífica. E já gente olhando, vê claramente que os manifestantes pacíficos são assim. Eles carregam seus cartazes com dizeres. Eles levam dizeres pedindo o fim do racismo. Eles pedem o fim da violência policial. Eles dizem “hands up, dont shoot”. Eles pedem por justiça. Quer dizer, sem justiça, não há paz. Heraldo!

Heraldo Pereira #3

Estaremos acompanhando todas as manifestações nos EUA, que tem como origem uma questão racial, o assassinato de um cidadão negro, brutalmente assassinado por um policial branco. Há uma reação da comunidade negra. Aí estão as imagens. Durante mais de oito minutos, George Floyd ficou nesta abordagem dizendo que estava conseguindo respirar. O policial o abordou com o joelho no pescoço dele. Oito minutos, pouco mais de oito minutos.

Estou aqui com os nossos colegas jornalistas. Nós vamos acompanhar todos esses fatos. Eu vou voltar a São Paulo porque a Aline Midlej tem o sinal restabelecido, para que ela também conte sua experiência com o racismo.

Heraldo Pereira #4

00'24"48

Aline, Flávia, Zileide, Lilian, Maju, que painel! Contanto as experiências de cada uma. Eu também contei a minha. Nós vamos trazer já já uma experiência de Carlos de Assunção, poeta, da Franca, do interior de São Paulo, que diz, este poeta diz o seguinte: “o racismo é ruim pra todo mundo, é ruim inclusive para o racista.”

Para as experiências nos EUA no paralelo com o Brasil, eu vou com Flávia Oliveira e lembro, há grandes manifestações nos Estados Unidos a partir da morte do George Floyd, qual é o paralelo que você faz Flávia com o Brasil? Lembrando que nos nos EUA, os negros são minoria, com 12% da população. Não é essa maioria que somos no Brasil.

Heraldo Pereira #5

Com as diferenças de que os EUA, é óbvio, não tiveram a quantidade de escravos que o Brasil teve. Dos últimos países a manter a escravidão numa quantidade que todos nós sabemos.

Mas Zileide Silva, é um caso raro a Zileide. Porque a Zileide foi correspondente mulher negra, nos EUA. Ela conhece de perto a experiência americana e a experiência brasileira e pode nos ajudar nesse paralelo que estamos fazendo pra levar para o nosso público, ao Brasil, formado por negros, brancos, descendentes de tantos povos que aqui vivem e que aqui constroem esse projeto de nação. Zileide, você foi uma pioneira como correspondente.

Heraldo Pereira #6

Aline, Maju, todas elas aproveitando o gancho da Flávia e o seu Zileide.

Heraldo Pereira #7

Esse mosaico de colegas, jornalistas, uma raridade. Eu nunca tive essa possibilidade. Vocês falavam sobre o Barack Obama. Com 12,5% da população de origem africana, os americanos tiveram um presidente de origem africana. A minoria fez um presidente da república. Que, aliás, neste momento em que há protestos nos EUA, protestos pela questão racial. Isso que tá colocado. Um negro assassinado por um policial branco. A partir desses protestos, quem que se manifesta, Barack Obama. Maju Coutinho.

Heraldo Pereira #8

Eu vou ouvir a experiência da Lilian Ribeiro. Eu conheço um pouco da história da Lilian Ribeiro porque conhece a fundo as comunidades, as favelas do Rio, os subúrbios. Lilian, sua experiência em paralelo com a americana.

Heraldo Pereira #9

Porque tem aquela história do moreno claro. Ah, esse teve sorte, foi moreno claro. As pessoas mais escuras, tem essa gradação. Numa sociedade que é miscigenada. A nossa beleza é a miscigenação. Eu tô provocando as minhas colegas. Maju.

Heraldo Pereira #10

Não é bacana a gente estar aqui discutindo uma questão aqui na Globo News? Que é uma questão do Brasil. Não é uma questão de negros ou de brancos. É uma questão nossa. Com um time de colegas que eu nunca tive a oportunidade de estar aqui com vocês. E juntos, a gente discutindo, a partir da experiência americana, de um caso de racismo, a situação de racismo no Brasil e no mundo. Crime abominável. Maju, a palavra.

Heraldo Pereira #11

Falamos há pouco sobre ex-presidente Barack Obama. Nós vamos ver agora, sobre o momento que os EUA estão enfrentando, uma fala de Barack Obama. (Imagem/Extrair)

Depoimento Barack Obama

O que aconteceu nas últimas semanas, desafia problemas estruturais aqui dos Estados Unidos. E esses problemas são consequências não apenas dos acontecimentos desse tempo, mas o resultado de uma longa história de escravidão, de racismo institucionalizado, que com muita frequência tem sido a praga, o pecado original danosa à sociedade. E de alguma forma, por mais trágica que as últimas semanas tenham sido, por mais difícil, assustadoras, incertas que elas tenham sido, também foram dias de oportunidades incríveis para que as pessoas acordem para algumas dessas questões e são uma oportunidade para que trabalhem juntos. Para enfrentar, para acabar, para mudar a América, para fazer com que ela esteja no nível de seus padrões mais elevados. E parte do que me deixa esperançoso é o fato de que haja tantos jovens mobilizados, atuantes, porque historicamente, muito do progresso que nós fizemos na nossa sociedade aconteceu graças aos jovens. O doutor King era jovem quando começou a lutar.

Eu quero que vocês saibam que vocês importam, que suas vidas importam, que seus sonhos importam. Eu espero também que vocês se sintam esperançosos, mesmo que com raiva, porque vocês têm o poder de fazer as coisas melhorarem.

Heraldo Pereira #12

A fala do ex-presidente é central e todas vocês terão muito o que comentar. Estão emocionadas, mas vão comentar. Mas me pedem para que nós sigamos para o Washington, a capital dos EUA. Está lá a repórter Raquel Krähenbühl.

Heraldo Pereira #13

Temos todos os nossos repórteres pelas cidades americanas, também teremos o nosso time de análise. Aí estão as imagens dos EUA, em mais um dia de manifestação, depois da morte de George Floyd. Imagens a partir de Washington. Imagens ao vivo. O nosso tema, é o racismo lá nos Estados Unidos e também no Brasil. Tanto lá como cá, crime! Tivemos também a manifestação já, mais cedo do ex-presidente BO que falou sobre todas as mazelas do racismo no país dele, que são mazelas por todo mundo, inclusive aqui no imenso Brasil. Quem conhece de perto esse território, essa população, Zileide Silva. Zileide o discurso de Obama.

Heraldo Pereira #13

Quando você ia falando Zileide, a gente ia mostrando as imagens do policial branco ali com os manifestantes negros, latinos, enfim, várias pessoas ali num momento de

solidariedade. Tivemos imagens parecidas em outras partes dos Estados Unidos. Tivemos em Miami. Tivemos também em Portland, uma ponte tomada por manifestantes, que se deitaram, por cerca de oito minutos, numa posição parecida com aquela que George Floyd foi assassinado pelo policial branco. E ali permaneceram, é uma ponte imensa, 420 metros de ponte e as pessoas permaneceram na posição de George Floyd um ato de protesto. Uma cena muito marcante. Evidentemente o ex-presidente Obama também teve acesso a esta cena, na cidade de Portland, e a tanta outras cenas que impactaram o mundo. Eu deixo a palavra com vocês.

Heraldo Pereira #14

Enquanto a gente vai conversando aqui, Flávia, Zileide, Lilian, Maju, nós temos imagens ao vivo da cidade de Los Angeles, nos EUA, uma grande manifestação, uma imensa manifestação também na cidade de Los Angeles. Já passamos por NY, fomos à capital americana Washington DC, onde está a nossa correspondente Raquel Krähenbühl, e temos em NY Ismar Madeira, e também temos Candice Carvalho, que também está na capital americana. Vejam a dimensão desta manifestação neste momento em que a gente está aqui analisando o discurso do ex-presidente BO. Aí imagens de Washington, a capital americana, começamos a ter uma confusão, um enfrentamento entre manifestantes e polícias. Desculpa, não é Washington. São imagens de NY. São imagens de NY em que começamos a ter um certo enfrentamento e prisões na cidade de NY. Penso que próximo ao Central Park. Estamos vendo aqui das imagens prisões de manifestantes na cidade de NY. Uma cidade que está vivendo mais um dia de manifestação. São manifestações por várias cidades dos Estados Unidos a partir da morte de George Floyd, abordado por um policial branco, que fez uma abordagem com o joelho no pescoço que levou a morte de George Floyd. Imagens ao vivo.

Estamos aqui recebendo a participação da Zileide, da Flávia, da Aline, da Lilian e da Maju, analisando os fatos dos EUA no paralelo com o Brasil, eu vou para a Aline. Porque tivemos a fala do ex-presidente do BO. E consta, e pode ser lenda da crônica política, que um dia o ex-presidente BO teria dito que se parecia com brasileiro. Ele é um caso de origem miscigenada, o pai africano, e mãe branca americana. Aline.

Heraldo Pereira #15

Aline, enquanto você faz a sua análise, nós temos imagens de prisões neste momento nos EUA, em Nova York. Por isso que pedi pra falar e descrever as imagens. Mas estamos tendo agora prisões, possivelmente nas proximidades do Central Park, de duas mulheres. Todas as informações que chegam ao vivo e são repassadas para você imediatamente. Temos correspondentes em várias partes dos EUA, nas várias manifestações americanas, em mais um dia de protesto pela morte de George Floyd. Ai estão as mobilizações da polícia de NY. Lilian Ribeiro.

Heraldo Pereira #16

Minhas colegas do jornalismo, que maravilha estar aqui com vocês. Nós vamos seguir com as informações. E com as análises. Mas a Flávia. . . Flávia, pois não.

Heraldo Pereira #17

Flávio, Aline, Maju, Zileide. Painel do debate do racial, aqui, no Brasil e nos EUA. Vamos agora para as informações nos EUA. Vamos lá para NY, onde está Candice Carvalho. Ela acompanha as manifestações. É com você.

Heraldo Pereira #18

Aí está Candice Carvalho, direto de NY, o racismo nos EUA, as reações ao racismo dos EUA. E nós estamos aqui discutindo o racismo lá, o racismo cá. Nós temos algo emblemático, nós vamos ainda à análise das nossas colegas nesse painel aqui da Globo

News, do grupo Globo, enfim, as minhas colegas que farão a análise. Mas nós temos uma questão emblemática.

Eu já contei para vocês a respeito de um poeta. O poeta de Franca, Carlos de Assunção. 93 anos. Ele diz que o sonho dele é conhecer os EUA. Ele faz a ponte entre os EUA e o Brasil. Poeta negro, nós estamos preparando um programa especial aqui na GloboNews com Carlos de Assunção. E ele faz a ponte entre brancos e negros no Brasil. Vamos a um trecho de Carlos de Assunção, poeta.

Heraldo Pereira #19

93 anos, Carlos de Assunção, poeta da Franca. Eu vou a vocês pra falar, analisar, sobre essa questão de furar esses bloqueios impostos pelo racismo. Nós, nossas famílias, nós conhecemos isso muito. Uma grande parte do público que nos assiste sabe dessa dificuldade que é furar bloqueios para chegar a determinadas posições, no interesse de quem é negro, de quem é branco, e no interesse do país. Como vocês veem isso? Começo pela Zileide.

Heraldo Pereira #20

A pergunta é, como nós jornalistas, nossas famílias, como enfrentamos esses bloqueios. E um complemento: como as instituições, as empresas, podem e devem fazer para contribuir para isso?

Heraldo Pereira #21

Estamos de volta com o Em Pauta especial sobre racismo. Racismo nos EUA, a partir das manifestações e também em nossa sociedade, do nosso imenso país. Estamos aqui com as nossas colegas, estamos repercutindo nesse painel de colegas, estamos repercutindo todas essas questões. Eu encerrei o bloco com uma questão. Como nós agimos para furar os bloqueios impostos pelo racismo. A pergunta é: como as empresas, instituições, corporações, podem e devem fazer para isso? Flávia Oliveira.

Heraldo Pereira #22

Aline Midlej, a participação do setor privado, da iniciativa privada, instituições, organismos públicos, para contribuir com essa quebra com essas barreiras.

Heraldo Pereira #23

Da Aline Midle nós vamos para Lilian Ribeiro. Porque você, Lilian, é um exemplo de como é possível, mesmo com as adversidades, todos nós de modo geral, superar barreiras para alcançar determinados sonhos, e realizar certas vontades. O que as empresas, podem não, devem contribuir, o que as instituições, podem não, devem fazer pra que a gente tenha realizado esse projeto de construção dessa nação que incluirá brancos e negros.

Heraldo Pereira #24

E você Maju. Maju Coutinho, tá na Globo.

Heraldo Pereira #25

Maju Coutinho, como que você e a sua família fizeram para furar o bloqueio? Conta aqui para nós.

Heraldo Pereira #26

Você não falou da Vovó Maria Júlia, ela se chama Maria Júlia por causa da avó dela, gente. Da bisavó.

Heraldo Pereira #27

Aline Midler, como é que foi a experiência sua e da sua família pra furar esse bloqueio do racismo?

Heraldo Pereira #28

Flávia Oliveira, como é que você fez? Você e a sua família fizeram para fura o bloqueio.

Heraldo Pereira #29

Zileide Silva, como você e a sua família fizeram para furar os bloqueios? Eu sei que sua família veio em parte do nordeste, Sergipe.

Heraldo Pereira #30

Olha eu ainda tenho que apresentar as notícias do nosso jornal das 10. Você Zileide e você Flávia estarão comigo, e vocês vão acabar de me deixando aqui numa situação em que eu não vou conseguir apresentar tamanha a emoção que tô qui. Eu vou a Lílian Ribeiro, ali atrás, ela tá na redação da Globo News. Ali atrás está uma colega nossa, a Renata Shider. Eu vou mostrar uma colega loirinha. Temos vários colegas, colegas negros, colegas mestiços, essa é a cara do povo brasileiro. Lílian Ribeiro.

O Em Pauta especial está de volta. Nós estamos transmitindo tudo que acontece nos EUA, as manifestações antirracistas. Estamos discutindo o racismo no Brasil, a partir do nosso olhar.

Eu preciso deixar uma mensagem ao público, nesse dia muito importante, de que a coisa mais importante que existe é o estudo, o trabalho, e a união de um povo tão diverso como é o povo brasileiro, de um país tão importante que nós temos, e que nós não podemos nos dividir na questão racial porque não existem raças, somos só um povo. O que eu aprendi nesses anos todos de caminhada jornalística, pra chegar nesse momento e está com essas colegas pra discutir a questão racial, é que as empresas, os organismos e as instituições precisam ter um olhar para os negros também no Brasil. A população não negra precisa ter um olhar em relação ao negro com trabalho, com estudo nós vamos construir uma nação. Me desculpem, eu vou para os depoimentos finais. Zileide.

Heraldo Pereira #32

Elas me pagam no improviso. Eu comecei a trabalhar muito cedo. Com oito anos de idade eu já trabalhava com uma tia em Ribeirão Preto. Fui officeboy, guardinha, o trabalho me levou para a profissão de jornalista. Menino radialista e com o trabalho cheguei aqui. Na Globo, na GloboNews. Tive essa possibilidade. E eu fico pensando em cada momento que eu apresento os telejornais, dos meninos e meninas, negros e negras, que são tantos, que estão nesse imenso Brasil à espera de uma oportunidade. Que será dada. Vamos construir uma nação. Aline Midler.

Pergunta feita por Heraldo Pereira: Flávia sua experiência de racismo no Brasil.

Flávia Oliveira #1

Muito boa noite, Heraldo, às minhas colegas e aos meus colegas. É uma alegria pra mim adentrar, nesta quarta-feira, o terreiro do “Em Pauta”.

Heraldo Pereira: Nós estamos fazendo uma transmissão pela internet, e estamos com as nossas colegas e os nossos colegas no Brasil e no mundo, mas eu vou voltar a Flávia Oliveira porque ela tem realmente uma experiência em relação a isso e o áudio estava meio comprometido. Mas agora você, Flávia, agora sim.

Flávia Oliveira #2

Agora sim, Heraldo. Vou dar de novo boa noite a você e às minhas colegas. É uma alegria adentrar o terreiro do “Em Pauta”.

Você fez uma pergunta no passado, mas ter a pele negra é algo que nos acompanha a vida toda. Mesmo experimentando alguma mobilidade social, como é o meu caso e da minhas companheiras que hoje dividem a tela do Em Pauta, não nos livra de situações constrangedoras e de racismo. E eu vou contar o episódio que seja mais recente e que exemplifica bem a discriminação que os negros sofrem no sistema de saúde, já que estamos vivendo em uma pandemia.

Eu fiz uma cirurgia uns anos atrás pra retirada de um nódulo do seio, era benigno. E

ao me internar, como sou uma mulher de candomblé e era numa sexta-feira a cirurgia, eu estava vestida de branco. No quarto do hospital de classe média alta da Zona Sul do Rio, onde me internei, a enfermeira que preencheu o questionário me viu vestida de branco no quarto e perguntou: “Ué, a dona Flávia já foi pro centro cirúrgico?” E eu respondi: “Sou eu a dona Flávia.” Ai ela disse: “Nossa, você parece tão bem que eu não achei que fosse a paciente.”

Uma mulher vestida de branco num quarto de hospital de rico é naturalmente a acompanhante da madame e nunca a paciente. Esse é o retrato do racismo brasileiro, ora velado, ora escancarado.

Flávia Oliveira #3

É isso Heraldo, você tem toda razão. Há uma diferença entre escala. E quem já teve a oportunidade de visitar os EUA, se espanta com essa diferença: como os negros são mais visíveis na sociedade norte-americana que na brasileira, em várias camadas dessa sociedade americana. Já elegeram um presidente, uma família negra. Elegeram e reelegeram. E no caso brasileiro os negros vivem em alguma medida confinados a posições, profissões, a salários, a inserção no mercado de trabalho e posições subalternizadas. Acho que essa é uma grande diferença de avanços democráticos e de direitos que a população americana alcançou e a brasileira ainda não. A nossa democracia ela ainda é abundante em exclusão e não em direitos. Acho que essa é a principal diferença.

Mas o que nos une, tanto lá, quanto cá, também os negros estão em funções predominantemente em funções de menor remuneração, mais sujeitos à informalidade. Excluídos do sistema de saúde de qualidade e, no caso específico do debate atual, vítimas predominantes da violência policial e do encarceramento em massa. É importante a gente lembrar disso. A população carcerária norte-americana, assim como a brasileira, é formada predominantemente por negros. Nos EUA como uma proporção muito maior de negros em relação à participação na sociedade.

Isso sugere, sugere não, escancara, expõe, essa assimetria de direitos sociais, econômicos, eles são solapados da população negra e o sistema jurídico, policial, legal, não garante proteção e liberdade, como garante a pessoas, a cidadãos de outras etnias. A violência policial flagrante lá, que tem sido de alvo de muitas manifestações, ao longo das últimas décadas. O Ismar Madeira citou o caso de Eric Garner, também com a frase emblemática, eu não consigo respirar, repetida por George Floyd, no homicídio recente que levou a essa onda de manifestações. Mas eu preciso lembrar que enquanto nos EUA a polícia, no ano passado matou, cerca de 1.100 pessoas, precisamente 1099, apenas no Rio de Janeiro, no ano de 2019, a polícia matou 1814 pessoas. Um recorde histórico, o maior número desde 1991, início da série de Instituto da Série de Segurança Pública, e que aqui, em plena pandemia Covid19, o Rio de Janeiro tem experimentado um aumento da violência policial, das operações policiais em favelas já adotadas pela pandemia, em condições de moradias, de acessos a serviços como água e saneamento, mercado de trabalho também limitado, achatado e como muito desemprego, com muita perda de renda. E, além disso, esse ambiente de violência e de operações policiais, e que só na semana anterior ao assassinato de George Floyd, no Rio de Janeiro, houve quatro assassinatos, pelos menos quatro assassinatos de jovens negros em favelas: João Pedro, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo; Iago, em Acari, na Zona Norte do Rio; Joao Vitor, na Cidade de Deus, Rodrigo, no Morro da Providência, e no último sábado, o Matheus, na vizinhança do Boreu.

Então veja que é uma rotina de violência policial, de violência homicida, e que atravessa países que sofreram essa colonização assentada na escravidão, como foi o caso

do Brasil, e foi o caso dos EUA.

Flávia Oliveira #4

A Aline falou sobre essa questão que a gente chama de colorismo, que é essas diferenças, essas nuances de discriminação, de exclusão ou de inclusão, de acordo com a gradação da cor da pele e essa mestiçagem. Essa foi uma ideologia aplicada no Brasil, com o objetivo de embranquecer a população. Com a virada do século XI, o país sonhado pelos racistas e pelos supremacistas que nos moldaram, ou que nos comandaram, e voltaram a nos comandar, agora nessa virada de 2019, pra cá, era ancorada no ideal de embranquecer essa nação. Por isso, o Brasil tem mais de uma centena de dominações de tons de pele, justamente numa tentativa de fugir da negritude. A novidade, é que a partir do século XX, e ganhando muita força nessas primeiras décadas do século XXI, o aumento da autodeclaração como preto e pardo, sobretudo como preto, uma identificação maior com a negritude, com as raízes africanas, com a contribuição a participação fundamental que os descendentes de africanos e os africanos escravizados tiveram na formação desse país, em todos os níveis, não apenas no futebol, música ou no samba, sobretudo nisso, nessa nossa arte que apresenta o Brasil ao mundo, é uma arte negra, mas nós tivemos contribuições fundamentais na luta por liberdade, na ciência, na engenharia, na literatura. Grandes dos nossos nomes, Machado de Assis, o primeiro deles, da literatura brasileira, são autores negros que tiveram seu tom de pele invisibilizado em razão do racismo brasileiro.

Eu te peço um minuto mais para comentar esse comentário da Maju sobre a questão da maternidade das mulheres negras. Há muitas jovens negras questionando a decisão de serem mães em razão desse ambiente de violência e racismo, mas eu queria lembrar que nós somos produtos de úteros e de linhagens de mulheres negras que acreditaram na perpetuação e a na nossa existência. Nós somos sobreviventes de um projeto muito cruel de extermínio e eu valorizo muito a minha ancestralidade, sobretudo a minha linguagem feminina por isso também. Heraldo!

Flávia Oliveira #

As três imagens, Maju lembrou muito bem da filha do Floyd. Mas esse FlashMob, né. Essa linguagem e a capacidade dessa geração, de jovens, mundo afora, de produzirem imagens marcantes, dando um recado muito nítido, sem precisarem emitir uma palavra, eu acho que é o grande símbolo desse momento. E não acho que foi à toa que o ex-presidente BO fez um discurso enfático e elogioso e de reconhecimento a essa juventude. Um dos momentos que me emocionaram desse discurso do Obama, foram vários, mas eu queria começar falando da juventude, já que a Zileide e Maju trouxeram essas memórias das manifestações. Ele disse da capacidade de ousadia, de criação, da potência da juventude ao longo do discurso e lembrou que na origem do movimento pelos Direito Civis, nos anos 50 e 60, nos EUA, estavam também jovens. Ele lembrou de MLK, MX, e se referiu a outros processos de transformação da sociedade capitaneados por jovens. Movimento de mulheres, os movimentos pelo meio-ambiente. De modo geral, e muito recentemente, protagonizado pelos jovens, a gente pode citar a Greta, nessa onda mais recente.

Mas veja, Malcon X e Marthin Luther King, foram assassinados aos 39 anos. Portanto, eles tinham mais de décadas de ativismo de uma militância que começou muito cedo. Ngela Davis, aos 26 anos, era considerada, por pertencer ao partido dos panteras negras, uma das 10 pessoas mais procuradas pelo FBI. Então veja que há um vigor e uma potência de transformação que parte da juventude, e o BO soube identificar isso com muita precisão. Um discurso que apelou ao diálogo, à esperança, e um recado dizendo que essa mobilização de juventude, e ele foi muito feliz também ao dizer que nesse momento marcham jovens de todas as etnias. Seis anos atrás, em 2014, logo após os assassinatos de Eric Garner e

Michael Brown que ele citou como o ponto de partida de um chamamento de uma comissão - para analisar a violência policial - ele Obama, quem marchava nas ruas era basicamente a juventude negra e as comunidades negras americanas. Ainda que por várias cidades. A novidade dessa vez é uma juventude colorida marchando. E me parece que por empatia, Heraldo, mas também com empatia com essa violência que atinge fortemente os negros, mas também por uma identificação com uma sociedade, um arranjo político, um acordo político e econômico que não representa essa juventude, não entende essa juventude e que não opera na direção de políticas para a juventude. Não é à toa que jovens em várias partes do mundo tem se manifestado cobrando políticas públicas. É um faixa-etária muito exposta à violência, ao desemprego, à baixa remuneração, e às poucas oportunidades e uma juventude criada num ambiente que lhes prometeu outra sociedade e outro nível de bem-estar e de condições de vida. Então, eu destaco essa ênfase do BO e fazendo uma analogia ou um antagonismo flagrante ao presidente Donald Trump que acenou a essa juventude com o ato de insurreição de 1807, que é pôr o exército nas ruas para combater essa juventude que hoje ocupa e se manifesta, e lembrar que a última vez que um ato de insurreição foi utilizado foi em 1922, em Los Angeles, em razão do espancamento de Rodney King, por policiais também.

Então veja a diferença de um líder que procura ouvir o seu povo, e o seu povo se manifestando na sua diversidade, que é uma riqueza, e um líder autoritário e violento, que quer responder com a força da lei a uma juventude tão vibrante, um ativo tão valioso para os EUA quanto para o Brasil. Eu lembro que no Brasil hoje vive o pico da sua população jovem, de 15 a 29 anos. São praticamente um em quatro brasileiros. E a gente precisa também dar atenção, ouvir e criar políticas públicas, de inclusão e de bem-estar para a nossa juventude.

Flávia Oliveira #6

Heraldo, isso que a Maju falou é tão oportuno, essa questão do protocolo policial. E eu queria complementar com uma informação. No início dessa semana, o Instituto de Defesa do Direito de Defesa, protocolou junto à Comissão de Interamericana de Direitos Humanos, um pedido para participar de um julgamento envolvendo exatamente essa arbitrariedade dessas abordagens policiais. O caso é na Argentina, mas a expectativa é de que se esse julgamento for bem-sucedido, sob a ótica de revisão desses protocolos, ele pode ser reivindicado também para o Brasil, onde se faz abordagem policial sob o argumento de fundada suspeita, que naturalmente atravessa os corpos negros. Em São Paulo existe uma informação de que no ano de 2019, a PM de SP fez 15 milhões e 100 mil abordagens policiais e só 0,8% resultaram em prisão em flagrante. Então veja que a gente pode, sim, mudar o protocolo, na direção de uma sociedade mais equilibrada, mais justa e sobretudo do ponto de vista racial.

Comentário/Resposta #7

Heraldo, quando você perguntou quais foram as estratégias, quando eu penso nisso, a experiência da mobilidade social, que nós todos, nós seis aqui nessa tela hoje vivemos, eu penso no compromisso dos nossos familiares, ancestrais, antepassados, com a educação. O nosso povo foi trazido a esse território originalmente indígena e nos foi tirado o nome, língua, religião, ou nos foi tentado tirar. E nós aprendemos. Acho que essa é um compromisso do povo negro. Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas. E ler em todos os sentidos e aprender em todos os sentidos. Então o compromisso primordial é com a educação e não é à toa que o Movimento Negro, entidades culturais e personalidades negras sempre se comprometem e cobram muito investimento em educação, apoiam muito investimento em formação, em educação e qualificação profissional. A última safra foram as cotas de acesso às universidades públicas.

No entanto, as empresas, o setor privado, mas também o governo sub-aproveitam esse potencial, gerações, principalmente de jovens negros muito bem formados porque tem letramento formal, esse que é nos exigido, pela sociedade moderna. Mas um letramento também de experiência com território, de redes de solidariedade, de relações comunitárias, de arranjos colaborativos, isso seria absolutamente fundamental, lucrativo e rentável se incorporado à rotina empresarial.

No entanto, o que a gente vê, quando há algum tipo de oportunidades de acesso às empresas, normalmente são imposições de base. Tem muitos, por exemplo, jovens aprendizes negros, estagiários e estagiárias, mas à medida que o safarro sobe, o que a gente é uma invisibilidade. Nos postos empresariais, gerenciais, diretorias, presidências, e também nos conselhos de administração das empresas. Há muitos estudos que mostram que quanto mais diversos é o processo decisório, não é sobre ter metade dos funcionários negros, é sobre ter metade dos gerentes, metade dos diretores, é sobre metade das grandes empresas serem presididas e terem executivos negros, quanto mais diversidade no processo decisório, maior a capacidade de inovação e, portanto, de geração de lucro. É isso que o nosso setor precisa aprender. E digo mais, Heraldo, com urgência ou ficaremos para trás nessa corrida por mais desenvolvimento econômico.

#### Comentário/Resposta #8

Eu falei anteriormente desse compromisso com a educação, e eu acho que isso nos aproxima. Mas eu sou produto da escola pública. E acho importante dizer isso também, uma área que vem sofrendo tanto, professores, alunos, espaços de ensino que vem sendo sucateados. Eu estudei a minha vida inteira em escolas da rede pública, primeiro municipal aqui do Rio de Janeiro, no subúrbio de Irajá, onde eu cresci.

O meu ensino médio eu fiz numa escola federal, na Escola Federal de Ciências e Estatísticas, acho que vem daí a minha entrada no jornalismo econômico. Sou técnica em estatística e estudei na Universidade Federal Fluminense, uma universidade também pública e gratuita. Em razão disso eu sou profundamente comprometida com o ensino público e gratuito e com a educação como um todo como plataforma de mobilidade social. Mas não apenas o letramento formal ele é importante. É importante também uma sociedade que crie oportunidades. O Brasil ainda tem uma história de acesso ao mercado de trabalho, sobretudo às melhores vagas no mercado de trabalho muito ancorada em quem a gente conhece, em rede de relacionamento. E isso reflete naturalmente, é muito difícil furar esse bloqueio quando você vem da periferia, no meu caso criada por uma mãe sozinha, que tinha cinco anos de escolaridade, que não tinha essa rede de relacionamento. Por isso a gente reivindica tanto políticas públicas de inclusão e processos seletivos que não levam em consideração endereço, e a gente sabe que leva. Aliás, Barack Obama falava isso quando presidente dos EUA, por que o candidato Jamal tinha seu currículo recusado e Jonh era sistematicamente convidado para entrevistas? Eu acho que isso atravessa também o Brasil, esse processo seletivo de exclusão, e isso precisa ser alterado porque há muita capacidade, potência, tecnologia e talento nas periferias nas brasileiras.

#### Flávia Oliveira #9

Antes de dar a minha despedida, eu queria que você contasse a sua experiência de mobilidade social. Como você, Heraldo, furou o bloqueio.

Pergunta Heraldo Pereira: Eu queria saber também, eu vou passando por esse mosaico de colegas, eu vou à Zileide que está aqui tantos anos juntos na cobertura do dia a dia, dos fatos jornalísticos. Sua experiência de racismo no Brasil, Zileide. . .

#### Zileide Silva #1

Boa noite a todos e às minhas colegas. Eu tenho uma experiência de repórter,

repórter da tv cultura Folha de SP, eu fui até a FIESP, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Você conhece muito bem Heraldo, a Maju também, pra entrevistar o presidente, e eu estava com um cinegrafista branco, o Ricardo Atener, loiro de olhos azuis. Enfim, eu entrei e a secretária não se dirigiu a mim, ela só conversou com o cinegrafista, com o Ricardo. De repente a porta abriu, e saiu o presidente da Fiesp, veio e me deu um abraço, e falou: “Zileide, que ótimo você está aqui”. Eu só olhei pra cara dela, ela completamente constrangida. O que eu fiz, Heraldo, eu levantei o nariz, porque não dá pra aceitar esse tipo de situação em nenhum momento. E eu falo isso porque eu quero que colegas negras e colegas negros como eu saibam que não dá pra baixar a cabeça em nenhum momento e em nenhuma hipótese. Mas eu nunca esqueci esse momento, Heraldo.

Zileide Silva #2

Foi e isso me dá muito orgulho. Agradeço à tv por essa oportunidade. Agora, eu queria pegar carona no que a Flávia disse e ela falou rapidamente sobre a eleição do presidente Barack Obama, e até hoje eu tenho qui no escritório, eu ganhei de uma colega um quadro com a capa do jornal o Globo quando o Barack Obama foi eleito, e a manchete era: “O mundo celebra a nova cara dos Estados Unidos”. Essa nova cara, uma família negra pela primeira vez nos Estados Unidos, Barack e Michele, de classe média, universitários, advogados, que chegaram à Casa Branca. E eu me lembro da campanha do Barack Obama, ele falava muito assim: “Sim, nós podemos!” E Heraldo, você já passou por isso várias vezes, e a gente vive isso muito no Congresso Nacional, quando muitas vezes seguranças negros vem conversar com a gente e falam, “Zileide, você é um exemplo para os meus filhos, porque vocês conseguiram.” Então eu tenho sempre esse raciocínio: sim, nós podemos. E aí essa manchete, a nova cara dos EUA. Pode ter sido ingenuidade, mas parecia mesmo que seria um novo momento para a sociedade americana servindo como exemplo para o mundo, essa família negra dos EUA, essa família negra na Casa Branca. Aí, eu lembro disso, lembro do presidente Barack Obama, sendo reeleito, depois você tem a eleição de Trump. E aí, essa imagem, que não me sai da cabeça, de um policial branco, com a mão no bolso, e o joelho no pescoço de um cidadão negro, um segurança, um trabalhador, durante quase nove minutos, com ele repetindo várias vezes “eu não consigo respirar”

Essa nova cara dos EUA, ela não aconteceu, que todos comemoramos lá atrás, o que todos pensamos que realmente, essa família negra, na casa branca, seria responsável por um novo momento não apenas nos EUA, mas no mundo, isso não aconteceu. Eu não estava lá. Já tinha voltado para o Brasil na eleição de Barack Obama. Acompanhei todo o mandato dele. Acompanhei o livro de Michele Obama. Acompanhei o documentário que ela fez. Vejo essa força que eles ainda tentam manter, esse exemplo que eles têm que incutir na sociedade americana, e por que não, na nossa. Mas foi um pouco de ingenuidade minha como acreditei naquela manchete do jornal o Globo: “A nova cara dos EUA”. Não é o que estamos vivendo, com todas essas manifestações, que pedem respeito, Heraldo.

Zileide Silva #3

Falando sobre essas mazelas, falando sobre racismo, o ex-presidente BO usou expressões fortes como “praga”, “pecado original”, mas ele falou também em esperança. E eu acho que é isso que essas manifestações tentam mostrar. Manifestações inclusive que lembram muito aquelas que aconteceram aqui no Brasil, em 2013, manifestações que sempre começavam sempre de maneira pacífica e aí durante o decorrer das manifestações surgiam os black blocs, como chamávamos aqui, que levavam as manifestações para a quebradeira, com a participação de vândalos.

O que eu estou acompanhando nos EUA, e ontem até acompanhando até aqui na Globo News, lembro que um determinado momento, uma manifestação em frente à Casa

Branca, já com grades cercando a Casa Branca, alguns manifestantes, vândalos, tentavam quebrar as grades. E aí, outros manifestantes, pediam para que isso não acontecesse em hipótese nenhuma. Porque o que eles querem ali é uma união, que a gente sente às vezes quando um policial se ajoelha. Ou quando um policial, essa cena também foi mostrada na Globo News, abraça um manifestante. Às vezes até esquecem a máscara, que é outro problema porque estamos vivendo uma pandemia. Mas essas imagens, são muito fortes. Então nós temos, sim, os vândalos, mas temos esses manifestantes que não querem vandalismo. Que querem apenas tentarem essa união. Querem tentar resolver esse problema histórico, citado pelo ex-presidente Barack Obama como uma praga.

Então quando ele fala, ele encerra esse depoimento falando em esperança é o que todos nós desejamos. Lá e no Brasil. Como você disse, Heraldo, o racismo é uma mazela, o racismo sufoca, o racismo mata. Então essas manifestações têm que ser para que isso pare. Não vai acontecer agora, não vai acontecer em um período extremamente curto. Mas é o que todos nós desejamos e que tão bem o ex-presidente soube verbalizar.

Zileide Silva #4

São imagens, Heraldo, extremamente fortes e o que elas representam é o que deve prevalecer, é a esperança citada pelo ex-presidente BO.

Zileide Silva #5

Primeiro, Heraldo, eu quero te fazer uma cobrança: cadê esse programa? Poxa, tá demorando, vamos trabalhar, vamos colocar esse programa no ar. Olha como é importante.

Eu queria retomar sobre esse assunto e lembrar há pouco, Maju falava sobre esse empresário, de Alphaville, região sofisticada de São Paulo, e a Flávia falava de um novo protocolo. Eu quero lembrar um caso que aconteceu aqui em Brasília. Um cidadão negro, sendo agredido por dois policiais brancos e um rapaz, também negro, fez essas imagens, como é importante essa questão da imagem. Só que a imagem, o vídeo, de repente, ia para o chão, perdia o que estava acontecendo e aí esse rapaz negro foi questionado por que ele não tentou ajudar esse cidadão que era agredido. E a resposta dela foi muito forte, Heraldo. E mostra como é importante tentar furar esse bloqueio. Ele simplesmente respondeu: porque eu também sou negro e porque eu também fiquei com medo de ser agredido como estava acontecendo com o outro cidadão. Como isso é forte? Primeiro, lembrar por que está acontecendo tudo isso nos EUA, nesse momento, e chegando até aqui no Brasil e chegando no mundo. Porque é a imagem. Nós tínhamos a imagem dessa agressão, desse policial branco, agredindo a um cidadão, um segurança negro. Aí nós temos essa imagem aqui desse cidadão negro, sendo agredido por dois policiais e cadê? É essa resposta que não só estamos cobrando. Essa necessidade que esse protocolo realmente mude. Por que os policiais fizeram isso aqui no Brasil, aqui em Brasília? Porque eles acreditam na impunidade. Porque eles têm certeza que nada irá acontecer com eles. Como está acontecendo nos EUA. O policial branco, que matou, está preso, e que tem uma fixa corrida com pelo menos 17 agressões. Recebeu duas advertências por escrito e advertência verbal. E não aconteceu absolutamente nada até matar. E os outros policiais, que simplesmente acompanharam essa cena, com eles até agora não aconteceu nada. Como a mudança dessa protocolo é importante. Só assim conseguiremos furar esse bloqueio citado pelo Heraldo Pereira.

Zileide Silva #6

Ouvindo a Lilian a Flávia, como as histórias se repetem. Temos espelhos nas nossas frentes. Meu pai também era mestre de obras, como o pai da Aline, e teve sempre como preocupação. Ele falava que a única herança que ele podia deixar, para a família dele e para os filhos dele, era a educação. Minha mãe, dona de casa, sempre apostou na escola pública. Eu lembro que eu pegava um ônibus para ir até a escola pública, que era a melhor escola,

considerada a melhor escola, não tínhamos condições de pagar uma escola particular, então escolher a melhor escola pública. Eu fiz todo o ensino, fundamental, médio, em escolas públicas. Na universidade, para fazer jornalismo, aí, sim, eu fui para a faculdade particular. E depois, sentindo necessidade de fechar essa educação, fui para a Universidade de São Paulo, para fazer história, mas fui obrigada a abandoná-la por causa do trabalho, não consegui concluir. Até hoje eu tenho essa falta, eu acho que a história da USP.

Então é isso, meus pais são sim do nordeste, meu pai mestre de obra, e essa aposta. E que aposta perfeita, correta, porque é mesmo a educação. Graças a educação que consegui fura esse bloqueio. E aí eu vou um pouquinho pra Maju, reforço isso da Maju, pensando no jovem de hoje, universitário que está acessando o mercado de trabalho, ele não pode realmente, a jovem negra, o jovem negro, o jovem preto, a jovem preta, ele não tem ainda o acesso a todos os mecanismos, técnicas que o jovem branco tem. Então não dá pra cobrá-lo, o alemão, o francês, o espanhol, o inglês, o mandarim. Aí a oportunidade que as empresas tem que ter tem que olhar para isso e pensar em como trabalhar para ter uma equidade e tentar obter isso e permitir que essas pessoas tenham acesso a esse mercado de trabalho, como nós todas tivemos. Por isso é tão importante hoje valorizar o ensino público. Algo que acompanhamos nessa discussão, como viabilizar o Enem, se o jovem da escola pública não tem simplesmente acesso à internet, é obrigado a depender de apostila. Como manter uma igualdade ou isso simplesmente aumentaria ainda mais essa desigualdade. São questões que você levantou e que daqui nós todos estamos levantando, a importância de se tentar furar esse bloqueio, de ter mecanismos que permitam que todos possam furar esses bloqueios.

Zileide Silva #7

Heraldo, ouvindo você falar dessa importância desse debate, dessa questão horrível que é a questão do racismo. Sabe, Heraldo, pensando aqui o que falar, sabe qual o meu sonho? Que um dia isso não seja necessário. Não existam pretos, brancos. Somos todos seres humanos. Que um dia, não sei quando, sei que vai demorar muito. Eu já sonhei lá atrás que ‘sim, nós podemos’, com BO. Pensei em ver outro EUA. Enfim, que um dia um debate como esse não seja absolutamente necessário. Que sejamos todos iguais. Vai demorar, vai, claro que vai. Mas é um desejo, um sonho e hoje participando desse debate maravilhoso me veio isso agora. Que isso não seja mais necessário.

Pergunta Heraldo: Nós estamos neste momento acompanhando todas as manifestações nos EUA, em relação à questão racial, crucial para os EUA, com muitas manifestações, vamos continuar mostrando detidamente essa situação. Mas estamos aqui hoje no “Em Pauta” com as nossas colegas para tratar do racismo nos EUA e da questão racial também aqui no Brasil. Aline Midler, sua experiência inicial.

Aline Midler #1

Prazer estar aqui com as mulheres que eu tanto admiro e com um simbolismo tão forte. Como Maju disse, isso tem que ser uma constante. Ainda que estejamos sendo pautados por uma demanda que vem lá de fora, dos americanos, é mais uma oportunidade, mais uma, que a gente tem aqui no Brasil para falar do racismo que mata e asfixia as pessoas aqui também diariamente. Todos os dias aqui na cobertura da Globo News, todos os dias praticamente, eu lembro isso as pessoas. O racismo mata aqui. O racismo tira nosso ar, o nosso oxigênio, assim como aconteceu com o George Floyd. O racismo também tira a nossa autoconfiança. O racismo também tira oportunidades. O racismo causa medo. E muito de nós não fomos pra vivê-lo pra encará-lo. Então quase que diariamente aqui na cobertura sempre que eu tenho a oportunidade, eu falo: gente, o racismo aqui no BR não é velado. O racismo aqui no BR tá escancarado. Então se essa pauta vem de fora, que

baita oportunidade que a gente tem mais uma vez de convocar os brasileiros a olharem para isso. A mudarem a narrativa sobre isso e a começarem a ouvir as narrativas que interessam. E nós aqui hoje, nesse grupo, trazemos algumas importantes que podemos servir como ponto de partida pra vocês que nos acompanham. Então primeiramente queria agradecer essa oportunidade de estar aqui com vocês, agradecer a chance de falar sobre isso com esse time aqui reunido. E mais, falar que a vivência do racismo te acompanha desde cedo, com algumas particularidades. Eu como vim de uma família miscigenada vivi isso de determinadas formas e cada uma de nós aqui também.

Uma experiência marcante, não faz muito tempo com um ex namorado, frequentando um clube muito bacana na Zona Norte aqui de São Paulo, do litoral Norte. Eu estive nesse condomínio de piscina, muita gente abastada, com muito dinheiro. Um lugar com muito, pautado por isso, pelas aparências. Eu era a única negra naquele lugar, como foi assim a minha vida inteira praticamente. Na escola eu era a única negra, na universidade. Então isso não era novidade para mim. Mas naquele lugar ali, cercada pela família dele, eu achei que estava tudo bem. Quando eu cheguei na piscina, acompanhada das sobrinhas dele, todas brancas também, eu fui praticamente barrada pela segurança do condomínio pra entrar na piscina porque ele achava que eu era uma babá. Isso não foi vocalizado. Mas isso ficou evidente. Meu namorado que na época estava comigo do lado, que é branco, nem precisou falar. O segurança pediu desculpas e eu passei. E trazendo um pouco para a trajetória jornalística, quando eu fiz a transição da produção dos bastidores para o vídeo e eu virei repórter, eu era muito boa produtora, eu tinha 22 anos, isso já faz mais de 15 anos, o meu chefe na época dessa emissora me disse: “Aline, eu só acho que a gente precisa mudar algumas coisinhas”. Eu falei: em que sentido? “Assim, umas coisinhas, você é bonita, você tem presença, sua voz é boa, mas assim o cabelo, eu não sei, eu acho que não vai bater, não vai ser bem assimilado.” Então eu falei para ele: “então não é aqui que eu vou começar.”

Eu comecei num outro lugar e a vida dá voltas. Depois de poucos anos eu fui chamada para voltar a essa emissora e não voltei. Por algumas dessas razões, claro, esse tipo de resposta que eu tive dele quando eu fui tentada a um caminho adiante na minha carreira. E fico até hoje me perguntando quando ele me vê no ar, o que será que ele sente. Eu até fico emocionada de falar a experiência que o George Floyd teve, porque a falta de ar que ele sentiu durante quase oito minutos, a gente sente diariamente aqui. E todo mundo tem que sentir conosco. Porque enquanto as pessoas estiverem morrendo daquela forma, e elas estão, não pode estar bom para ninguém, Herald.

Aline Midler #2

Eu inclusive, Zileide, demorei a ler porque fiz muitas anotações na biografia da Michelle Obama, em que ela fala muito sobre isso porque quem abre os caminhos precisa de muita força, né. Não é fácil. É um peso muito grande carregar essa mudança na história e eu conversei muito com alguns pesquisadores de história africana nos últimos dias e é recorrente a gente falar sobre a vivência do Barack Obama. Nem um presidente negro, o primeiro da história de um país, com essa história. Nem os oito anos de Barack Obama no poder foram suficientes para mudar. Porque as fendas de fato são muito profundas. É uma mudança de cultura de patamar de parâmetro, muito profundo. Barack Obama sem dúvida alguma, com a Michelle, com tudo que eles representam até hoje, isso tá posto, tá colocado. Os EUA nunca mais serão os mesmos depois dessa experiência e a prova disso talvez também seja exatamente isso que a gente tá vendo hoje. As maiores manifestações desde os anos 60, desde os movimentos civis, que levaram M. Luther King. Quer dizer, eu acho que isso tá posto. As mudanças não vão de fato acontecer de uma hora para outra.

Inclusive aqui também não. Mas as oportunidades estão aí. A reflexão tem que ser diária.

Teve essa onda, esta semana, de colocar a tela preta (Instagram), eu acho isso louvável. Mas o post que eu fiz foi exatamente sobre o entrevistado que a gente recebeu aqui, Ronilson Pacheco, um pesquisador brasileiro, negro, que está estudando teologia e direitos civis lá em NY. E ele fala, pra avançar, e os americanos ainda não avançaram o suficiente, é preciso ter vontade de toda a sociedade. Um debate honesto para encarar isso. E isso começa individualmente em cada um e de fato mesmo o Barack Obama no poder, nem todos fizeram esse exercício, essa reflexão individual, de olhar para si e para os próprios privilégios. E a nossa mudança aqui também é essa. A gente tem que sentir o desconforto com o nosso conforto, pelo conforto que a nossa cor branca no caso de quem não é negro sente. Um conforto que tem que incomodar. Olhar para os seus próprios privilégios e se perguntar onde é que estão os negros na sua cidade. Onde é que estão os negros no seu trabalho. O que eles fazem. Como você os observa. A Djamilia Ribeiro que hoje é pra mim é quem mais fala bem assim dessa nova geração, fez um artigo recentemente na Folha de São Paulo sobre a tia do cafezinho. Que pra mim, é genial, porque é do que se trata, de um processo de desumanização pelo qual muitos negros passam. Muitas vezes um processo de precede exatamente a violência máxima como um tiro, como foi o caso do menino João Pedro. Essas pessoas, em muitas situações, são desumanizadas. Nós temos que humanizá-las. E o nosso papel na imprensa hoje é lembrar as pessoas disso. Que todas as vidas importam mesmo. Infelizmente só um presidente negro, por mais potente que isso seja e que isso representa, não é suficiente. O coletivo tem que mudar a partir do individual. A gente tem que repensar os privilégios para que de fato a gente consiga mudar uma estrutura que vai levar anos para ser transformada, mas que tem que começar de algum lugar. E as novas gerações são a minha maior esperança. Acho que os jovens que estão nas ruas mostram o caminho pra gente.

Aline Midler #3

Eu acho que o orgulho negro, da própria origem, muitas famílias negras, muitas crianças ainda crescem no Brasil, por vários fatores também, sem ter isso como pauta dentro de casa. O racismo acaba sendo um monstro sobre o qual você vai fugindo e aquilo não vai sendo dito, não vai sendo comentando. Então já que estamos aqui em muitas mulheres, muitas mulheres crescem sem essa educação para o racismo, sem orgulho do que são. Mas quando esse processo acontece, e ele está acontecendo cada vez mais rápido e de maneira cada vez mais forte, esse orgulho negro também pauta o sistema, pressiona o sistema. O sistema se vê obrigado a repensar isso. Porque é um mercado consumidor, é um mercado que não vai querer mais alisar o cabelo, é um mercado que vai querer ser crespo. É um mercado que vai querer maquiagem adequada para a pele não fica cinza. É um mercado que cresce no orgulho na consciência também não só na estética e começa a exigir mais também, a falar mais alto. E aí começa a ser ouvido, porque não tem jeito, porque uma hora começa a ser ouvido e o sistema começa a mudar e você vai mobilizando as pessoas em volta de você. E aí o sistema começa a se modificar. Você faz uma provocação para uma amiga e começa a pensar: “mas pera aí, como é no meu trabalho?” Existe alguma política voltada para isso? Existe um olhar para a diversidade? E na minha universidade? Como eu olho a tia do café? Como eu olho para o segurança? Como eu observo essas pessoas? Por que elas estão lá e eu estou aqui? Então eu acho que o reconhecimento da própria história, o orgulho disso, tem um impacto direto nesse sistema que queremos modificar. Ter orgulho da própria história, ter orgulho do que é, do que tem como cor, como história é fundamental. E muitas crianças não tiveram essa oportunidade, mas felizmente estão tendo cada vez mais. E Joãos Pedros tem que nos colocar nas ruas urgentemente.

#### Aline Midler #4

Heraldo, a gente vendo essa imagem, até se der pra gente recolocar, mas recuperando essa ideia, fazendo alguns paralelos e algumas analogias, eu acho muito simbólico a gente falar sobre marchas, pontes. Quando eu vi aquela imagem agora, das pessoas deitadas sobre a ponte, em Portland, me lembrei imediatamente, conectando também com o que BO disse, esse discurso que a gente exibiu agora há pouco, me lembrei muito da marcha sobre a ponte de Selma, essa cidade do Alabama, é uma marcha histórica, feita lá traz liderada pelo doutor King: gosto muito de chamar ele assim. Uma macha que simbolizava um passo importantíssimo, fundamental na luta pelos Direitos Civis, no caso o direito ao voto. E o BO refez esse caminho de Martin Luther King, em 2015, no seu penúltimo ano como presidente dos EUA. Ele, Michele Obama e uma multidão. Uma imagem praticamente igual a de 50 anos atrás - na época foi o aniversário de 50 anos dessa marcha, de Selma.

E BO fez essa marcha, fez um discurso e dizendo exatamente isso, a marcha não acabou. A marcha é longa, as pontes precisam continuar sendo feitas e refeitas. Isso que a Maju trouxe mais cedo, o sistema racista vai mudando. Vai te enganando. Nesse discurso ele falou em Selma, em 2015: o racismo não acabou, o racismo continua e essa marcha precisam continuar sobre essas pontes. E as pontes também unem né, ligam. Então acho que essa imagem que chega de Portland tem um simbolismo muito forte e me lembrou Selma imediatamente. E não por acaso, o BO participou do aniversário de 50 anos dessa marcha, em 2015. Foi um marco também da gestão dele. E também acho que ainda que os avanços não tenham acontecido na velocidade que a gente deseja, inclusive aqui no Brasil, as marchas estão acontecendo, precisam ser renovadas e a gente precisa sempre lembrar que o sistema vai tentando se apropriar disso, tentando distorcer.

Na cobertura aqui da Globo News, eu sempre lembro isso, dessas manifestações nos EUA. Claro que os atos de vandalismo acontecem, situações de violência, mas elas não refletem à bandeira. E muitas vezes, essas movimentações violentas, acontecem por grupos infiltrados que tem exatamente a intenção de criar essa associação, distorção, do movimento dos direitos dos negros, com a violência, com o distúrbio, com a desconfiança. E isso, gente, é uma armadilha, e a imprensa, principalmente, precisa estar muito atento a isso. Porque a nossa cobertura que ecoa. A gente tem que mostrar acima de tudo sim as situações que acontecem, a violência, condenar isso. Mas valorizar, Herald, o joelho no chão, os abraços porque são esses movimentos que refletem de fato essas bandeiras.

#### Aline Midler #5

De um lado, precisa ser provocado pelo debate que a imprensa tem que trazer também. Eu acho que o recorte racial, a questão da raça tem que tá presente em praticamente em todas as discussões que envolvem o Brasil, em praticamente todas as áreas. A gente não traz isso. Nos EUA, por exemplo, quando a questão da violência policial ela já diretamente associado a isso. Isso é discutido sempre. A gente não faz isso aqui. E sempre tem um pouco aquela acusação que vem do outro lado: ah, que exagero, ah mimimi, ah não é pra tudo isso. É pra tudo isso sim. O avanço do país passa por isso inevitavelmente. Então a gente tem que se encorajar a trazer a temática da raça para todas as nossas discussões. Nos prepararmos para isso. Trazermos vozes negras que estudam e que estão ali, prontas, na academia para falar. Trazer pessoas que precisam ocupar esses espaços e comunicação também, para que o empresariado se sensibilize com isso e comece a repensar os seus espaços também. Imaginar o negro nesses locais, sensibilizar as empresas para que elas consigam de fato observar que a diversidade é boa para todo mundo, para a empresa para o país, que cria uma ambiente mais diverso, mais plural, mais rico, mais dinâmico, mais bonito. É bom pra todo mundo.

## Aline Midler #6

Acho que muito investimento em educação mesmo. Prioridades que a minha família elegeu, em especial o meu pai, que começou a vida como mestre de obra. Eu venho de uma família miscigenada. Tenho uma mistura de raças nessa minha construção. Mas depois de pequena, meu pai começou como mestre de obras. Ele é baiano, minha mãe pernambucana. E meu pai ainda com pouco estudo, até de fato avançar nos estudos, começou trabalhando em várias obras pelo país, ele foi guardando muito dinheiro. A vida do meu pai sempre foi guardar dinheiro para que a gente pudesse estudar em escolas boas e em escolas particulares que ele considerava ser mais seguras. E assim foi, meu pai foi crescendo na vida e a gente foi junto. Minha mãe dedicada sempre aos filhos, abandonou os projetos de educação da vida dela. Estudou até o ensino médio para se dedicar a nós. E assim meu pai, como muito esforço - recentemente, meu pai viajou pela primeira vez para fora do Brasil para Europa, já tinha viajado aqui para América latina - passou a vida guardando tudo o que tinha pra conseguir colocar a gente em boas escolas. E essa foi a minha herança. A minha herança foi o estudo que o meu pai me deu, a condição que ele me deu de conseguir me formar e de escolher uma área que me agradasse. Meu pai tinha muita resistência com o jornalismo. Meu pai tinha muito receio da instabilidade que eu poderia sofrer, porque ele sabia que para mim seria mais difícil.

Então ele tinha receio de que o jornalismo pudesse me deixar na mão. E hoje a gente conversa muito sobre isso. Meu pai é muito coruja. Mas lá em casa eu acho que foi isso, Heraldo. Muito foco em educação. Meu pai foi muito exigente. Muito exigente com a minha formação. E até hoje ele é. Se eu fico um dia sem ler o jornal e comentar com ele as notícias, o bixo pega lá em casa.

## Aline Midler #7

A minha contribuição final é para um chamamento pra todos, porque a luta contra o racismo precisa ser de todos. Que a partir de hoje, a partir desse segundo, cada um de nós exercite diariamente esse olhar, essa observação para o seu entorno, para as narrativas que te formaram como ser humano e que forjaram as suas percepções.

Pergunta Heraldo: Lilian, sua experiência.

## Lilian Ribeiro #1

Heraldo, boa noite. Boa noite a essas queridas e tão admiradas colegas é uma honra tá aqui nesse Em Pauta no dia de hoje. Acho que a imagem do racismo no Brasil pra mim tá no olhar. Tá no olhar de quem não nos vê. Ou no olhar de quem nos vê em determinados lugares. A Zileide falou da experiência dela e eu tenho uma tática já, que é sempre chegar de microfone em punho pra ninguém ter dúvida que naquelas situações eu sou a repórter. Sim, eu estou aqui pra te entrevistar pra discutir temas relevantes e sou também uma mulher negra. Esse olhar que nos acompanha, muitas vezes nos acompanha dentro das lojas também, é a marca do racismo à brasileira.

## Lilian Ribeiro #2

Eu estava lembrando de uma fala que ouvi ontem de um radialista americano, negro, bem-sucedido, ontem. A gente sabe, os EUA aderiram a políticas afirmativas bem antes da gente. Eu, por exemplo, sou da primeira turma das políticas de cotas da Universidade do Estado do Rio Janeiro, do primeiro ano que essa política começou a funcionar. E lá nos EUA, essa é uma política de muitos anos.

E esse radialista, que vive num bairro nobre nos EUA, tava contando que ele estava com um amigo, que mora no mesmo condomínio, e decidiram ir buscar alguma coisa na casa desse amigo. No caminho, ele começou a pensar que aconteceria algum problema. O medo dele não é o medo que qualquer brasileiro talvez tenha ao andar numa grande cidade,

de ser abordado por um criminoso. Ele tem medo da polícia. Porque dois homens negros estão andando aqui num bairro nobre.

Apesar das diferenças estruturais nos EUA e aqui no Brasil, porque a gente sabe que são grandes, mas os medos são muito parecidos. Esse medo da abordagem policial é inaceitável. Eu estava conversando com uma amiga. Ela tem um sobrinho de 18 anos. E ela dizia que a experiência do racismo é insuportável. Eu tenho meu sobrinho de 18 anos, e o meu grande medo hoje é se ele vai saber reagir a uma abordagem policial. Se a gente continuar como sociedade admitindo que esse medo é um medo possível, a gente vai falhar completamente. E todas as tentativas de transformação vão pro água abaixo. É preciso essa reflexão, em reconhecer e ter desconforto em nosso conforto. Eu por exemplo, tenho a pele mais clara que muitos negros. Então pra mim o racismo talvez seja - talvez não; com certeza -, é mais brando do que para outras pessoas. Cada um reconhecer essa posição e fazer um pacto do que a gente quer mudar, Heraldo.

Lilian Ribeiro #3

Heraldo, a partir do que disse a Aline, a Flávia, a gente tá falando de uma luta imagética e dessas imagens e uma luta de narrativa. Na medida em que há vandalismo e atos de depredação, há uma tendência que esse passa a ser o foco da cobertura e da narrativa sobre os protestos. E bem como disse a Aline, essa é uma armadilha, então é preciso que o movimento esteja muito atento a isso para não cair nessa armadilha e a morte de George Floyd continue sendo o centro de tudo isso e o que essa morte representa. E eu acho que essa adesão da juventude branca americana, juventude latina tem também muito a ver com a questão da imagem. George Floyd morreu diante dos nossos olhos, diante dos olhos do mundo. Então ele foi asfixiado por minutos, por um policial branco, com outros policiais assistindo à cena e nada fazendo, e não há como negar, a imagem da morte de George Floyd é inegável. Então ela prescinde de laudo da perícia, de nota oficial do departamento da polícia, de artifícios que poderiam ser manipulados para dizer que alguma coisa aconteceu que não uma abordagem totalmente inadequada, fora do protocolo que levou a morte de um homem negro. Então essa imagem faz com que a juventude, especialmente a juventude, mas a população como um todo, mas a juventude que essa que está nas ruas nos EUA, a juventude branca, latina, ela não tem que como negar, ela viu, aconteceu, e por isso que as pessoas estão se manifestando. Essa questão da imagem, ela é muito forte.

Eu queria levantar um ponto rapidamente sobre o que o ex-presidente americano BO falou no discurso dele, a expressão que ele usou de “pecado original”, quando a gente fala do fim da escravidão e tanto lá nos EUA e como aqui, a gente tá falando de um povo inteiro que trabalhou por séculos e foi abandonado a própria sorte. Sem nenhuma indenização, vai lá e se vira. Foi assim que aconteceu e isso tem a ver como todos esses problemas que a gente vive hoje.

Lilian Ribeiro #4

Falando especificamente das empresas, acho que passa por repensar um recrutamento. Olhara para essa realidade da empresa e perceber ausência negra. Que é uma coisa que qualquer pessoa negra quando chega e olha para postos, postos mais altos, em termos de hierarquia, ou ele vai se sentir sozinho ou vai perceber que não tem ninguém ou quase ninguém. Essa que é uma ausência que não só percebemos com muita clareza. Acho que os brancos talvez não têm esse olhar. Então é um exercício do olhar. Exercite o seu olhar. E você negro, como eu, que conseguiu alcançar o seu objetivo profissional, você que vai aí receber de alguém um pedido de indicação, indique um negro, pense sobre isso. Vamos de mãos dadas caminhar.

Lilian Ribeiro #5

Eu já tô emocionada aqui. Eu tô lembrando aqui de uma história, obviamente foi a educação também, né, que me ajudou a furar esse bloqueio. Meus pais não conseguiram chegar à universidade. Sou filha de um policial militar e uma dona de casa. Meu pai, seu Paulo, deve tá assistindo agora. Teve um ano que ele teve uma calça jeans, e ele não comprou outra calça jeans porque se ele investisse em outras ele não ia conseguir pagar a escola. Aí era aquela técnica que muita gente conhece de secar a calça jeans atrás da geladeira, pro plantão seguinte no quartel.

Esse é o investimento muito duro para uma família conseguir que o filho chegue à universidade e que alcance um sucesso profissional. Acho que não precisa ser assim. As pessoas não precisam sofrer tanto pra conseguir chegar e por isso como sociedade a gente tem que repensar esse acesso à educação e as vagas de trabalho, Heraldo.

Pergunta Heraldo: Maju Coutinho, a partir de São Paulo a sua experiência por favor.

Maju Coutinho #1

Oi Heraldo, boa noite pra todos. Primeiro eu quero falar que estou muito feliz de participar desse momento histórico. Que isso se torne uma normalidade. Isso é muito legal está com essas colegas competentes, negras.

Eu acho que a minha experiência de racismo é desde o nascimento, é desde a infância. Eu tenho memórias muito de criança, de pequena, de seis de idade e uma coleguinha de colégio particular ter pedido o estojo e de repente ela decidiu que peguei o estojo dela, sem nenhum motivo.

Ou, ao mesmo tempo, eu lembro de experiências, essa foi muito marcante, que eu já era adulta, estava na casa dos meus pais. Eles têm uma casa de praia aqui no litoral norte aqui de São Paulo, Barequeçaba. Eu passei na rua sozinha, e de repente tinha um grupo de jovens brancos na casa vizinha ao dos meus pais. Acho que não sabiam que nós morávamos lá e começaram brincadeiras, [fazendo] barulhos de macacos. Eu sei que voltei daquela cena muito revoltada para a casa dos meus pais. Comentei com eles o que tinha acontecido, chorei.

Mas também voltei à casa desses jovens e estraguei a festa mesmo. Eu disse: “olha, gente, isso aqui não pode se repetir. Isso que vocês estão fazendo é uma atitude racista.” Eu sei que todo mundo se assustou com a minha fala naquele momento. E como a Lilian falou, essa questão de você está com o microfone empunhado, para provar que você é repórter da Globo.

Outra experiência que tive com o meu marido, que a gente viajou para o exterior, meu marido, que é negro, saiu para passear à noite em um parque. Eu não pude ir porque não estava passando muito bem. Ele voltou radiante falando assim: “pela primeira vez eu me senti livre de passar ao lado de mulheres brancas, senhoras brancas e não sentir um olhar de repulsa e de medo”. Então acho que essa experiência de racismo é a experiência também das mortes que acontecem mais cedo em nossa comunidade. Quantos parentes que eu já perdi mais cedo. E a gente sabe que é por desgaste emocional. A gente sabe que o racismo mata assim, o racismo nos fere. Das violências diárias que a gente acaba tendo que olhar e enfrentar. E esse enfrentar é um gasto de energia tão grande que a gente precisa trabalhar muito pra realmente a gente não sucumbir e manter a cabeça erguida como a Zileide disse.

Maju Coutinho #2

Então Heraldo, eu queria pegar o gancho da Zileide, que falou sobre a posse do BO, a gente tem agora esse slogan, “eu não consigo respirar”, na posse do BO era diferente, eu consigo respirar, finalmente eu consigo respirar, que esperança. Mas aí a gente se

pergunta, como a Zileide disse, parece que tudo mudou, que não deu certo. Aí eu lembrei, se não me engano, Kabengele Munanga diz que o sistema racista ele consegue se atualizar, se modificar, então a gente precisa ficar atento a isso, porque cria novas formas. Então aquela esperança que a gente teve lá traz, ela some porque se atualiza esse sistema racista perverso, se modifica, cria garras. E a gente precisa ficar atento. Não só o movimento negro, mas todos, brancos e negros, pra gente conseguir virar o jogo.

Maju Coutinho #3

Quer experiência mais dura, eu não sei se as minhas colegas passaram por isso, mas a experiência de refletir né, eu vou colocar uma criança negra nesse mundo racista e às vezes tende ao fascismo? Eu já conversei com outras mulheres negras, eu também já tive essa dúvida. E isso é cruel. Você pensar nisso, no medo, como Aline falou, na abordagem policial, como essa criança tem que ser cuidada. Se a polícia chegar, aja assim. Isso é uma crueldade que as pessoas tem que refletir com a gente. Não é normal. Não é normal uma mulher que pensa em ser mãe ter medo de ser mãe por causa da cor da pele do filho. E isso acontece. Eu já conversei com amiga que tiveram esse medo.

Maju Coutinho #4

É importante a gente destacar também nessa conversa que a gente precisa discutir isso não apenas baseada na experiência americana no policial branco americano que sufocou um cidadão negro. A gente tem que cada vez mais olhar para os nossos João Pedros, para as nossas Agathas. Isso se faz fundamental a gente encarar essa tema aqui. Porque parece que quando a gente fala dos EUA a gente encara de uma maneira mais proativa e quando é a questão brasileira a violência policial brasileira que extermina na maioria das vezes negros, a gente se esconde. Então está na hora de abrir essa janela mesmo e a gente escancarar essa violência que também ocorre aqui e é muito grave.

Maju Coutinho #5

Heraldo, você falou de cenas marcantes, acho que a gente não pode deixar de lembrar uma cena que pra mim marcou o dia hoje, acho que foi a filha do George Floyd, acho que de seis anos, na rua, no colo de alguém. E ela falou assim: “meu pai mudou o mundo”. E realmente o pai dela deu uma chacoalhada grande aqui nesse planeta aqui e eu achei essa cena muito emocionante hoje.

Maju Coutinho #6

A Liliam falou sobre a imagem, né, sobre a gravação. E eu lembrei de uma frase que eu não sei se foi o Will Smith que falou, que os casos de racismo agora não é que acontecem mais, é que eles estão sendo gravados e isso estão sendo mostrado para o mundo inteiro, como foi o caso de George Floyd.

E lembrando ainda o discusso de BO, sempre num tom conciliador, ele pede que as polícias revejam o protocolo de abordagem às pessoas né!? Ele fala que claro, existem bons policiais, mas que esse protocolo seja revisto. E isso se faz urgentemente necessário. Não só nos EUA, mas aqui no Brasil também. A revisão desse protocolo policial, como que é abordagem das pessoas: por que a abordagem da pessoa negra é de uma maneira e da pessoa branca de outra? Essa semana a gente teve um vídeo que viralizou, em que um empresário ele foi denunciado acho que por violência contra a mulher, um empresário branco. O policial chegou para atender a denúncia. O empresário falou barbaridades para o policial que ficou parado, ouvindo a pessoa que estava descontrolada - não acho que o policial deveria agir descontroladamente - mas por que a ação diante de um empresário, branco, falando barbaridades, é uma ação controlada, e diante de uma pessoa negra, da favela, é uma ação brutalizada? Então esse protocolo da polícia precisa urgentemente ser revisto.

## Maju Coutinho #7

Estamos todos na Globo. Mas eu acho que uma coisa fundamental é a gente acabar com o discurso da meritocracia. Porque é um discurso muito cruel. Nem todas as pessoas, nem todas as mulheres negras, saíram de famílias que tenham a mínima condição para que elas ingressem em determinados postos. É muito cruel eu jogar uma imagem de “eu Maju consegui, enfim, lutei”. Claro que é uma luta, essa luta não tem que ser desmerecida, mas não é só isso. Tive oportunidades, familiares, que sei que a maioria, ou muitas das mulheres negras não têm.

Outra coisa é que as empresas devem no recrutamento, bem como falou a Lilian, baixar o crivo, isso não significa diminuir a qualidade. Mas se você vai exigir que um estagiário que ele fale inglês, alemão, francês e mandarim, muito difícil que vários negros tenham essas capacitação. Ou então as empresas contratem esses negros e ajudem a dar essa informação. Essa é uma atitude de proativa, ajudar esses negros, com inglês, com a ambientação, num ambiente que às vezes é totalmente branco e que muitos negros, emocionalmente, se assustam em se ver num ambiente em que não encontram seus pares, em que seus pares estão geralmente em postes importantes para o funcionamento, mais subalternos, e não se veem na chefia e como a Flávia falou, é importante ter negros na gerência, na diretoria, para um olhar diversificado. Diversidade é lucro. É bom para empresa. É preciso acordar para isso.

## Maju Coutinho #8

Olha eu sou filha de educadores. Mas a minha avó materna era doméstica. E essa vó doméstica que trabalhou em casa de família ricas aqui de São Paulo, ela sacou que a saída seria a educação. Então ela falou que a minha mãe tinha que estudar. E a minha mãe estudou em escola pública, ingressou em universidade pública na universidade de São Paulo aqui no estado de SP. E também foi uma mulher que junta do meu pai, Zilma e João, apostaram na educação como meio para ascensão. E também uma família muito consciente, muito ligada aos movimentos negros desde criança. Eu cresci com esse ambiente, então isso também me deu esforço pra aguentar com o máximo de resiliência as porradas que eu sempre levei e que espero não levar mais, mas a gente sabe o que a gente sente na pele isso. Então foi assim que furamos o bloqueio. Mas furar esse bloqueio também é uma questão muito dolorosa, porque você tá com um pé em um grupo que não te pertence totalmente, e já também não está com o pé totalmente naquele grupo de origem que você saiu. É a sua raiz, você reconhece, valoriza, mas você fica nessa duas canoas. Isso até lembra, só pra fechar, uma fala do livro da Michele Obama, da autobiografia, que também como eu veio de uma família que também investia em educação, no falar corretamente, se expressar corretamente, e de repetente ela foi visitar uns primos na periferia de Chicago, eles falaram de outra maneira, e uma prima dela perguntou: “por que você fala desse jeito, de um jeito tão branco?” Então ela realizou que ela tinha algo de diferente? Então é também ter esse pé nessas duas canoas. Qual é a sua identidade real?